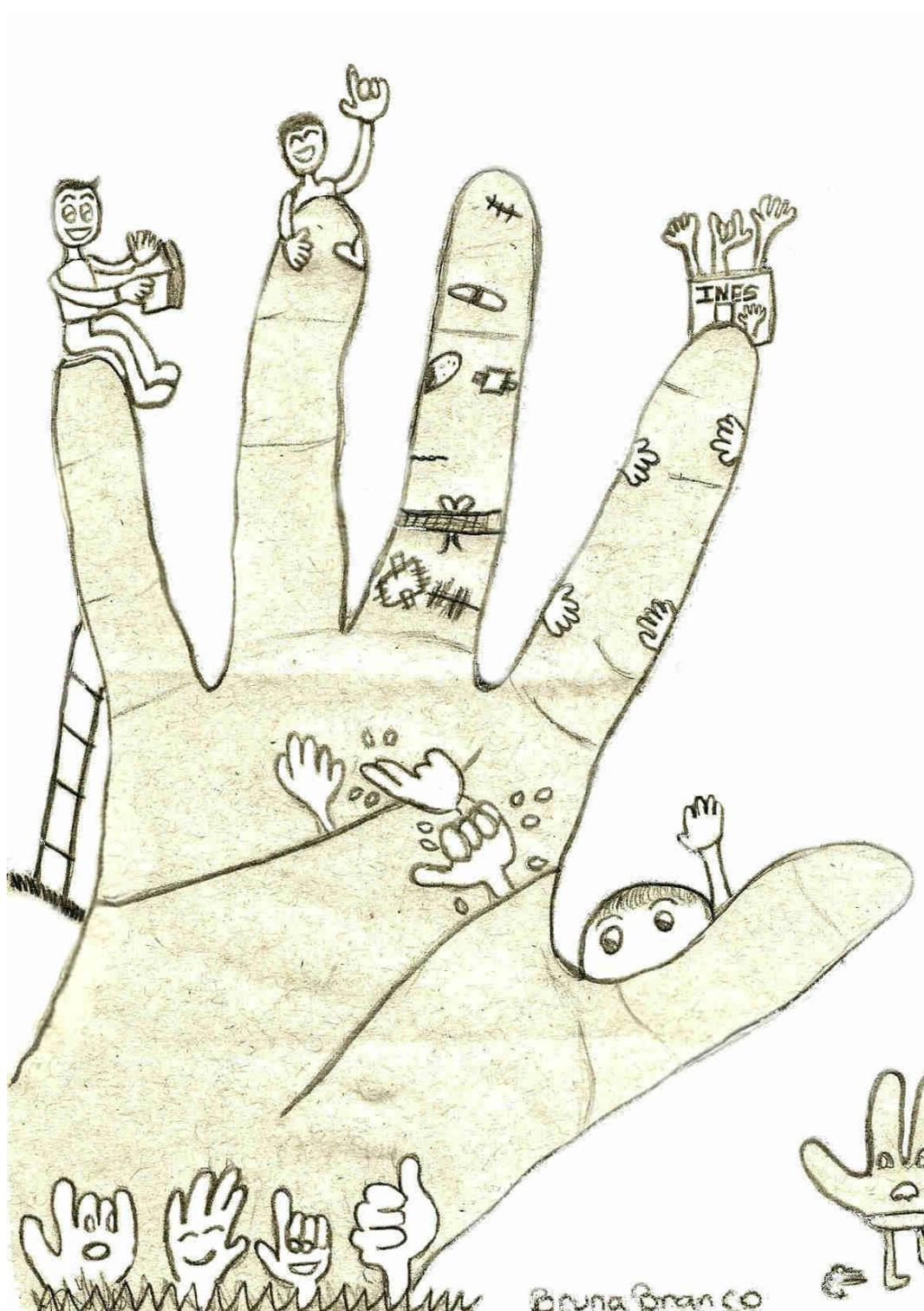


LITERATURA SURDA: experiência das mãos literárias



Cláudio Henrique Nunes Mourão
Porto Alegre
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Cláudio Henrique Nunes Mourão

**LITERATURA SURDA:
experiência das mãos literárias**

Porto Alegre

2016

Cláudio Henrique Nunes Mourão

**LITERATURA SURDA:
experiência das mãos literárias**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Lodenir Becker Karnopp

Linha de Pesquisa: Estudos Culturais em Educação

Porto Alegre

2016

CIP - Catalogação na Publicação

Mourão, Cláudio Henrique Nunes
Literatura Surda: experiência das mãos literárias
/ Cláudio Henrique Nunes Mourão. -- 2016.
285 f.

Orientadora: Lodenir Karnopp.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. Estudos Culturais em Educação. 2. Estudos Surdos. 3. Experiência. 4. Literatura Surda. I. Karnopp, Lodenir, orient. II. Título.

Cláudio Henrique Nunes Mourão

LITERATURA SURDA: experiência das mãos literárias

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como requisito parcial para obtenção do título de Doutorado em Educação.

Aprovada em 18 de jul. 2016.

Profa. Dra. Lodenir Becker Karnopp – Orientadora
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Profa. Dra. Adriana da Silva Thoma
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Profa. Dra. Madalena Klein
Universidade Federal do Pelotas (UFPel)

Profa. Dra. Rachel Sutton-Spence
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Mais uma vez,
dedico à Comunidade Surda Brasileira,
surdos estrangeiros, alma de surdos,
sinalidade, por suas mãos literárias,
que me passou, tornei-me surdo...
Sem mãos, eu não existo!

NÃO TENHO UM AGRADECIMENTO, SÃO AGRADECIMENTOS...

Desde que entrei na comunidade surda brasileira, encontrei um lugar, a casa das mãos, ao fim me identifico, “sou como eles”... Eles não me passaram o sangue da família, mas mãos narradas podem, nessas histórias, literárias e da educação, gerar um processo de identificação, em que tenho me constituído, algo como se fosse completo, sei quem sou eu, sou surdo, minha própria língua, a Língua de Sinais, com orgulho. Meu melhor amigo é língua brasileira, o “português”.

De todos que envolvi no espaço dos amigos e colegas, tanto no trabalho quanto no lazer, tive grande constituição em todos os sentidos e significados produzidos no ser com a experiência. Neste sentido, não há como parar...

De todo que me envolvi com as visualiterárias, leituras dos livros, artigos, formação, compartilhada das mãos e colegas no discurso “acadêmico” na UFRGS/FACED, foram eles que me ensinaram tanto...

Aquela que deu dicas e foi rígida, que provocava a busca de algo, no barco em tempestade no alto das mãos e teorias, às viagens refletidas, tive fome e fui atrás das pegadas no deserto de teorias, finalmente, encontrei na terra de tese, me alimentei das palavras e sinalizadas, e logo que expressei a digite, quem deu dica e foi rígida? A Orientadora Dra. Lodenir Karnopp.

No mesmo barco da UFRGS, os tripulantes Intérprete de Língua de Sinais estavam de prontidão para a guerra das aulas, escritas e sons que me passou os conhecimentos.

Aliados aos tripulantes das bancas: Dra. Adriana Thoma, Dra. Madalena Klein e Dra. Rachel Sutton-Spence em luta na guerra de sugestões, orientações, dicas e transportes de teorias.

Os companheiros das entrevistas sinalizantes que tiveram ouros das mãos narradas.

Nestes quatro anos de estudos os meus colegas de trabalho conectaram as positivities na UFRGS/FACED, sendo uma honra.

Ainda mais, a minha companheira Bruna Branco, para onde for as mãos, nós iremos...

Distante, da família Mourão, agradeço pela conexão ao meu coração.

Por fim, ele não será último, sim, um primeiro de todos, meu agradecimento ao meu filho, mestre, Dionísio Mourão, ele sinalizou: Papaiiii, sinaliza o livro?... Nesta situação, faça o brincar e faça o contar, momento inseparável das mãos e olhos. Foi ele que me ensinou o significado do AMOR, vi meu coração disparado quando olho para ele, é o orgulho de ser pai.

Mais uma vez, agradeço a Deus por este mundo tão maravilhoso, pelos meus passos, o amor, por meu filho e a existência da Língua de Sinais que me possibilita ser surdo.

As mãos dele falam a minha língua.
Emmanuelle Laborit (2003)

RESUMO

Nesta tese, desenvolvo a temática sobre a experiência das mãos literárias de sujeitos surdos, geradores de valores culturais e vinculados à Literatura Surda. Tenho como base contribuições de pesquisas desenvolvidas no campo dos Estudos Culturais em Educação e dos Estudos Surdos, tais como as contribuições de Wrigley (1996), Hall (2007 e 2011), Karnopp, Klein e Lunardi-Lazzarin (2011), Ladd (2013), Silva (2014), Larrosa (2015) e outros. A partir da análise de entrevistas realizadas com representantes da comunidade surda, que de alguma forma estão relacionados com a Literatura Surda, investigo suas experiências literárias em línguas de sinais. O problema de pesquisa que apresento para investigação é o seguinte: como vêm sendo narradas as experiências de surdos com as mãos literárias? Tenho como finalidade investigar as representações de Literatura Surda, a partir dessas entrevistas. Deste modo, como objetivo geral pretendo analisar a experiência de surdos com a Literatura Surda, e como sua trajetória influenciou sua constituição como produtor de literatura. A pesquisa tem uma abordagem qualitativa e utiliza entrevistas semi-estruturadas realizadas com nove surdos brasileiros e três estrangeiros. Nos resultados das análises, destaco a forma como os entrevistados utilizam o conceito de Literatura Surda e Literatura em Língua de Sinais, com evidência de utilização das mãos literárias entre os surdos em encontros, festivais e escolas residenciais. As experiências dos entrevistados ocorreram por meio de sua formação literária, que foram sendo absorvidas pela sua identificação cultural e pertencimento à comunidade surda. Por fim o papel da Literatura Surda é narrado como uma forma de compartilhamento em diferentes espaços, tanto em ambientes formais quanto informais, com um público diversificado. Através da análise dos dados foram registradas suas experiências literárias em línguas de sinais. Com esta pesquisa espera-se dar visibilidade à Literatura Surda e às experiências de surdos em mãos literários, contribuindo para a educação de surdos.

Palavras-chave: **Estudos Culturais em Educação. Estudos Surdos. Experiência. Literatura Surda.**

ABSTRACT

The purpose of this thesis is to develop the theme of the experience of the literary hands of Deaf individuals, here seen as the generators of cultural values who are connected to Deaf Literature. As a base, we reference research carried out in the field of Cultural Studies in Education as well as Deaf Studies, from authors such as Wrigley (1996) Hall (2007 e 2011), Karnopp, Klein and Lunardi-Lazzarin (2011), Ladd (2013), Silva (2014), and Larrosa (2015), among others. Through an analysis of interviews with representatives of the Deaf community, we investigate the signed literary experiences of these members who, in some way, are associated with Deaf Literature. The research question that we pose for investigation is the following: how are literary hands narrating Deaf experiences? Our final objective is to examine representations of Deaf Literature, based on these interviews. Accordingly, our general goal is to analyze Deaf experiences with Deaf Literature and how their individual trajectories influenced their formation as producers of literature. Our approach is qualitative and includes semi-structured interviews with nine Brazilians and three foreign, all of whom are Deaf. Among the results of our analysis, we highlight that way in which those interviewed use the concepts of Deaf Literature and Signed Literature, evidenced by their use of literary hands among the Deaf at meetings, festivals and residential schools. The experiences of the interviewees, channeled through their literary formation, are also absorbed into their cultural identification and belonging to the Deaf community. Finally, the role of Deaf Literature is narrated as a form of sharing in different spaces, whether formal or informal, and among a diverse public. Through an analysis of the data, we registered their signed literary experiences. With this research, we hope to give visibility to Deaf Literature as well as to the Deaf experiences signed by literary hands, and in this way contribute to the education of the Deaf.

Keywords: Cultural studies in Education. Deaf studies. Experience. Deaf Literature.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Sinal para Visualiterária.....	19
Figura 2 – Circuito da constituição da Literatura – Ilustração de Marta Morgado	34
Figura 3 – Circuito da cultura, segundo do Paul de Gay et ale outros (1997).....	36
Figura 4 – Karin Strobel sinaliza com expressão no momento de pergunta e resposta pela mãe	49
Figura 5 – Experiências do contador de histórias surdas - Ilustração de Marta Morgado	62
Figura 6 – Banquete em homenagem a Michel de L'Èpée.....	69
Figura 7 – No filme <i>E seu nome é Jonas</i> (1979), o jovem Jeffrey Bravin e o ator Bernand Bragg	79
Figura 8 – No programa <i>Deaf Mosaic</i> , os apresentadores Mary Novitski e Gilbert Eastman.	79
Figura 9 – Vídeo “Fechamento do INES”, por Nelson Pimenta (2011).....	84
Figura 10 – Catunista surdo Fabio Sellani (Brasília/DF).	87
Figura 11 – Lado esquerdo é ouvinte e lado direito é surdo: guilhotina	87
Figura 12 – MEC, ESTAREMOS PREPARANDO... ACORDE! Ilustrador surdo Daniel Amorim Dias, de Belém do Pará.....	88
Figura 13 – Imagem sem título - Ilustrador surdo Daniel Amorim Dias	88
Figura 14 – Francisco Rocha contando a narrativa ficcional (Manifestação em Brasília, 2011)	89
Figura 15 – Pessoa surda e educação.....	90
Figura 16 – Logotipo do CIACS	92
Figura 17 – Companhia de Teatro Mãos Livres	94
Figura 18 – Espetáculo <i>Alice no país das maravilhas</i>	95
Figura 19 – 1º Encontro de Arte e Cultura Surda 2003, em São Paulo.....	97
Figura 20 – Festival Brasileiro de Cultura Surda (2011).....	98
Figura 21 – Festival de Folclore Sinalizado.	99
Figura 22 – Festival de Cinema do INES.	100
Figura 23 – Espetáculos de teatro: vários artistas surdos estrangeiros e um brasileiro.....	102
Figura 24 – Artes e exposições com artistas surdos no Festival Clin d'Oeil 2013.	103
Figura 25 – Bruno Ramos, surdo brasileiro, apresentou um peça no Festival Clin d'Oiel 2013.	103
Figura 26 – <i>Deaf Party</i> , Festival Clin d'Oeil 2013.	104
Figura 27 – Poetas surdos em University of Bristol.....	105
Figura 28 – DVD do Festival Internazionale Degli Artisti de Strada Sordi, em Lugano, na Suíça	106
Figura 29 – Film & Theatre Festival 2013.	106
Figura 30 – 4th Toronto Internacional Deaf Film & Arts Festival em Toronto, Canadá.....	107
Figura 31 – Entrevista com Nelson Pimenta	115
Figura 32 – Entrevista com Rimar Segala	116
Figura 33 – Entrevista com Shirley Vilhalva	117
Figura 34 – Entrevista com Rodrigo Custódio	118
Figura 35 – Entrevista com Augusto Schallenberger	118
Figura 36 – Entrevista com André Paixão.....	119
Figura 37 – Entrevista com Carlos Goes	119
Figura 38 – Entrevista com Silas Queiroz	120
Figura 39 – Entrevista com Francisco Rocha.....	121
Figura 40 – Entrevista com Paul Scott	121
Figura 41 – Entrevista com Richard Carter	122

Figura 42 – Entrevista com Liona Paulus.....	122
Figura 43 – Entrevistado Rodrigo Custódio: Imagem da camiseta "Super-Libras"	150
Figura 44 – Sujeito surdo abarca a língua de sinais	193
Figura 45 - Literatura e características.	193
Figura 46 – Características principais da Literatura Surda.....	194
Figura 47 – Modelo surdo para a criança surda - Ilustração da Marta Morgado.	195
Figura 48 – Características linguísticas da Literatura Surda	197
Figura 49 - Literatura Surda abarca a Literatura em língua de sinais.....	199
Figura 50 – Características principais da Literatura em língua de sinais	199
Figura 51 – Características linguísticas da Literatura em língua de sinais	201
Figura 52 – Educação / Escolar das mãos literárias	221
Figura 53 – Crescente de Educação/Escolar das mãos literárias.....	225
Tabela 1 – Quantidade de participantes no Festival Clin d’Oeil.....	101

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

- ASD – American School for the Deaf (Escola Americana para Surdos)
- ASGF – Associação de Surdos da Grande Florianópolis
- ASL – American Sign Language (Língua de Sinais Americana)
- BSL – British Sign Language (Língua de Sinais Britânica)
- Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CBDS – Confederação Brasileira de Desportos de Surdos
- CIACS – Centro de Integração de Arte e Cultura dos Surdos
- CISACEN – Centro de Integração dos Surdos nas Artes Cênicas
- CONADE – Conselheiro pelo Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência
- CONAE – Conferência Nacional de Educação
- DGS – German Sign Language (Língua de Sinais Alemã)
- EAD – Ensino a Distância
- FACED – Faculdade de Educação
- FENEIS – Federação Nacional se Educação e Integração dos Surdos
- FESTCINES – Festival de Cinema do INES
- FIFASUL – Faculdades Integradas de Fatima do Sul
- INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos
- INOSEL – Instituto Nossa Senhora de Lourdes
- LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais.
- LIS – Língua Italiana dei Segni (Língua de Sinais Italiana)
- MinC – Ministério da Cultura
- NTD – National Theatre of the Deaf (Teatro Nacional de Surdos)
- NUPPES – Núcleo de Pesquisas em Políticas Educacionais para Surdos
- SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
- SI – Sinais Internacionais
- SSRS – Sociedade dos Surdos de Rio Grande do Sul
- TBS – Teatro Brasileiro de Surdos
- TILS – Tradutor e Intérpretes de Língua de Sinais
- UCDB – Universidade Católica Dom Bosco
- UFCSPA – Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre
- UFPel – Universidade Federal de Pelotas

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UFScar – Universidade Federal de São Carlos

ULBRA – Universidade Luterana do Brasil

UNIPAMPA – Universidade Federal do Pampa

UNISINOS - Universidade do Vale do Rio dos Sinos

USP – Universidade de São Paulo

WFD – World Federation of the Deaf (Federação Mundial de Surdos)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: UM PROCESSO...	16
1 EXPERIÊNCIA E PESQUISA	19
2 ESTUDOS CULTURAIS EM EDUCAÇÃO E ESTUDOS SURDOS	26
2.1 ESTUDOS SURDOS	28
3 O PROCESSO DA LITERATURA SURDA, SIGNIFICAÇÕES E EXPERIÊNCIA	32
3.1 A EXPERIÊNCIA	41
3.2 CIRCULAÇÃO E EXPERIÊNCIAS DAS MÃOS LITERÁRIAS	58
4 TÚNEL DE MÃOS EM PRETO E BRANCO	64
4.1 MÃOS LITERÁRIAS: revolução cultural	77
4.2 MÃOS LITERÁRIAS BRASILEIRAS: resistências em movimento	83
4.3 CIRCULAÇÃO DAS MÃOS LITERÁRIAS BRASILEIRAS	91
4.4 FESTIVAIS DAS MÃOS	96
5 CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	108
5.1 MATERIAL DOS ENTREVISTADOS PARA TRADUÇÃO DE LÍNGUA DE SINAIS PARA PORTUGUES ESCRITO	114
5.2 CURRÍCULO VITAE DAS “MÃOS SINALIZANTES”	115
6 ANALISANDO O MATERIAL DAS “MÃOS SINALIZANTES” ENTREVISTADAS	124
6.1 EXPERIÊNCIA DAS MÃOS LITERÁRIAS: resultado das categorias analisados	192
6.1.1 Quebra-mãos em literatura	192
6.1.1.2 Literatura Surda	194
6.1.1.3 Literatura em língua de sinais	198
6.1.2 Quebra-mãos: identificação da influência das mãos literárias	205
6.1.3 Quebra-mãos: o papel da literatura surda na educação	215
6.2 QUEBRA-MÃOS: processo e formação das mãos literárias	220
CONCLUÍDO? NÃO! MÃOS LITERÁRIAS, UM PROCESSO SEM FIM!	226
REFERÊNCIAS	230
APÊNDICES	240
APÊNDICE A – Entrevistas em LIBRAS e Sinais Internacionais - SI, em CD	240
APÊNDICE B – As respostas em português de uma das entrevistadas	241
APÊNDICE C – As traduções das entrevistas para português escritas	243
APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE	282
APÊNDICE E – Autorização de uso de Imagem, Voz e Respectiva Cessão de Direitos	284

APÊNDICE F – Tradução da narrativa ficcional contada por Francisco Rocha - Manifestação em Brasília – 2011	285
---	------------

INTRODUÇÃO: UM PROCESSO...

Para apresentar a minha tese, preciso trazer um pouco da história e contextualizar a Literatura Surda no Brasil, dentro da questão da cultura surda. Nas escolas de surdos e nas comunidades surdas, em vários territórios e suas regiões, de geração a geração, ocorria a sinalidade, contavam-se e recontavam-se histórias, transmitidas visualmente pela sinalização dos surdos. Porém, pesquisas sobre cultura surda e artefatos como a Literatura Surda tiveram início nos últimos vinte anos no Brasil, desenvolvidas em grupos de pesquisa de universidades, por exemplo, por pesquisadores do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Educação de Surdos (GIPES – Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, Universidade Federal de Pelotas - UFPel e Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS) e Grupo de Estudos Surdos (GES – Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC), incluindo também publicações em Literatura Surda (www.literaturasurda.com.br).

Por meio da língua de sinais, foram sendo produzidos os significados nas práticas discursivas e na constituição das suas trajetórias a cada geração das mãos. Segundo Mourão (2011, p. 73), “A literatura surda traz história de comunidades surdas, e essas histórias não interessam só para elas, mas também para as comunidades ouvintes, através da participação tanto de sujeitos ouvintes quanto de sujeitos surdos”.

Existem produções das mãos literárias de obras surdas divulgadas por meio da mídia, como redes sociais, *sites*, vídeos e materiais impressos. Tais produções são adaptações, traduções e criações em vários gêneros literários, para que os surdos tenham acesso à literatura, aos valores de ser surdo e à tradição cultural dos contadores das histórias. Desse modo, ocorre a circulação e o consumo das marcas identitárias, das mãos literárias e da cultura surda. Cito Klein e Rosa (2011, p. 92):

Vários materiais de multimídias em língua de sinais foram distribuídos nos últimos anos. Entre eles, encontramos produções variadas de literatura surda, desde histórias traduzidas, adaptadas ou criadas por surdos ou ouvintes. Muitas pessoas têm acesso a esses materiais de multimídias sinalizados, circulando entre os surdos, suas famílias e escolas, pois fica mais claro e fácil o entendimento.

A presente pesquisa se constitui por intermédio das minhas memórias e experiências visuais entre os acontecimentos históricos, literatura, experiência dos sujeitos surdos, em relação com as teorias dos Estudos Culturais em Educação e Estudos Surdos. Inspirei-me em

Hall (2007 e 2011), Silva (2014), Larrosa (2015), bem como em Wrigley (1996), Karnopp, Klein e Lunardi-Lazzarin (2011), Ladd (2013), e outros, a fim de identificar e constituir a relação entre a experiência e a Literatura Surda. Nesse sentido, as mãos literárias são carregadas de experiências, que acarretam o circuito da cultura, nas produções históricas, culturais e linguísticas.

A partir da análise de entrevistas realizadas com representantes da comunidade surda, que de alguma forma estão relacionados com a Literatura Surda, investigo suas experiências literárias em língua de sinais. São as mãos “vivas”, os depoimentos dos surdos que produzem literatura, que tenho o propósito de investigar.

O problema de pesquisa que apresento para investigação é o seguinte: como vêm sendo narradas as experiências de surdos com as mãos literárias? Tenho como finalidade analisar quais são as representações da Literatura Surda, a partir dessas entrevistas.

No primeiro capítulo, sinalizo um processo, a subjetivação entre as leituras teóricas, a visualidade e as experiências, que produzem significados para expressar e respirar das mãos literárias, em forma de discurso narrativo.

No segundo capítulo, escrevo sobre os Estudos Culturais em Educação, sobre o circuito da cultura, sobre a vinculação dos Estudos Surdos a esse campo teórico (dos Estudos Culturais) e a potência para o desenvolvimento desta pesquisa.

No terceiro capítulo, escrevo sobre um processo da Literatura Surda, significações e experiência, contextualizando a Literatura Surda, entendendo que não existe uma única definição, e sim uma possibilidade de significações, que dialogam com as experiências e as mãos literárias. No caso da experiência, está relacionada aos sujeitos surdos que transmitem a construção das mãos literárias. Será apresentado de que forma a circulação das mãos literárias acontece, isso significa que há circulação dessa produção que é transmitida aos sujeitos surdos brasileiros. Também será abordado historicamente o surgimento das mãos literárias entre os outros territórios e no Brasil. As experiências com as mãos literárias subjetivam as vivências das comunidades surdas.

No quarto capítulo, o Túnel de mãos em preto e branco, apresento uma longa trajetória literária do povo surdo, tanto da sinalidade quanto das escritas feitas pelos surdos. Escrevo a partir de histórias surdas utilizando o registro das mãos, constituição e apropriação das produções literárias em revoluções culturais, festivais de mãos e mãos literárias brasileiras, um registro feito pelo trabalho de pesquisadores de surdos. Nesse sentido, trabalho com o que havia em circulação nas regiões, territórios e fronteiras, produzindo a identificação e o empoderamento dos sujeitos surdos das mãos literárias.

No quinto capítulo, são apresentados os caminhos teórico-metodológicos: as razões para a escolha desses representantes; roteiros para as entrevistas; critérios e procedimentos éticos; situações e distribuição das entrevistas; nas subções o material dos entrevistados para produção de língua de sinais para português escrito; e currículo vitae das “mãos sinalizantes”.

No capítulo sexto, realizo a análise dos dados produzidos nas entrevistas. Encaminho as análises dos resultados, as quebra-mãos das categorias analisadas, processo e formação das mãos literárias.

Por fim, as mãos literárias, o trabalho está concluído? Não, é um processo que acarreta a visualiterária, conceitualizando e contextualizando as entrevistas.

Esta tese teve o trabalho de tradução intralingual da equipe de tradutores intérpretes de língua de sinais da UFRGS, pois meu português escrito tem a condição de escrita em segunda língua, acarretando uma diferença estrutural. Assim é necessária esta forma de tradução, dentro da mesma língua.

1 EXPERIÊNCIA E PESQUISA

“A literatura não permite caminhar, mas permite respirar.”
Roland Barthes

Experiência meus olhos vivem um processo, sempre em formação de identidade(s); é uma travessia que forma um circuito interpretativo, multiplica as significações. Há sempre um processo em constituição, não é um sistema pronto, mas está em sistematização, o que permite tornar-se experiência. A experiência é um processo das mãos literárias, de seus efeitos expressado nas artes e nas obras dos sujeitos surdos.

Nesta tese, proponho o uso de algumas palavras e expressões novas para tentar traduzir alguns significados que são produzidos em língua de sinais. São neologismos que proponho para o desenvolvimento desta pesquisa, tais como *mãos literárias* e *visualiterária*. Utilizo *mãos literárias* para as mãos (incluindo o corpo e as expressões faciais) que produzem língua de sinais em forma literária. Proponho também *visualiterária* para referir aos textos literários em línguas de sinais, na modalidade visual dessa língua. Penso que o termo “visualiterária” (Figura 1) valoriza a visualidade do povo surdo e produz significados em sinais, utilizando recursos estéticos e a arte de sinalizar. Nesse sentido, utilizo Barthes: “A literatura não permite caminhar, mas permite respirar”. A Literatura Surda me permite respirar!

Figura 1 – Sinal para Visualiterária¹



Fonte: O próprio autor

¹ Visualiterária: proponho, na Libras, o uso de sinal com três dedos estendidos (polegar, indicador e médio). Para iniciar com essa configuração de mãos, o indicador toca nos olhos e se desloca para frente do corpo em movimento circular.

A experiência das mãos literárias, dessa forma, acarreta os significados. Nos últimos anos, estudei autores na área de Estudos Culturais em Educação e Estudos Surdos, e participei de eventos como seminários, congressos, festivais nacionais e internacionais. Participei do minicurso *Literatura em língua de sinais*, com o professor Dr. Ben Bahan (surdo americano); do curso de *Ensino de língua de sinais como L2*, com o professor Dr. Steven D. Collins (surdo americano); do curso de *Traduções poéticas em línguas de sinais*; do *Curso de Literatura Surda*, com a professora Dra. Rachel Sutton-Spence (Inglaterra); do *Curso sobre poesias em língua de sinais*, com Paul Scott (surdo britânico); curso *Poesia e narrativa em Língua de Sinais*, com Richard Carter (surdo britânico); e o festival de folclore sinalizado *Os craques da Libras*, ministrado por surdos brasileiros, tais como Nelson Pimenta (Rio de Janeiro), Rimar Segala (São Paulo), Fernanda Machado (Santa Catarina), Sandro Pereira (São Paulo), Bruno Ramos (Rio de Janeiro) e o surdo britânico Richard Carter. Esses eventos fazem parte da área de Literatura Surda e foram realizados na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Também participei de festival internacional, o Festival Clin D'Oeil, realizado na cidade de Reims, na França, em 2011, 2013 e 2015. O foco desse festival está na arte e na língua de sinais, no empoderamento das mãos e artes literárias, como Arte em Mãos.

Antes de iniciar os estudos do doutorado, defendi minha dissertação de mestrado e o tema era “Literatura Surda: produções culturais de surdos em Língua de Sinais”, orientada pela Profa. Dra. Lodenir Karnopp, na UFRGS/FACED, na qual aprendi bastante no campo dos Estudos Culturais em Educação, onde entendo a cultura surda. Comecei subindo as escadas, para transitar nesse espaço, buscando conhecimentos através de autores como, Alfredo Veiga-Neto, Carlos Skliar, Maria Lucia Wortmann, Marisa Costa, Stuart Hall, Tomaz Tadeu, Adriana Thoma, Lodenir Karnopp, Madalena Klein, Márcia Lunardi-Lazzarin, Maura Lopes, Gladis Perlin, Karin Strobel, e outros autores, e percebendo que em cada degrau da escada, existem vários conceitos e teorias. Os degraus em que me fortaleci estão no meio de discursos na área de Estudos Culturais e Estudos Surdos.

Em minha dissertação, investiguei a manifestação da produção cultural surda em histórias contadas em Libras. A pesquisa centrou-se na análise do modo como os surdos introduziam e construíam a Literatura Surda, com ênfase na língua de sinais. O material que analisei foram as narrativas em Libras, disponibilizadas em DVD, a partir das atividades dos alunos do curso de Letras-Libras, realizadas no polo da Universidade Federal de Santa Maria. Analisei o uso da língua de sinais e os recursos expressivos utilizados; também realizei entrevistas com os alunos surdos. Como resultado, indiquei que a maioria das produções era

uma adaptação de outros textos e, em segundo lugar, tradução de clássicos (contos, fábulas...) para a LIBRAS. Essas produções mostram a riqueza da cultura surda, a preocupação com seus valores culturais e sua riqueza de linguagem. Relembro as palavras de Karnopp e Machado (2006, p. 3):

A literatura surda está relacionada com a cultura surda. A literatura da cultura surda, contada em língua de sinais de determinada comunidade lingüística, é constituída pelas histórias produzidas em língua de sinais pelas pessoas surdas, pelas histórias de vida que são freqüentemente relatadas, pelos contos, pelas lendas, fábulas, piadas, poemas sinalizados, anedotas, jogos de linguagem e muito mais.

Outra experiência importante para a escolha do meu tema desta tese de doutorado foi minha participação como pesquisador do Projeto “Produção, circulação e consumo da cultura surda brasileira” (Programa Pró-Cultura – Capes/MinC), em que mapeamos e analisamos diversos gêneros literários, com crescentes atividades, verificando a produção, a circulação e consumo pela comunidade surda brasileira. Registraram-se as produções culturais de surdos, tais como artes, livros, vídeos, sites, filmes curtos e outros materiais, produzidos em vários estados do Brasil, realizando mapeamento e coleta de dados. A maioria dos pesquisadores da UFRGS, UFSM e UFPel, envolvidos nessa pesquisa, publicou artigos para divulgação desses achados. No mesmo projeto, realizou-se o Festival Brasileiro de Cultura Surda, em novembro de 2011, na UFRGS, com convidados e palestrantes brasileiros e estrangeiros, inclusive com participação e apresentação de trabalhos e minicursos, onde todos os interessados puderam participar através do uso da Língua de Sinais Brasileira (LIBRAS), Sinais Internacionais, português e/ou inglês. Conforme Karnopp, Klein e Lunardi-Lazzarin, (2011, p.16), os pesquisadores do projeto “Produção, circulação e consumo da cultura surda brasileira” (Pró-Cultura, edital 07/2008) tiveram os seguintes objetivos:

Analisar os processos de significação envolvidos na produção, circulação e consumo dos artefatos pertencentes à cultura surda; entender os aspectos que estão envolvidos na produção, circulação e no consumo da cultura surda; dar visibilidade e contribuir com a divulgação das produções das comunidades surdas. Com ênfase no registro das produções culturais de pessoas surdas, a pesquisa priorizou os registros visuais, como as filmagens, a escrita da língua de sinais, as traduções da Libras para a escrita da língua portuguesa e outras produções artísticas. Tais formas de registro contribuem para a manutenção do leque de possibilidades artísticas e expressões da língua de sinais da comunidade surda.

Além desse projeto, podemos imaginar que existem surdos diariamente contando e recontando histórias em diferentes lugares. Conheci alguns surdos de alguns estados do Brasil, que eram ex-alunos do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) e me

contaram sobre vivências e recordações durante o percurso de estudos e sua formação. Fico impressionado e emocionado, pois contam suas trajetórias da vida. Vejo que é como se fossem os pais contando histórias através da literatura, com muita riqueza para contar. Mas infelizmente, são histórias que não foram registradas, mas transmitidas a partir do contato entre surdos, dentro da comunidade surda, jeito que antigamente as histórias eram passadas adiante, na forma de sinalidade.

Em minha dissertação de mestrado (MOURÃO, 2011), apresento a constituição de minha identidade surda, minha experiência de mãos e olhos, a forma como me subjetivei nos espetáculos de mãos e com outras identidades surdas. Em 1999 comecei a participar da companhia de teatro “Lado a Lado”, junto de artistas surdos, e essa foi a primeira experiência com surdos, pois antes já tinha atuado em teatro junto com ouvintes. Quando iniciei, fazia parte da companhia de espetáculos “Arte Poética”, formado por atores surdos e ouvintes, realizando espetáculos abertos ao público. Fizemos espetáculos no Rio de Janeiro, no INES, e no V Congresso Latino-americano de Educação Bilíngue para Surdos, em Porto Alegre, no Salão de Atos da Reitoria da UFRGS, entre os dias 20 a 24 de abril de 1999, que tinha como proposta temática “A educação que nós surdos queremos”. Foi a primeira vez que vi tantos sujeitos surdos brasileiros e estrangeiros, e então, diante dos meus olhos, via as mãos, que produziram efeitos na constituição de minha identidade surda. Posteriormente, comecei a participar, junto com o ator Nelson Pimenta, do espetáculo *Nelson 6 ao vivo*.

Na experiência desses dois grupos com atores surdos, pude notar diferenças: um grupo de “inclusão” de atores surdos e ouvintes. A peça foi criada por ouvintes, e nós, atores surdos, fizemos expressão corporal enquanto os atores ouvintes falavam (língua oral) ao público de surdos e ouvintes. Penso: como os surdos entenderiam a peça? Será que a peça mostrou a cultura dos surdos? Já o espetáculo *Nelson 6 ao vivo*, organizado por um ator surdo, tinha como objetivo mostrar a cultura surda. Participei de ambos e senti a diferença. Foi importante para o público surdo, que podia se identificar com a cultura surda e também para público ouvinte entender o que é cultura surda.

Em outro momento participei da Festa Junina no Instituto Santa Terezinha (ISL), em São Paulo, onde soube também que havia muitos surdos e “mãos”. Para a minha felicidade, quando cheguei na festa junina no Instituto Santa Terezinha, pude ver Ginásio lotado. Estava repleto de mãos e olhos, tanto de crianças surdas quanto de surdos adultos. A estimativa de venda foi de mais de dois mil ingressos. No meio deles, onde fiquei, foi uma experiência que me provocou ainda mais na minha aquisição e constituição identitária.

José Magnani, um ouvinte, integrava um grupo de pesquisas sobre surdos, composto por linguistas e historiadores da Universidade de São Paulo – USP. Ele não tinha conhecimento ou familiaridade com o campo de pesquisas sobre surdos, mas sua pesquisa era na área da antropologia, especialmente com a antropologia urbana. Para ele, sua experiência e vivência na festa junina no Instituto Santa Terezinha foi marcante. Ele nos conta que comprou ingresso de número 1.529, e foi para o meio do povo surdo. Cito Magnani (2007, p. 15):

(...) o ambiente era agitado, as pessoas estavam bastante animadas e realmente havia muita gente. Os ônibus nas imediações atestavam que tinha vindo gente de outras cidades e até de outros estados. Tive a sensação de estar entrando numa “comunidade em festa”, numa aldeia em efervecência: nunca tinha visto tantos surdos juntos, e essa densidade permite percepções vívidas e ricas de suas formas de sociabilidade, de suas particularidades como grupo diferenciado. (...) Num determinado momento subi os degraus da arquibancada que fica diante da quadra onde rolava a festa e, lá de cima, tive acesso a um espetáculo realmente inusitado: uma disparidade entre a multidão e o barulho que deveria estar fazendo, numa festa de ouvintes; em contraste, havia um fervilhar de mãos numa espécie de frenética pantomima, ao menos aos olhos de um leigo.

Em 2001, fui convidado para atuar como ator e coreógrafo de um novo grupo de teatro, na Companhia Teatro do Absurdo. Em 2005, atuei no Teatro Brasileiro de Surdo (TBS),² dirigidos por Nelson Pimenta, Lanúcia Quitanilha, Helena Tojal e Fábio de Mello, como ator e coreógrafo, no espetáculo *O marido da Mãe D'água*,³ um conto de encantamento colhido por Câmara Cascudo, no litoral do nordeste brasileiro. Era sobre a cultura popular brasileira, aberto ao público. A lenda narra a história de um pescador que estava com dificuldade para viver e também de pescar; certo dia, não encontra os peixes, estava desanimado e com muita fome. Em uma noite de lua cheia, encontra a sereia, fica apaixonado e se casa com ela, que havia prometido que o pescador passaria a ter sucesso na pescaria. A peça mescla o uso da língua de sinais no cenário teatral, dança e percussão, na apresentação da cultura brasileira.

Em 2007, realizamos uma apresentação, com o mesmo tema, no XV Congresso da Federação Mundial de Surdos, em Madri, na Espanha, onde concorremos com 31 grupos de teatro de vários países, sendo nosso espetáculo considerado um dos quatro melhores do mundo. Foi a primeira vez que atores surdos brasileiros representaram seu país no exterior.

² Disponível em: <http://tbsbrasil.blogspot.com.br/2007_07_01_archive.html>. Acesso em: 11 abr. 2014.

³ Assista ao vídeo da peça *O marido da Mãe D'água*, realizada em 2007, no XV World Federation of the Deaf (WFD), em Madrid, com os atores surdos Bruno Hassib, Cláudio Mourão (convidado), Clarissa Fonseca, Fernanda Machado, Nelson Pimenta, Rosana Grasse e Silas Queiroz. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dcQWhYBJhwI>>. Acesso em: 11 abr. 2014.

Muitas foram as vezes em que assisti a peças sobre surdos. Algumas foram organizadas por ouvintes, geralmente em festividades de escolas. Por exemplo, uma peça apresentada com uma história simples, com atores surdos sinalizando e intérprete traduzindo para a língua oral para público ouvinte, restringe as possibilidades de expressão rica da cultura surda.

Harlan Lane (1992), Owen Wrigley (1996) Karin Strobel (2008), Marta Morgado (2011, 2013), Fabiano Rosa e Madelena Klein (2011) e Thomas Holcomb (2011) comentam a existência de limitação ao acesso dos valores culturais e informações, pois não encontram um ambiente linguístico no meio do espaço social. Essa limitação da própria produção cultural dos surdos se relaciona com limitações na vida em geral. Os ouvintes podem ir a peças de teatro e shows, ouvir música, ouvir poesias declamadas, seguir inteiramente alguma propaganda na televisão e tudo mostra sobre a cultura brasileira ou, mesmo, globalizada, mas uma cultura também de ouvintes. Mas onde os surdos podem ver manifestações de cultura surda e/ou cultura brasileira? São poucas oportunidades, geralmente os espetáculos de teatro foram organizados por ouvintes, às vezes os surdos não ficam satisfeitos ao assistir teatro, por exemplo. Lane (1992, p. 128) afirma que os surdos têm as mesmas experiências na convivência social até em escolas tradicionais, quando inseridos num meio ouvinte: “quase todos os informantes descreveram a sua vida social em termos de solidão, rejeição e discriminação social.”

Por outro lado, quando há seminários ou congressos na área de Educação de Surdos ou, enfim, eventos da cultura surda, os sujeitos surdos participam por causa da facilidade de comunicação, e são eventos de artes cênicas, onde existem filmes curtos, crônicas, piadas e outros. Esses são um tipo de lazer com os quais os surdos se satisfazem. Além disso, quando não há eventos ou encontros de surdos, alguns sujeitos surdos ficam em casa, buscando na internet por *sites*, por exemplo: Youtube ou Facebook, onde procuram sinalização de forma visualiterária em vários gêneros literários que façam o rosto rir, o corpo relaxar e a mente refletir.

Podemos imaginar uma cidade pequena ou uma região, distante da capital, que não tem computador ou internet, mas há circulação dos sujeitos surdos e de mãos literárias, produzindo significação e peculiaridades regionais. Mas possivelmente muitos desses sujeitos desconhecem a expressão Literatura Surda, ou não utilizam esse nome para as histórias que

circulam entre eles. Por outro lado, quando se encontram em rodas de bate-mãos⁴, compartilhando as experiências, alguns sujeitos surdos comentam que desconhecem os conceitos da Literatura Surda até mesmo aqueles que haviam estudado em escola de surdos, mas utilizam as mãos literárias sem perceber a significação da Literatura Surda. No entanto, Klein e Rosa (2011, p. 94) destacam o valor da Literatura Surda para surdos:

A literatura surda constitui-se das histórias que têm a Libras, a questão da identidade e da cultura surda presentes nas narrativas. [...] A literatura surda auxilia no conhecimento da língua e cultura para os surdos que ainda não têm acesso a elas. Para crianças surdas, a literatura surda é um meio de referência e também cria uma aproximação com a própria cultura e o aprendizado da sua primeira língua, que facilitará na construção de sua identidade.

Como me identifico como surdo, assim como outros sujeitos surdos, fui subjetivado por práticas discursivas, onde existem narrativas e artes surdas. A experiência visual vai constituindo o sujeito surdo na comunidade surda, subjetivando artistas surdos na produção de narrativas e poesias surdas. Para Perlin e Miranda (2003, p. 218), “[...] Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico”.

Relembro como foi importante minha experiência no curso de Letras/Libras em 2006, na modalidade de Ensino a Distância – EAD, no Polo UFSM. No total, eram quinhentos alunos e alunas, distribuídos em nove polos de universidades do Brasil. Nesse caso, na sala de aula do Polo UFSM, havia 55 alunos surdos; podemos imaginar o compartilhamento dos colegas surdos, o consumo e produção por meio da sua língua de sinais e das experiências visuais. Suas identidades iam se fazendo, entre tantos outros aprendizados. Lá circulavam vários gêneros literários como narrativas, piadas, poesias e outros. Aprendemos na disciplina de Literatura Surda, com a professora Dra. Lodenir Karnopp, a construir, expressar, sinalizar e fazer traduções, adaptações e produção de obras. Divertimos-nos através de atividades de Literatura Surda, produzindo as ideias em grupos. Vimos que interagindo com os colegas é que surgem as ideias, por exemplo, adaptações foram produzidas por meio de apresentação de trabalhos na sala de aula. Assim, com os conhecimentos e práticas que os alunos adquirem, vão se constituindo subjetividades e desenvolvendo conhecimentos para expressão de ideias novas com formas e significados literários.

⁴ “Bate-mãos” é o termo correspondente a bate-papo, conversa ou comunicação pela Língua de Sinais. (MOURÃO, 2011).

2 ESTUDOS CULTURAIS EM EDUCAÇÃO E ESTUDOS SURDOS

“A cultura é uma necessidade imprescindível de toda uma vida, é uma dimensão constitutiva da existência humana, como as mãos são um atributo do homem.”

José Ortega y Gasset

Os Estudos Culturais surgiram em 1964 no Centro de Estudos Culturais Contemporâneos da Universidade de Birmingham, na Inglaterra, coordenado por Richard Hoggart. Dissiparam-se em outros territórios, entre pesquisadores e cursos de pós-graduação, os novos conceitos de “cultura”, não mais compreendida apenas pelo conceito de “tradicional”, e sim como as formas de significação e subjetividade, as práticas sociais entre sujeitos empíricos, o panorama de representações e de discursos. Stuart Hall foi convidado por Richard Hoggart a participar do Centro de Estudos Culturais e, mais tarde, assumiu a sua direção, de 1968 até 1979. Stuart Hall comentou sobre o trabalho dos Estudos Culturais:

[...] para se obter uma ideia dos diferentes discursos teóricos em que os estudos culturais se apoiaram, seria necessário referir, *inter alia*, às tradições de análise textual (visual e verbal), à crítica literária, à história da arte e aos estudos de gênero, à história social, bem como à linguística e às teorias da linguagem, na área das humanidades. (HALL, 1997, p. 12)

Os pesquisadores que seguem as contribuições do Centro de Estudos Culturais no Reino Unido tiveram acesso a uma formação que pôde contribuir e ser compartilhada entre leitores e escritores, nas revistas ou na mídia, onde surgem as análises sobre arte, literatura e outros assuntos. Ao realizarem esses estudos, os seguidores espalharam as notícias em eventos internacionais, por meio de congressos e seminários. Com isso, os novos conceitos dos Estudos Culturais chegaram a outros territórios, em novos centros universitários e panoramas culturais.

As palavras estão postas em um degrau de certeza, e existem mais degraus do que apenas um degrau. De certa forma, um degrau não é fixo, a identidade de si mesmo (de “eu”) é fragmentada nas fronteiras dos nossos olhos, tomada pela subjetividade das palavras, das marcas e dos símbolos. Nossos pés, nos degraus, sobem e descem as escadas, pulam de todos os lados, transitando na fronteira, de forma a articular os conceitos que foram transformados com a virada cultural.

Por meio do povo, em um determinado local, em sua vida social, vivendo em um circuito cultural, há revolução dos sujeitos (in)conscientes das práticas sociais. Não é fixa, é

fragmentada nos sujeitos que vivem nos locais de fronteiras, onde há a tendência a favorecer e buscar o sentido dos conhecimentos compartilhados, onde existe tecnologia e revolução na informação, por exemplo, empréstimos linguísticos, informações pelos *sites* internacionais e gastronomia de outros lugares.

Inspirado no livro *Identidade e diferença* (Silva, 2014), escrevo na intertextualidade das palavras: eu sou “identidade” e ele é “diferença”. Identidade e diferença estão em estreita relação no processo e na produção social, mas elas vivem em um território cultural de fronteira. Stuart Hall (1997) disse que esse processo pode ser considerado uma “revolução cultural”, no sentido substantivo, empírico e material da palavra.

Tomaz Silva (2014) comentou sobre criaturas da linguagem, que são o resultado de atos de criação linguística. No meio social existe a construção entre os pares, produzida pela língua e pela cultura. Pode ser um local, região e/ou comunidade. “Local e região” produzem a articulação e o paradigma que formam um território fronteiriço. Cito Silva (2014, p. 76):

A identidade e diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais.

Em nós e entre nós, fabricamos a produção social, de forma que a revolução cultural das identidades e diferenças produz significados por meio da arte, da literatura, dos gêneros, das indústrias, da tecnologia, das informações etc., considerando a virada cultural que caracteriza os conceitos dos Estudos Culturais. Assim, os Estudos Culturais sofrem e provocam inúmeros atravessamentos, em razão das várias fronteiras. Os Estudos Culturais chegaram ao Brasil, no campo da Educação, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em meados da década de 1990. Wortmann, Costa e Silveira (2015, p. 33) explicam essa chegada:

A entrada dos Estudos Culturais no campo da Educação no Brasil data de meados dos anos 1990. Um acontecimento decisivo para o estabelecimento de algumas das vinculações que hoje temos entre Estudos Culturais e educação teve lugar no final de 1996, quando, na reestruturação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEDU/UFRGS), foram introduzidas linhas de pesquisa, em substituição às anteriores áreas de concentração, entre as quais a linha “Estudos Culturais em Educação”.

Atuaram junto à linha de pesquisa, naquele momento, Alfredo Veiga-Netos, Maria Lúcia Wortmann, Marisa Vorraber Costa, Norma Marzola, Rosa Hessel Silveira e Tomaz Tadeu da Silva. A linha de pesquisa “Estudos Culturais em Educação” permanece com

produções nessa universidade até os dias de hoje, com os mesmos organizadores e outros que se associaram à linha.⁵

2.1 ESTUDOS SURDOS...

Na década de 1960, o linguista norte-americano Willian Stokoe afirmou o *status* linguístico da língua de sinais, como o de qualquer outra língua falada, garantindo o reconhecimento da Língua de Sinais Americana (ASL). Sherman e Phylis Wilcox (2005) disseram que, naquela época, poucas pessoas prestaram atenção. Na década de 1980, isso se alterou estatisticamente: o programa de ASL estava sendo implementado em todos os ambientes sociais, bem como nas universidades e colégios; até mesmo poderia ser visto em outros lugares, como na televisão, no teatro e em filme, pelos artistas surdos.

No Brasil, ganhou força nas universidades pelos novos pesquisadores da pós-graduação, tanto em mestrados quanto em doutorados, aliados à comunidade surda brasileira. Esses pesquisadores brasileiros, surdos e ouvintes, foram pioneiros na luta pelas causas surdas, pelas minorias linguísticas e pela educação de surdos.

Na década de 1980, a primeira linguista, Dra. Lucinda Ferreira Brito, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, pesquisa a língua de sinais dos centros urbanos brasileiros (atualmente denominada Libras) e a língua de sinais Urubu-Kaapor na comunidade indígena Urubu-Kaapor, no interior do Maranhão. Ao mesmo tempo, alia-se aos líderes surdos em associações de surdos e na Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), com sedes no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Minas Gerais. Maura Lopes (2007) disse que, por volta de 1980, no Rio de Janeiro e em São Paulo, alguns pesquisadores, educadores, psicólogos, filósofos e sociólogos foram aos poucos se filiando à questão surda.

Na década de 1990, havia pessoas na área de educação e em espaços sociais, como intérpretes de língua de sinais, professores de surdos e familiares que, subjetivados por suas experiências na comunidade surda, dirigiram seus estudos ao campo da linguística, desenvolvendo estudos relativos à língua de sinais, seus processos de aquisição, suas

⁵ Atualmente, os pesquisadores da linha de pesquisa são: Adriana da Silva Thoma; Alfredo Veiga-Neto; Clarice Salete Traversini; Fernanda Wanderer; Lodenir Becker Karnopp; Luis Henrique Sacchi dos Santos; Maria Lucia Castagna Wortmann; Maria Luisa Merino de Freitas Xavier; Marisa Cristina Vorraber Costa; Rosa Maria Hessel Silveira. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ppgedu/linhas.html>>. Acesso em: 21 nov. 2015.

características sintáticas lexicais, entre outros, constituindo um campo que vem até hoje se desenvolvendo, por exemplo Lodenir Karnopp (1994, 1999), Ronice Quadros (1995, 1999) e Tanya Felipe (1998).

Na mesma época, os movimentos surdos despertaram, surgindo novos conceitos sobre “surdos” e “língua de sinais”, em contraponto ao paradigma da Educação Especial. Esses movimentos se articulavam em ideias sobre as significações de ser sujeito, de forma que construía, processavam as identificações e os conceitos. Portanto, a partir desse olhar, subjetivam a ideia do sujeito surdo pelas suas lutas, pelo reconhecimento da língua de sinais e de educação de surdos.

Willian Stokoe foi um dos primeiros pesquisadores que começou a produzir no campo dos Estudos Surdos. Pesquisou sobre o *status* da língua de sinais e sua ligação com a cultura dentro de algo que passou a ser chamado de *Deaf Studies*. Conforme Lopes (2007, p. 24):

A expressão “Estudos Surdos” surgiu no Brasil a partir uma tentativa de tradução dos chamados *deaf studies*, que eram realizados por pesquisadores de outros países, principalmente dos Estados Unidos. [...] Stokoe descreveu a Língua Americana de Sinais como uma língua natural de um grupo cultural específico. Com tal afirmação, Stokoe tornava visível que a “estrutura cultural” dos sujeitos surdos é constituída de outra forma, na medida em que a língua está estritamente vinculada à cultura.

Como já descrito sobre a chegada dos Estudos Culturais no Brasil, os Estudos Surdos se constituíram como um campo de estudos na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a partir de aproximações aos Estudos Culturais, estimulados por suas produções relativas à cultura, identidades e diferenças.

Com entrada do professor argentino Carlos Skliar, como professor convidado para integrar o Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, foi criado o Núcleo de Pesquisas em Políticas Educacionais para Surdos (NUPPES), onde havia orientandos de mestrado e doutorado, um espaço acadêmico, uma nova territorialidade educacional dos Estudos Surdos em Educação. Cito Skliar (2013, p. 5):

Estudos Surdos se constituem como um programa de pesquisa em educação, pelo qual as identidades, as línguas, os projetos educacionais, a história, a arte, as comunidades e as culturas surdas são focalizados e entendidos a partir da diferença, a partir do seu reconhecimento político.

Como o professor Carlos Skliar, os membros da equipe de pesquisadores foram produzindo academicamente a diferença cultural surda, um olhar sobre o surdo, por meio dos marcadores surdos: cultura, educação, língua, comunidade e espaço social; também o sentido

dos contextos da história cultural dos surdos, trazendo as suas narratividades surdas, das mãos e dos olhos das experiências dos oprimidos, o preconceito linguístico em suas modalidades, as significações dos sujeitos surdos do passado até presente. Como diria Karin Strobel e Gradis Perlin (2014, p. 20): “Temos outros caminhos que, mesmo desconhecidos, merecem ser trazidos à tona, vivenciados e narrados por constituírem a genuína história natural e cultural dos surdos”. Os membros do NUPPES são precursores formados mestres e doutores da UFRGS: Adriana Thoma, Gládis Perlin (surda), Liliane Giordani, Madalena Klein, Márcia Lise Lunardi, Maura Corcini Lopes, Mônica Dusso de Oliveira, Ottmar Teske e Sérgio Lulkin. Todos esses reconhecem os seus significados culturais surdos, resistiram às pressões dos discursos da normalização/padronização/ouvintismo,⁶ transformaram os conceitos dos Estudos Surdos de forma a significar o ser surdo. Cito Lopes (2007, p. 25):

Filiaram o movimento surdo aos movimentos étnicos, imprimindo assim a compreensão que pensavam ser a melhor para a surdez, ou seja, entendendo-a como uma diferença forjada no e pelo grupo social. Ser surdo passou a representar, a partir dos anos oitenta do século passado, inclusive no Brasil, ser integrante de um grupo étnico minoritário.

Segundo Carlos Skliar (2013, p. 17), sobre ouvintismo e território livre:

O ouvintismo ou o oralismo, não pode ser pensado somente como um conjunto de ideias e práticas simplesmente destinadas a fazer com que os surdos falem e sejam como os ouvintes. [...] vale lembrar que o ouvintismo gera diferentes interpretações, entre as quais surgem algumas formas de resistência a esse poder. O surgimento das associações de surdos como territórios livres de controle ouvinte sobre a deficiência, os matrimônios endogâmicos, a comunicação em língua de sinais nos banheiros das instituições, o humor surdo, etc., constituem apenas alguns dos muitos exemplos que denotam uma outra interpretação sobre a ideologia dominante.

Ainda hoje, segundo Adriana Thoma (2002), é comum que se encontrem discussões sobre a educação de surdos a partir de dois modelos de representação: a visão clínico-terapêutica entende que o surdo precisa ter sua deficiência removida através de terapias da fala e sessões de oralização, para que se pareça o máximo possível com as pessoas ouvintes; segundo, a visão sócio-antropológica, que acredita que os surdos constituem um grupo minoritário de pessoas que se agrupam para discutir e opinar sobre suas vidas, por serem sujeitos visuais, com construções históricas, culturais e linguísticas.

⁶ Ouvintismo: “Trata-se de um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se, e nesse narrar-se que acontecem as percepções do ser deficiente, do não ser ouvinte; percepções que legitimam as práticas terapêuticas habituais.” (SKLIAR, 2013, p. 15).

Pesquisadora surda e membro NUPPES, Gládis Perlin ingressou nos cursos de mestrado e doutorado na UFRGS e é a primeira pessoa surda doutorada da América Latina a pesquisar sobre diferenças, identidades, culturas e histórias surdas, na dissertação intitulada “História de vida surda: identidades em questão” (1998) e na tese “O ser e o estar sendo surdos: alteridade, diferença e identidade” (2003). Ela tem inúmeras publicações sobre a causa surda, as opressões aos surdos, a educação de surdos, ser surda e outros temas. Portanto, o NUPPES e seus membros de precursores entram em uma história. Cito Lopes (2007): marcou a história surda e contribuiu para a inscrição do movimento surdo entre os movimentos sociais em prol do reconhecimento das diferenças culturais.

3 O PROCESSO DA LITERATURA SURDA, SIGNIFICAÇÕES E EXPERIÊNCIA

“De toda a minha literatura, você é a minha melhor página”.
Martha Medeiros

Os conceitos de “literatura”, conforme Jonathan Culler (1999), Peter Hunt (2010), Fanny Abramovich (1997), Fernando Azevedo (2006), de modo geral foram sendo modificados no tempo e no espaço. Na literatura ocorre uma travessia, onde são produzidos os conceitos que não têm uma única definição, tal como uma única caracterização de linguagem literária, de objetos estéticos e ficcionais.

A literatura pode ter várias definições. Peter Hunt (2010, p. 84) disse: “As definições de literatura podem ser convenientemente separadas em características, normas culturais e segundo os usos que os indivíduos dão ao texto”. Hunt disse ainda que muitos leitores têm dificuldades em reconhecer um texto como “literatura”. Nesse sentido, durante entrevistas com os surdos, percebo que cada um apresenta definições diferentes, não há uma definição única. Isso pode ocorrer em razão de suas experiências, dos entendimentos ou informações que receberam, mas cada um tem seu modo de conceitualizar.

Em 2011, ao desenvolver estudos sobre a Literatura Surda em minha dissertação de mestrado (Mourão, 2011), não apresentei uma definição única para Literatura Surda, tendo em vista as mesmas dificuldades e debates que são apresentados para uma única conceitualização em Literatura.

Em depoimento pessoal, a Profa. Dra. Rachel Sutton-Spence, da Universidade Federal de Santa Catarina (em Florianópolis-SC), pesquisadora na área de Literatura Surda e linguística, afirma (2013)⁷:

“É difícil definir, porque, veja, a literatura em língua portuguesa é muito evidente, está registrada nos livros, e a Literatura Surda também pode estar registrada na forma escrita, mas ela também está expressa na língua de sinais.”

Estudos na área de Literatura Surda estão em desenvolvimento, e os pesquisadores buscam a articulação das características da Literatura Surda com as práticas discursivas presentes na língua, na identidade e na cultura.

⁷ Depoimento pessoal de Profa. Rachel Sutton-Spence. Agradeço pela sua disponibilidade e autorização do depoimento em minha tese, e por compartilhar das suas experiências. (arquivo pessoal).

Transmitimos significados conectados em nossas mãos sinalizantes, representados no rico sistema linguístico de surdos de todas as idades e presentes nas moradas das gerações do povo surdo. Mãos literárias é a arte de sinalizar, produzir efeitos que se expressam em histórias, narrativas, contos e fábulas sinalizadas, e trazem novos sentidos. Azevedo (2006 apud MORGADO, 2013, p. 329)

[...] fala da importância da qualidade na literatura, nomeadamente, no que concerne à forma como é contada, como é transmitida, a forma como está estruturada, a estética expressa numa história, conto, poema ou relato. Sem arte da língua, a literatura fica empobrecida e o desenvolvimento da criança pode sair prejudicado.

Talvez seja possível encontrar uma forma de especificar o conceito de Literatura Surda, que se apresenta de forma “muito aberta”; mas não pretendo fechar em uma conceitualização definitiva. O estudo que realizei nesta pesquisa busca, nas leituras dos livros e nas mãos literárias, o que me passou enquanto experiência literária significativa dos entrevistados, mas isso não significa que a conceitualização esteja completa.

A pergunta “O que é literatura?” é discutida por muitos autores. Segundo Massaud Moisés (2012, p. 4), o sentido original de “literatura” remete à arte de escrever.

O vocabulário “literatura” provém do latim *littera*, que significa o ensino das primeiras letras. No sentido original – arte de escrever – manteve-se até o século XVIII. (...) E foi por meio de especialização de uma e outra que a Literatura entrou a assumir exclusiva identidade estética, pela qual se tornou conhecida em nossos dias: “até o fim do século XVIII, fala-se efetivamente de poesia e raramente de literatura, quando se trata do aspecto estético das obras escritas”.

Explorando o significado da palavra literatura, Hênio Tavares (1996, p. 28) afirma que “Em latim, literatura significa uma instrução ou um conjunto de saberes ou habilidades de escrever e ler bem, e se relaciona com as artes da gramática, da retórica e da poética. Por extensão, se refere especificamente à arte ou ofício de escrever de forma artística.” Com ênfase na arte da escrita, José de Nicola (2011) diz que “a literatura é uma manifestação artística”. E outro autor, Afrânio Coutinho, afirma:

Mais do que uma língua, simples instrumento, o que importa à definição, à caracterização de uma literatura, é a experiência humana que ela transmite, é o sentimento, é a visão da realidade, tudo aquilo de que a literatura não é mais do que a transfiguração, mercê de artifícios artísticos. (COUTINHO, 1981, p. 14)

Entre tantas definições, observa-se que “literatura” está relacionada à forma de arte, à manifestação estética. Nicola (2011) sustenta que a literatura tem uma “função poética”. No

caso das línguas de sinais, a utilização do conceito de literatura não se aplica somente a escritas literárias, mas também abarca a língua de sinais. Nessa língua podemos identificar os visuais estéticos, que transmitem o prazer e conforto linguístico. Nesse sentido, a língua de sinais provoca emoção, pela beleza das frases estéticas, pelo modo como se manifestam as artes sinalizantes. Literatura é uma herança, articulada à cultura, à comunidade e à língua, como se tivesse em um circuito, conforme ilustra a Figura 2:

Figura 2 – Circuito da constituição da Literatura – Ilustração de Marta Morgado



Fonte: MORGADO (2011, p. 152).

Mas, o que significa Literatura Surda? Para começar a discutir esse tema, cito Karnopp (2010, p. 161):

[...] a expressão “literatura surda” é utilizada no presente texto para histórias que têm língua de sinais, a identidade e a cultura surda presentes na narrativa. Literatura surda é a produção de textos literários em sinais, que traduz a experiência visual, que entende a surdez como presença de algo e não como falta, que possibilita outras representações de surdos e que considera as pessoas surdas como um grupo linguístico e cultural diferente.

Podemos perceber que existe a arte literária da língua em todos os territórios. Com o povo surdo e sua língua de sinais temos a arte de sinalizar, as mãos literárias produzindo significados para todas as gerações, entre os pares surdos, na coletividade e nas escolas.

Cabe lembrar, no entanto, décadas atrás, a partir de 1880, nas escolas de surdos, era proibido utilizar língua de sinais, por razões que foram determinadas por representantes de vários países, no Congresso de Milão. Houve a imposição pelo uso de métodos orais para que todos os alunos surdos utilizassem práticas de oralização e leitura de lábios. Só que os surdos continuavam, escondidos, a se comunicar em língua de sinais durante aulas, intervalos, nos banheiros e até mesmo em pontos de encontro fora das escolas. Assim, provavelmente já

existiam vários gêneros literários, em uma rica literatura que foi sendo transmitida e passada para outros surdos, que foram se articulando no contexto social e tomando uma forma discursiva. Os surdos foram sendo assujeitados por essa produção que faz parte da Literatura Surda. A esse respeito, cito Morgado (2011, p. 157):

Como se sabe, língua gestual⁸ só nasce quando há mais do que um surdo e a escola é, regra geral, o seu ponto de encontro. Assim, em todos os países onde existe uma língua gestual, é possível remeter a sua origem para a escola. À medida que as línguas gestuais se foram desenvolvendo, nasceram as primeiras histórias em mímica, as primeiras imitações e por aí afora, mas sempre dentro dos internatos, sempre às escondidas dos supervisores oralistas. O facto de a língua gestual ter sido proibida fez com que os surdos sentissem maior necessidade de sua língua. Por isso, as histórias contadas às escondidas foram ficando cada vez mais fortes e estruturadas.

As pesquisas no campo dos Estudos Surdos aumentaram muito no Brasil e podemos citar alguns autores que produzem e que tratam do tema da literatura surda, em teses, dissertações e livros: Augusto Schallenberg (2010), Carolina Hessel Silveira (2015), Carolina Hessel Silveira, Lodenir Karnopp e Fabiano Rosa (2003a, 2003b), Fabiano Rosa e Lodenir Karnopp (2011a, 2011b), Cláudio Mourão (2011, 2014a, 2014b, 2016), Cláudio Mourão e Alessandra Klein (2012), Lodenir Karnopp (2006, 2010), Janete Muller (2012), Madalena Klein e Fabiano Rosa (2011), Karin Strobel (2009), Juliana Pokorski (2014), Marta Morgado (2011, 2013), Neslon Pimenta Castro (1999, 2013), Fernanda Machado (2013), Ronice Quadros e Rachel Sutton-Spence (2006), Rosa Hessel Silveira (2004), entre outros. Esses autores vão me ajudar a refletir, discutir e analisar características da Literatura Surda.

Para os sujeitos surdos de uma modalidade visual, a língua de sinais depende dos olhos, do “visual” e das “mãos” sinalizantes; de forma que os processos de construção dos significados, tanto aqueles que se dão pelos sons e falas, quanto daqueles que se dão pelas imagens e visual, dependem de abstrações da linguagem pelo cérebro. As duas linguagens transmitem claramente a imagem das suas diferentes modalidades, visual e auditiva; são na realidade duas linguagens muito diferentes (LANE, 1992).

A Literatura Surda, portanto, faz parte da cultura surda, que foi sendo construída nos processos sociais dos sujeitos surdos, com suas experiências visuais, sua língua própria, compartilhada entre os surdos. Esses processos, formadores de identidades, transmitidos de geração a geração, tiveram consequências em áreas políticas e de educação, contribuindo para constituir o ser surdo. Cito Strobel (2009, p. 27):

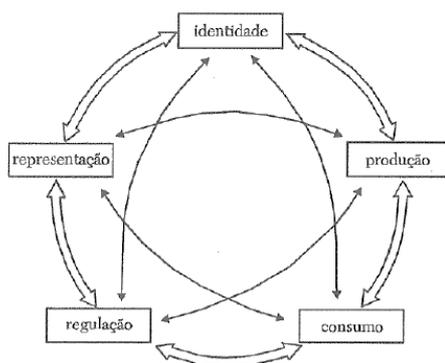
⁸ “Língua gestual” é a denominação utilizada por Portugal, diferente do Brasil, que utiliza “língua de sinais”.

Cultura Surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das almas das comunidades surdas. Isso significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo.

O que me impressiona no povo surdo de todas as gerações e nas narrativas dos entrevistados é que alguns traços vão se modificando no tempo e no espaço, embora outros traços permaneçam e atravessem tempos e espaços. É possível observar nas narrativas dos surdos que embora a identidade possa variar, a forma de identificação adquirida pelos sujeitos surdos, como forma de constituição da identidade surda, permanece pela sua experiência visual e língua própria. Nesse sentido, as significações são produzidas dentro do “circuito da cultura” (HALL, 1997), e a identidade se insere em uma análise que requer considerar o circuito da cultura, na articulação entre identidade e diferença na relação com a representação. Em que medida podemos discutir a identidade surda no circuito cultural que inclui representação, identidade, produção, consumo e regulação? Segundo Stuart Hall (1997), a cultura tem a ver com “significados partilhados”. A linguagem é central para o significado, e a cultura sempre tem sido considerada como o repositório chave dos valores e significados culturais.

Na análise que proponho nesta tese, discuto a identidade no “circuito da cultura”, conforme proposto por Paul de Gay e outro (1997).

Figura 3 – Circuito da cultura, segundo do Paul de Gay et ale outros (1997)



Fonte: Stuart Hall (1997).

Como discutir o circuito da cultura, considerando o artefato cultural Literatura Surda? Na gravura, em que medida o circuito da cultura vincula as mãos literárias ao que ocorre nos traços do sistema? Segundo Woodward (2014), circuito de cultura não se trata de um processo

linear, sequencial. Cada momento do circuito está também inextricavelmente ligado a cada um dos outros.

Vamos conferir o circuito da cultura ligado a poucos traços: a representação refere-se a sistemas simbólicos (cinemática visual ou narrativa, por exemplo), que são atraídos pelas mãos literárias, pelos vídeos ou encontros. Esses sistemas produzem significados geradores de arte, como artefato, associados para a construção da identidade. Identidades e artefatos estão associados a “cultura”, do qual é consumida a sua identificação produz significadas, torna-se a regulação por significado da arte literária, em forma de sistema de negociação da cultura.

Segundo Karin Strobel (2008), para diversos autores dos Estudos Culturais, o conceito de “artefato” não se refere apenas a materialismos culturais, mas àquilo que na cultura constitui produções do sujeito que tem seu próprio modo de ser, ver, entender e transformar o mundo.

Circuito da cultura é como as rodas das mãos ou pares que produzem significados partilhados, sentido e enunciado de forma espontânea, transformando a linguagem. Nesse sentido, a linguagem produz os significados da Literatura Surda, que produzem sistemas de representação. Segundo Hall (2007), a linguagem funciona como sistema de representação.

O sistema de representação produz uma linguagem, significado e representação. Segundo Hall (1997), os membros da mesma cultura precisam partilhar conjuntos de conceitos, imagens e ideias que possibilitem pensar e sentir o mundo e, assim, interpretar o mundo de maneira mais ou menos parecida.

Sistemas de representação estão no espaço social e educacional, subjetivando as maneiras de viver. As linguagens em vários gêneros, constroem os significados e transmitem. As práticas discursivas são produzidas pelas representações. Segundo Hall (2002), um discurso é produzido através de diferentes práticas de representação, tal como literatura, erudição, exibição, pintura e outros. Nesse caso, a representação é “como fonte de produção do conhecimento social” (HALL, 1997).

Os surdos colocam em circulação artefatos com suas produções culturais, suas histórias, suas memórias, suas experiências. Segundo Karnopp e Pokorski (2015),

[...] a partir dos anos de 1990, são encontrados artefatos culturais com representações não somente vinculadas ao sofrimento e às dificuldades impostas pela surdez, como era frequente antes desse período, mas emergem narrativas que posicionam o surdo como sujeito cultural, como minoria linguística. Nesse sentido, especialmente na literatura surda – nas histórias de vida, contos, crônicas, poemas, piadas, entre outros – emergem representações que estão vinculadas à valorização da Libras, ao sucesso, ao orgulho de ser surdo, às experiências visuais do povo surdo. (KARNOPP; POKORSKI, 2015, p. 362)

Literatura está ligada a representação que produz os conhecimentos, fluíção a uma viagem imaginação que provoca as significações e discurso literário. Vamos refletir que quando se encontra as leituras ou contador através dos livros da literatura infantil, para alguém ouvir quanto para crianças na escola ou família quanto adultos, ou adquirido as leituras de contação, neste forma que subjetiva a sua representação. Cito Silveira (2004, p. 175) coloca que:

A literatura infantil, como produto cultural de contornos específicos, se constituiu no mundo ocidental no momento em que o conceito de infância também se consolidou, ou seja, quando a sociedade passou a representar as crianças como seres em perspectiva, a serem formados e educados para uma posterior vida adulta.

Afinal, quando se recebem os conhecimentos na escola e/ou circulam na comunidade, tal como em formas de contação de histórias e leituras dos livros, os sujeitos adquirem e produzem conhecimentos, são subjetivados por sistemas de representação, construindo suas práticas discursivas.

A Literatura sobre os surdos produzem representações em espaços sociais e educacionais, produzem “o espetáculo do outro“ (HALL, 2002), muitas vezes sem estarem relacionados com o que nos acontece, com o que nos passa na diferença, comunidade e minoria linguística. Essa literatura sobre os surdos, na maioria das vezes, incluem apenas os conhecimentos que autores recebem pelos sujeitos de informações. Neste sentido, Rosa Silveira (2004), Mourão e Silveira (2012), Carolina Silveira (2015), entre outros, acreditam que muitos livros de literatura sobre surdos incluem uma visão clínica, posicionando o sujeito surdo como sujeito da falta, da cura.

Rosa Silveira pesquisa literatura infantil e diferenças e publicou um artigo intitulado “Contando histórias sobre surdos(as) e surdez” (2004), onde analisou sete livros da literatura infantil sobre surdos, publicados até 1996, concluindo que tais livros contêm representação dos surdos a partir de uma visão clínica, de “deficiente”. Mourão e Silveira (2012) publicaram um artigo intitulado “A presença da música e a cultura surda na literatura infantil” (2012), onde analisaram três livros (dois livros de 2008 e um livro de 2011). Esses três livros destacam algumas figuras e textos onde a problemática da criança surda é mostrada. Concluíram que dois livros são de um paradigma clínico e um livro em parte apresenta uma valorização da língua de sinais. Todos esses livros enfatizam a música, como forma de representação dos surdos, de um ponto de vista da normalização e padronização, ou seja,

mostram desconhecimento da cultura surda. Segundo eles, (2012, p. 170) “cabe perguntar por que seriam tão importantes as músicas, que não fazem parte da comunidade surda?”

No momento de seu estudo, Rosa Silveira (2004, p. 202) afirmou que:

O discurso que representa os surdos como grupo cultural que compartilha, principalmente, uma experiência visual distinta e uma língua particular que se estrutura de forma diversa, e não como uma comunidade de deficientes, não parece ter encontrado ainda, nesse artefato cultural específico [livros de literatura infantil], muito espaço para vir à luz.

A Literatura Surda contém representações das mãos literárias, na arte de sinalizar os valores da experiência de ser surdo, identificando o *status* da língua de sinais, onde são produzidos os significados de ser surdo – o orgulho surdo.

As mãos literárias fornecem a chave dos valores e significados culturais, é algo que podemos registrar, é algo que existe de forma espontânea, transmitida e articulada na construção sinalizada de forma literária sem perceber em si mesmo, fazendo parte da área literária. Nesse sentido, a visualiterária absorvida pelas mãos literárias tem efeito interpretativo e quando transmitida derrubam as barreiras acadêmicas, promovem uma virada cultural.

A pesquisadora e professora de inglês Cythia Peters (2000), da Gallaudet University, publicou um artigo intitulado “Deaf American Literature: from de Carnival to Canon” (“Literatura Surda Americana: do Carnaval ao Cânone”), no qual descreve a questão da transmissão da língua de sinais:

Na década de 1960, a American Sign Language (ASL) finalmente alcançou o reconhecimento de uma língua legítima, depois de mais de cem anos de rebaixamento para o reino dos gestos. Durante este tempo, o vernáculo passou à clandestinidade, com sua forma mais autóctone preservada e perpetuada principalmente por famílias de surdos com surdez hereditária. Estes membros da família repassaram não só o próprio vernáculo, mas também a tradição retórica cultural, incluindo narrativas tradicionais e outras formas que agora são denominadas “arte ASL”. (Peters, 2000, p. 52)

Tradicionalmente, no uso de língua de sinais, há a sinalidade pela “tradição face a face”, como nos aponta Benjamin Bahan (2006). Como a língua é ágrafa, existem espetáculos ativos em todos os gêneros das mãos literárias através da visualiterária, que são consumidos e geram significados nas artes, como em outras línguas. Segundo Wilcox e Wilcox (2005), a maioria das línguas do mundo não são escritas, isso não significa que nessas línguas não

exista trabalho literário. Muitos dos “clássicos” da literatura – a Bíblia, o teatro grego – originalmente não eram escritos.

Portanto, quando há uma língua, existe vernáculo, onde os sujeitos surdos, principalmente família surda ou de surdos (tem algum membro da família que é surdo), assim como o povo surdo, têm produzido, na forma das mãos literárias, vários gêneros literários. Desse modo, a partir do modelo das mãos literárias, foram produzindo efeitos e se tornam contadores de histórias, humoristas, poetas, enfim, diferentes performances em vários gêneros. São mãos literárias atraindo os olhos dos sujeitos surdos, e dessas experiências surgem invisíveis lágrimas interiores na emoção da forma artística de sinalizar.

Nesse sentido, tanto para brasileiros quanto para estrangeiros, são raízes surdas como se existisse um invisível cordão umbilical entre os sujeitos surdos. Há empoderamento para as crianças surdas, desde as de tenra idade, possibilitando que quando adultos também se tornem mãos literárias, assim como as crianças ouvintes com pais surdos, pois há possibilidade que alguns desses autores ou obras literárias convivam entre as comunidades surdas e ouvintes, tanto a bilíngue quanto a bicultural. Segundo Cynthia Peters (2000), uma série de outras pessoas expostas à Língua de Sinais Americana (ASL) desde tenra idade têm se tornado os contadores de histórias e artistas da cultura: Bernard Bragg, Pat Graybill, Bill Ennis, Mary Beth Miller, Ella Mae Lentz, Ben Bahan e outros, com novos contadores e artistas aparecendo a cada dia. Exatamente como ocorreu com surdos brasileiros, quando foram transmitidas as mãos literárias e se tornaram artistas surdos.

Percorridos tantos séculos, a sinalidade das mãos literárias permanece em alguns sujeitos surdos pelas memórias e algumas foram esquecidas no tempo e no espaço. Existem ainda as versões clássicas e outras versões modificadas pelas mãos literárias, que dessa forma são os passos do empoderamento gerando significados literários nos sujeitos surdos. Ao longo dos séculos, surgem registros escritos e documentos sobre a educação e artistas surdos. Finalmente, é uma dádiva para nós, quando surge a Literatura Surda Contemporânea, terminologia usada por Karnopp (2008), que tem uma tradição diferente, pois utiliza a tecnologia como forma de registro de nossa cultura da sinalidade. Cito Karnopp (2008, p. 2):

A literatura surda tem uma tradição diferente, próxima a culturas que transmitem suas histórias oral e presencialmente. Ela se manifesta nas histórias contadas em sinais, mas o registro de histórias contadas no passado permanece na memória de algumas pessoas ou foram esquecidas. Assim, estamos privilegiando a literatura surda contemporânea, após o surgimento da tecnologia, da gravação de histórias através de fitas VHS, CD, DVD ou de textos impressos que apresentam imagens, fotos e/ou traduções para o português. O registro da literatura surda começou a ser

possível principalmente a partir do reconhecimento da Libras e do desenvolvimento tecnológico, que possibilitaram formas visuais de registro dos sinais.

Complemento com as atualizações da internet e redes sociais, conforme Sutton-Spence e outros (2016, p. 86):

No passado, antes do advento de novas tecnologias de registro filmado e dos meios de comunicação da internet, como Youtube, Facebook, por exemplo, era nos encontros face-a-face das comunidades surdas que aconteciam os momentos de contação de histórias e outras performances artísticas em língua de sinais, que não eram registrados. Obviamente ficaram os registros na memória pessoal dos que tiveram a oportunidade de participar desses acontecimentos.

Portanto, nos olhos dos sujeitos surdos, as visualiterárias ficaram registradas na memória pessoal quando tiveram oportunidade de participar nos encontros de surdos ou eventos, passando por si os significados e iniciando a viagem imaginária de produção das mãos literárias.

Inspiro-me em Stuart Hall (2011), quando aponta o “processo de identificação”, e Jorge Larrosa (2015), que nos fala da “experiência que nos passa, que nos toca e que nos acontece”. Na Literatura Surda há um processo, um circuito de geração de significados da arte de sinalizar, um conjunto de processos de significados estéticos, ficcionais, frasais sinalizados e/ou palavras, formando um processo de identidade, cultura e língua, a partir da experiência. Não tem fim, não está encerrado, é um processo produzindo identificação e constituição, pelas formas compartilhadas e significativas das artes de sinalizar.

3.1 A EXPERIÊNCIA...

Os espectadores estão em todos os lugares, são pessoas que assistem tanto com os olhos quanto com a audição, eles recebem as informações. É algo que tem expectativa, informações e opiniões aos outros de várias formas, produzindo regras de conhecimentos. A informação e a opinião produzem o sujeito moderno, o sentido de saber, de “estar informado” e de opinar. O tempo passa “rápido”, enquanto se buscam informações, na obsessão pela novidade, de maneira “Wi-Fi”, em todas as janelas, planilhas ou parágrafos. Os leitores focam na velocidade das notícias, sem perceber o tempo, que pula muitas horas e quando percebem

já é um outro dia. Tudo isso é o sujeito moderno da informação, é um só, não tem uma conexão significativa com a experiência.

Confesso que o que escrevi no parágrafo anterior, intertextualizado sobre a minha relação com os escritos de Jorge Larrosa, é uma lição de conflito e de conexão significativa. Uma lição que estou lendo em Jorge Larrosa é dos tremores das experiências, sobre a temática que intitula o livro, *Tremores: escritos sobre experiência* (2015). Enquanto estou lendo, é algo conflituoso, experiencio na leitura um sentido de negação, de dúvida, como se eu não concordasse ou como se a interpretação não tivesse significado para mim. Mas qual o sentido que Larrosa usou para conceitualizar o que ele queria dizer por trás (do outro lado) desse muro da experiência? Perfurei o muro da experiência, como leitor em minha segunda língua, buscando a interpretação que levou horas, dias e meses. No fundo, vi um túnel do tempo das mãos, entre obscuridade e luz, percebendo momentos de passividade, cenas que me tocaram, que me passaram, que me aconteceram.

A experiência não está em conexão com o sujeito moderno. A informação e a opinião não fazem parte da construção da experiência, ou seja, não significam ser experiência ou é quase uma antiexperiência (LARROSA, 2015). Experiência e sentido é uma só forma construída de ser.

A experiência não é excesso de informações, excesso de opiniões, falta de tempo e excesso de trabalho. Parece estranho que não sejam conceitos familiares. Larrosa fala sobre excesso de informação (2015, p. 18):

A informação não é experiência. [...] O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação; cada vez sabe mais, cada vez está mais bem informado, porém, com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não está no sentido de “sabedoria”, mas no sentido de “estar informado”), o que consegue é que nada lhe aconteça.

A informação não é experiência. Experiência não significa apenas convivência, pode ser outra maneira de informação, por exemplo, em aulas de Literatura Surda em que são informados conteúdos, metodologias específicas da área, ainda assim são aulas passageiras, rápidas, onde não acontece uma imersão. Quando existe um momento mais completo de convívio com a diferença e com a participação em minorias, as práticas possibilitam o toque: isso faz parte das experiências.

A informação não é experiência simplesmente pelo fato de que jornalistas procuram informar em entrevistas de qualquer área profissional, que comprovam os fatos, que ganham

contornos de excesso de informações, inclusive com “extras e cachês”. Os leitores ou espectadores da mídia adquirem as informações, mas não os tocam, pois não passam pela mesma experiência.

Larrosa (2015, p. 20) aponta: “a experiência é cada vez mais rara por excesso de opinião. O sujeito moderno é um sujeito informado que, além disso, opina”. É comum encontrar as pessoas falando: “minha opinião é...”, mas não lhes aconteceu aquilo. Apenas adquirem as informações, como se tivessem a experiência, e dão opinião. Isso é falta de experiência, conforme Larrosa (2015, p. 20): “[...] a obsessão pela opinião também anula nossas possibilidades de experiências, também faz com que nada nos aconteça”.

Por excesso de falta de tempo, não se tem tempo para construção da experiência. Além de informação e opinião, tudo o que se passa pela alta velocidade no túnel do tempo, buscando os curtos tempos de duração, tanto presenciais quanto à distância, por meio de telas de *slides*, o sujeito acelerado busca uma forma pronta e atualizada, mas o sujeito não tem tempo de construção da experiência.

Cada vez estamos mais tempo na escola (e a universidade e os cursos de formação do professorado são parte da escola), mas cada vez temos menos tempo. Esse sujeito da formação permanente e acelerada, da constante atualização, da reciclagem sem fim, é um sujeito que usa o tempo como um perder tempo, que tem sempre de aproveitar o tempo, que não pode protelar qualquer coisa, que tem de seguir o passo veloz do que se passa, que não pode ficar para trás, por isso mesmo, por essa obsessão por seguir o curso acelerado do tempo, este sujeito já não tem tempo. E na escola o currículo se organiza em pacotes cada vez mais numerosos e cada vez mais curtos. Com isso, também em educação estamos sempre acelerados e nada nos acontece. (LARROSA, 2015, p. 23)

É preciso dar sentido ao que somos e ao que nos acontece, segundo Larrosa. Nós, leitores e estudantes, temos possibilidades de organizar os pacotes de currículos em números, na escola e na academia. De repente, passaram horas, já é amanhã, ou final do ano, mas esse tempo não nos acontece. Podemos perguntar sobre a disciplina de Libras, na universidade ou em cursos como segunda língua, com duração de 30 ou 60 horas-aula por semestre, se os alunos estão aprendendo a língua de sinais; esse aprendizado já é algo, as mãos transmitem aceleradas algumas aprendizagens. De repente, finaliza-se a disciplina. E o que será que lhes acontece? Não passaram pela experiência da comunidade surda, inclusive não acontece conversação em língua de sinais entre professores e alunos surdos e alunos ouvintes naquele espaço educacional.

Concordo que é preciso dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. Narro aqui minha experiência de criança na sala de aula de integração/inclusão: a velocidade do

currículo; o sujeito acelerado, que não percebe que está numa situação de colonizado; os momentos de conformidade, não percebe na rotina que é como se não estivesse no seu lugar. Ao concluir minha formação e a partir de experiência na comunidade surda, pude perceber que aquele tempo era como se fosse de um sujeito acelerado e colonizado.

Por outro lado, durante o curso de Letras/Libras, em 2006, existia o mesmo currículo acelerado, porém a situação estava conectada ao sentido e, portanto, percebi algo na experiência acadêmica que me tocou. Na escola de inclusão/integração, eu era um sujeito incompleto e oprimido em várias situações. Na academia, era sujeito completo, significativo e identificado. Lembrei dos registros da memória desde criança até o Ensino Médio, naquele momento eu era sujeito acelerado e colonizado. Percebi que minha vivência foi incompleta, pois não tinha acesso à minha língua de sinais e cultura surda, pois esse sentido não era familiar àquela comunidade escolar e, de maneira geral, na sociedade onde eu vivia.

Um outro aspecto é que a experiência é cada vez mais rara por excesso de trabalho, em que o sujeito moderno está sempre ocupado, achando que pode conseguir uma experiência completa; mas apressado, sem tempo e espaço de parar e pensar e converter os acontecimentos em experiências.

A experiência, conforme Larrosa (2015), requer parar, pensar, ir devagar, aprender, calar e cultivar:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA 2015, p. 25)

As características da experiência de Jorge Larrosa sobre o excesso de informação, excesso de opinião, falta de tempo e excesso de trabalho, não são e/ou não fazem parte da experiência. Isso não encerra e finaliza o conceito da experiência em Larrosa, ainda existem mais significados para complementar e articular sobre a experiência em outros capítulos e artigos publicados por ele.

É um desafio procurar o significado da experiência, é algo que podemos ver no túnel de cenas das experiências passadas e presentes que nós estamos acostumados. É algo significativo que pode ser a minha interpretação, ou de outra forma e outro sentido intertextual. Como sou objeto e sujeito que se relaciona aos Estudos Culturais, sou eu ou sou

sujeito deslocado, que foi alcançado, tombado e derrubado. Alcançado porque procuro atingir algo, para completar algo; tombado porque ao cair descubro algo significativo; e derrubado porque algo na linguagem não me é familiar.

Ainda há algo que preciso dizer: tive paixão pelo derrubado, mas fui despertado pela linguagem que me é familiar, a língua de sinais, que é o que nos aconteceu; tive paixão pelo tombado, mas deslocado a outro local, a comunidade surda, que é o que nos aconteceu; tive paixão pelo alcançado, fui atingido e completado no processo da identidade surda. Derrubado, tombado e alcançado é um território de passagem de que fui me apropriando como sujeito passional, isso é minha paixão. Intertextualizando as palavras significativas e interpretações da experiência, segundo Jorge Larrosa (2015), destaco que se a experiência é o que nos acontece, se o sujeito da experiência é um território de passagem, então a experiência é uma paixão.

O sujeito passional não é agente, mas paciente, mas há na paixão um assumir os padecimentos, como um viver, ou experimentar, ou suportar, ou aceitar, ou assumir o padecer que não tem nada que ver com a mera passividade, como se o sujeito passional fizesse algo ao assumir sua paixão. (LARROSA, 2015, p. 29)

O sujeito de paixão no território de passagem, no tempo e no espaço, atravessando as cenas das experiências compartilhadas, evidencia que na cultura surda há experiência das mãos literárias e visualiterárias, por meio da socialização nas rodas de conversa, em mãos dos sujeitos surdos. A experiência das mãos literárias foi se construindo espontaneamente, sem se perceber o significado literário, algo como paixão pelo impulso da travessia da ponte de se expressar, processo da arte de sinalizar. A experiência compartilhada pela travessia da ponte de se expressar na arte literária, pelos traços de outro deslocamento no mesmo território, no espaço social. Segundo Anie Gomes (2015, p. 18), a “experiência compartilhada e o pertencimento a esse grupo vão configurando o que os surdos chamam de cultura surda. [...] a experiência de ser surdo vem se modificando ao longo dos anos, como toda a humanidade”.

Portanto, as mãos literárias produzem ideias significativas para se transformar no palco onde os espectadores são subjetivados pela visualiterária. As mãos literárias se multiplicam na arte de sinalizar, no processo gerador significativo ao se identificarem com experiências similares, na construção da identificação de ser sujeito, na paixão de ser surdo. O

ser surdo transforma algo, sua construção de frustração desaparece pelo conforto nos olhos significativos, em outros similares, “os surdos que somos”,⁹ no espaço literário.

Jorge Larrosa (2010)¹⁰ foi questionado na 29ª Bienal de São Paulo (2010) acerca do momento em que a arte acontece, e responde: a arte não está nem no artista, nem na obra, nem no espectador, mas na experiência, ou seja, no que acontece “entre” a obra e o espectador ou “entre” o espectador e a obra. Tudo acontece nesse “entre”. Assim como Larrosa, quando comenta que a arte acontece nesse “entre”, percebo o mesmo sentido na arte literária, na experiência também entre as mãos literárias pela obra e visualiterária pelo espectador.

A experiência entre as mãos literárias e visualiterária produzem efeitos que nos tocam, no espaço social e educacional, entres pares ou coletivos de sujeitos surdos, que geram significados através dos acontecimentos passados, que nos tocam, pois fomos oprimidos pela língua/colonização, onde os muros não permitiam a travessia das barreiras da linguagem e interpretação.

O pesquisador Paddy Ladd, surdo, britânico, no livro intitulado *Em busca da surdidade: colonização dos surdos* (2013), descreve o contexto da história dos surdos tal como uma colonização, analisando também os significados das escolas residenciais para surdos. Para isso, entrevistou os sujeitos surdos de outra geração sobre suas experiências em práticas discursivas dos ouvintes e dos surdos, sobre as políticas linguísticas, identidades e culturas surdas, com foco no modo como foram transmitidas suas experiências pelas raízes surdas – *Deafhood*.

Relacionando as entrevistas da minha pesquisa, encontro algumas semelhanças com os relatos de Paddy Ladd sobre os significados das raízes surdas. Não falarei sobre os detalhes completos desse livro, mas destaco pontos importantes, tais como a constituição das experiências produzidas pelo que nos passa e nos acontece, pela língua e pela experiência de não perceber a si mesmo, sua identificação.

Uma das semelhanças nos relatos é sobre a colonização dos surdos. Quando eram crianças, tanto nas gerações passadas como ainda hoje, no século XXI, alguns pontos se mantêm, por exemplo, a dominação da maioria através de políticas linguísticas e outras formas, frequentemente relatado entre os surdos e também em artigos publicados. Cito Ladd (2013, p. 95), quando pergunta a seus entrevistados sobre a entrada na escola, e a resposta da

⁹ Perlin e Stumpf (2012).

¹⁰ Blogueira da JAJA. Disponível em: <<https://jajagalant.com/2013/08/19/resenha-do-artigo-notas-sobre-a-experiencia-e-o-saber-de-experiencia-de-jorge-larrosa-bondia-traducao-e-joao-wanderley-geraldi/>>. Acesso em: 19 jan. 2016.

senhora Olivia, surda, por volta dos vinte anos, que diz: “quando eu era pequena, pensava ser única a Surda do mundo. Depois fui para escola de Surdos, e descobri que podia gestuar (língua de sinais) com eles e ser entendida, e foi imediato – adorei!”

Semelhante depoimento é encontrado na entrevista de Rodrigo Custódio, nesta tese, quando comenta que aprendeu LIBRAS tardiamente, pois em sua pequena cidade desconhecia sua língua e comunidade surda. A comunicação que existia era básica, composta de “sinais caseiros” combinados em família e, na escola, os professores não sabiam o que fazer com ele. A descoberta das mãos literárias acontece quando se encontra com surdos em uma cidade maior, algo com o qual se identifica e faz o deslocamento para sua identidade surda na forma das mãos literárias, passadas por gerações da Literatura Surda.

Não apenas nas entrevistas citadas aparece o encontro tardio com a língua de sinais, mas também nos testemunhos de experiências registradas em artigos publicados por pesquisadores surdos e ouvintes, tais como em Maria Moura (2000), Karin Strobel (2008), Marta Morgado (2011), Paddy Ladd (2013), Paulo Carvalho (2013). Tanto para brasileiros quanto para estrangeiros, são semelhantes as experiências; crianças surdas subjetivadas no espaço social e de educação, enfrentando barreiras significativas, acreditando que morreriam cedo, pois não se encontravam com um adulto surdo para servir de modelo.

Presenciei eventos como congressos e festivais, espaços onde os pais surdos ou pais ouvintes com filho surdo buscavam conhecimentos, deixavam crianças surdas ou ouvintes (CODA) nesses locais, pois havia mãos compartilhadas, num processo de multiplicação das subjetividades em suas diferentes identidades surdas.

Outro exemplo é o de André Couto (2009), que publicou um artigo intitulado “XV Congresso Mundial de Surdos”, em 2007, em Madrid. Ele decidiu ir ao evento buscando conhecimentos e lá encontrou fatos que jamais havia visto, multidões de sujeitos surdos que vieram de todos os territórios e complementa o que encontrou: “Milhares de mãos comunicavam, em diferentes grupos de dimensão variável, como nunca houvera sonhado”. André Couto (2009, p. 42) diz:

No Centro de Congressos, funcionou sempre um serviço de creche, em que as crianças com diferentes línguas de sinais se fazem compreender muito rapidamente. A convivência de crianças e jovens surdos com adultos surdos é relevante para o estabelecimento de referências. Lembrou-se de que em criança e mesmo jovem, pensava que iria morrer cedo, pois não tinha tido oportunidade de conhecer surdos adultos.

Quando encontra sua língua própria, há o conforto da comunicação, existem as mãos literárias através das quais podemos transmitir risos e emoções, onde acontecem os primeiros contatos ao abrir o baú da visualiterária. Cito novamente o pesquisador Paddy Ladd, em outra de suas entrevistas, em que Raymond relata sua experiência:

Eu vi aquelas mãos todas no ar; fiquei estupefacto e petrificado. Lembro-me que - tinha quatro anos e meio, cinco, e um miúdo apareceu, gestuou para mim e eu encolhi-me... Ainda assim identifiquei-me com ele num instante [estala os dedos]. Sim, aquele momento abriu-me para o mundo, a sério. (LADD, 2013, p. 95)

Esse relato me lembra de Gladis Perlin, primeira doutora surda do Brasil, em seu artigo intitulado “Identidades surdas” (PERLIN, 2013). Para ela, “o encontro surdo-surdo é essencial para a construção da identidade surda, é como um abrir o baú que guarda os adornos que faltam ao personagem”, muito semelhante ao que Raymond descreveu quando se encontrou com outro surdo. Gladis Perlin, em outro artigo, entrevistou uma surda de 25 anos idade que diz: “Aquilo no momento do meu encontro com outros surdos era o igual que eu queria, tinha a comunicação que eu queria, aquilo que identificava eles, identificava a mim também, e fazia ser eu mesma, igual” (PERLIN, 2013, p. 54).

Durante a colonização dos surdos, há vários relatos de surdos que estudavam nos internatos, descrevendo situações na sala de aula, da ordem de escola “oralista”. Os efeitos não tinham significado, a ordem era normalizar e padronizar na escola, da mesma forma que o sujeito de informações e opinião, surdos submetidos aos superiores da escola, do Estado que governa a educação – são os sujeitos modernos. Paddy Ladd (2013, p. 98) relata o caso de uma surda judia de aproximadamente 25 anos, quando sua mãe descreveu os seus primeiros momentos na sala de aula:

Professora disse, ‘nome? De onde?’ tudo oralmente. Veio ter comigo, eu soletei o meu nome com os dedos... oh oh – Bum! A professora levantou-me, tirando-me os pés do chão, e segurou-me a balançar em frente à turma. ‘o que é isto? Isto é um macaco!’ Eu fiquei ali tentando descobrir o que se estava passar. Professora disse: ‘Rua’... o resto da turma ficou sentado a tremer.

Outros relatos descrevem a mesma situação, que nos aconteceu assim como para eles, o que nos passou ao ver outros. Peggy, entrevistado por Ladd (2013, p. 99), relata sobre um colega surdo sem qualquer expressão ou movimento labial:

Lembro-me de um rapaz, ‘Forte Surdo’ [completamente Surdo], sem qualquer configuração labial, e na aula tínhamos de ler para nós próprios a partir de um livro a fazer ‘xapa, xapa’ - todos os dias se tivéssemos mais de 12 anos, e a professora

confirmava se estávamos a ler ao ver-nos a formar aquelas palavras com os lábios. Obviamente, que esse rapaz não tinha nada para produzir. Lembro-me de pensar: ‘Por que obrigá-lo? Por que obrigá-lo a passar por isto?’ e as nossas caras como pedra, só ganhava vida para as nossas histórias gestuadas. Todos os dias. Como todos sabíamos, todos aceitámos que existiriam estes movimentos da boca sem significado e que teríamos de os aguentar.

O século XIX foi um período de obscuridade pela proibição da língua de sinais nas escolas, pois os sujeitos modernos acreditavam na área médica, no processo de padronizar a “língua falada”, sendo o modelo normalizado.

Assisti no *site* da TV INES ao programa intitulado *Gera Mundos*, episódio “Aprender”,¹¹ sobre como o educador pode fazer da sala de aula um espaço de trocas, respeitando a cultura surda. A entrevista da professora Karin Strobel, surda, da Universidade Federal de Santa Catarina, relata nesse programa que, numa determinada época, a língua de sinais era proibida, mas dentro de casa, a mãe dela começava a fazer alguns sinais, uns gestos, falava devagar, numa mistura de oralização com alguns gestos intuitivos. Então, Strobel comentou sobre a contação de histórias pela mãe antes dela dormir:

A maioria dos pais ouvintes com filhos surdos não conta histórias para os seus filhos antes de dormir. A minha mãe me contava história, porque eu tenho mais dois irmãos e ela tinha o hábito, na cama, de contar histórias para eles. E eu falava: “Eu também quero! Não só para eles”. Então, minha mãe sentava pegava o livro e tentava contar da maneira dela, possível: falava, fazia alguns gestos, mostrava. Eu fingia dizendo que estava entendendo tudo. Só sorria e acenava com a minha cabeça. Depois, a minha mãe perguntava: “Você entendeu?”. E eu: “Sim”, mas, na verdade, eu não entendia nada. “Então, agora você conta para mim tudo o que você entendeu” (Figura 2). Ela me obrigava, realmente, a saber o que ela estava falando. “Então, eu vou contar de novo para você e presta atenção no que estou falando”. (GERA MUNDOS – APRENDER, 2016)

Figura 4 – Karin Strobel sinaliza com expressão no momento de pergunta e resposta pela mãe



Fonte: Gera Mundos – Aprender (2016)

¹¹ Disponível em: <<http://tvines.com.br/?p=12244>>. Acesso em: 16 abr. 2016.

A Figura 4 mostra a imagem da cena do programa na TV INES, no momento em que Karin Strobel reage com expressão facial e sinais, quando sua mãe pede para contar qual era seu entendimento da história, mas não havia como responder: “quebrei a cara”, diz (esta última expressão não aparece traduzida na legenda). Não estou questionando aqui a qualidade da tradução na legenda, mas saliento sua expressão facial, marcada pelo não entendimento da história. Ao contrário, Strobel queria uma história e viagens imaginadas, mas parece que há uma espécie de padronização do modelo ouvinte nas contações de histórias para crianças surdas. Afinal, como podemos contar histórias para as crianças surdas?

Por outro lado, há a circulação, o consumo e a paixão pela língua de sinais, existindo de forma espontânea nas mãos literárias que são transmitidas por outros sujeitos surdos. Paixão esta ligada ao prazer, que não deseja interromper, mas ainda busca a fome de socializar as mãos literárias e adquirir as leituras dos livros. Sem a paixão não há prazer de absorver a arte literária. Carla Morais (2012) fala do prazer ao ler a visualiterária:

O prazer de ler as palavras sinalizadas acompanhadas das expressões faciais e corporais e o enlevo da leitura da imagem, provavelmente associa-se ao desejo de não interrompê-las. O prazer de ler provavelmente resulta do desejo de contar ou recontar na língua de sinais. (MORAIS, 2012, p. 91)

O prazer e a paixão em forma de mãos literárias, que transmite no campo dos artefatos culturais a experiência das mãos literárias, produz e atrai os sujeitos surdos e, nesse sentido, há sinalidade pela visualiterária na forma, no espaço e nos registros das memórias, pelas obras dos sujeitos surdos.

Antigamente, no território da proibição das línguas de sinais – escrevo aqui em forma de ficção – existiam os mafiosos das mãos, as transgressões das mãos literárias no meio da colonização da língua falada, que transportavam as mãos nas naus de comércio, cavalgando escondidas em muitos locais e regiões. Não existem guerras entre os mafiosos das mãos, apenas as transmissões ricas das mãos literárias, esperando que a legislação permita o reconhecimento das mãos literárias, para assim eles se tornarem cidadãos das mãos.

Paddy Ladd (2013) afirma que os sujeitos surdos foram criando uma experiência surda positiva, mesmo habitando um território oprimido, mas que pode ser vista como causa de prazer e desenvolvimento cultural. Cito Barry, entrevistado por Ladd (2013), que descreveu um momento na escola:

Reunimo-nos no recreio, de pé, formando um círculo, para que os professores não pudessem ver e gestuávamos entre nós. Para contar histórias, escondíamos-nos, ao virar das esquinas, nas casas de banho, onde calhava. Ou íamos para baixo e um firmava o pé na porta para sentir as vibrações da pessoa, se alguém aparecesse avisava-nos e nós baixávamos as mãos prontamente. (LADD, 2013, p. 100)

O mesmo autor, Ladd, afirmou que existia o famoso território dos “dormitórios” da escola colonizadora, onde podiam se comunicar em língua de sinais. Um surdo criou uma instalação elétrica simples, que controlava a iluminação, para proteção das contações de histórias no dormitório da escola. Conforme Ladd (2013, p. 100), Ralph, 30 anos, descreveu “Eu gostava de brincar com coisas elétricas, configurei um dispositivo. Quando a porta do dormitório estava fechada, as luzes acendiam e quando esta abria, desligavam-se. Funcionou bem durante muito tempo [...]”

Em um outro local escondido na escola, Ladd (2013, p. 102) conta que Barry relatou: “alguns desses rapazes passavam-me essas mesmas histórias. No recreio, escondíamos-nos para contar histórias, em qualquer canto, aprendendo tanto uns com os outros.”

Por um lado, pesquisadores como Lane (1997), Peters (2000), Bauman (2006) Bahan (2006) e Ladd (2013) afirmam que existem sujeitos surdos “mestres” na contação de histórias, são contadores na arte de sinalizar. É uma espécie de mérito acadêmico entre os melhores na contação, por conta de habilidade, incorporação e estética das mãos literárias.

Por outro lado, a criança surda penetra no círculo das mãos jovens, onde é atraída pela contação das histórias. Ladd afirma que Barry é mais instrutivo, uma vez que legitima o estatuto de “mestre” contador de histórias da comunidade. Barry (2013, p. 102) relatou:

[...] quando era pequeno, eu via um grupo de Surdos, com cerca de 13/14 anos, a gestuar, e ele a gestuar lindamente com eles. Histórias sobre a guerra, um piloto a saltar de pára-quedas [dá mais pormenores]. Bem, eu abria caminho por entre as pernas para ficar à frente. Mandavam-me embora – não era adequado a crianças pequenas. Mas não desistia.

Ladd (2013) coloca que essa aprendizagem entre as rodas-das-mãos, não só pela sinalização, mas também pelas trocas de informações e partilhas, é uma experiência cooperativa e coletiva desenvolvida a um nível não encontrado nos alunos ouvintes. Barry descreveu a sua habilidade:

Quando eu estava na escola, nunca me viram como um grande gestuante; víamo-nos como iguais, fazíamos-los à vez... O que sou agora, consegui-o a partir de todos os outros que observava. Fiquei surpreendido quando me reconheceram habilidades – não me consigo ver. (LADD, 2013, p. 102)

A experiência das mãos literárias inclui o mestre contador de vários gêneros literários. Nesse sentido, as mãos literárias, escondidas nas escolas colonizadoras, mostram-se em momentos fora da escola, em que há o empoderamento das mãos literárias, disseminação entre os sujeitos surdos. Quando adultos, as mãos literárias retornavam à escola para transmitir, por meio de negociação, do desvio, o transporte da visualiterária às crianças surdas e assim manter as cargas literárias na herança da Literatura Surda. Segundo Ladd (2013, p. 110), Ursula descreveu uma experiência em que os adultos surdos visitavam a escola de surdo:

“Quando as pessoas Surdas visitavam a escola, corríamos todos para eles e bombardeávamos-os com perguntas... éramos como cachorros, muito entusiasmados”.

Martha completou: “Quando eles embora, eles eram conversa da semana, sobre essa pessoa, todos os dias, até que se desvanecesse. Nunca tivemos contadores de histórias protagonistas – apenas os adultos tinham esse estatuto”.

O pesquisador surdo Benjamim Bahan (2006) publicou um capítulo intitulado “Face-to-Face tradition in the American Deaf Community: Dynamics of the Teller, the Tale and the Audience”. Destaco aqui a experiência de Gilbert Eastman¹² (BAHAN, 2006), na década 1940, quando estudava na Escola Americana para Surdos (ASD),¹³ em Hartford, que lembra vividamente da visualiterária, com admiração pelas crianças mais velhas contadores de várias histórias, especialmente quando ele era um escoteiro. Eastman conta que os escoteiros surdos iam acampar todos os anos e à noite se reuniam em torno da fogueira no “Fogo do Conselho”, para contar histórias e partilhar entre eles. Os escoteiros surdos mais velhos contavam e recontavam histórias de mistério, de fantasmas, cenas de filmes, experiência, piadas, brincadeiras e histórias com jogos do alfabeto manual.

Barry relata que a contribuição de cada um era igualmente apreciada: “Não importava se era pobre ou rico – partilhava o que sabia – todos eram iguais”.

Aqueles miúdos que eram ricos iam para casa para as suas famílias, iam ver filmes. Nós nada em casa – de famílias pobres – por isso quando eles voltavam todos eles tinham histórias para nós. Implorávamos-lhes para irem ao cinema para que conseguissem mais histórias. (LADD, 2013, p. 102)

¹² O surdo americano Gilbert Eastman é professor emérito da University Gallaudet e um dos membros fundadores do Teatro Nacional de Surdos.

¹³ Atualmente, em inglês: American School for the Deaf (ASD)

Partilhar quando são iguais, não importando o gênero das pessoas, mas que podem se encontrar em todos os territórios e fronteiras das mãos literárias, carrega o empoderamento ligado às raízes surdas. Segundo Gilbert Eastman (BAHAN, 2006), o ambiente de partilha de histórias não se limitava aos que estavam dentro de uma escola para surdos. Havia oportunidades de contatos entre as escolas regionais, por exemplo, nas olimpíadas de esportes surdos, antes ou depois dos jogos, quando havia partilha das histórias e disseminação em outros estados, nas escolas de surdos:

Ele lembra de muitas tardes, antes e depois dos jogos, quando alunos de diferentes escolas compartilhavam histórias em uma lanchonete ou danceteria. Assim fica aparente que histórias eram espalhadas dentro de uma região que compreendia muitos estados. Não era incomum que as pessoas aprendessem novas histórias nesses encontros e trouxessem as mesmas de volta para suas escolas locais. (BAHAN, 2006, p. 24, tradução nossa)¹⁴

Fátima Sarmiento (2013) escreveu um artigo intitulado “Os surdos no desporto”, onde diz: “a participação dos surdos no desporto tem registros no século XIX, em várias modalidades desportivas”. Quando encontram seus pares nos coletivos de surdos, há compartilhamento e troca de experiências e, nesse sentido, há mãos literárias também nesses encontros, no momento do intervalo, no momento do jantar com os surdos nas mesas dos hotéis, ou eventos e festas desportivas. Dessa forma, a visualiterária é adquirida, as memórias das mãos literárias se disseminam na volta para seus países. Sarmiento (2013, p. 339) diz: “o desporto é também um meio pelo qual os surdos partilham a língua, a cultura, e estabelecem interações com outros surdos”.

Continuando com Sarmiento (2013, p. 342), a autora diz que em 1899, na França, surgiu o primeiro clube desportivo para surdos, o “Club Cycliste des sourds-muets”, em Paris, e coloca ainda: “As associações desportivas tornaram-se então um local de encontro, onde se estabeleciam contatos entre as gerações, pois os mais velhos transmitiam os conhecimentos da língua gestual e da cultura às gerações mais jovens”.

Existem os registros de visualiterárias na forma tradicional do face a face, do encontro presencial, que construiu a experiência das mãos literárias e, nesse sentido, há efeitos literários na cultura surda “aquilo que é igual a mim”, nas experiências similares, ao entender sua identificação de ser surdo, que foram absorvidas em visualiterárias dos sujeitos surdos na

¹⁴ Original em inglês: “He recalls many evenings, before or after the games, when students from different schools would share stories in a snack bar or dance hall. Thus it is apparent that stories were disseminated across a region of several states. It was not uncommon for people to learn new stories from such gatherings and bring them back to their local school.”

escola e na comunidade surda. Segundo Ladd (2013), parecia ser uma manifestação da cultura dos surdos que começou com a vivência escolar. Albert, filho de pais surdos britânicos, concorda: “Eles partilhavam lágrimas, riso, tudo o que poderiam partilhar. Não dá, não podes ignorar isso. É uma das maiores famílias em todo o mundo [riso]. Quer dizer, é mesmo.” (LADD, 2013, p. 106).

Assim como os surdos brasileiros, Carolina Silveira partilha um momento das mãos literárias em que ela estudava em uma escola de surdos, há 25 anos atrás. Escreve um depoimento da sua experiência:

Foi há aproximadamente vinte e cinco anos, quando estudei em uma escola de surdos. Lá, alguns surdos sempre contavam piadas e histórias. As narrativas, as piadas eram destaque e reuniam um grande número de colegas, que as contavam, durante o intervalo ou mesmo durante as aulas. (SILVEIRA, 2015, p. 15)

Lendo o livro de Ladd, tive momentos de riso quando ele apresenta as experiências das mãos literárias, que são fatos vivenciados, transmitindo a história de um símbolo do oralismo, o aparelho auditivo. Essas histórias circulam na comunidade surda, e são diversas. Segundo Ladd (2013), “aparelhos auditivos eram o símbolos principal do Oralismo, contra os quais se revoltaram”. Dorothy, com cerca de cinquenta anos, escreveu sobre o aparelho auditivo, na sua escola:

Atirávamo-los para um enorme arbusto espinhoso e depois fingíamos que os tínhamos perdido. Claro que após algum tempo, eles aperceberam-se e de vez em quando iam até ao arbusto e tiravam uns quanto de lá. Mas nós éramos mais pequenos, por isso conseguíamos pô-los fora do alcance dos professores. Só Deus sabe quantos aparelhos enferrujados estão ali quando finalmente cortarem o arbusto! (LADD, 2013, p. 107)

Entre os surdos brasileiros circulam também essas histórias, de experiências entre colegas que viram surdos escondendo ou jogando os aparelhos auditivos em lugares na escola de surdos, ou na casa da família. Um exemplo é o depoimento de Bruna Branco, surda brasileira, 29 anos, na época estudando em escola de surdos com a filosofia da Comunicação Total, mas que utilizava a língua de sinais. A seguir, o depoimento:¹⁵

Eu nunca gostei de usar aparelho auditivo e estudava na escola de surdos, que utilizava o método da comunicação total, por este motivo meus pais insistiam para que usasse o aparelho, pois achavam que ia ajudar na minha adaptação. Na época, o

¹⁵ Depoimento pessoal de Bruna Branco. Agradeço pela contação e autorização do depoimento em minha tese, e por compartilhar as mãos literárias (arquivo pessoal).

aparelho era muito caro e meus pais tinham muito cuidado para que não perdesse. Um dia, minha mãe me buscou na escola e eu não estava usando o aparelho, quase teve um infarte, pois eu fingia e disse que não sabia onde estava. Mas logo em seguida veio a professora e contou aos pais que eu tinha voltado do recreio sem o aparelho, então depois de muita procura encontraram o aparelho enterrado na areia do escorregador da praça infantil. Quando ela me perguntou por que tinha feito isso respondi que odiava usar. A partir deste dia, meus pais nunca mais me obrigaram a usar em casa, somente na escola porque era obrigatório.

Ainda em seu depoimento, Bruna Branco afirma que na escola de surdos acompanhou uma colega surda no banheiro feminino e viu que a colega pegou seu aparelho auditivo e jogou-o no vaso, puxou a descarga e sinalizou: “Tchau, adeus!” A última narrativa, das colegas na escola, é que todos conheciam sobre o uso dos aparelhos auditivos, que incomodavam e que deixavam com dor de cabeça pelos barulhos causados. As colegas orientavam os demais colegas a desligarem os aparelhos auditivos, fingindo que ouviam os professores e suas famílias. Sem o incômodo dos barulhos, seguiam com suas cabeças em paz enquanto utilizavam a língua de sinais para a conversação.

Nesse sentido, a contação de narrativa pessoal provoca risos onde circula, é algo emotivo que demonstra transgressões e coragem de fazer determinadas ações, como se fossem heróis surdos. Assim li no livro de Paddy Ladd (2013) sobre “resistência e liderança”, em que alguns surdos descrevem o que aconteceu em sua experiência, mostrando resistência contra os professores que os castigavam por utilizar a língua de sinais ou não realizar a leitura labial, entre outros símbolos do oralismo.

Ladd (2013) fala sobre rebeldes surdos e suas resistências ao Oralismo. Os aparelhos auditivos eram o símbolo principal do Oralismo, por isso também eram alvos de destruição, estragos, disputas ou perdas. Na citação a seguir, Raymond descreve que ele estava no último dia na escola residencial de surdos e alguns professores e alunos surdos caminharam até a estação de trem para se despedirem:

“Certo. Vou-me embora. Tenho tudo, mas tenho de deixar para trás o meu inimigo”, tirei o aparelho auditivo, atei-o com o próprio fio, deixei-o cair na linha do comboio e pisei-o com força contra o carril... [...] E depois o comboio passou-lhe por cima e aquilo partiu-se em fragmentos minúsculos. “Viva, morreu!” [...] os alunos entram no comboio e a maioria do restante grupo (8 ou 9) ata os seus aparelhos auditivos e atira-os pela janela enquanto o comboio arranca, as pessoas baixam-se rapidamente enquanto os aparelhos voavam à sua volta: e nunca mais voltámos a usar aparelhos auditivos! Havia uma voz a gritar na minha mente – liberdaaaadeee! Ufa! Anos de barulho a martelar-me no cérebro...! (LADD, 2013, p. 107)

Existem histórias contadas que estabelecem uma intertextualidade com outras histórias, por motivo estético e ficcional. Assim, são modificadas a partir da versão original,

em geral para atrair risos e simular experiências, bem como manter o patrimônio das histórias dos surdos. Peters (2000) fala da tradição vernacular na ASL:

Um contador de histórias muitas vezes recorre a um estoque de histórias bem conhecidas, modificando a versão padrão em maior ou menor grau. Além disso, como o contador de histórias conta e reconta qualquer determinada história a diferentes grupos, a mesma sempre muda porque o contexto de cada narração muda. (PETERS, 2000, p. 53)

A experiência não está encerrada nas mãos literárias, existem inúmeras narrativas, várias temáticas, que podem ter outras versões, adaptadas para lendas, mitos, poesia, humor e entre outros gêneros literários; na sinalidade, em um processo de contar e recontar, conhecido em mãos populares. Experiência das “mãos literárias” são ricas histórias culturais, tipicamente visualiterárias em forma de expressões de culturas, de intertextualidade, de recursos de sinalidade que sofreram todos os tipos de modificação, como exemplo de cinemática visual em cortes, adaptação, para criar e recriar estéticas de outras versões e outros. Segundo Azevedo (2007, p. 2),

Esses contos, é bom lembrar, são típicas expressões de culturas orais (sem escrita), ou seja, culturas que não contam com recursos para fixar informações. De narrador em narrador, guardados, através dos séculos, na plasticidade da memória e da voz, viajaram para todos os lados sendo disseminados pela transmissão boca a boca.

Existe visualiterária pela sinalidade, desde os primeiros sujeitos surdos, transmitida em todas as gerações. Possivelmente, talvez os primeiros registros foram gravados (filmados) na língua de sinais americana. Segundo Benjamim Bahan (2006, p. 23, tradução nossa),

[...] temos a sorte de ter um dos primeiros registros de uma performance em língua de sinais capturados em um projeto de filme pela Associação Nacional de Surdos (Association of the Deaf - NAD) que foi produzido entre 1910 e 1920. A série de filmes contém várias palestras, performances, poemas, histórias, músicas e narrativas de experiência pessoal.

Miles (2009, p. 6, tradução nossa) pesquisa a história surda otomana, na Turquia, afirmando que não é impossível “que algum filme na língua de sinais a partir dos anos finais dos otomanos, ou seja, as décadas de 1910 e 1920, possa ainda existir em um armário ou armazém em algum lugar em Istambul [...]”.¹⁶

¹⁶ Original em inglês: “(...) though it not impossible that some film of sign language might still exist, in a cupboard or storeroom somewhere in Istanbul, from the final years of the Ottomans, ie the 1910s and 1920s [...]”.

O modelo/identificação surdo, tais como os surdos americanos e os surdos turcos que guardam os registros, é algo valioso da visualiterária. As obras das experiências das mãos literárias continuam por séculos, podem ser transportadas em todos os territórios. Assim, como os surdos brasileiros guardam os registros da visualiterária pela memória pessoal e filmagens, é um patrimônio das mãos, são estéticas em mãos literárias.

Portanto, é como os escritos da língua falada, em diferentes culturas escritas, que podemos ler nos contos, narrativas ou outros gêneros literários, existindo mil adaptações e traduções em todos os territórios. Imagina a tradução de língua de sinais para línguas escritas, em que todos os leitores pudessem sentir a aventura das viagens das mãos literárias? Azevedo (2007, p. 5) explica sobre a cultura escrita:

Explico-me melhor: há textos marcados principalmente pela cultura escrita. Isso significa, em resumo, que são fixados e conservados por texto, o que garante sua perenidade e a possibilidade de serem lidos e interpretados em qualquer lugar, época ou contexto histórico. Um escritor sabe que, mesmo depois de morto, sua obra poderá ser lida. Sabe que seu livro poderá ser distribuído pelo mundo afora e que ele jamais verá o rosto nem saberá a opinião da maioria de seus leitores.

Tanto no vídeo quando na escrita, são importantes os registros em todos os gêneros literários, assim como na visualiterária, que subjetiva as memórias pessoais, em uma narrativa que transmite para outros, tanto crianças surdas quanto adultos surdos:

Sabemos que os contos populares, em princípio, nascem em culturas orais, ou seja, são histórias criadas, recriadas e preservadas ao longo do tempo – sempre com modificações – através da narração e da memória, recursos típicos das culturas que não dispõem de instrumentos de fixação como a escrita. (AZEVEDO, 2007, p. 4)

Como Azevedo escreveu, “nascem em culturas orais”, é a língua oral em interconexão ao som e à fala, transmitido em todas as gerações. Para os sujeitos surdos que nascem em culturas visuais, em uma língua visual, há interconexões do visual e sinalizado, em forma de experiências visualiterárias, com recursos tipicamente da cultura surda; mas dispõem de instrumento de fixação, como as filmagens. Lembrando ainda que as mãos populares, pela visualiterária, com inúmeros elementos de estéticas literárias, não dispõem de tradução para escrita como “fixação”, tanto na língua escrita quanto na escrita de sinais (SW),¹⁷ que não está completa por motivo de perda de algumas partes esteticamente literárias.

¹⁷ *Signwriting* (“Escrita de Sinais”). Disponível em: <<http://www.escritadesinais.com.br/index.html>>. Acesso em: 19 jun. 2016.

Para finalizar este capítulo, concluo com a experiência que nos aconteceu, contando e recontando das mãos literárias o que passou, adquirindo a visualiterária que nos tocou, bem como os efeitos significativos literários de um conjunto, do circuito da cultura. Experiência é o lugar da herança cultural da Literatura Surda.

3.2 CIRCULAÇÃO E EXPERIÊNCIAS DAS MÃOS LITERÁRIAS

Nossas mãos, olhos e memórias, no Brasil, circulam em forma de literaturas em páginas e mídias (livros, vídeos, CD, DVD, tela nos *sites*), atravessando gerações, evidenciando discursos que foram construídos por meio da comunidade surda.

Mas a cultura surda não se reduz só à língua de sinais. Existem manifestações culturais próprias dos surdos, desenvolvidas por relação social, dos sujeitos face a face, coletivos, por meio de práticas discursivas. Esse é o caso das mãos literárias, que subjetivaram as experiências da arte de sinalizar produzidas na comunidade surda.

E quando surgiram as mãos literárias no Brasil? Antes não existiam muitos registros, apenas a “sinalidade”, que era transmitida presencial e visualmente de um para o outro. Por meio da língua de sinais foram produzidos os significados nas práticas discursivas. A forma de transmitir os significados nessa prática discursiva é a visualidade, que assim repassa de uns aos outros por meio de interfaces, mãos e olhos, tudo que é produzido espontaneamente. Dessa forma, surgem diferentes produções nessa sinalidade, que são de vários gêneros literários.

Podemos lembrar que em 1880 aconteceu o que consideramos o terremoto no território surdo, que foi o Congresso Internacional de Milão, na Itália. Antes disso, nas escolas de surdos da Europa havia professores surdos que atuavam no ensino de alunos surdos, com uma metodologia baseada na língua de sinais, de forma visual, construindo sua língua e cultura. No Congresso de Milão, houve a proibição da utilização da língua de sinais nas escolas de surdos, e o método adotado foi o oralismo. Cito Guarinello (2007, p. 28):

Depois do Congresso de Milão, até fins de 1970, o oralismo tomou conta de toda a Europa. Cabe ressaltar que as práticas vigentes nesse modelo descaracterizaram o surdo, subordinando sua educação à conquista da expressão oral, e excluindo os adultos surdos, que antes participavam do processo educativo dos surdos – das escolas para surdos.

A Literatura Surda emerge por meio das práticas discursivas, de forma espontânea e na interação visual entre os surdos, a partir da sua língua, a língua de sinais, e nesse processo se constitui a linguagem literária. As mãos literárias – a língua está dentro do círculo das artes e da cultura, que produz literatura – ficaram escondidas durante os anos de opressão da língua de sinais, nas escolas, embaixo das mesas durante as aulas, escondida nos banheiros, nos corredores da escola, procurando evitar os castigos dos professores, mas nem assim as mãos literárias se extinguíram.

Em terras brasileiras, o mesmo aconteceu. Em 1855, o professor E. Huet, que estudava no Instituto de Jovens Surdos-Mudos de Paris, na França, veio ao Brasil pelo convite do Imperador D. Pedro II. Em 1857, foi inaugurado o Instituto Imperial de Surdos-Mudos, atual Instituto Nacional de Educação de Surdo (INES), no Rio de Janeiro, onde Huet ensinava a língua de sinais para alunos surdos. O método oral chegou ser implantando do INES, que acatou a decisão tomada pelo Congresso de Milão, mas os alunos surdos continuavam com suas “mãos escondidas”, conforme afirma a pesquisadora Heloise Diniz, surda, no livro intitulado *A história da língua de sinais dos surdos brasileiros*:

Em razão disso, a Libras passou a ser desvalorizada e desprezada pela sociedade e pela educação. Contudo, isso não significou a “morte” da Libras. No INES, os alunos surdos passaram a se comunicar de forma escondida nos refeitórios e dormitórios. Em anos posteriores, esta Língua de Sinais, mesmo praticada às escondidas, já estaria formada como um sistema linguístico. Então, foi difundida pelo Brasil, já que os alunos do INES eram oriundos de outros estados brasileiros, além do Rio de Janeiro, e, quando voltavam para suas casas, levavam a Língua de Sinais adquirida (ROCHA, 2007 apud Diniz, 2011, p. 27)

No livro intitulado *O papel do outro na escrita de sujeito surdos* (VIERA, 2000 apud GUARINELLO, 2007, p. 34), lemos: “Em 1957, a então diretora do instituto, Ana Rimola de Faria Doria, proibiu oficialmente a língua de sinais em sala de aula. Apesar de todas as proibições, a língua de sinais sempre foi utilizada pelos alunos às escondidas.” Clélia Ramos confirmou esse fato com uma professora do Instituto Nacional de Educação de Surdo, da mesma época das proibições do uso da língua de sinais:

Em depoimento informal, uma professora que atuou naquela época de proibições (que durou, aliás, até a década de 1980) contou-nos que os sinais nunca desapareceram da escola, sendo feitos por debaixo da própria roupa das crianças ou embaixo das carteiras escolares ou ainda em espaços em que não havia fiscalização. É evidente, porém, que um tipo de proibição desses gera prejuízos irrecuperáveis para uma língua e para uma cultura. (RAMOS, 2006, p. 7)

Assim, seguiu o modelo de proibições para outras escolas em vários estados do Brasil. No estado de Paraná, Rosani Suzin conta sua experiência escolar, no livro organizado por Andreis-Witkoski e Santos (2013, p. 20):

Do tempo na escola, lembrava-se desde o início, da angústia com a oralização e a proibição do uso de sinais. Enfocou que lá não havia brincadeiras, nada para crianças; era só oralização. O método era sempre igual, as crianças eram obrigadas a oralizar e os sinais eram proibidos. Quando usavam gestos, dizia-se que era coisa de macaco, que era feio; por isso, ali todos os surdos sinalizavam às escondidas e quando algum adulto se aproximava, disfarçavam.

Wrigley (1996) explica que algumas escolas tentavam evitar a “contaminação” do ambiente de aprendizado pela língua de sinais, buscando evitar o contato entre crianças surdas que já conheciam a língua de sinais, embora os internatos continuassem sendo a forma de escolarização preferida pelos ativistas surdos.

Podemos perceber que quando a língua de sinais é oprimida pela língua majoritária, pela língua “falada”, ela (a língua de sinais) se torna fora da lei, obrigada a se uniformizar, ser uma língua prisioneira, e assim se transforma em fugitiva exatamente em todos os territórios. Para Wrigley (1996) uma língua fora da lei se torna “prisioneira da linguagem”¹⁸ e, embora muitas vezes presa, a língua de sinais é atualmente uma fugitiva em qualquer lugar.

O fugitivo da língua de sinais continua de forma escondida produzindo significados, constituindo práticas discursivas no sistema linguístico, que permite o desenvolvimento das identidades surdas, e construindo os artefatos culturais surdos. As mãos literárias são transmitidas para todas as gerações das mãos, nos encontros dos pares surdos, produzindo suas ideias espontaneamente, deslocando novos significados literários, e assim sendo transmitidos de um sujeito surdo a outro.

As mãos dos alunos surdos, que circulam nas produções e manifestações culturais surdas, são instrumentos de empoderamento e de transmissão a outros sujeitos surdos, não só da sua língua, mas de cultura e socialização dos surdos, compartilhando as suas significações e fazendo-as circular, construindo as diferentes linguagens literárias nos vários gêneros, e são a chave da Literatura Surda. “Contar histórias em qualquer comunidade é uma importante

¹⁸ “Prisioneiro da linguagem” em uma expressão enraizada na sociedade dominante daqueles que ouvem, sendo aplicada a limitações fisiológicas para produzir som, particularmente sons de fala. Ela aparece na terapia médica, audiológica e como “retardamento” ou, numa linha de pensamento mais dinâmica, “instalação atrasada” da linguagem verbal. De outro ponto de vista, a “linguagem prisioneira” é a língua dos sinais. Ou melhor, tal linguagem quebraria as regras da ordem dominante, e se reconhecida, seria assim uma fora da lei (WRIGLEY, 1996).

maneira de transmitir patrimônio linguístico e cultural para a próxima geração.” (SUTTON-SPENCE, 2010 p. 265, tradução nossa).¹⁹

Marta Morgado, surda, pesquisadora e autora do livro *Literatura das línguas gestuais* (2011), relata que os surdos viam os filmes no cinema e posteriormente transmitiam aos colegas do internato na escola, e o extraordinário é que em outros países acontece o mesmo!

O Antigo presidente da Associação Portuguesa de Surdos, João Alberto Ferreira, conta que, no seu tempo de escola, havia hábito de descrever filmes de cowboys e de ação, pois era um dos poucos que tinha possibilidade de ir ao cinema. [...] professor surdo de Língua Gestual Francesa (Langue de Signes Française) a contar que, quando era pequeno, gastava o dinheiro que a mãe lhe dava para ir ao cinema. Depois, na escola, descrevia para os colegas os filmes, do princípio ao fim. (MORGADO, 2011, p. 26)

As mãos que produzem linguagens literárias são os mestres dos sinais, e assim é como são adquiridos aprendizados, nas interações entre os sujeitos surdos. Wrigley (1996), em sua pesquisa na Tailândia, explica que os mestres dos sinais são contadores de histórias e comediantes, que são produzidos dentro de cada geração de crianças. Pequenos grupos de alunos tailandeses formam grupinhos de amizades, que por sua vez são atraídos para os modelos de imagem e função. Os alunos tailandeses que viram os filmes recontam e recriam estas histórias, embelezadas por um dos mestres dos sinais.

Lane (1992) pesquisador da comunidade surda coloca que nos Estados Unidos inicia cedo a contação de histórias para as crianças surdas, nas escolas, onde os mais jovens utilizam Língua de Sinais Americana (ASL) para contar as histórias dos desenhos animados, filmes de *cowboys* e de guerras. Existem também outros temas e modos de contar histórias, por exemplo, das ações e caráter de grandes personagens surdos.

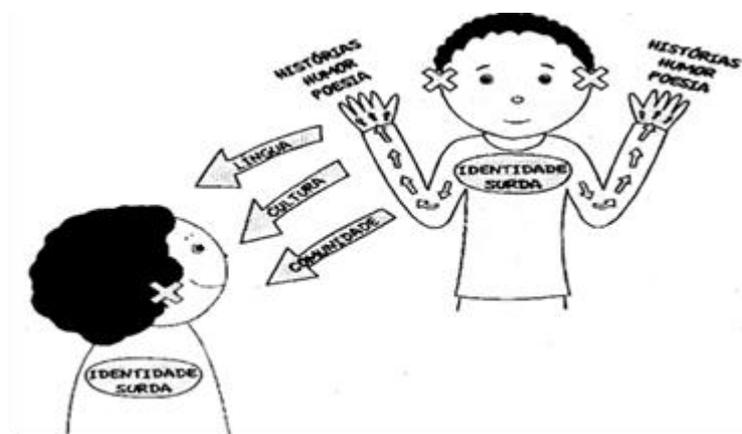
As mãos dos sujeitos surdos têm fome de socialização, metaforicamente “são fome de aprender”, conforme Wrigley descreve (1996). Os contadores das histórias ou mestres dos sinais fazem circular as narrativas das crianças surdas, que são formas de aprender e que subjetivam seus imaginários, transformando em suas próprias mãos literárias, tem acesso ao mundo imaginário. São crianças surdas que se juntam aos contadores de histórias, ficam ansiosas em participar de suas narrativas, é um sinal que traduz “desejo, fome, necessidade” (WRIGLEY, 1996, p. 156).

¹⁹ Original em inglês: “Storytelling in any community is an important way to pass on linguistic and cultural heritage to the next generation”.

Os sujeitos da comunidade surda abraçam as mãos que permitem o acesso ao processo de desenvolvimento da subjetividade na forma literária, socializando essa construção, suas formas culturais e identitárias.

Morgado (2011), tendo como referência estudos desenvolvidos por Bahan et al. (1996), propõe uma ilustração e assume que o contador de histórias na Literatura Surda deve: “1. Possuir uma visão do mundo totalmente visual, diferente da dos ouvintes; 2. Ter identidade surda, por ter a experiência de ser surdo; 3. Ser falante nativo de língua gestual, tendo-a adquirido como primeira língua.” (p. 153). A ilustração proposta pela autora sintetiza as características mais importantes que o contador deve apresentar:

Figura 5 – Experiências do contador de histórias surdas - Ilustração de Marta Morgado



Fonte: MORGADO (2011, p. 153).

Há a sinalidade, transmitida a partir da visualidade, que subjetiva a construção das identidades surdas conectadas a seus pares, na coletividade dos sujeitos surdos. A Figura 4 mostra as mãos sinalizantes no espaço, que contam histórias, poesias, humor, anedotas, narrativas, fábulas e vários gêneros, conectadas aos seus interlocutores, que então produzem representações que constituem as identidades culturais surdas, que em gerações são transmitidas através da rica arte de sinalizar.

Além dessas experiências citadas por Morgado, destaco a leitura. Não só a leitura no espaço da língua de sinais, em que são proporcionadas leituras literárias; há também leituras dos livros escritos em segunda língua (no caso, a língua portuguesa, no Brasil), em que são proporcionadas leituras e aproximações culturais, desenvolvendo conhecimento de mundo e da língua escrita. Paul Scott (conforme entrevista, no capítulo 6) comentou a sua experiência de ler uma poesia sobre uma ave e que ficou imaginado todas as cenas. Logo, pensou que

poderia escrever sobre essa cena, mas era complicado devido ao inglês, sua segunda língua escrita. Então, optou pela sua expressão poética em língua de sinais britânica.

Os contextos em que as práticas discursivas acontecem, favorecendo o encontro entre os surdos e a literatura surda, são geralmente na comunidade surda, principalmente na escola de surdos, em encontros de surdos, eventos, festivais, esportes de surdos e outros. Atualmente a circulação das linguagens literárias está diferente, devido às novas tecnologias, aos *sites* e redes sociais como Youtube e Facebook, *blogs*, documentos digitais e impressos. Cito Morgado (2011, p. 157):

Os surdos idosos continuam, nos dias de hoje, a transmitir a sua herança cultural aos mais novos, contando-lhes histórias, sobretudo nas associações, onde se sentem em `casa`. Ali, faziam-se concursos de teatro, de contadores de histórias e de humor. No entanto, com o aparecimento da internet e do telemóvel, os valiosos encontros entre grandes grupos heterogêneos de surdos tornaram-se cada vez mais reduzidos.

A Literatura Surda tem uma tradição face-a-face (BAHAN, 2006), no entanto, a internet e o desenvolvimento tecnológico têm favorecido outras formas de encontro, outras formas de registro, trazendo implicações para o modo de produção, circulação e consumo da Literatura Surda.

As práticas discursivas das mãos literárias, em todos os territórios, onde são absorvidas as significações de identidades culturais, têm acontecido com frequência, o que promove a Literatura Surda. Isso envolve o entrelaçamento das mãos entre os sujeitos surdos, tanto das crianças surdas quanto dos adultos surdos, as mãos dos contadores das histórias, que transmitem as heranças das comunidades surdas.

A Literatura Surda é uma chave dos sujeitos visuais, como Lebedeff (2011) afirma: “os surdos têm sido narrados como sujeitos visuais há muito tempo”. Os olhos são constituidores das experiências no espaço das mãos literárias, onde há uma língua de sinais, identidades, culturas e a arte de sinalizar.

No próximo capítulo, apresento os espetáculos de um povo surdo, da sua trajetória das mãos literárias de todas as gerações, e a constituição das suas experiências visualiterárias.

4 TÚNEL DE MÃOS²⁰ EM PRETO E BRANCO...

Os surdos são um povo sem terra.
Bernard Mottez.

É longa a trajetória literária do povo surdo! Podemos encontrar inúmeras narrativas/poemas em língua de sinais, pela sinalidade e/ou escritas feitas pelos surdos, de passar e repassar um a um entre os sujeitos surdos e desses para outros. A cada geração surgiram novas narrativas de suas experiências, que mostram suas práticas discursivas, marcas de diversas experiências literárias, e assim fazem surgir efeitos dos sujeitos surdos, pelo seu pertencimento à comunidade surda.

Podemos imaginar, pergunto, ou conhecer a trajetória literária do povo surdo? Existem algumas páginas que dizem algo sobre povo surdo? Ou que mostram narrativas e poemas surdos? As mãos produzem vários gêneros literários? Tais questionamentos compõem uma abordagem sobre a trajetória do povo surdo desta seção.

Existe uma longa trajetória literária por meio da comunidade surda em seus territórios, negociados nas suas lutas pelo ser surdo. O que aprendi foi pelos livros, artigos, DVDs surdos, aulas na área de Educação de Surdo, na linha de pesquisa dos Estudos Culturais na UFRGS, com colegas surdos e ouvintes, além de comentários por meio das comunidades surdas brasileiras e estrangeiras. Aprendi pelas leituras e mãos que fazem cicatrizes no meu cérebro e onde as informações, guardadas no meu coração, são batidas com suavidade de alegrias e tristezas por meio de conhecimentos que adquiro e de aprendizagens.

Todos os territórios do povo surdo deixam marcas na história, pelas suas lutas em vários gêneros literários. Em territórios bilíngues convivem em meio à massa cultural da comunidade estrangeira, ou seja, a comunidade ouvinte, onde os sujeitos surdos penetram. E com sua língua, na terra pátria, buscam narrativas bilíngues e produções literárias para manifestação cultural de surdos, para o consumo e a circulação dessas produções.

Na minha dissertação de mestrado, escrevi que, na Europa, os primeiros poetas surdos conhecidos foram Pierre de Ronsard (1524- 1585) e Dorothy Miles (1931-1993). Existem inúmeras obras surdas produzidas por escritores, poetas, atores, professores, cientistas, pintores e outros.

²⁰ Túnel de mão, minha nostalgia, é um termo metafórico que se refere ao reconhecimento histórico da luta da comunidade surda e do firmamento em prol de manter a arte e a literatura pelas experiências visuais.

Os surdos trabalham no meio artístico como atores, escritores de livros, artigos, peças de teatro, diretores de filmes curtos ou de teatro, entre outros. Por isso, eles convivem entre fronteiras e territórios da comunidade ouvinte e têm sua própria experiência vivida. (MOURÃO, 2011, p. 54).

Após o término dos estudos no mestrado, não parei mais, tenho encantamento por histórias, literaturas e mãos literárias. Minhas leituras e pesquisas sobre a educação de surdo remetem à Europa, a partir de século XV.

Por várias razões educacionais e sociais, segundo Paulo Carvalho (2007), em 1520, o primeiro professor de surdo, Pedro Ponce de León, fundador de uma escola para surdos em San Salvador Monasterio, em Madrid-Espanha, teve a tarefa de educar surdos, filhos de nobres, pois se os surdos não falassem pela “voz”, não teriam o direito de herdar a fortuna da família, segundo uma lei da Espanha.

Obviamente que há muitas histórias sobre os surdos e o uso da língua de sinais. Segundo Miles (2009), os surdos turcos otomanos trabalhavam na corte dos sultões otomanos, desenvolveram a língua de sinais, por mais de 500 anos. Era valorizado o uso dos sinais, também transmitia ensinamentos e empoderamento para as crianças surdas, já que eles trabalhavam na alta corte do governo durante Império Otomano. Segundo Paddy Ladd (2013),

Cerca de duzentos surdos estavam simultaneamente empregados não apenas como criados, mas como representantes de artes marciais, como mensageiros, cujos conteúdos eram entregues em gestos e até como carrascos da corte. Além disso, inúmeros relatos atestam que muitos destes eram os companheiros mais leais do sultão, acompanhando-o em situações em que os membros ouvintes da corte eram convidados a sair. (LADD, 2013, p. 53).

Certamente que são inúmeras histórias dentro desses 500 anos, e não escreverei sobre os surdos que trabalhavam nas cortes do Império do Otomano. Mas cabe ressaltar que nessas regiões de turcos eram cerca de 40 surdos que desempenhavam atividades como comandante militar, professor, artista, poeta, servo, entre outros (MILES, 2009).

Então, além de nomes e/ou famosos registros históricos, podemos dizer que há muito tempo já havia a possibilidade de sinalidade através das mãos literárias, que se preocupam com os surdos mais jovens para transmitir os valores linguísticos e culturais. Miles (2000) encontrou um arquivo de Bobovius (1679) e afirma:

[...] eles são especialistas em língua de sinais e sabem o significado de tudo em sinais. Eles visitam e conversam com os jovens e os ajudam a aperfeiçoar a sua língua de sinais, através da contação de fábulas e histórias, provérbios e escrituras em sinais. (MILES, 2000, p. 7, tradução nossa)²¹

Em outro território do povo surdo, Paris, em 1755, foi criada a primeira escola para ensino de surdos do mundo (originalmente Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris), pelo Abade Charles Michel de L'Épée, que o conseguiu através de políticas religiosas. Por essa razão muitos acreditam que Abade L'Épée foi o inventor da língua de sinais, mas na verdade a língua é produzida entre os usuários, o abade L'Épée apenas a registrou e a difundiu na educação.

Em 1742, Pierre Desloges nasceu na vila de Grand-Pressigny na França, ele era ouvinte. Aos 7 anos, contraiu varíola e ficou surdo. Os pais não acreditavam que ele seria capaz de fazer algo, ter uma profissão, isso por ser surdo e disso decorreram inúmeras experiências de discriminação e crueldade. Aos 19 anos de idade, por decisão própria, mudou-se para Paris, onde procurou um bom trabalho como encadernador e estofador. Em 1729 (aos 27 anos), encontrou um surdo italiano com quem aprendeu a língua de sinais e conheceu a sua comunidade surda. Vendo que o surdo italiano trabalhou como empregado em algumas casas ricas, mesmo sendo analfabeto, e surdo desde o nascimento, percebeu que ele próprio poderia funcionar bem em língua de sinais sem precisar de escritas e língua falada. Mais tarde, participou de políticas de educação que defendiam a comunidade surda, conforme coloca Carvalho (2007, p. 35): “E prova ainda no seu livro que a Língua Gestual Francesa já existia antes do aparecimento das escolas para surdos e que foi uma criação das pessoas surdas”.

Em 1779, Pierre Desloges teve o primeiro livro publicado, sendo o primeiro publicado por uma pessoa surda, em Paris, onde defende sua língua de sinais e a Educação de Surdos. Defendeu a sua língua de sinais como língua natural francesa, escreveu um livro, *Observações de um surdo-mudo*, em que valorizava o uso de língua de sinais e a comunidade surda. Além disso, escreveu vários livros políticos na época da Revolução Francesa (WILCOX, 2005).

Por outro lado, existiam artistas surdos em Paris, no momento da Revolução Francesa, com relações significativas no espaço social. Destaco a citação de Paddy Ladd (2013, p. 60): “os salões de Paris testemunharam exemplos numerosos do talento artístico Surdo e da sua

²¹ Original em inglês: “They are expert in sign language and know the significance of everything by sign. They visit and converse with the young and help them to perfect their sign language by telling fables and histories, sayings and scriptures in sign.” (Miles, 2000, p. 7).

tutoria de artistas ouvintes. Mirzoeff identificou durante o século seguinte mais de cem artistas Surdos que ganhavam a vida com a arte ou expunham para o público”.

Jean Massieu (1772-1846), surdo, nasceu em Semens, no sul da França. De família pobre, os pais dele tiveram cinco filhos surdos. Massieu teve sua primeira experiência de trabalho com a família: “Massieu passou os seus primeiros anos a guardar ovelhas, contando-as pelos dedos e quando o número ultrapassava a dezena, marcava um bastão de madeira e recomeçava a contar.” (CARVALHO, 2013, p. 100).

Massieu tinha vontade de ir para a escola, desejava aprender a ler e escrever, pois via que crianças vizinhas estavam indo para escola, estavam lendo livros, escrevendo e fazendo muitas outras coisas com a escrita. Mas o pai o proibia de ir à escola, por ele ser surdo. Podemos ver que Massieu, durante 13 anos de vida, não frequentou a escola. Monsenhor de Cicé encontrou Massieu e levou-o ao Instituto de Surdo-Mudo de Boudeaux, onde o diretor era o Abade Sicard. Após a morte de L'Épée, Sicard assumiu a direção do Instituto Nacional de Surdos Mudos de Paris, acompanhado de seu aluno favorito, Jean Massieu. Ele se tornou o primeiro professor surdo do mundo e ganhou a notoriedade entre os governos, reis e rainhas, dentro e fora da Europa. Massieu quebrou paradigmas, contribuindo com uma representação de que os surdos são capazes de receber instrução escolar. Esse fato favoreceu a educação de surdos, e a notoriedade de Massieu se espalhou por toda a Europa e outros continentes, na construção de outras escolas de surdos.

Louis Laurent Marie Clerc, surdo, conhecido como Laurent Clerc, nasceu em 1785, em La Balme-les-Grottes, no sudeste da França. Ao doze anos, em 1797, começou a estudar no Instituto Nacional de Jovens Surdos-Mudos de Paris. Nesta Instituição, Clerc foi recebido por Jean Massieu. Foi esse o momento que não parou mais, pois conheceu outros surdos, aprendeu a ler e escrever, entre outros aprendizados (CARVALHO, 2007).

De muitas histórias, registros escritos, documentos, temos evidências de um contexto histórico de escolarização de surdos, o que favoreceu o uso da língua de sinais na educação. De modo geral, percebe-se que Sicard ensinou a Massieu, Massieu ensinou a Clerc: uma equipe unida, lutando pelas causas da educação para as crianças surdas. Mais tarde, nesta instituição, Clerc se tornou professor como Massieu, ensinando para uma classe mais elevada.

Outro fato importante na história da educação de surdos foi sobre Thomas Hopkins Gallaudet, estadunidense, que desenvolveu a área de educação para as crianças surdas nos Estados Unidos.

Portanto, foi a partir de aulas particulares com Clerc que ele se impressionou e decidiu convidar Clerc para se deslocar para os Estados Unidos. Através de um convite de Thomas

Gallaudet, Clerc aceitou o convite para trabalhar com as crianças surdas norte-americanas. Segundo Carvalho (2007, p. 40), “Clerc tinha apenas 28 anos, e sabia que, indo para os EUA, provavelmente, nunca mais voltaria a ver a sua família. [...] por outro lado, tinha um espírito aventureiro e estava curioso em saber como seria viver num país não católico.”

Em 1816, após um ano juntos, Gallaudet atuou como intérprete acompanhando Clerc em conversações e palestras, em inúmeras cidades, demonstrando seus métodos de ensino de surdos. Todas essas atividades eram para obter o apoio financeiro, legislativo e do público em geral, para fundar uma escola para surdos, o então “Asilo de Connecticut em Hartford para a Instrução das Pessoas Surdas e Mudos”, atualmente chamado de Escola Americana para os Surdos (CARVALHO, 2007).

Em 1817, é fundada a primeira escola de surdos dos EUA. [...] Esta escola abriu com 7 estudantes surdos sendo uma delas Alice Cogswell, a iniciadora da vocação de Thomas Gallaudet que ficou como diretor da escola e Clerc como professor. Passado um ano, a escola tinha sua lotação esgotada. (CARVALHO, 2013, p. 149)

Então, seguiu-se um caminho de inúmeros sucessos, como modelo de educação para região e para todos os estados do Estados Unidos. Segundo Loida Canlas,²²:

Muitos de seus alunos passaram a se tornar cidadãos surdos produtivos e líderes surdos educados, espalhando os ensinamentos de Clerc e tornando-o a maior influência no estabelecimento de novas escolas para surdos nos Estados Unidos naquela época. Seus convites não se limitaram ao ensino. Por exemplo, ele foi convidado para ser o principal ator da Instituição Pensilvânia, na Filadélfia a partir de agosto 1821 a março 1822.

Na França, no século XIX, estima-se que havia entre 20.000 e 30.000 surdos. Em 1842, existiam 300 surdos que se beneficiavam da educação em escolas públicas. Cinco anos mais tarde, a estimativa pulou para 1.500 a 6.000 surdos que frequentavam a escola (CARVALHO, 2007). Podemos ver que onde há educação em língua de sinais nas escolas, há possibilidade de encontros entre os pares surdos, assim se amplia a língua e adquirem conhecimentos. As mensagens educativas são transmitidas por meio da instrução das crianças pelo modelo adulto surdo, sujeitos surdos, onde há o acesso linguístico entre os pares. Quando

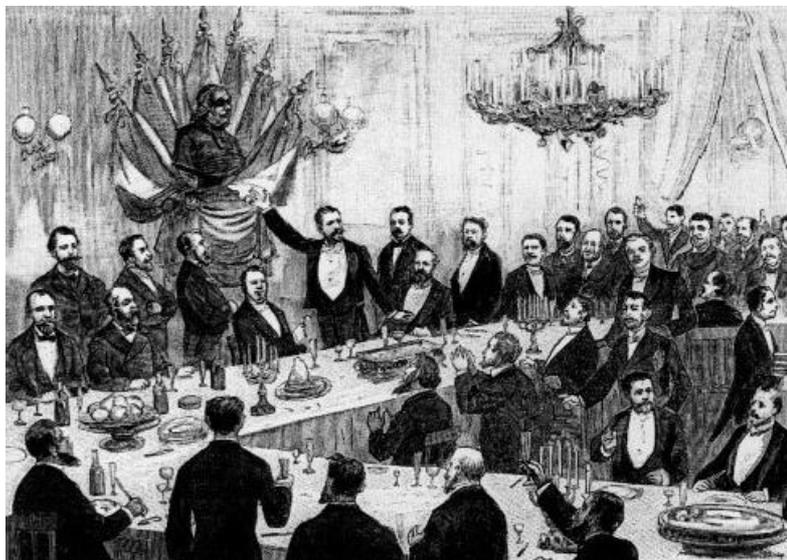
²² Escrito por Loida R. Canlas sobre Laurent Clerc, no original em inglês: “Many of their students went on to become productive deaf citizens and educated deaf leaders, spreading Clerc’s teachings and making him the greatest influence in the establishment of new deaf schools in the States at that time. His invitations were not limited to teaching. For example, he was invited to be the acting principal of the Pennsylvania Institution in Philadelphia from August 1821 to March 1822.” Disponível em: <<https://www.gallaudet.edu/clerc-center/info-to-go/deaf-culture/laurent-clerc.html>>. Acesso em: 25 maio 2016.

não há esse acesso linguístico, não conseguem se constituir como sujeitos linguísticos escolares, ou seja, são incompletos? Cito Lane (1992, p. 134):

No mundo, existem muitas crianças que não recebem este último tipo de instrução, instrução formal, simplesmente porque não tiveram acesso físico a ela, ou porque – devido às mesmas razões – não tem um acesso linguístico, uma vez que aquela instrução é efectuada numa linguagem, a qual eles não conseguem compreender.

Entre os pares surdos, acontece um processo de empoderamento, através de seus conhecimentos, autonomia, lutas por seus direitos, pois onde há conhecimentos há o empoderamento do sujeito e de movimentos da comunidade surda. Temos o exemplo de Ferdinand Berthier (1803-1886), que estudou no Instituto de Surdos-Mudos, em Paris, e mais tarde, aos 26 anos de idade, tornou-se professor surdo, na mesma escola. Ele foi defensor da língua de sinais, da identidade surda e da cultura surda. Ele ensinou os surdos sobre os seus direitos e deveres. Recebeu, de maneira inédita, uma grande honra, da Legião de Honra da França, por seu trabalho. A Legião de Honra era a mais alta condecoração da França. Escreveu livros sobre história surda e cultura surda, além de comentar sobre artistas surdos e poetas de língua de sinais no seu tempo.

Figura 6 – Banquete em homenagem a Michel de L'Épée



Fonte: Dominique Lerche (2009).

Berthier organizava um banquete a cada ano, como se fosse um aniversário, um evento que era um grande trabalho para as pessoas surdas. Esse banquete era um território surdo, como comunidade surda. Nesse evento, em 1834, o início do banquete era em homenagem ao Abade Charles Michel de L'Épée, celebrando o 122º aniversário do seu nascimento. Segundo

Carvalho (2007, p. 85), “Este banquete tornou-se num evento anual e foi utilizado pelas pessoas surdas como fórum para publicitar as suas exigências. Foi assim que, no meio da dor e do sofrimento das injustiças que sentiam na pele, nasceu o movimento surdo”.

Por que os banquetes eram importantes celebrações? Que tipo de eventos e por que eram tão importantes para comunidade surda e política surda? Segundo Paulo Vaz do Carvalho (2007), os banquetes tinham objetivos:

- 1) Fortalecimento da cultura surda (encontro de surdos, com o objetivo de empoderamento).
- 2) Valorização das línguas de sinais – movimento em que artistas surdos, contadores de histórias, poetas etc. apresentavam suas criações, compartilhavam suas obras.
- 3) Um local em que se relembra a história dos surdos e se fazia uma homenagem ao abade de L`Épée. O busto (estátua) do abade ficava exposto, para lembrar que a nação surda não começou com o abade, mas ele deixou um legado.
- 4) Um fórum político, uma articulação política, através do convite de artistas, comunicadores, políticos, pessoas influentes, e também o comité de surdos que fundaram as associações de surdos, por exemplo, a primeira associação de surdos na França e no mundo, a “Sociedade Central de Assistência e Educação de Surdos-Mudos” (1838). Participaram outras associações, e outros revelavam os sonhos, planos e lutas, a fim de que os surdos fossem reconhecidos.
- 5) Um local de convívio e boas refeições.

Os banquetes em homenagem a L`Épée ficaram conhecidos, na educação e na política. Berthier, assim como os outros sujeitos surdos que estudavam em escola de surdos, que receberam educação, tinham a possibilidade de transmitir os significados em fronteiras culturais, bem como realizar negociações por meio de práticas sociais. Formavam uma elite por conseguir alcançar a educação de surdos, bem como ter acesso às informações de circulação local, regional, nacional e internacional. Carvalho (2007, p. 87) diz: “E era esta elite que participava nos banquetes, majoritariamente surdos que tinham tido a sorte de receber educação”.

Os banquetes abriram a possibilidade de ouvintes destacados, como políticos, governantes e jornalistas, de terem contato com os sujeitos surdos. Nos anos seguintes o mesmo aconteceu, e “tornou-se um hábito convidar vários jornalistas dos melhores jornais da época” (CARVALHO, 2007, p. 88).

Nesses banquetes estavam presentes apenas homens surdos. Naquela época, no século XIX, as mulheres não possuíam os mesmos direitos que os homens, raramente iam às festas ou festivais, como no exemplo da Figura 6, onde se pode perceber que não havia mulheres surdas. Em 1883, o banquete abriu as portas para as mulheres surdas, que podiam então assistir e participar. Algumas pessoas fizeram brindes pela honra de mulheres surdas estarem finalmente participando, assim como quando o Abade L'Épée encontrou pela primeira vez duas irmãs surdas e teve contato com a língua de sinais, iniciando assim a educação de surdos (CARVALHO, 2007).

Os Banquetes de L'Épée se espalharam pela Europa e outros continentes, tanto nos institutos de surdos quanto em encontros de surdos. Eram eventos anuais, os sujeitos surdos de todos os territórios não perdiam a chance de ir aos banquetes, onde aconteciam os encontros com seus pares surdos e com a coletividade. Esses eventos não eram apenas “encontros entre pares”, mas um momento para reafirmar o *status* de sua língua e cultura, empoderando suas identidades surdas e culturas.

Nesses banquetes, os surdos que lá estavam abriram espaço para que os ouvintes, tanto do governo como da imprensa, pudessem interagir, e assim sentissem e percebessem os direitos e valores dessa comunidade. Carvalho (2007, p. 85) comentou que “os participantes destes banquetes eram surdos de vários institutos de surdos, de várias profissões e provenientes de diversos países. [...] Normalmente, estes ouvintes eram jornalistas, personalidades de destaque do mundo da política, da arte e da literatura”, para que os funcionários do governo e repórteres abrissem a mente para a existência da cultura dos surdos, identidade e idioma como língua de sinais. O banquete era todo ele organizado pelos próprios surdos.

Os banquetes, para além de ser apenas um momento de discursos retóricos em homenagem a L'Épée, ou eventos festivos, ou ainda, com o termo que Lane (1992) utiliza, um “rebanho de ovelhas”, ou um encontro de pessoas com “problemas de audição”, guetos segregacionistas, eram um encontro de/com poetas surdos, cronistas, piadistas, exposições surdas, entre outras manifestações artísticas, enfim, verdadeiros espetáculos reunindo sujeitos surdos de diferentes territórios. Eram como festivais de cultura surda e língua de sinais, eventos culturais onde participavam surdos de toda a Europa, que de forma alguma queriam perder esses banquetes de “encontros de mãos”. Cito Carvalho (2007, p. 89): “Os surdos davam espetáculos de Língua Gestual. Os Banquetes eram os jogos olímpicos das pessoas surdas, quatro vezes mais frequentes que os de Grécia e cem vezes mais exóticos e apelativos” (SOCIÉTÉ CENTRAL, 1849).

Ferdinand Berthier também era artista, não só transmitia os seus conhecimentos de educação e de políticas para surdos, mas também transmitia as mãos literárias, a arte de visualiterária. Gisele Rangel (2004, p. 42) afirma:

Berthier, criador da primeira sociedade de surdos, a Sociedade Universal dos Surdos-Mudos, em 1838, foi também promotor de uma onda artística que marcou uma autêntica evolução em várias áreas: escultura, pintura, gravura, litografia, poesia e literatura. Esta nova sociedade permitiu edição do jornal, provando o interesse dos surdos pela língua francesa escrita, o valor artístico das ilustrações, os retratos, as caricaturas e os desenhos humorísticos.

Pode-se ver, no túnel de mãos, cenas escuras, quando existia a língua de sinais, mas havia sujeitos surdos na obscuridade, isolados, que não participavam ou estavam excluídos socialmente. Sem a língua de sinais, seriam mãos literárias vazias. Com educação na escola de surdos, em língua de sinais, surgem os efeitos na aquisição de conhecimentos, rompendo suas fronteiras, possibilitando interseções entre culturas. Com os surdos que receberam educação, surge a defesa da língua de sinais, cultura e mãos literárias; além disso, com a articulação entre os sujeitos, nasceram as políticas surdas, que se construíram nos banquetes de mãos em diferentes territórios. Dessa forma as políticas surdas foram sendo criadas e, em 1838, foi fundada a Sociedade Central de Assistência e Educação de Surdos-Mudos, que foi a primeira associação de surdos na França e no mundo. Assim, outras associações foram fundadas, espalhando-se em vários lugares. Cito Mottez (1992, p. 17), quando relata que, no quarto banquete, Forestier declarou em discurso: “Estávamos isolados no meio do mundo, agora nos reunimos”.

Nessa circulação das mãos literárias, passamos a apresentar o que acarreta e transporta para outras regiões ou territórios, assim que chegaram ao Brasil. Para isso, utilizo o livro *O INES e a Educação de Surdos do Brasil: aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos* (2008), de Solange Rocha, e o livro intitulado *Memória e história: a indagação de Esmeralda*²³ (2010), da mesma autora, o qual apresenta uma trajetória mais completa sobre o Instituto do que primeiro livro.

Para mim, ambos apresentam histórias e registros ricos, pois a autora teve a preocupação de registrar essa história, para que os surdos brasileiros e do mundo conheçam a trajetória do INES do Brasil.

²³ Editora Arara Azul. Disponível em: <<http://editora-arara-azul.com.br/site/>>. Acesso em: 24 ago. 2014.

Nesses 150 anos do INES, foram coletados vários acontecimentos de registros da história do INES, tal como o apoio de D. Pedro II ao educador Ed. Huet para fundar escola no Rio de Janeiro. O livro apresenta os europeus que vieram ao Brasil construir a Educação de Surdos na época do Império, alguns casos dos meninos surdos abandonados por suas famílias, ou sobre alguns ex-escravos negros surdos que se transformaram em alunos e/ou professores e que ficavam internados no instituto, pois não tinham onde morar. A linha do tempo com todos os diretores, as negociações com o governo, eventos para divulgação do INES e notícias publicadas nos grandes jornais, o momento de proibição da língua de sinais, os profissionais ex-alunos, registros de fotos e outros documentos são alguns dos dados apresentados no livro. Não vou contemplar com análises esses livros, porém considero importantes alguns aspectos da trajetória do Instituto.²⁴

Fico impressionado quando leio esses livros lembrando as informações que tenho sobre os alunos que estudavam no INES, subjetivando as suas mãos e olhos, levando as suas malas que se espalharam em todo o Brasil quando regressavam à sua terra natal ao final do estudo. Lá chegando abriam suas malas com seus conhecimentos, onde estavam as ricas mãos, e assim repassavam esse conhecimento para as comunidades surdas. Tinham forte influência francesa, pois Ed. Huet era surdo francês. Segundo Lane (1984), Huet estudava na escola de surdos em Paris, teria sido aluno de Laurent Clerc, e ao emigrarem, Clerc aos Estados Unidos e Huet ao Brasil e ao México, mantiveram correspondência. Ed. Huet no Brasil, na instituição INES, com o tempo foi modificando os sinais, entre pares surdos brasileiros, transformando sua língua de sinais através das mãos dos cidadãos brasileiros. Podemos imaginar que na sua mala não havia apenas a língua, mas também mãos, olhos e rostos expressivos carregados de significados, fortalecendo as mãos literárias, num processo cultural e de aquisição de identidades surdas.

Flausino José da Gama, ex-aluno do Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, logo após o término do curso, assumiu a função como repetidor (denominado como primeiro professor surdo desta instituição), e produziu um livro com sinais desenhados, por ele chamado *Iconographia dos signaes dos surdos-mudos*, publicado em 1875. Rocha (2010, p. 47) fala sobre Flausino e seu trabalho:

Um belíssimo trabalho do ponto de vista artístico e de grande relevância para estudos linguísticos que tenha como objeto a Língua de Sinais. O livro na realidade é um dicionário iconográfico, tal como seu nome, contendo o registro dos sinais

²⁴ Portal do INES. Disponível em: <http://portalines.ines.gov.br/ines_portal_novo/>. Acesso em: 3 jul. 2014.

(palavras) mais praticados pelos surdos, na segunda metade do século XIX, na província do Rio de Janeiro, onde sempre funcionou o Instituto. Segundo o diretor Tobias Leite, na apresentação do livro, esse trabalho atendia a dois objetivos: o primeiro era o de divulgar a linguagem dos signaes, meio predileto dos surdos-mudos para a manifestação de seus pensamentos. O outro seria o de mostrar o quanto deve ser apreciado um surdo-mudo educado. A capacidade de um surdo caso seja educado.

Esse foi o primeiro surdo que produziu um livro no Brasil, em formato de dicionário de língua de sinais, que serviu de referência para as crianças surdas, por exemplo. É um bom exemplo da cultura como recurso de negociação; ao apresentar o valor de sua cultura, buscase a aproximação com outras culturas (YÚDICE, 2010). O ex-diretor do Instituto de Surdos-Mudos, Tobias Leite,²⁵ tomou a iniciativa de divulgação do livro, acreditando no ex-aluno e no seu perfil profissional, como nos coloca Rocha (2010, p. 47): “Podemos identificar a visão estratégica que tinha o diretor Tobias ao apoiar a iniciativa de Flausino”.

Flausino exerceu a função do professor de 1871 a 1878, que acompanhava os professores ouvintes (isso pode significar a fluência mínima, ou insuficiente, em língua de sinais, dos professores ouvintes) na sala de aula, assim como para substituí-los. Também acompanhava os alunos no recreio e retornava com eles para sala, à noite corrigia os exercícios de aula, e pernoitava com os alunos internos (ROCHA, 2010). Podemos imaginar, embora o livro de Rocha não fale sobre as mãos literárias, que durante os anos em que Flausino trabalhava como professor, ele foi um exemplo do ponto de vista artístico. Mas não era só o “Flausino artista”, surdo, mas aquele que fez a articulação de suas mãos e olhos junto com os colegas surdos que estudavam nesse Instituto, subjetivando os indivíduos, os processos e as práticas discursivas. Flausino contribuiu para a coletividade das mãos, em sua própria língua, em língua de sinais.

Flausino pode ter sido as mãos literárias para as gerações de alunos desse instituto que, para além de sua função como professor, em outros momentos, acompanhava a rotina dos alunos, nos intervalos, corredores, inclusive ao pernoitar com os alunos. Possivelmente, eu acredito, em todos os lugares disponíveis, Flausino sinalizasse literatura, que podem ter sido narrativas e poemas surdos, piadas, informações da rotina social, eram mãos literárias a estimular os alunos surdos, nos encontros de surdos de várias identidades, pobres e ricos, negros e brancos, surdos abandonados pela família e outros, assim continuando a tradição para as próximas gerações de mãos literárias.

²⁵ Tobias Rabello Leite era diretor do Instituto Nacional de Surdos-Mudos, no período de 1868-1896. Naquele época era ligado a D. Pedro II, na passagem do regime imperial para o republicano (ROCHA, 2010).

Outro exemplo semelhante ao de Flausino, que pode ter dado continuidade às mãos literárias, foi o professor e artista surdo Antônio Edgard de Souza Pitanga, formado pela Escola de Belas Artes. Foi professor de desenho e trabalhos manuais no Instituto Nacional de Surdos-Mudos, e se tem registro de inúmeros prêmios que recebeu, como a Grande Medalha de Prata (Menino Sorrindo), Grande Medalha de Ouro (Ícaro) e o prêmio Viagem à Europa com a escultura Paraguassu. Rocha (2010) conta que o ex-diretor Doutor Armando Lacerda (1938-1947) tinha excelentes relações com a imprensa, e assim pode apresentar o artista aos leitores do jornal:

O diretor apresenta, entre outras coisas, o seu projeto de ensino, as oficinas profissionalizantes, a seção feminina e, também, o professor surdo Antônio Pitanga, premiado artista, destacando, nessa oportunidade, a importância para os surdos serem instruídos por seus semelhantes que atingiram um lugar de prestígio na sociedade. (ROCHA, 2010, p. 68)

Acredito que esses dois surdos, Flausino José da Gama e Antônio Pitanga, são exemplos de surdos para sociedade, mas nem na edição de 2008 como na de 2010, dos livros de Rocha, há referência às mãos literárias que produzem significados na Literatura Surda, nem sobre gerações de mãos literárias, que consomem e fazem circular a literatura.

Mais um destaque que o livro de Rocha aponta é o registro de matrícula de alguns alunos surdos estrangeiros no Instituto Nacional de Surdos-Mudos no período de 1930/1947, além de alunos surdos brasileiros. Conforme Rocha (2010, p. 70), “O Instituto continuava recebendo alunos de todo Brasil, em grande parte da região Sudeste, destacando-se Minas Gerais e São Paulo. Do exterior, estão registrados: seis de Portugal, dois da Itália, um do Uruguai e três do Paraguai.” Há o depoimento, nesse livro, da Professora Léa Carneiro (1934-1957), desse instituto, onde relata sobre um dos alunos, surdo italiano, recém-chegado da experiência traumática dos efeitos da Segunda Guerra Mundial em seu país, quando escreveu três frases: “Brasil não morte. Brasil gosto muito. Brasil não guerra.”

Em todas as situações, com essas mãos literárias continuamos no túnel do tempo. Por meio do túnel de mãos, inúmeras páginas a cada dia difundiram as formas, os tipos de espetáculos com as mãos. Ao passar e repassar as mãos literárias para os outros, de geração a geração, produzimos significados, recebendo os objetos que os tornavam sujeitos surdos de muitas maneiras e identidades. Nesse túnel, o que os olhos viam e produziam, os significados e seus sentidos resignificados por seus grupos surdos, o que consumiam ao produzirem os significados, circulava por meio do povo surdo, na forma de práticas sociais, semelhantes às suas experiências, tornando-se uma pátria das mãos, na forma de práticas discursivas.

Os surdos começam a se narrar de forma diferente, a serem representados por outros discursos, a desenvolverem novas identidades surdas, fundamentadas na diferença. Os contatos que os surdos estabelecem entre si proporcionam uma troca de diferentes representações da identidade surda. Através de um conjunto de significados, informações intelectuais, artísticas, éticas, estéticas, sociais, técnicas, etc. podem-se caracterizar as identidades surdas presentes num grupo social com uma cultura determinada. (SKLIAR, 1999, p. 12)

Nos encontros internacionais de surdos, por exemplo, banquetes, eventos esportivos (olimpíadas de surdos, copa de futebol de surdos etc.), congressos e outros, existe comunicação entres os surdos, por meio de sinais internacionais. O Congresso Mundial de Surdos, organizado pelos membros da Federação Mundial de Surdos acontece a cada quatro anos, em diferentes países. Na 17ª edição em 2015, reuniram-se membros e 1.312 participantes de 97 países, em Istambul, na Turquia.²⁶ Participam renomados palestrantes surdos, pesquisadores surdos e ouvintes, intérpretes de línguas de sinais. Há exposições (vários gêneros), eventos culturais para todos interessados em várias áreas profissionais, estudantes e pesquisadores, entre outras atividades.

Wrigley (1996) esteve presente no IX Congresso Mundial de Surdos em Palermo, na Itália, em 1993, e em outros momentos pôde se encontrar com os surdos no bares. Nesses encontros, nos espaços de socialização localizados nas proximidades do Congresso Mundial de Surdos, ele experimenta o sentimento de não pertencer àquele lugar, mas acabou ficando e conversando com os surdos. Quando os surdos perguntavam se era surdo, Wrigley respondia que sentia um impulso do desejo de dizer “Bem, apenas um pouco”, como se a ambiguidade fosse fazer a “diferença”, como se me permitisse “pertencer àquele lugar”. E complementa “[...] são sítios da reprodução cultural e celebrações espontâneas de uma identidade comum” (WRIGLEY, 1996, p. 112).

Concordo com Wrigley, pois minha experiência no XV Congresso da Federação Mundial de Surdos, em Madri, em 2007, durante uma semana, à noite nos bares do centro da cidade imaginava que encontraria um pequeno grupo de amigos surdos, como estava habituado no Brasil. Mas em todos os bares e restaurantes havia mãos que vibravam em todos os lugares, com alta velocidade. O que me passa, pelo que eu vi com meus próprios olhos, não em mim, mas no exterior que me interpela, as marcas que me subjetivam, nesse ambiente das mãos, é uma verdadeira arte de sinalizar. É a pátria das mãos.

²⁶ Congress of the World Federation of the Deaf. Disponível em: <<http://www.wfdcongress2015.org/>>. Acesso em: 3 set. 2015.

4.1 MÃOS LITERARIAS: revolução cultural

Em um filme mudo gravado em 1913²⁷, George W. Veditz, ex-presidente da Associação Nacional de Surdos no EUA, faz um apelo emocionado para todas as pessoas surdas que preservem suas amadas línguas de sinais; sinalizou que considera esse o “presente” “mais nobre que Deus ofereceu aos surdos.” (WILCOX, 2005, p.28).

A nobreza das mãos, é a honra da sinalidade que os sujeitos surdos sentem na casa das mãos. Assim, segundo Markku Jokinen (2006, p. 101), “O indivíduo identifica-se com a sua língua e esta passa a ser sua pele, através da qual respira”.

Neste sentido, a sinalidade respira as mãos literárias. A partir de 1913 até 1970, o que as mãos produziram? Para os pesquisadores e historiadores de surdos, era evidente que os surdos sinalizavam em seu território, e a circulação, consumo e produção no meio das comunidades surdas figurava entre as narrativas e poesias, e começavam a registrar os escritos e filmes na língua de sinais do país.

Para compreender o movimento de apropriação das produções literárias dos surdos em língua de sinais, preciso fazer uma comparação que explique imagetivamente esse movimento. Imaginem uma esteira de malas no aeroporto, as malas são carregadas para dentro do avião com certa lentidão. Pois eu imagino essas produções surdas sendo carregadas para dentro de um avião, mas à velocidade da luz, como um resgate apressado de toda a riqueza literária desse povo, o olho sendo o receptor de toda essa “carga”. Os significados entram no cérebro dos surdos nessa mesma velocidade, as produções se multiplicam e possibilitam que o Ser surdo se movimente, seus corações funcionem e a literatura passa a ser semelhante à casa onde as almas encontram a redenção. Essa casa é o paraíso cerebral, o quebra-cabeça com peças valiosas que se encaixam nesse lugar, tal encaixe é a transformação dos significados em um aconchegante lar.

Tais abrigos do Ser surdo, construídos através das mãos, constituem um sistema de significação, onde os discursos são apropriados pelos sujeitos. A fragmentação desses sujeitos, incluindo seu bilinguismo, é o que constitui tais sujeitos, não remetendo à individualidade. Quais relações existem entre o eu e o outro, o que envolve esses hibridismos culturais do sujeito, “descentrado e deslocado” como o sujeito pós-moderno (HALL, 2011),

²⁷ Para ver filme mudo, disponível: <<https://www.youtube.com/watch?v=XITbj3NTLUQ>>. Acesso em 23 set. 2015.

sua condição “bi” em termos de língua e cultura? Veja o depoimento de um sujeito surdo, chamado Bernard Bragg, relatando sua experiência:²⁸

Bernard foi fascinado a pensar que um homem surdo podia escrever poesia. Naquele dia, ele ficou depois da aula e perguntou Panara se poderia ver a medalha de bronze e ler a inscrição.

“Eu gostaria de escrever poesia”, disse Bernard.

“Então, por que não escreve?”, perguntou Panara.

“Como eu posso? Eu não sei como as palavras soam”.

“Você pode aprender a escrever poesia. Comece com o verso livre. Não trabalhe pela rima. Use seu dicionário e um dicionário de sinônimos. Experimente.”

Bernard está entre a fronteira de surdos e ouvintes, recebendo o que foi transmitido e ao mesmo tempo sendo empoderado, fazendo existir a comunidade surda, envolvido por discursos e produções literárias.

Bernard Bragg, surdo, membro de renomada entidade que formava profissionais como atores, mímicos, professores, consolidou sua defesa dos direitos surdos e língua de sinais americana. Nasceu em 1928, em uma família de surdos de Brookliyn, Nova Iorque, e interessou-se pelo teatro, através do seu pai, Wolf Bragg, ator de teatro amador. Entrou na Escola de Nova Iorque para Surdos, lá alimentou seu interesse pelas artes. Mais tarde, entrou para a Gallaudet College (atualmente Universidade Gallaudet, em Washington), estudou teatro, fez inúmeros papéis principais, tem suas habilidades artísticas desenvolvidas na faculdade.

Em 1967, entrou para Teatro Nacional de Surdos (National Theatre of the Deaf – NTD)²⁹ como cofundador e recebeu muitas homenagens, inúmeros prêmios por suas realizações e performances, e um doutorado honorário em Letras Humanas da Universidade Gallaudet. No filme *E seu nome é Jonas*, de 1979 (Figura 7), ele atuou num pequeno papel, ao mesmo tempo, também como consultor técnico e professor de atuação, onde obteve sucesso, ficando evidente que o povo surdo deixou sua marca nesse filme, realmente mostrando vivências da comunidade surda.

²⁸ “Bernard was spellbound to think that a deaf man could write poetry. That day he stayed after class and asked Panara if he might see the bronze medal and read the inscription.

‘I would like to write poetry’, Bernard said.

‘Then why dond.o wri’ Panara asked.

‘How can I? I donwrite poetrynk that a de’

‘You can learn to write poetry. Start with free verse. Done poetry. That day he stayed after class and asked PanaraTry it.’” Disponn learn tohttp://bernardbragg.com/poet/>. Acesso em: 8 mar. 2014.

²⁹ Para maiores informações, disponível em: <http://www.ntd.org/index.html>. Acesso em: 2 set. 2014.

Figura 7 – No filme *E seu nome é Jonas* (1979), o jovem Jeffrey Bravin e o ator Bernard Bragg



Fonte: *site do Deaf People*.³⁰

Gilbert Eastman³¹ nasceu em 1934, nos Estados Unidos. Chamado de Gil Eastman, filho surdo de pais ouvintes, é conhecido da comunidade surda americana. Ele estudava na escola de surdos, fundada por Laurent Clerc, Escola Americana para Surdos (ASD), em Hartford, e formou-se em 1953. Ele estudou teatro na Gallaudet College. Era ator, escritor, professor e diretor que atuava em inúmeros espetáculos de teatro, no Gallaudet College, e também era membro fundador no Teatro Nacional de Surdo (NTD), onde dirigiu as peças dessa companhia. Ele era apresentador do programa de televisão *Deaf Mosaic* (Figura 8), junto com a apresentadora Mary Lou Novitsky, surda, pela University Gallaudet Television Studios. Era muito popular nos anos 80 e 90, e foi vencedor do Emmy University Gallaudet. Em 1963, recebeu o diploma de mestre em Belas Artes de Teatro da Universidade Católica, a primeira pessoa surda com esse título nos Estados Unidos.

Figura 8 – No programa *Deaf Mosaic*, os apresentadores Mary Novitski e Gilbert Eastman.



Fonte: página do Deaf Mosaic no *Youtube*.³²

³⁰ Disponível em: <http://www.deafpeople.com/dp_of_month/BravinJeff.html>. Acesso em: 13 maio 2016.

³¹ Disponíveis em: <<http://www.gallaudet.edu/library-deaf-collections-and-archives/collections/manuscript-collection/mss-068.html>> e <<https://www.verywell.com/gil-eastman-a-profile-1049388>>. Acesso em: 13 maio 2016.

³² Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rUMr2FNNWVA>>. Acesso em: 13 maio 2016.

Existem muitos outros surdos populares em diferentes locais, com histórias semelhantes. Inúmeras experiências, entre as obras dos sujeitos surdos, foram articulando as mãos literárias, transmitindo empoderamento da experiência de ser surdo, produzindo identificação na comunidade surda e sendo bilingue entre as fronteiras do espaço social.

Há uma longa e rica trajetória vivida pelos sujeitos surdos, com sua língua de sinais e mãos literárias, durante cem anos depois do Congresso de Milão. Tradicionalmente, fala-se por aí sobre os surdos: “Não pode”, “é impossível fazer aquilo”, “Aquilo você não pode e eles podem”, entre outras palavras negativas que se acumulam, trazendo representações negativas sobre o sujeito surdo. Cito Oliver Sacks, quando entrevistou um estudante surdo:

[...] Toda a minha vida senti pressões, pressões de ouvintes sobre mim – “Você não pode fazer isso no mundo ouvinte, você não pode ser bem-sucedido no mundo ouvinte” – e, neste momento, toda pressão está sendo tirada de cima de mim. Agora, de repente, sinto-me livre, cheio de energia. Viviam me dizendo “você não pode, você não pode” [...]. (SACKS, 1992, p. 147)

Vamos refletir. Se todos têm uma língua, obviamente podem fazer qualquer coisa, cada um tem suas próprias habilidades e competências. Mas como seria se um japonês viesse ao Brasil e alguém falasse para ele “você não pode fazer aquilo” ou simplesmente “não pode”? Ou seja, será que é deficiente por ter identidade diferente? Por usar uma outra língua? Outra forma de se relacionar com minorias linguísticas é valorizar a diferença e fazer compartilhamentos culturais.

Lembro-me de um filme, *1492 – A conquista do paraíso*,³³ que tem como enredo o descobrimento da América por Cristovão Colombo. O filme apresenta um personagem indígena, que aprende a língua do conquistador e serve de intérprete nas negociações com os indígenas, ou seja, torna-se bilíngue, e inclusive viaja à Europa com Colombo. No momento em que acontece o tensionamento entre índios e europeus, esse guia decide abandoná-los, e durante uma tempestade que ocorria decide retomar suas origens. Colombo, ao vê-lo partir, pede que retorne, mas o índio responde: “Nunca aprendeu a minha língua”. A partir dessa lembrança do filme, busquei informações sobre Cristovão Colombo, navegando em *sites*,³⁴ e constatei que ele sabia várias línguas, mas não as línguas dos povos indígenas que conquistou.

³³ *1492 – Conquest of paradise*, de Ridley Scott, de EUA/França/Espanha, de 1992.

³⁴ Um deles, *site Lusotopia*, por Carlos Fontes, intitulado “Cristovão Colombo, português?”. Disponível em: <<http://colombo.do.sapo.pt/indexPTColomboPort01.html>>. Acesso em: 12 nov. 2014.

Nesse fato encontramos semelhanças evidentes com o que a comunidade surda brasileira relata. Muitos surdos narram que, em seus encontros com profissionais que atuam como professores em escolas de surdos, funcionários públicos, pesquisadores, entre outros, que tem contato direto com surdos em seu cotidiano, muitos nunca aprendem a língua de sinais, elemento fundamental para a comunicação entre surdos e ouvintes. Oliver Sack (1992) aponta em seu livro que, quando Jane Basset Spilmar, ouvinte, ocupou o cargo de presidente da Universidade de Gallaudet, por sete anos, nunca aprendeu praticamente nada da língua de sinais. Maria Cecília de Moura (2000) também relata que o famoso médico cirurgião, Jean Itard,³⁵ profissional dedicado a realizar experiências médicas no Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris, também nunca aprendeu a língua de sinais durante todo o período de seu trabalho na instituição, realizando cirurgias experimentais.

Por outro lado, há frases diferentes produzidas pelo povo surdo e a comunidade surda, principalmente, os sujeitos surdos, quando sinalizam a seguinte frase: “Se não tivesse encontrado a língua de sinais eu não estaria aqui hoje, usando uma língua completa”. Eu mesmo não estaria aqui se não fosse a descoberta da minha língua, a língua de sinais, quando eu tinha 24 anos, e continuo sinalizando: se não encontrasse a “língua de sinais”, eu não estaria aqui hoje.

Temos o registro de outras histórias que aprendemos através das leituras que realizamos nas escolas, sobre as causas das lutas, nações, minorias, por exemplo: aborígenes da Austrália, índios nas Américas, do norte e do sul, que passaram pelo processo de ocidentalização, em uma tentativa de serem ocidentalizados ou de extinção das suas línguas; sul-africanos que lutaram e sofreram com o *apartheid*; os negros que foram escravos e tiveram abolição; mulheres que sofreram com o machismo, entre as outras causas semelhantes.

Nesse caso, no movimento das políticas surdas, nos grupos de apoio ao movimento, nos encontros de surdos, nas trocas de experiências das mãos literárias, o círculo de “Circuito da Cultura” (Stuart Hall) liga representações aos significados partilhados, em um processo que envolve identidade, produção, consumo e regulação. Os sujeitos surdos produzem

³⁵ Jean Itard era médico e ficou conhecido internacionalmente através do filme *O menino selvagem*. Mas pouco conhecido ou “engavetado/escondido” foi o trabalho que ele fazia no Instituto Nacional de Surdo-Mudo de Paris. Moura (2000, p. 25) descreve: “ele dissecou cadáveres de Surdos e tentou vários procedimentos: aplicar cargas elétricas nos ouvidos de Surdos, usar sanguessugas para provocar sangramentos, furar as membranas timpânicas de alunos (sendo que um deles morreu por estes motivos). [...] Ele também fraturou o crânio de alguns alunos e infeccionou pontos atrás das orelhas deles. Nada disto funcionou e ele considerou que nada poderia ser feito por ouvidos mortos.”

representações através de modos de ser, sentir e usar a língua, por meio dos encontros: tais processos produzem significados e valores culturais.

Complemento com outro acontecimento na Suécia. Harlan Lane (1992) afirma que no país, os líderes surdos são um grande sucesso e têm produzido políticas governamentais para a comunidade surda, por exemplo:

Em 1981, em consequência do ativismo da associação nacional sueca do surdo, da associação de pais de crianças surdas e de linguistas da Universidade de Estocolmo, a educação bilíngue e bicultural foi instituída como política nacional nas escolas nacionais para crianças surdas do país. (LANE, 1992, p. 178).

Portanto, os sujeitos surdos recebem a educação que se transforma em conhecimento, multiplicando as questões culturais e políticas. Podemos investigar muitas outras possibilidades, o mesmo efeito dos sujeitos surdos em outros territórios. Não escreverei sobre esses efeitos em todos os territórios, darei um exemplo de acontecimentos, citado por Lane (1992, p. 177):

Em 1990, houve uma Conferência Internacional sobre as linguagens gestuais em Poitiers-França, inspirando na Revolução de Gallaudet, [...]. No Canadá, os líderes surdos, incitados pela Revolução de Gallaudet, organizaram comícios que chamaram atenção do governo canadiano para as suas preocupações.

Os encontros coletivos, face a face na comunidade surda, nas relações sociais manifestadas em encontros esportivos, encontros de surdos, festivais e outros, promovem práticas sociais e práticas discursivas, adquirindo o empoderamento e transmitindo seus valores culturais a gerações de comunidades surdas. Através da interação social bilíngue, que facilita o acesso dos “estrangeiros” em nosso território (os ouvintes), nossas mãos e olhos evidenciam uma valorização cultural e linguística. Não sendo assim transmitida a uma única identidade surda, pois há muito envolvido nas práticas discursivas. Transmitem-se, sim, esses valores às inúmeras identidades surdas, cada um construindo suas representações e seus significados como um círculo de construção da valorização do povo surdo, cito Skliar (1999, p. 11):

“O ser surdo” não supõe a existência de uma identidade surda única e essencial a ser revelada a partir de alguns traços comuns e universais. As representações sobre as identidades mudam com o passar do tempo, nos diferentes grupos culturais, no espaço geográfico, nos momentos históricos, nos sujeitos.

4.2 MÃOS LITERÁRIAS BRASILEIRAS: resistências em movimento

Os direitos linguísticos dos surdos brasileiros foram reconhecidos na Lei 10.436/2002 e no Decreto 5.626/2005. Isso ajudou a influenciar a Educação Bilíngue e a produção de conhecimentos, com o reconhecimento dos direitos e da liberdade de expressão em nosso país. Segundo a *World Federation of the Deaf*,³⁶ os direitos humanos das pessoas surdas incluem a Língua de Sinais, educação bilíngue, o acesso a informações e serviços, intérpretes de línguas de sinais, entre outros direitos humanos para pessoas surdas.

No Brasil, a Lei de Libras garante alguns direitos aos surdos e subsidia a luta pela nossa Educação de Surdos. Após a oficialização da Libras, abriram-se espaços para surdos em cursos de pós-graduação e graduação, como o curso de Letras/Libras, efeitos que foram provocados pela mobilização dos surdos em todo Brasil.

Existem inúmeros registros históricos dos surdos, lutas por um espaço e negociação, tanto metaforicamente através das mãos literárias quanto nos movimentos políticos. Campello e Rezende (2014) contam a história das lutas do Movimento Surdo Brasileiro em defesa das Escolas Bilíngues, afirmando a defesa de escolas específicas:

A história em defesa das nossas escolas específicas vem de tempos longínquos. A língua de sinais e a cultura surda, em sua imensidão, compartilhada entre os pares surdos, travou-se em períodos de proibições do uso da nossa língua, por imposições ouvintistas, sempre entremeadas de muitas lutas pela sobrevivência da nossa língua de sinais e pela qualidade da nossa educação. (CAMPELLO; REZENDE, 2014, p. 73)

Campello e Rezende (2014) destacam a maior mobilização da história do Movimento Surdo Brasileiro:

[...] a realização da Conferência Nacional da Educação, CONAE 2010, no período de 28 de março a 1º de abril de 2010. Os resultados dessa Conferência serviram de base para a elaboração do Plano Nacional da Educação – PNE. Este evento marcou um retrocesso na educação de surdos, a partir do momento em que a proposta dos delegados surdos presentes nesta Conferência não foi atendida. (CAMPELLO; REZENDE, 2014, p. 73)

Estive presente nas mobilizações, uma vez que fui delegado da Conferência Nacional de Educação – CONAE 2010, onde vivenciei o sentimento de retrocesso da história dos surdos. Expressei assim aquela experiência:

³⁶ World Federation of the Deaf (WFD). Disponível em: <<https://wfdeaf.org/>>. Acesso em: 20 maio 2016.

Nós nos sentimos tristes ao ver nossas propostas rejeitadas, voltando para casa derrotados, buscando entender a “discriminação” que sofreremos. Dentro de mim há um sentimento de dor e mágoa, pois me senti um escravo com minhas mãos algemadas sem poder usá-las, me proibiram de “falar”, condenaram o futuro das crianças surdas. Estamos retrocedendo a mesma história e sofrimento causado pelo Congresso de Milão; neste momento, a CONAE 2010 em Brasília, e principalmente os dirigentes do MEC deixaram sua marca na história dos surdos, entre os que vivem hoje e que falarão aos de amanhã do Brasil e do mundo inteiro, sobre uma minoria que foi esmagada pelo audismo. (MOURÃO, 2011, p. 11)

As mãos literárias recontam a história dos tremores provocados pelos sujeitos surdos, que foram alertados várias vezes sobre a política da educação brasileira (MEC, 2008) que provocou fechamento de várias escolas de surdos no Brasil (CAMPELLO; REZENDE, 2014).

Figura 9 – Vídeo “Fechamento do INES”, por Nelson Pimenta (2011)



Fonte: página de Nelson Pimenta no Youtube.³⁷

Nesse sentido, em 2011, um líder surdo, Nelson Pimenta, postou vídeo (Figura 9) sinalizando nas redes sociais, alertando para o fechamento da “primeira escola de surdos no Brasil”, o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Pela visualiterária de Nelson Pimenta, que alerta sobre os efeitos em todos, começam a surgir os efeitos de uma produção estética, atraindo pelas mãos literárias. Provoca efeitos de angústia, emoção e remete à história e à experiência surda.

A seguir, o mesmo vídeo produzido por Nelson Pimenta recebeu a tradução e legendagem da equipe: Bárbara Raquel Peres, Camila Francisco, e Fabio Rogerio Minski, publicado no YouTube no dia 13 de dezembro de 2012.

³⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Bs4wZYYgcSQ>>. Acesso em: 11 jun. 2016.

No vídeo em site *Youtube*: Fechamento INES. Absurdo!!! Legenda em Português

*Absurdo! ABSURDO! A-B-S-U-R-D-O! Absurdo de verdade.
 O quê? O INES fechar!?
 Calma ai! Não dá para engolir isso. Não dá, impossível!
 Não, por favor! Por favor, eu imploro.
 Peço pelo que há de mais sagrado, Parem tudo!
 Acordem! Divulgem. Fechar o INES, NÃO!
 Eu quero que vocês surdos, pensem bem,
 Olhem só isso, defendam os surdos! Os surdos vão perder...
 A convivência em língua de sinais, a cultura, a identidade.
 Perder isso para ser oprimidos numa inclusão de ouvintes?
 NÃO! Abram os olhos! Abram os olhos! Abram os olhos!
 Por favor! Eu peço a vocês. Não vamos deixar essa brutalidade
 acontecer. Os surdos vão perder a sua cultura.
 Estou chorando por dentro, meu coração dói. Por favor! Surdos, vamos
 discutir sobre isso. O MEC não pode mudar o INES. O INES é assim!
 Não podemos aceitar isso de braços cruzados. Levantem! Lutem!
 Conto com vocês e fiquem atentos.*

Fonte: legenda do vídeo na página de Fabio Rogerio Minski no Youtube³⁸

Nas duas referências, citadas acima, o primeiro vídeo foi produzido e postado no ano de 2011 por Nelson Pimenta. Nelson não colocou legenda no próprio vídeo, as informações eram apresentadas apenas na língua de sinais, acessível para as comunidades surdas brasileiras. O vídeo transmite o empoderamento para um local e região, tal como associação de surdos, casa dos amigos surdos, colegas surdos, entre os outros e aliados ouvintes, que fazem parte da comunidade surda que utiliza a conversação em língua de sinais.

No mesmo ano, segundo Campello e Rezende (2014, p. 76), o vídeo de Nelson Pimenta provocou uma mobilização enorme pelo Brasil afora, convocando toda a comunidade surda brasileira para uma passeata histórica, que ocorreu em Brasília nos dias 19 e 20 de maio de 2011.

Mourão e Prestes (2013) e Garcêz (2011) afirmam que a comunidade surda brasileira deu início à mobilização, com aproximadamente quatro mil surdos que vieram de vários estados do Brasil, lutando a favor da Educação de Surdos e a da Cultura Surda, principalmente por escolas bilíngues para surdos. Nessa situação, os surdos estão inseridos em um contexto de políticas educacionais.

Como disse, “um ano depois” do vídeo de Nelson Pimenta, a tradução para o português foi disponibilizada. Isso significa que as mãos literárias foram transmitidas como

³⁸ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yl6cfWmUrtU>>. Acesso em: 11 jun. 2016.

empoderamento e forma de grande mobilização em própria língua. É extradionário e uma grande diferença. Atualmente, o vídeo original de Nelson Pimenta ainda disponível no Youtube, tem mais de 10.159 visualizações, enquanto que o segundo vídeo, com legenda em português, tem cerca de 2.069 visualizações na rede. Percebe-se que o acesso maior é no vídeo com língua de sinais somente.

Por outro lado, segundo Ana Jung, em sua fala sobre a mobilização dos surdos brasileiros,

[...] todos os estados brasileiros estão envolvidos nesta mobilização nacional. Há um grande sentimento de pertencimento à causa, expresso publicamente através da troca e da divulgação de vídeos, cartas, links e outros dados relevantes, utilizando para isso as possibilidades das tecnologias da comunicação e as redes sociais da internet. (JUNG, 2011, p. 20)

Relacionado aos acontecimentos do mesmo período, a mobilização produziu inúmeras expressões artísticas dos surdos no meio digital e ilustrações nas redes sociais. Segundo Mourão e Pokorski (2013), que falam das mobilizações sociais, os movimentos têm se aproveitado das redes sociais para divulgação e mobilização. A internet se apresenta com um espaço amplamente produtivo e de grande circulação de ideias. Os autores, ao tratarem das produções artísticas surdas, afirmam que

[...] nas produções culturais surdas vinculadas ao “Movimento Surdo em Favor da Educação e da Cultura Surda”, divulgadas na internet (blogs e redes sociais), dando ênfase às charges, por terem a característica de passar uma mensagem visual, com vários elementos, além de que este foi um modelo de divulgação que circulou intensamente nas redes sociais no período em que o movimento se organizava, sendo encontradas de modo recorrente em diferentes páginas virtuais.

Tal como postado nas redes sociais, o cartunista surdo Fabio Sellani (Figura 10) realiza uma comparação entre o Congresso de Milão, em 1880, e os boatos sobre o fechamento do INES, em 2011. Na primeira imagem, um personagem obscuro expulsa os professores surdos da escola e outros personagens usam algemas, representando a proibição da língua de sinais. Na segunda imagem, os surdos não foram expulsos de maneira tão violenta, mas com um aviso prévio, pois ao chegarem à escola e descobrirem que está fechada, fazem sinais e as mãos estão livres, mas fora da escola. (MOURÃO; POKORSKI, 2013).

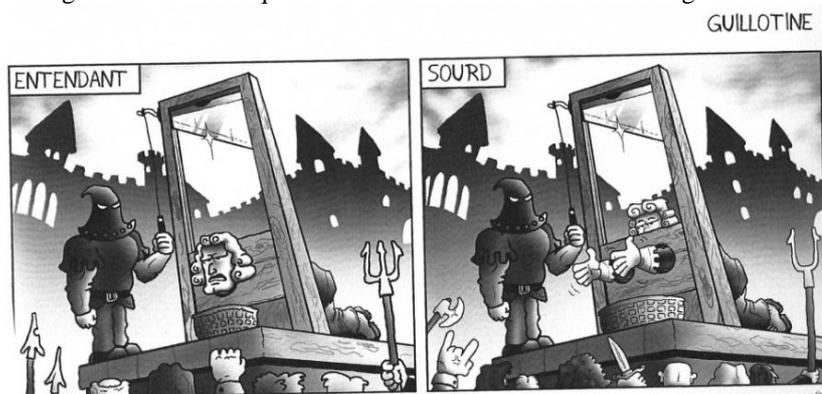
Figura 10 – Catunista surdo Fabio Sellani (Brasília/DF).



Fonte: página do ilustrador Fabio Sellani.³⁹

Complemento a análise das imagens com uma produzida fora do Brasil: um livro de humor em quadrinhos que apresenta aspectos culturais, fazendo circular experiências da comunidade surda. Nesse livro, intitulado *Movie for Deaf – Sourds et Quiproquos* (2013), o autor Megias Nicolas Jr. apresenta a seguinte imagem, semelhante à representação produzida no episódio do INES:

Figura 11 – Lado esquerdo é ouvinte e lado direito é surdo: guilhotina



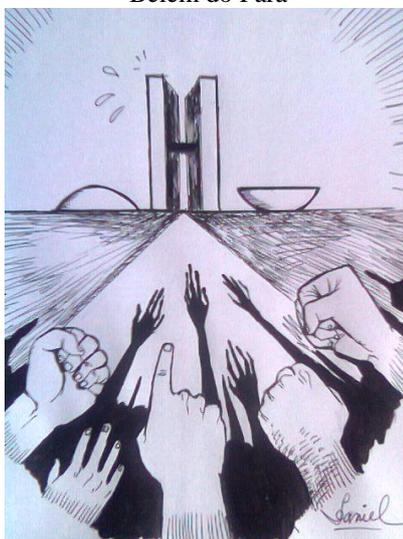
Fonte: Megias Nicolas Jr. (2013, p. 24).

³⁹ Disponível em: <http://fabiosellani.blogspot.com.br/2011_05_16_archive.html>. Acesso em: 11 jun. 2016.

Percebe-se de forma diferente, mas ainda ligado à história do Congresso de Milão, com a mesma significação. As imagens retratam a guilhotina em dois quadros, no lado esquerdo o sujeito ouvinte, que pode ser responsabilizado por um crime cometido e perde a cabeça como pena. Do lado direito, o sujeito surdo condenado por crime, por exemplo, o uso da língua de sinais utilizada no período de proibição, em que perde as mãos.

Podemos perceber que os cartunistas surdos contam a história pela visualiterária na comunidade surda. Nesse sentido, podem provocar efeitos através de suas expressões artísticas, como os exemplos a seguir (Figuras 12 e 13):

Figura 12 – MEC, ESTAREMOS PREPARANDO... ACORDE! Ilustrador surdo Daniel Amorim Dias, de Belém do Pará



Fonte: *Revistas da FENEIS* nº 44 (2011, p 32).

Figura 13 – Imagem sem título - Ilustrador surdo Daniel Amorim Dias



Fonte: Blog Pirão do Feijão.⁴⁰

⁴⁰ Disponível em: <<http://piraodefeijao.blogspot.com.br/2011/04/ilustracao-daniel-dias.html>>. Acesso em: 11 jun. 2016.

Três dias antes de realizar a mobilização em Brasília, em maio de 2011, estive em reunião com líderes surdos do Rio Grande do Sul. Nessa ocasião, Francisco Rocha apresentou uma narrativa ficcional com recursos estilísticos, sobre o Congresso Nacional. Tal narrativa foi publicada na internet (Figura 14)⁴¹.

Figura 14 – Francisco Rocha contando a narrativa ficcional (Manifestação em Brasília, 2011)



Fonte: página de Cláudio Mourão no Youtube.⁴²

Percebe-se que ele usa a visualiterária pela experiência na comunidade surda, como forma de dar sentido ao movimento de surdo. Produzem efeitos significativos que surgem para expressar as mãos literárias também em outros artistas surdos, sejam desenhista, catunistas, contador e outros. Nesse sentido, envolve a circulação, interação social e da linguagem, ligada à sua experiência das mãos literárias. Não é inovação da produção artística, mas intertextualidade para expressar outro texto ou desenho. Por exemplo, as imagens pela mobilização em Brasília (Figuras 12 e 13) e a contação de Francisco Rocha tematizam a forma como o movimento surdo enfrentaria o Congresso Nacional.

José de Nicola (2011, p. 11) afirma que “Quando empregamos ditos populares ou frases feitas, temos casos de intertextualidade.” Nesse caso, verificamos intertextualidade na produção textual e de imagens pelos surdos. E a circulação envolve a linguagem (NICOLA, 2011, p. 11): “o círculo que envolve a interação pela linguagem se constrói apoiado no já dito, no já lido e no já conhecido, podendo reiterá-los, reafirmá-los, reformulá-los, refutá-los.”

⁴¹ Francisco Rocha apresenta uma narrativa ficcional. Segue um resumo no apêndice F.

⁴² Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6CMZylPrnWM>>. Acesso em: 11 jun. 2016.

A produção das mãos literárias envolve a interação entre as leituras dos textos e visualiterários. A linguagem constrói significados literários, formando um processo de identificação em um conjunto de social, em um espaço, ligado às experiências visuais. Cito Nicola (2011, p. 11):

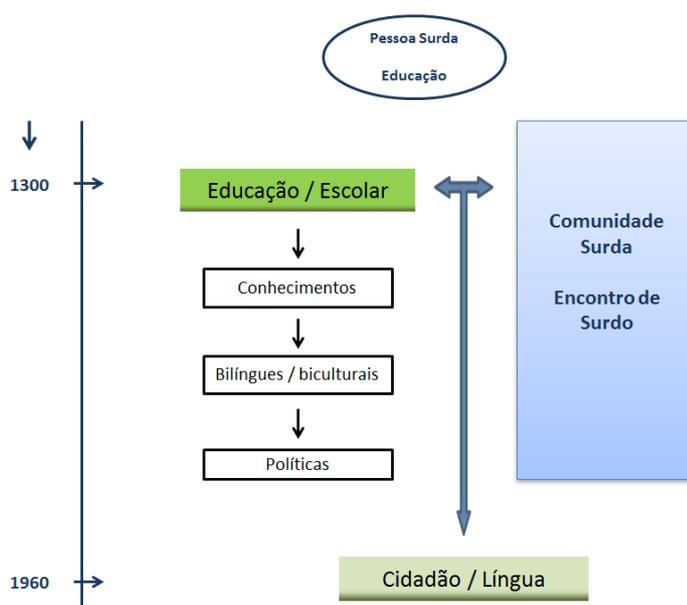
É muito difícil pensar na produção de um texto totalmente inédito, criado a partir do nada. É como se todo texto fosse um hipertexto que possui links explícitos ou implícitos com outros. E isso não acontece apenas na modalidade escrita da língua, também na oralidade.

Inspirando-me em José de Nicola (2011), faço intertextualidade para o que eu escrevo aqui: a produção das mãos literárias está ligada à leitura e ao visual, quando se encontra nela sua fonte e seu objetivo, considerando que as mãos no espaço sinalizante cumprem a sua função se alguém ler a visualiterária.

A manifestação e a mobilização do movimento no campo do direito à educação escolar e à sua língua também produziam a expressão das mãos literárias, os significados do conforto literário. As produções das mãos literárias são apresentadas em forma de humor ou narrativa que provocam riso das políticas. Segundo Garcêz (2011, p. 8), “O grande ato político e cultural, além de representar uma marca histórica nas lutas dos surdos, pode ser considerado um divisor de águas. [...] O ato político foi também cultural”.

Figura 15 – Pessoa surda e educação

EXPERIÊNCIAS DAS MÃOS LITERÁRIAS



Fonte: o próprio autor

Organizei essa ilustração (Figura 15) a partir de fontes históricas, tanto do Brasil quanto de outros países, das experiências das pessoas surdas na educação. A comunidade surda permanece em contato com as mãos literárias, ligadas à educação/escolarização. A figura ilustra os primeiros professores de surdos no espaço familiar, em seguida uma escola de surdos, como exemplo, o Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris. No Brasil, a primeira escola de surdos foi criada no ano de 1857, chamada naquele momento de Instituto Imperial de Surdos-Mudos, atual Instituto Nacional de Educação de Surdo (INES), no Rio de Janeiro. Nesses espaços, os sujeitos surdos compartilham um conjunto de elementos que os constituem na negociação entre a educação e a comunidade. Sua identificação com o processo de luta pelo espaço de formação é presente na constituição do cidadão surdo e de seus direitos, em um local de reconhecimento como minoria linguística.

4.3 CIRCULAÇÃO DAS MÃOS LITERÁRIAS BRASILEIRAS

Há registros da circulação das mãos literárias, já na década de 90, quando inicia a formação de um grupo de teatro no INES, que era conhecido da comunidade surda no Rio de Janeiro, a Companhia Surda de Teatro.

A trajetória dos ex-alunos surdos, transmitida pelos olhos, constituindo os valores das mãos, articulados às suas identidades surdas, empoderamento das mãos literárias, é algo que produziu mais efeitos no território de Rio de Janeiro. Supomos que os líderes surdos estabeleceram uma rede de mãos literárias brasileiras, obtendo empoderamento na forma de constituição das políticas surdas e artes surdas. Outro exemplo dessa rede são os ex-alunos do Instituto Nossa Senhora de Lourdes (INOSEL), localizado no bairro Gávea, no Rio de Janeiro. Mesmo após o término da escolarização, quando cada um seguiu por caminhos diferentes, para trabalhar em diferentes áreas, tal como instrutores surdos, bancários, digitadores, bibliotecários, e outros, ainda assim acontecem encontros de surdos ou associações de surdos até hoje, as mãos fazem contatos para lazer, esportes ou troca de experiências.

Carlos Alberto Góes nasceu no Rio de Janeiro. Em 1986 fez curso de teatro de curta duração no The National Theater of the Deaf (NTD), nos Estados Unidos, a primeira escola profissional de formação para atores surdos. Lá, no contato de seus olhos com o processo de

outras práticas discursivas das mãos, na forma de artes surdas, percebeu que eram necessárias essas práticas no Brasil. Na sua volta ao Brasil, reuniu grupos de surdos com as ideias das mãos artísticas. Em 28 de fevereiro de 1989, fundou o Centro de Integração dos Surdos nas Artes Cênicas (CISACEN), no Rio de Janeiro. Era uma entidade filantrópica e sem fins lucrativos, e Carlos Alberto Góes foi seu primeiro presidente. Um dos setores criados pela CISACEN foi o “Grupo Silencioso”, formado pelos atores surdos Carlos Alberto Góes, Silas Queiroz, Marlene Prado, Nelson Pimenta, Ana Regina Campello⁴³ e outros. Seis anos depois, no processo das experiências das mãos teatrais, perceberam que deveriam mudar por motivos sociais, e em 8 de março de 1995, após aprovação da assembleia geral, trocou de denominação para Centro de Integração de Arte e Cultura dos Surdos (CIACS),⁴⁴ pois no modelo anterior, CISACEN, por seu estatuto, atendia apenas ao teatro. Como CIACS era possível atender qualquer finalidade articulada com arte e cultura surda e valorização da comunidade surda e sua língua de sinais.

Figura 16 – Logotipo do CIACS



Fonte: Site do CIACS.

Em 1996, Nelson Pimenta partiu para os EUA, em Washington, para estudar no The National Theater of the Deaf durante um ano. Formou-se como ator profissional e logo após terminar seus estudos voltou ao Brasil. Retornou para continuar na equipe do CIACS, onde repassou inúmeros conhecimentos aprendidos nesse período, para as mãos artísticas brasileiras, sendo o primeiro ator surdo a se profissionalizar no Brasil.

Essa equipe fez inúmeros espetáculos no Rio de Janeiro e em alguns outros estados do Brasil, apresentando-se em congressos e teatros. Outros grupos também se vincularam ao CIACS, tais como a Companhia Surda de Teatro (1993 a 1997), Teatro Absurdo (2001 a

⁴³ Agradeço Ana Regina Campello e CIACS pelo acesso ao material histórico do CIACS que possibilitou o conhecimento sobre os atores surdos brasileiros do Rio de Janeiro.

⁴⁴ Disponível em: <<http://ciacs.webnode.com/>>. Acesso em: 15 ago. 2015.

2003), Teatro Brasileiro de Surdos (TBS) (2005 a 2008), e novos atores surdos e/ou ouvintes passaram a fazer parte da equipe, na qual poderiam ser diretores ou atores, porém a maioria era de surdos. Essas companhias fizeram inúmeros espetáculos de diferentes temáticas, além de oficinas, cursos e eventos, como o Festival de Teatro Amador, em Paty dos Alferes (RJ), o projeto *Vejo Vozes*, um seriado educativo produzido pela TVE, e um documentário educativo em VHS com o título *Independência e Vida* (1997), sobre drogas, em parceria com o INES.

Em 1999, o projeto da companhia “Lado a Lado”, criado pela professora Regina Celeste no INES, contava com atores e atrizes surdas do CIACS, que foram emprestados para atuar nessa companhia. Em 2000, fez o filme do vídeo *Doenças Sexualmente Transmissíveis – DST*, sobre o tema da prevenção, com o diretor Oscar Saraiva, e outros.

O espetáculo solo de teatro *Nelson 6 ao vivo*, protagonizado pelo ator, poeta e professor Nelson Pimenta, em parceria com o diretor Luiz Carlos Freitas, apresenta várias cenas contando sua infância e vivências na comunidade surda, onde as adapta ao humor, a narrativas e contos, alguns poemas, enfim, da cultura surda. O diretor Luis Carlos fazia a interpretação da voz (versão da língua portuguesa) de Nelson Pimenta, para o público em geral. Nelson Pimenta também produziu DVDs de diversas histórias, materiais didáticos, fábulas e poesias em língua de sinais, pela sua empresa, a LSBvídeo.⁴⁵

Rosani Suzin, poeta e professora, militante surda, foi a primeira instrutora surda a dar aulas para ouvintes em Curitiba, no estado do Paraná (ANDREIS-WITKOSKI; SANTOS, 2013). Era conhecida da comunidade surda e alunos ouvintes por seus recursos criativos, expressivos, e de uso de classificadores em suas poesias em língua de sinais. Lembro-me de que ela me contou que surgiram outras possibilidades através do ator Nelson Pimenta, no contato que teve com seus materiais didáticos e poesias em língua de sinais. Ela seguiu seu exemplo e produziu DVDs em Libras, com parte de poesia em língua de sinais. Rosane Suzin tem diagnóstico de Síndrome de Usher, mas continua sua vida profissional, há sete anos, como professora na escola de surdos. Seu processo de cegueira é progressivo, e por esse motivo está aposentada, mas continua dando palestras, como professora e poeta, militante e abrindo um novo caminho na área de educação de surdos-cegos (ANDREIS-WITKOSKI; SANTOS, 2013).

Em 2003 foi fundada a Companhia Arte e Silêncio, formada por um casal de irmãos paulistas, Rimar Segala e Sueli Ramalho, em São Paulo. Os dois irmãos são diretores, conhecidos entre as comunidades surdas brasileiras. A companhia tem o objetivo de

⁴⁵ Disponível em: <<http://www.lsbvideo.com.br/>>. Acesso em: 12 abr. 2014.

desenvolver uma pesquisa da arte e da cultura de surdos, utilizando as técnicas da mímica e da linguagem *clown*, adaptadas à língua brasileira de sinais. Rimar Segala criou o espetáculo *Orelha*, abordando a inclusão social de surdos, a cultura surda e a língua brasileira de sinais, tendo participado de vários eventos. Outros espetáculos foram criados pela companhia, como *Os palhaços na escola*, que aborda a questão da cultura surda e língua de sinais dentro de sala de aula.

A Companhia de Teatro Mãos Livres⁴⁶ foi fundada em 2005 e tem uma montagem muito conhecida, o espetáculo *Palhaços surdos* (Figura 17), formada por atores surdos, Cleber Couto, Glória Ferreira e Luan Gusmão, dirigido por Lourdes Guedes e com Raquel Ferreira como intérprete, membro da Associação dos Tradutores/Intérpretes de Língua de Sinais do Pará (ASTILP), com sede em Belém do Pará. O grupo apresentou-se em vários eventos do Norte ao Sul do Brasil, inclusive apoiou e se apresentou durante as manifestações dos movimentos de surdos em Brasília, no ano de 2011.

Figura 17 – Companhia de Teatro Mãos Livres



Fonte: página da Associação dos Tradutores/Intérpretes de Língua de Sinais do Pará.⁴⁷

O Grupo Signatores foi fundado em 2010, em Porto Alegre (RS), formado por atores surdos, jovens e adultos, e pesquisadores da UFRGS, tal como Augusto Shallenberger (pesquisador e consultor da cultura surda), Sergio Luklin (assessoria pedagógica), Alexandre Borin (assistente de direção, ator-narrador), Daniela Lopes (planejamento e produção), dirigido e coordenado pela pesquisadora Adriana Somacal. Inúmeros espetáculos foram apresentados no Rio Grande do Sul e outras localidades do Brasil em língua de sinais, com tradução oral nas apresentações abertas ao público. Os espetáculos são sucessos, e entre as

⁴⁶ Dispõe Teatro M2 <http://astilp.blogspot.com.br/2008/10/palhaos-surdos-cia-de-teatro-mos-livres.html> e <http://diariodopara.diarioonline.com.br/N-19660.html>. Acesso em: 11 abr. 2014.

⁴⁷ Disponível em: <http://astilp.blogspot.com.br/2008/10/palhaos-surdos-cia-de-teatro-mos-livres.html>. Acesso em: 9 out. 2015.

produções destaque: *Alice no país das maravilhas* (Figura 18), *Memória na ponta dos dedos* e *Aventuras no reino surdo*. Segundo informações sobre o Grupo Signatores,⁴⁸ ele foi premiado no Concurso Décio Freitas da Secretária Municipal de Cultura de Porto Alegre (2010), e selecionado pelo Programa Sulgás de Patrocínio Cultural e Esportivo (2011) e pela empresa AGCO do Brasil (2013). Em 2012 ganhou, em duas categorias, o Prêmio Agente Jovem de Cultura: Diálogos e Ações Culturais, do Ministério da Cultura.

Figura 18 – Espetáculo *Alice no país das maravilhas*



Fonte: foto por Fabrício Simões na página do Signatores.

Shirley Vilhalva, poeta e professora, militante surda, reside em Campo Grande no Mato Grosso do Sul. É uma das autoras do primeiro livro de língua de sinais de Mato Grosso do Sul, intitulado *Libras – Língua Brasileira de Sinais com dialeto regional de MS*. Também publicou um livro intitulado *Despertar do silêncio*, da editora Arara Azul, em 2004. Ela escreveu sobre anotações escritas na adolescência, sobre suas experiências vividas, que ela gostaria que os leitores soubessem, além de mostrar novas metas de trabalho pela frente, de ser professora e sua descoberta da língua de sinais. Nesse livro, escreveu um poema em português, de que apresento uma parte, e que para mim é poesia em Literatura Surda:

Sabe...
 Quantas vezes cheguei perto para falar e não consegui
 Quantas vezes meus olhos falaram e você nem ligou
 Quantas vezes minhas mãos chamaram e você nem se importou
 [...]

Outro destaque ela apresenta no site da FENEIS, sobre mulheres surdas,⁴⁹ um poema para homenagem as mulheres guerreiras:

De menina sapeca

⁴⁸ Disponível em: <<http://www.signatores.com.br/>>. Acesso em: 22 jun. 2016.

⁴⁹ Disponível em: <http://www.feneis.org.br/page/materias_despertarmulheres.asp>. Acesso em: 20 maio 2014.

Que transborda beleza.
 Transformando menina-moça-mulher.
 Despertando em si a
 Mulher Surda, guerreira, acima de tudo Mulher.

Outro texto interessante é o poema de Shirley Vilhalva, que a tornou conhecida em terra brasileira, espalhando-se pelas redes sociais, *blogs*, artigos e outros, cujo tema é o “Lamento oculto de um surdo”:

Quantas vezes eu pedi uma Escola de Surdo e você achou melhor uma escola de ouvinte.
 Várias vezes eu sinalizei as minhas necessidades e você as ignorou, colocando as suas ideias no lugar.
 Quantas vezes levantei a mão para expor minhas idéias e você não viu. Só prevaleceram os seus objetivos ou você tentava me influenciar com a história de que a Lei agora é essa... e que a Escola de Surdo não pode existir por estar no momento da “Inclusão”.
 Eu fiquei esperando mais uma vez... em meu pensamento...Ser Surdo de Direito é ser “ouvido”... é quando levanto a minha mão e você me permite mostrar o melhor caminho dentro de minhas necessidades.
 Se você Ouvinte me representa, leve os meus ensejos e as minhas solicitações como eu almejo e não que você pensa como deve ser.
 No meu direito de escolha, pulsa dentro de mim: Vida, Língua, Educação, Cultura e um Direito de ser Surdo.
 Entenda somente isso!

Esse texto foi interpretado por líderes surdos, em forma de jogral, e foi divulgado em vídeo nas redes sociais em língua de sinais.⁵⁰ Nesse período de 2011 havia as manifestações do movimento surdo a favor da educação e da cultura surda, focado em “Escolas e Classes Bilíngues para Surdos já!”.⁵¹ Esses e outros surdos, amadores e profissionais do Brasil, apresentavam teatro, poesias, narrativas e vários gêneros de mãos literárias, por meio da comunidade surda brasileira.

4.4 FESTIVAIS DAS MÃOS

Festivais são momentos de encontro de surdos, onde o patrimônio cultural produzido pelos sujeitos, de diferentes comunidades surdas, é difundido e transmitido. Assim como nos antigos banquetes, ali temos as trocas, os encontros, as comemorações e a identificação.

⁵⁰ Para ver vídeos interpretados, disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=1F1syKhkx2A>>. Acesso em: 7 jun. 2014.

⁵¹ Disponível em: <<http://bilinguessparasurdosja.com/>>. Acesso em: 7 jun. 2014.

Em 2003, participei do 1º Encontro de Arte e Cultura Surda (Figura 19), no Centro Cultural de São Paulo (SP), organizado por Nelson Pimenta e Luiz Carlos, que residem no Rio de Janeiro. Eles não conseguiram patrocínio no Rio de Janeiro, mas o governo de São Paulo aceitou a proposta e direcionou verba para esse evento, como incentivo de atividades culturais.

Figura 19 – 1º Encontro de Arte e Cultura Surda 2003, em São Paulo.



Fonte: O próprio autor
cartazes (tamanho A4 21 x 29,7 cm).

Em novembro de 2011, ocorreu o Festival Brasileiro de Cultura Surda, em Porto Alegre (Figura 20), organizado por pesquisadores do projeto intitulado “Produção, circulação e consumo da cultura surda brasileira”, na UFRGS. O projeto foi coordenado por Lodenir Karnopp, Madalena Klein e Márcia Lunardi-Lazzarin, e a equipe foi composta por pesquisadores mestres, doutores, bolsistas da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), UFPel (Universidade Federal de Pelotas) e UFSM (Universidade Federal de Santa Maria). O evento teve aproximadamente a participação de 700 inscritos, entre eles artistas convidados, palestrantes brasileiros e estrangeiros. A programação contou com quatro eixos: mídia-cinema, literatura, teatro e arte visuais, e também houve oficinas como duração de três dias. Segundo os organizadores do festival, objetivou-se dar visibilidade e contribuir para a divulgação das produções culturais das comunidades surdas brasileiras, potencializando intercâmbios entre os diferentes atores envolvidos na produção, circulação e consumo dos artefatos pertencentes à cultura surda.

Os pesquisadores encontraram, nas viagens que antecederam o festival, surdos com mãos literárias, artistas, autores e obras de pinturas que a sociedade e as comunidades surdas em outras regiões do Brasil desconheciam. Portanto, os pesquisadores decidiram trazer/convidar alguns artistas surdos para esse evento. Havia também um grupo de índios

surdos que vieram ao festival para mostrar suas obras e seus artistas, e também buscavam conhecimentos e compartilhamento de informações com os demais participantes do evento.

Figura 20 – Festival Brasileiro de Cultura Surda (2011).



Fonte: Portal UFRGS – Cultura Surda.⁵²

Nesse evento, os convidados e participantes apresentaram produções da cultura surda e artes surdas, como produções da Literatura Surda, pinturas e filmes de curta metragem. Também foi lançado o livro intitulado *Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações*, (KARNOPP; KLEIN; LUNARDI-LAZZARIN, 2011). Nesse livro, os artigos abordam pesquisas em Estudos Surdos, Estudos Culturais e Literatura Surda em diferentes países.

Outro ponto importante, o Festival de Folclore Sinalizado (Figura 21), intitulado “Os craques da Libras”, realizado em novembro de 2014, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis, com a parceira da UFSC e da Associação de Surdos da Grande Florianópolis, com apoio da Secretária de Cultura da UFSC (SECULT). Segundo Sutton-Spence e outros (2016, p. 86), a iniciativa de organizar esse festival teve uma dupla motivação: a artística e a social.

Em primeiro lugar, a reconhecida função social da arte e da literatura, na promoção de alegria e integração social, gerando um ambiente auspicioso, fundamental para que toda a comunidade surda, incluindo seus familiares e colegas de trabalho ouvintes possam desenvolver um olhar positivo sobre a surdez e a língua de sinais. Em segundo lugar, compreendemos que a arte e a literatura têm assumido,

⁵² Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/culturasurda/#>>. Acesso em: 11 jun. 2016.

historicamente, um papel social de vanguarda na sinalização das tendências filosóficas, políticas e culturais da sociedade, como foi, por exemplo, a Semana de Arte Moderna no contexto brasileiro do século XX.

Figura 21 – Festival de Folclore Sinalizado.



Fonte: página do Festival de Folclore Sinalizado no Facebook.⁵³

Reconhecidas as funções sociais e artísticas do festival, observa-se a existência de pesquisadores surdos e ouvintes na área de Literatura Surda. Sabemos que existe a circulação das mãos literárias, que é algo registrado no momento de transmitir as significações, conectadas às artes e à literatura. Achei interessante uma frase, “Os craques de Libras”, em que eu participava desse evento como espectador. Compartilhamos as mãos e participamos das oficinas, ao mesmo tempo, buscando algo significativo das mãos literárias e admirando a equipe dos craques para contribuir nas significações da construção de artes literárias, na forma do folclore sinalizado que circula na terra brasileira e estrangeira. Nesse evento, foram apresentadas obras ricas dos contadores de histórias, humores e poemas em língua de sinais, surdos brasileiros estiveram presentes no evento, também havia oficinas ministradas pelos craques das Libras. Eram seis craques: cinco surdos brasileiros, Sandro Perreira (São Paulo), Fernanda Machado (Santa Catarina), Rimar Romano (São Paulo), Nelson Pimenta (Rio de Janeiro), Bruno Ramos (Rio de Janeiro); e um surdo britânico, Richard Carter. Sobre o Festival Folclore Sinalizado, cito Sutton-Spence e outros (2016, p. 80):

“Os craques da Libras”, de modo a demonstrar que existem pessoas na comunidade surda com a fabulosa habilidade de criar e apresentar narrativas, poemas e piadas. Essas narrativas constituem parte do folclore das pessoas surdas. No festival, seis craques da Libras de diferentes cantos do Brasil e do mundo trabalharam com até

⁵³ Disponível em: <<https://www.facebook.com/festivalfolcloresinalizado/timeline>>. Acesso em: 11 jun. 2016.

cento e cinquenta alunos surdos para criar, desenvolver e fazer apresentações de folclore surdo.

Nesse evento, tive oportunidade de entrevistar o surdo britânico Richard Carter, para esta tese, pois está relacionada às experiências das mãos literárias. Também realizei entrevista com Rodrigo Custódio, que participativa do evento. Portanto, tive a oportunidade de entrevistar esses craques sobre suas experiências visualiterárias: Nelson Pimenta, Rimar Romano (Rima Segala), Richard Carter e Rodrigo Custódio (participante).

Figura 22 – Festival de Cinema do INES.



Fonte: página do Festival de Cinema do INES.⁵⁴

Além disso, houve o 1º Festival de Cinema do INES (FESTCINES) (Figura 22), no Rio de Janeiro, já ocorrido em anos anteriores no Projeto CINES no INES. Segundo o *site* FESTICIENS, “o Projeto CINES apontou para algumas possibilidades, tais como: a formação de espectadores, o incentivo ao pensamento crítico, o exercício da liberdade de criação e expressão, e o conhecimento de outras realidades e culturas”. Nesse caso, os alunos desenvolveram filmes em língua de sinais, além de experiências e ideias de filmagens. Ocorridos em 2010 e 2011, com a 1º e 2º mostra de cinema Libras em Cena, com intensa participação dos alunos do INES.

Outro festival internacional, O Festival Clin d’Oeil, na cidade de Reims, França, iniciou em 2003 e completa mais de 12 anos de realização. Ocorre bianualmente, sendo o evento de três dias, e em 2015 aumentou para quadro dias. “Clin d’Oeil” é um piscar de olhos, pois os olhos significam experiências visuais que fazem parte da cultura surda, cultura que está dentro de minorias linguísticas e produzem os significados culturais nas práticas discursivas. Portanto, surdos de vários territórios, tanto dentro quanto fora da Europa, participam desse festival. Nesse sentido, é um festival artístico que promove formação, divulga artistas surdos e a cultura surda, com foco em línguas de sinais.

⁵⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=C235ey9z4o4>> e <https://www.youtube.com/watch?v=yucvIoH_TgM>. Acesso em: 31 ago. 2014.

Segundo organizadores, o Festival Clin d'Oeil é o único festival do mundo que oferece um programa multidisciplinar,⁵⁵ com artes cênicas (Figura 23) e teatro de rua, música, artes visuais, exposições (Figura 24) e filmes de curta-metragem. Em 2013, com 73 espetáculos, 30 filmes, 14 oficinas infantis e 80 expositores.

Tabela 1 – Quantidade de participantes no Festival Clin d'Oeil.



Fonte: O próprio autor.

No último festival, em 2015, mais de 4.085 inscritos participaram (Tabela 1). O festival oferece um local onde cuidam das crianças, uma espécie de creche onde pais surdos com filhos surdos ou pais surdos com filhos ouvintes podem deixaram seus filhos. No entanto, arte e a cultura são parte de desenvolvimento cultural, é um programa de educação artística com profissionais surdos e ouvintes (usuários em língua de sinais) internacionais, onde todas as crianças participam de oficinas educativas e artísticas, compartilhando das culturas estrangeiras. No ultimo dia, apresentam suas criações artísticas em um show no palco para os pais que assistem ao espetáculo das crianças.

Nesse evento, é impossível perceber quem é surdo e quem é ouvinte, uma vez que todos sinalizam, utilizando suas línguas de sinais internacionais. Conforme escrito na programação do próprio festival, são onze línguas escritas, tais como: francês, inglês, hebraico, japonês, alemão, espanhol, italiano e outras. Existe ainda a tradução para Línguas de Sinais em cada uma dessas línguas, no *site* do festival. Tanto os espetáculos de teatros como filmes e exposições são apresentados utilizando a língua de sinais internacional e línguas de sinais dos países dos participantes.

⁵⁵ Disponível em: <<http://tropheesfondation.edf.com/associations/cinesourds>>. Acesso em: 11 jun. 2016

Figura 23 – Espetáculos de teatro: vários artistas surdos estrangeiros e um brasileiro.



Fonte: fotos tiradas por Cláudio Mourão.

Em 2013, um surdo brasileiro, Bruno Ramos (Figura 25), apresentou-se nesse festival, o que foi importante para mostrar que temos surdos brasileiros como profissionais atores, escritores, entre outros.⁵⁶

⁵⁶ Ainda mais, dois voluntários, um surdo brasileiro, carioca, Ricardo Boaretto, e também Adriana Somacal, ouvinte, gaúcha (que faz parte, como diretora, do grupo Signatores em Porto Alegre), para trabalhar no Festival Clin d'Oeil 2013. Em 2011, 2013 e 2015, participaram como inscritos nove surdos brasileiros: eu, Cláudio Mourão (RS), Bruna Branco (RS), Carolina Hessel (RS), Elisa Vasco (SC), Francisco Sérvulo Lima (CE), Igor Rocha (PE), Mariana Hora (PE), Rafael Ferraz (PE), Marcelo Amorin (CE). Anteriormente, em 2009, o primeiro surdo brasileiro foi Rodrigo Machado (CE). O total dos que participaram, dos quais obtive conhecimento, desse festival de 2009 até 2015, são dez surdos brasileiros e uma ouvinte brasileira. Sem contar outros surdos brasileiros que moram na Eurora e que participaram do festival.

Figura 24 – Artes e exposições com artistas surdos no Festival Clin d'Oeil 2013.



Fonte: fotos tiradas pela o próprio autor.

Figura 25 – Bruno Ramos, surdo brasileiro, apresentou um peça no Festival Clin d'Oiel 2013.

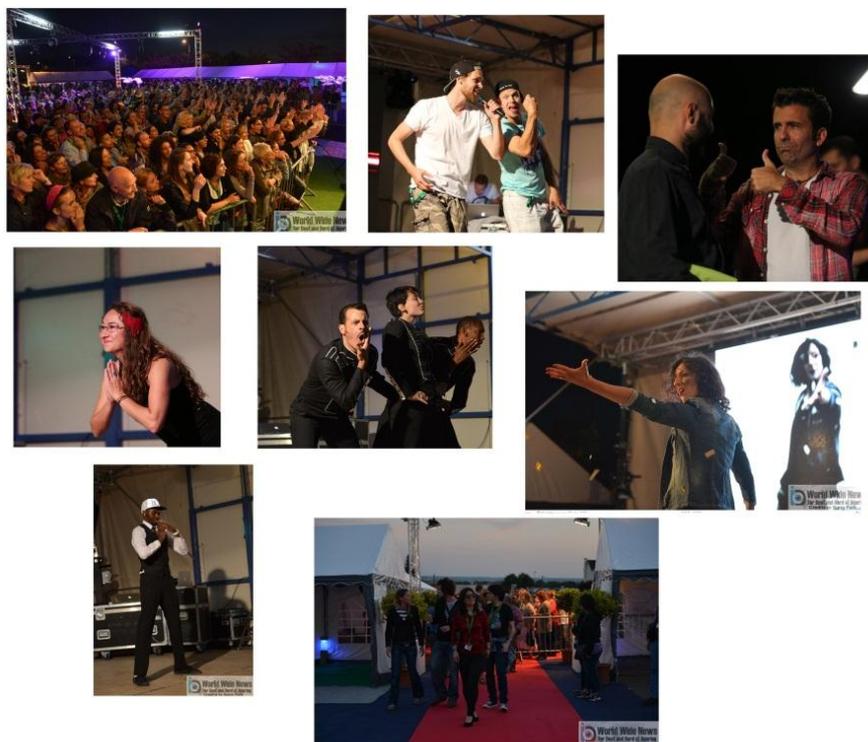


Fonte: página do Festival Clin d'Oeil 2013.⁵⁷

Durante as festas desse evento, *Deaf Party* (Figura 26), por três noites, há dançarinos, shows, ambientes agradáveis para sentar e conversar nas rodas de conversar das mãos, bares e apresentações de danças surdas, cantores sinalizantes, apresentadores, uma banda Rock Deaf, que se apresentam no palco principal e são conhecidos pelas comunidades surdas internacionais.

⁵⁷ Disponível em: <<http://www.clin-doeil.eu/2013/2013/en/portfolio-items/women-beautiful-brazil-drop-of-honey-2/>>. Acesso em: 11 jun. 2016.

Figura 26 – *Deaf Party*, Festival Clin d'Oeil 2013.



Fonte: página do *I Deaf News*.⁵⁸

São esses, acima mostrados, os participantes, as mãos espetáculos de artistas surdos que circulam, consomem e produzem os significados de ser surdo e da cultura surda, que mantêm a riqueza cultural e linguística, de forma a defender as identidades surdas.

Hoje, o governo da cidade de Reims e empresas apoiam e patrocinam a equipe do Festival Clin d'Oeil, que é responsável pela produção da riqueza cultural, respeitando os direitos dos surdos e das línguas de sinais, assim como há incentivos às atividades culturais. Quanto à equipe do festival, os que organizam o evento, inclusive o diretor do festival, David de Keyzer, são surdos.

Outro evento, o Poetry Festival, organizado pela equipe de pesquisadores surdos e ouvintes, sob a coordenação de Rachel Sutton-Spence na Universidade de Bristol – Escola Superior de Educação,⁵⁹ foi realizado no Bristol Center for Deaf People, sendo que o primeiro festival foi realizado em 2006 e depois ficou parado por um bom tempo, mas logo voltou, em 2010, 2011 e 2012 (Figura 27). A cada ano, acontece um festival de poesia para o público,

⁵⁸ Disponível em: <<http://read.ideafnews.com/2013/07/festival-clin-doeil-2013-friday-july-5th-at-reims-france/>>. Acesso em: 11 jun. 2016.

⁵⁹ Disponível em: <<http://www.bristol.ac.uk/education/research/sites/micsl/news/2011/71.html>>. Acesso em: 5 fev. 2014.

onde são apresentados mais de 100 poemas, nesse caso, com o objetivo de estimular o público a se abrir para a produção dos surdos, sendo que as pessoas podem assistir, buscar conhecimentos por alguns autores e poetas surdos, e, nas oficinas, produzir em língua sinalizada as novas poesias, em competições abertas onde se ganham prêmios, além de realizar pesquisas, análises feitas por mestres e doutores, por equipes de estudiosos em antologias e estudos surdos, onde são comprovadas a riqueza da língua de sinais e culturas surdas. Cito a entrevista com Rachel Sutton-Spence (2013), na qual ela comenta sua experiência no festival, assim como sua pesquisa, sendo que o evento consiste em um importante meio de divulgação:

Na Inglaterra existe uma divulgação da Literatura Surda nos festivais, também nas associações. A BDA, como é chamada a Associação Inglesa de Surdos, também realiza vários eventos onde os surdos apresentam suas produções. São organizados palcos onde os surdos sobem e sinalizam suas histórias, o que é uma atividade muito importante. Existem também competições em que os surdos disputam quem é o melhor na sinalização de histórias. Também há os festivais que são realizados para que os surdos mostrem suas histórias. Mas como são financiados esses eventos? Algumas vezes o governo disponibiliza verbas para pagar os participantes, é muito importante que os poetas surdos sejam remunerados. Há também os que realizam essas atividades voluntariamente, aí depende da pessoa. Há também a necessidade de pesquisas, sendo que os resultados das mesmas devem ser colocados em bancos de dados na internet para a visualização das produções literárias dos surdos. Esse material fica disponível, pode ser acessado livremente. Mesmo morando em locais distantes, todos os surdos podem acessar a plataforma e visualizar as publicações. Mas também é importante que sejam realizados os festivais presenciais, já que a Literatura Surda possui como característica agregar a comunidade surda para que os indivíduos não fiquem isolados, nesse sentido é importante comparecer também aos festivais.

Figura 27 – Poetas surdos em University of Bristol



Fonte: página do University of Bristol.⁶⁰

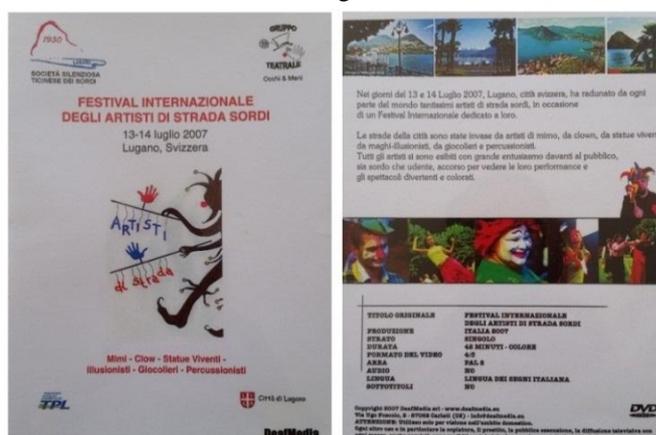
Esses não são os únicos festivais, existem vários festivais em outros países que são organizados pelos próprios surdos, tal como: Festival Internazionale Degli Artisti di Strada Sordi, em 2007 (Figura 28), 2009 e 2011⁶¹ em Lugano, Suíça, com grandes artistas surdos

⁶⁰ Disponível em: <www.bristol.ac.uk/bslpoetryanthology>. Acesso em: 10 jun. 2014.

⁶¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SnGzuMQ4iGc>>. Acesso em: 11 jun. 2016.

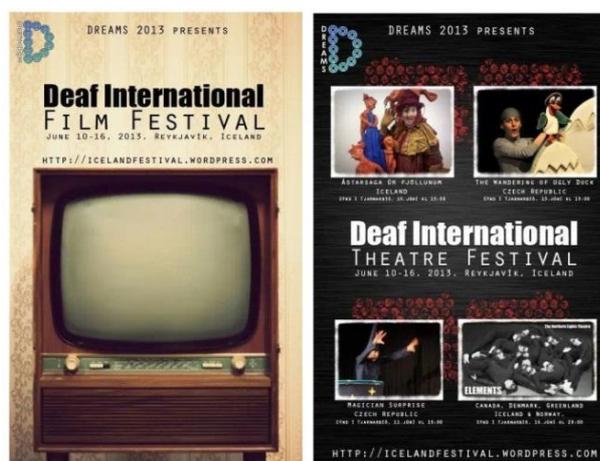
internacionais, mímicas, *clowns*, estátuas vivas, ilusionistas, malabaristas e percussionistas, que se apresentam na rua da cidade; Film & Theatre Festival, em 2013, na Islândia⁶² (Figura 29); 4th Toronto Internacional Deaf Film & Arts Festival, em Toronto, Canadá (Figura 30), entre outros.

Figura 28 – DVD do Festival Internazionale Degli Artisti de Strada Sordi, em Lugano, na Suíça



Fonte: Festival Internazionale Degli Artisti de Strada Sordi. (2007).

Figura 29 – Film & Theatre Festival 2013.



Fonte: página do Filme & Teatre Festival.⁶³

⁶² Disponível em: <<https://icelandfestival.wordpress.com/>>. Acesso em: 10 jan. 2014.

⁶³ Disponível em: <<https://icelandfestival.wordpress.com/filmfestival/>> e <<https://icelandfestival.wordpress.com/theatrefestival/>>. Acesso em: 10 jan. 2014.

Figura 30 – 4th Toronto Internacional Deaf Film & Arts Festival em Toronto, Canadá.



Fonte: Página do Toronto Internacional Deaf Film & Arts Festival no site.⁶⁴

As experiências que nos acontecem entre as obras e os espectadores, tradição face a face, rodas de conversas das mãos literárias, inúmeras expressões artísticas surdas entre os festivais, congressos, seminários, mídias convencionais/digitais, e outros similares, nas mãos literárias ainda há circulação e consumo de formas literárias. Segundo Sutton-Spence e outros (2016, p. 80), os encontros face a face, como os festivais, e o consumo das produções em língua de sinais (livros e DVDs) são legados que pretendem empoderar o *status* de folclore e literatura produzidos pelo povo surdo.

No patrimônio da Literatura Surda existe a herança pela sinalidade, algo que empodera a transmissão das produções artísticas surdas com as mãos literárias. São absorvidas as visualiterárias pelos sujeitos surdos, no sentido de lazer na casa da Literatura Surda.

⁶⁴ Disponível em: <<http://tidfaf.ca/>>. Acesso em: 10 jan. 2014.

5 CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Mãos literárias produzem efeitos em mãos e olhos.
Cláudio Mourão

Nesta seção faço um detalhamento dos procedimentos de pesquisa, ou seja faço uma explicitação das escolhas metodológicas que permitiram a produção dos dados sobre as experiências dos surdos com a Literatura Surda, e como sua trajetória influenciou sua constituição como produtor de literatura.

Nestas seções apresento as razões para a escolha dos entrevistados, seguido do objetivo geral e específicos. Explico o roteiro para as entrevistas, os critérios para a seleção dos entrevistados e procedimentos éticos adotados. Escrevo sobre as situações e a distribuição das entrevistas, com anexos os textos do TCLE e a Autorização de Uso de Imagem, Voz e Respectiva Cessão de Direitos.

Na sequência, abordo o material dos entrevistados e explico a produção de dados na língua de sinais e a tradução para o português escrito. Apresento o currículo vitae das “mãos sinalizantes” dos entrevistados.

No capítulo 6, inicio a análise do material empírico, as “mãos sinalizantes” entrevistadas. Na análise aponto também os resultados e suas quebra-mãos, ou seja, a organização do material em categorias analíticas; por último o quebra-mãos do processo e formação das mãos literárias.

As razões para a escolha desses representantes são as seguintes: eles têm a experiência de ser surdo e da sua língua visual, têm mãos ativas e participativas na comunidade surda. Além disso, eles participam ativamente de vários eventos, tanto nacionais quanto internacionais, tais como seminários, congressos, oficinas, festivais, entre outros. Alguns foram e/ou são atualmente ativistas, membros de associações de surdos, atores de teatro/mídia, escritores/sinalizadores, contadores/narradores e participantes de rodas de bate-mãos e alguns são professores no ensino de língua de sinais e ensinam temas relacionados à Literatura Surda.

Na seção 5.2 escrevo um resumo das trajetórias e experiências de cada um dos entrevistados. Minhas análises estão focadas nas relações entre eles, suas experiências vividas e atuais — as quais os subjetivaram — e as marcas de obras de outros sujeitos surdos que

constituíram suas experiências. Nesse sentido, eles têm uma história, uma experiência, não pela informação. Segundo Benjamin:

Essa história nos ensina o que é verdadeira narrativa. A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver. (BENJAMIN, 1994, p. 204).

Larrosa (2015) coloca que a experiência não é informação nem opinião. O sentido da experiência, que preserva a memória que nos aconteceu e que nos toca, é algo que pode ser transmitido pela comunicação, que se relaciona ao mesmo significado para transmitir ou preservar, que espera o momento e a hora certa para narrar. Segundo Muylaert et al., as entrevistas narrativas em pesquisa qualitativas enfatizam que: “[...] o importante é o que está acontecendo no momento da narração, sendo que o tempo presente, passado e futuro são articulados, pois a pessoa pode projetar experiências e ações para o futuro e o passado pode ser ressignificado ao se recordarem e se narrarem experiências” (2014, p. 195).

São as mãos “vivas”, os depoimentos dos surdos que produzem literatura, que tenho o propósito de investigar. O problema de pesquisa que apresento para investigação é o seguinte: como vêm sendo narradas as experiências de surdos com as mãos literárias? Tenho como finalidade analisar, a partir dessas entrevistas, as representações da literatura surda.

O objetivo geral desta tese é analisar a experiência de surdos com a Literatura Surda e como sua trajetória influenciou sua constituição como produtores de literatura. Os objetivos específicos são: (a) descrever as diferenças entre Literatura Surda e Literatura em língua de sinais; (b) identificar as influências destacadas na formação literária de surdos; e (c) identificar o papel da Literatura Surda na Educação. Todos esses objetivos são analisados a partir das narrativas presentes nas entrevistas.

Antes de iniciar, preparamos um roteiro para as entrevistas. Elas foram realizadas através da Internet e de forma presencial, sendo ferramentas para a produção de material empírico de pesquisa. Segundo Flick (2013), tradicionalmente, as entrevistas, as pesquisas de levantamento e as observações têm sido realizadas, em sua maior parte, de forma presencial. No entanto, esse tipo de pesquisa tem limitações, dependendo das situações:

Esse tipo de pesquisa tem suas limitações. [...] Estas limitações podem algumas vezes ser superadas se você decidir realizar seu estudo on-line. Os métodos quantitativos e qualitativos têm sido adaptados para esse tipo de pesquisa. Entrevistas por e-mail ou através de outros meios virtuais, pesquisas de

levantamento on-line e etnografia virtual são agora parte de kit de ferramentas metodológicas dos pesquisadores sociais. (FLICK, 2013, p. 25).

Assim, a pesquisa é de caráter exploratório e de cunho qualitativo (DENZIN; LINCOLN, 2006) e será realizada através de entrevistas com surdos brasileiros e estrangeiros. Nas entrevistas, utilizo perguntas abertas. A seguir, apresento as perguntas que foram realizadas:

1. Como você define Literatura Surda?
2. Qual é a diferença entre Literatura Surda e Literatura em Língua de Sinais?
3. Quais são influências/marcas (elementos) da Literatura Surda?
4. Como você se tornou autor ou poeta em língua de sinais? Estudou na área de literatura ou Literatura Surda? Onde? Ou aprendeu por meio da comunidade surda?
5. Qual é o papel da educação na formação de artistas surdos?
6. Como ocorreu sua formação literária? Que poetas ou narradores em língua de sinais influenciaram sua formação artística/literária? E qual foi a influência da escola, da comunidade surda?
7. Qual é o papel da Literatura Surda na comunidade surda? Qual é o papel da Literatura Surda para os ouvintes?
8. De que modo a educação e as escolas de surdos podem trabalhar a Literatura Surda?
9. Explique as características do uso da língua de sinais na produção literária.
10. Explique os temas mais frequentes na Literatura Surda.
11. Conte sobre a Literatura Surda: sobre os festivais, os artistas, as associações e as escolas.
12. Você gostaria de acrescentar mais algum comentário?

Realizei entrevistas com surdos que são contadores de histórias ou que, de alguma forma, estão relacionados com a Literatura Surda para conhecer suas experiências com as mãos literárias e para saber sobre a contribuição que eles identificam que ela trouxe e pode trazer para a educação.

Os critérios para a seleção dos entrevistados são os seguintes: (a) ser surdo; (b) ter experiências na área de Literatura Surda (como poetas, atores, líderes e/ou autores em língua

de sinais e/ou em português escrito como segunda língua dos surdos no Brasil; (c) ter produzido algum material, de modo impresso ou digital, na língua de sinais.

Destaco aqui o caráter de protagonistas desses sujeitos, que são artistas e líderes da comunidade surda, amplamente conhecidos pelos trabalhos que realizam como poetas, contadores de histórias, artistas ou líderes. Se, por um lado, as pesquisas em geral consideram os surdos como um grupo vulnerável, nesta pesquisa, quero ressaltar seu aspecto como protagonistas e sujeitos culturais, produtores de “mãos literárias”. Assim, enfatizo o caráter protagonista dos participantes e utilizo seus nomes próprios na pesquisa, visto que, em consulta prévia, todos solicitaram a identificação de seus nomes próprios. Foram feitos 18 (dezoito) convites para surdos do Brasil e de outros países como consulta prévia para participação na pesquisa.

Quanto aos procedimentos éticos, destaco que a pesquisa foi realizada conforme a sugestão e disponibilidade de cada participante. Na maioria dos casos, a entrevista foi realizada na casa do próprio participante ou na associação de surdos. Nestes últimos casos, o pesquisador se deslocou com sua filmadora para a realização da entrevista. Somente três entrevistas foram realizadas virtualmente (em formato digital, através de vídeos), em língua de sinais, devido à distância geográfica entre o pesquisador e o participante. A pesquisa não envolveu custos aos participantes e o pesquisador se responsabilizou pelos eventuais custos (passagens, deslocamentos, filmagens) que poderiam ter surgido.

Cabe destacar também que a pesquisa não envolveu riscos. Quanto aos benefícios, destaco a visibilidade da língua de sinais e da Literatura Surda, bem como a integração entre os surdos contadores de histórias e a divulgação de trabalhos que circulam em língua de sinais para um público mais amplo. Isso favorece a consolidação da área da Literatura Surda e a produção de novos conhecimentos.

Para a realização das entrevistas, disponibilizei as perguntas em diferentes línguas de sinais. São duas situações de entrevista, as quais descrevo abaixo:

Para surdos brasileiros:

I. Realização de entrevista presencial. Como pesquisador, apresentei as questões ao participante e filmei a entrevista. Antes de iniciar a sessão, o participante foi convidado a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido — TCLE (Apêndice D) e o Termo de Autorização de Uso de Imagem, Voz e Respectiva Cessão de Direitos, ambos em português escrito (Apêndice E) e traduzidos para LIBRAS (vídeo, apresentado no *notebook*).

II- Realização de entrevista à distância. Enviei no corpo do email as perguntas em português escrito e, em anexo, as mesmas perguntas em LIBRAS (vídeo). Também em anexo,

enviei o texto do TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e o termo de “Autorização de uso de Imagem, Voz e Respectiva Cessão de Direitos”, em português escrito e em LIBRAS (vídeo).

Para surdos estrangeiros:

I. Com os surdos estrangeiros, a entrevista foi feita em língua de sinais (Sinais Internacionais) e a filmagem foi presencial, mas se utilizou o mesmo roteiro de questões.

II. Também apresentei o texto do TCLE e o texto da Autorização de Uso de Imagem, Voz e Respectiva Cessão de Direitos, ambos em português escrito. Por esses motivos, nas entrevistas presenciais, além de os termos terem sido assinados, em que expliquei e traduzi os termos de português escrito para a Língua Internacional de Sinais.

Em anexo, estão redigidos os textos do TCLE e da Autorização de Uso de Imagem, Voz e Respectiva Cessão de Direitos, ambos em português, com a tradução para LIBRAS (disponível em vídeo) e para Sinais Internacionais. O TCLE em LIBRAS foi realizado em parceria com a tradutora-intérprete de LIBRAS da UFRGS, Celina Xavier Neta. A filmagem e a edição do vídeo foram feitas por mim. Portanto, temos duas línguas brasileiras, português e LIBRAS, para a obtenção do consentimento dos participantes surdos.

Por essa razão, busquei teorias e metodologias de entrevistas — convencionais e com o uso da Internet como ferramenta — para a produção de material empírico de pesquisa.

Nesta pesquisa, realizei entrevistas convencionais, presenciais e on-line. Segundo Flick (2009), como objeto de pesquisa, os métodos podem ser padronizados ou as entrevistas abertas, ou grupos focais. Ainda de acordo com Flick (2009), a técnica da entrevista on-line pode ser organizada de forma síncrona ou assíncrona. Na entrevista on-line síncrona, o pesquisador e o participante conversam on-line, em tempo real, através das ferramentas de comunicação instantânea — por Skype, TimeFace ou outros tipos de *chats* —, o que fica muito próximo da troca verbal. Na entrevista on-line assíncrona, o pesquisador envia, para os participantes, as perguntas escritas e/ou registradas em um vídeo gravado em língua de sinais. Assim, após algum tempo, eles enviam as suas respostas, não sendo necessário que o pesquisador esteja conectado à Internet simultaneamente.

Sendo assim, esta pesquisa, em razão da distância e de suas limitações, utiliza entrevistas on-line e presenciais semiestruturadas baseadas no método qualitativo. Segundo Flick (2009), podemos observar que os pesquisadores transferiram muitos métodos qualitativos para a pesquisa na Internet.

Na próxima seção, escrevo um resumo das trajetórias e experiências de cada um dos entrevistados.

O primeiro contato com os participantes da pesquisa foi realizado através de mensagem encaminhada por e-mail, escrita em português e também com tradução para a LIBRAS em anexo à mensagem. Essa mensagem foi enviada para todos os surdos brasileiros e também para Liona Paulus, pois ela é fluente em português e LIBRAS. Quando necessário, foi realizado contato com os participantes, e as informações foram disponibilizadas em LIBRAS, via *webcam* e/ou em vídeo gravado e enviado por *WhastApp*⁶⁵. Além desse contato inicial, encontrei e fiz convite pessoalmente para dois professores surdos estrangeiros durante eventos em Florianópolis (SC), a fim de que eles participassem da pesquisa através da realização das entrevistas. Assim, foram totalizados 18 convites; no entanto, aceitaram participar da pesquisa e realizar entrevistas somente nove surdos brasileiros e três surdos estrangeiros, totalizado 12 entrevistas.

Por motivos de distância, quatro brasileiros responderam às entrevistas à distância — via correio eletrônico (e-mail) e/ou *WhastApp*. Três entrevistas foram em LIBRAS — com Nelson Pimenta, Rimar Segala, e Silas Queiroz —, e a quarta entrevista foi com Shirley Vilhalva, que respondeu em português escrito.

Oito entrevistas foram realizadas presencialmente com surdos brasileiros e estrangeiros, utilizando material gravado em vídeo que continha o roteiro das entrevistas. Para isso, utilizei o vídeo com as entrevistas gravadas previamente, as quais estavam disponível em meu *notebook* e mostravam a direção aos entrevistados. Primeiro, eles assistiam ao vídeo do *notebook* enquanto ficavam livres para pensar e responder em seguida. As perguntas eram refeitas, explicadas ou complementadas somente se o entrevistado solicitasse.

A distribuição dessas oito entrevistas, conforme o uso das línguas, foi assim feita:

(a) para cinco surdos brasileiros — André Paixão, Augusto Schallenberger, Francisco Rocha, Rodrigo Custódio da Silva, Carlos Alberto Goes —, a entrevista foi realizada em língua de sinais em casa e/ou na UFRGS e UFSC;

(b) para dois surdos britânicos, Paul Scott e Richard Carter, a entrevista foi realizada em Língua de Sinais Britânica (British Sign Language, BSL) com o apoio e a tradução da professora Rachel Sutton-Spence⁶⁶ e a partir das perguntas em português, sendo que as respostas foram em Sinais Internacionais — SI;

⁶⁵ O *WhastApp* é um *software* para *smartphones* utilizado para a troca instantânea de mensagens de texto, vídeos, fotos e áudios através de uma conexão à Internet. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/whatsapp/>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

⁶⁶ Os surdos britânicos, professores Paul Scott e Richard Carter, participaram com o apoio da professora Dra. Rachel Sutton-Spence, que estava ministrando um curso sobre poesia em língua de sinais com esses professores em datas diferentes, na mesma Associação de Surdos da Grande Florianópolis (ASGF), no centro da cidade. Fiz

(c) para uma surda alemã, Liona Paulus, a entrevista foi realizada em LIBRAS — pois ela é bilíngue — em Frankfurt, na Alemanha.

5.1 MATERIAL DOS ENTREVISTADOS PARA TRADUÇÃO DE LÍNGUA DE SINAIS PARA PORTUGUES ESCRITO

No desenvolvimento da pesquisa, foi necessário realizar a tradução de materiais produzidos nas entrevistas de uma língua para outra. Para garantir a tradução do material de todos os entrevistados para a escrita desta tese em português, realizei os seguintes procedimentos. Primeiramente, fiz contato com a equipe de Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais (TILS) da UFRGS — Ângela Russo, Adriana Arioli, Luciane Lopes e Luiz Daniel Rodrigues — para fazer a tradução de LIBRAS para o português escrito dos seguintes materiais abaixo:

- Duas entrevistas realizadas à distância, gravadas em vídeo e enviadas por e-mail foram traduzidas da Língua de Sinais para português escrito.
- Duas entrevistas realizadas presencialmente, gravadas e posteriormente traduzidas da Língua de Sinais Internacionais para o português escrito. A tradução foi feita por Ângela Russo, com revisão da professora Rachel Sutton-Spence.
- Sete entrevistas presenciais foram feitas por Tatiane da Silva, que realizou a tradução de LIBRAS para o português escrito, visto que houve a necessidade de cumprir os prazos da pesquisa⁶⁷.

As entrevistas em LIBRAS e SI estão em CD (Apêndice A). As respostas em português de uma das entrevistadas estão no Apêndice B. A tradução das entrevistas para o português escrito estão no Apêndice C.

o pedido para realizar a filmagem da entrevista antes do início da aula do curso, da qual eu também participava, e fui prontamente atendido, inclusive com a assinatura do TCLE e texto da Autorização de Uso de Imagem, Voz e Respectiva Cessão de Direitos.

⁶⁷ Entrei em contato com outra intérprete, Tatiane da Silva, porque os tradutores e intérpretes de língua de sinais, como servidores federais, estavam em função recorrente de greve e/ou não tinham disponibilidade por estarem ocupados.

	Entrevistado	Língua ⁶⁸	Local	Recursos de Gravação	TILS
1	Francisco Rocha	LIBRAS	Presencial	Própria Filmadora	Sim
2	André Paixão	LIBRAS	Presencial	Própria Filmadora	Sim
3	Augusto Schallenberger	LIBRAS	Presencial	Própria Filmadora	Sim
4	Carlos Alberto Goes	LIBRAS	Presencial	Própria Filmadora	Sim
5	Liona Paulus	LIBRAS	Presencial	Própria Filmadora	Sim
6	Nelson Pimenta	LIBRAS	Correio Eletrônico	Câmera Digital	Sim
7	Paul Scott	SI	Presencial	Própria Filmadora	Sim
8	Richard Carter	SI	Presencial	Própria Filmadora	Sim
9	Rimar Segala	LIBRAS	Via Whastapp	Câmera Digital	Sim
10	Rodrigo Custódio	LIBRAS	Presencial	Própria Filmadora	Sim
11	Shirley Villhalva	EP	Correio Eletrônico	Sem gravação	Não
12	Silas Queiroz	LIBRAS	Via Whastapp	Via Câmera Digital	Sim

5.2 CURRÍCULO VITAE DAS “MÃOS SINALIZANTES”

Os surdos foram escolhidos para a entrevista por suas experiências na área de Literatura Surda. A maioria são poetas, atores e autores em língua de sinais e/ou em português escrito como segunda língua que divulgam seu material — textos impressos ou na língua de sinais — no mercado editorial, nas redes sociais ou em outros meios. Esse também é o caso dos surdos estrangeiros escolhidos para esta pesquisa.

Figura 31 – Entrevista com Nelson Pimenta



Fonte: O próprio autor

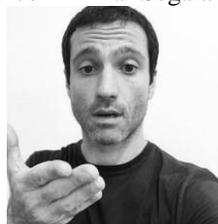
1. Nelson Pimenta de Castro, natural de Brasília, reside no Rio de Janeiro e é conhecido como Nelson Pimenta (Figura 31). Graduou-se em Letras/LIBRAS pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e em Cinema pela Universidade Estácio de Sá. É mestre em Estudos da Tradução pela UFSC e realizou a pesquisa intitulada “A tradução de fábulas seguindo aspectos imagéticos da linguagem cinematográfica e da língua de sinais”.

Realizou cursos no *National Theatre of the Deaf* (Teatro Nacional de Surdo), nos Estados Unidos. É autor/co-autor de 15 livros de LIBRAS. É professor de ensino médio no Instituto

⁶⁸ Siglas das Línguas: LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais / SI – Sinais Internacionais; EP – Escrito em Português / TILS – Tradução e Intérprete de Língua de Sinais.

Nacional de Educação de Surdo (INES). Informações adicionais, retiradas do currículo Lattes⁶⁹, evidenciam sua atuação como ator, artista e ministrante de oficinas relacionadas aos temas: “Classificadores e Contação de Histórias Infantis em LIBRAS” (Ministrado/Extensão); “Criação Imagética e Expressão Facial-Corporal em LIBRAS para Intérpretes” (Ministrado/Extensão). Exerceu atividades como: Ensino de Teatro Surdo em LIBRAS; Ensino de Narrativas em LIBRAS; Ensino de Poesia em LIBRAS; “Show Nelson 6 ao Vivo” (Teatral); “O Marido da Mãe D’Água” (Diretor/Teatral); entre outros. Publicou livros digitais ou em DVD tais como: “Seis Fábulas de Esopo em Língua de Sinais Brasileira” (vídeo/programa de rádio ou TV/entrevista); Literatura em LSB — Língua de Sinais Brasileira (Vídeo); “As Aventuras de Pinóquio em Língua de Sinais Brasileira” (livro/vídeo); entre outros. Nelson Pimenta tem três irmãos surdos e uma família de surdos e ouvintes. Ele compartilha, nas redes sociais, inúmeras produções temáticas, como histórias cheias de incorporação de vários sentidos e estéticas das mãos e dos olhos, e outros textos, como dicas, críticas e teorias, sobretudo da literatura, história, linguística e educação de surdos.

Figura 32 – Entrevista com Rimar Segala



Fonte: Foto pessoal do *Facebook*

2. **Rimar Ramalho Segala**⁷⁰, de São Paulo, é conhecido como Rimar Segala ou Rimar Romano (Figura 32). É mestre em Estudos da Tradução pela UFSC e professor na Universidade Federal de São Carlos (UFScar), em São Paulo. É graduado em Letras/LIBRAS pela UFSC e em Matemática pelo Centro Universitário Assunção. Informações adicionais, retiradas do currículo Lattes⁷¹, evidenciam sua atuação como ator e ministrante de oficinas. Dentre suas obras literárias, artísticas e

teatrais, destacam-se: “Arte Surda” (apresentação de trabalho); “Metodologia de Ensino Literatura Visual: utilizando classificadores e metáforas de LIBRAS” (curso); “Expressão Corporal Dramática em Língua de Sinais” (curso); “Classificadores em Libras” (curso); “O Banheiro” (teatro); “O Filhão” (teatro); “Os Palhaços na Escola” (teatro); entre outros. Informalmente, sei da sua atuação como poeta e ator em inúmeras apresentações teatrais, poéticas e narrativas em língua de sinais. Além disso, atua na Companhia Arte e Silêncio com sua irmã surda, a atriz Sueli Segala. Um exemplo das narrativas que produziu é “Fazenda”,

⁶⁹ Endereço para acessar seu currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/5120615815365350>>.

⁷⁰ Foto pessoal do *Facebook*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1048365141905606&set=t.100001963911050&type=3&theater>>. Acesso em: 19 jun. 2016.

⁷¹ Endereço para acessar o currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/4770939741538780>>.

história com vários episódios publicados no *YouTube*. Também tem outras produções em LIBRAS disponíveis nas redes sociais. Rimar tem uma família surda, semelhante à do Nelson Pimenta, e também compartilha, nas redes sociais, dicas, frases de outros autores, narrativa em língua de sinais (vídeos), informações de eventos, sobretudo vídeos de literatura, linguística, tradução e educação de surdos.



3. **Shirley Vilhalva** (Figura 33)⁷², do Mato Grosso do Sul, é graduada em Pedagogia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), especialista em Metodologia de Ensino pelas Faculdades Integradas de Fatima do Sul (FIFASUL) e mestre em Linguística pela UFSC. Tem experiência e desenvolve pesquisas que tratam sobre a língua de sinais dos indígenas surdos do Mato Grosso do Sul. Atuou como professora tutora do

curso de Letras/LIBRAS — no polo da UFSC — e como coordenadora do Sistema e Acompanhamento do Estudante no referido curso. Além de professora, é poeta, ativista no movimento surdo e líder em vários segmentos, como educação, políticas públicas, movimento de mulheres, entre outros. Informações adicionais, retiradas do currículo Lattes⁷³, mostram que Shirley tem inúmeras publicações, dentre elas o livro “Despertar do Silêncio” (Arara Azul, 2004); “Índios Surdos: mapeamento das línguas de sinais do Mato Grosso do Sul” (Arara Azul, 2012); “Anatomia do Sentimento Surdo” (capítulo / In: Gladis Perlin e Marianne Stumpf. (Org.). “Um olhar sobre nós surdos” (Ed. CVR, 2012); “Educação de surdos em debate - A educação do índio surdo brasileiro” (Ed. Curitiba: Ed. UTFPR, 2014); “As línguas de Sinais Brasileiras: Povo Indígena e Não Indígena” (apresentação de trabalho/seminário); “Oficina sobre Índios Surdos” (apresentação de trabalho/comunicação); “Língua Aplicada à Língua de Sinais / e Língua de Sinais para Interpretação e História da Surdez e da Educação de Surdos” (ministrado/especialização); “O Ensino de LIBRAS para Criança Surdas” (Ministrado); “Despertar do Silêncio” - 1º lugar no Concurso “O Som das Palavras” em 2003 (Poesia); entre outros.

⁷² Foto disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1018652881544886&set=a.104751099601740.7324.100002005516031&type=3&theater>>. Acesso em: 11 jun. 2016.

⁷³ Endereço para acessar seu currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/8608168347538654>>.

Figura 34 – Entrevista com Rodrigo Custódio



Fonte: O próprio autor.

4. **Rodrigo Custódio da Silva**, do Rio Grande do Sul, reside em Santa Catarina e é conhecido como Rodrigo Custódio (Figura 34). É graduado em Educação Física, especialista em LIBRAS e realiza a pesquisa intitulada “Narrativas Literárias em Libras: as formas caracterizadas pela produção”. É mestre em Linguística e professor na UFSC. Informações adicionais, retiradas do currículo Lattes⁷⁴, evidenciam sua atuação como pesquisador, tradutor, ator, artista e ministrante de oficinas. Dentre suas

produções, destacam-se: “Experiência do Tradutor/Ator de Português/LIBRAS” (palestra); “Literatura para Deficientes Auditivos e Visuais” (ministrado/especialização); “Um Perfume para Te Conquistar - Inspirado no Trabalho de Edgar Cárdenas” (teatro); “Metáfora: As Diferentes Flores” (teatro); entre outros. Informalmente — e isto não consta no currículo Lattes —, ele é conhecido na comunidade surda do Sul como ator em peças teatrais, produtor de vídeos e contador de histórias e lembrado por compartilhar seus trabalhos com a comunidade surda brasileira através das redes sociais.

Figura 35 – Entrevista com Augusto Schallenberger



Fonte: O próprio autor.

5. **Augusto Schallenberger**⁷⁵, do Rio Grande do Sul, é conhecido como Augusto (Figura 35). É graduado em Pedagogia, com habilitação de magistério da educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental, pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) e especialista em Educação Inclusiva pela Universidade Castelo Branco (UCB). É mestre em Educação pela UFRGS, onde desenvolveu a pesquisa intitulada: “Ciberhumor na comunidade dos surdos”. Atuou como professor no ensino fundamental da Escola de Educação

Básica Especial Concórdia (escola de surdos). Atualmente, atua como professor de LIBRAS na Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA). Isto não consta em seu currículo Lattes, mas informalmente ele é conhecido como humorista da comunidade surda e da associação de surdos local, a Sociedade dos Surdos de Rio Grande do Sul (SSRS), em Porto Alegre (RS). Atua como diretor, ator e também na equipe de tradução de LIBRAS do grupo Signatores – Teatro com Surdos.

⁷⁴ Endereço para acessar seu currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/2009310466318492>>.

⁷⁵ Endereço para acessar seu currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/0072009466673299>>.

Figura 36 – Entrevista com André Paixão



Fonte: O próprio autor.

6. **André Daniel Paixão**, do Rio Grande do Sul, é conhecido como André Paixão (Figura 36). Graduado em Letras/LIBRAS pela UFSC, é professor de LIBRAS na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Informações adicionais, retiradas do currículo Lattes ⁷⁶, evidenciam sua atuação como ator e ministrante de oficinas relacionadas aos temas: “O processo de tradução nos contos infantis”; “Disciplina Linguagem Corporal na Comunicação”; e “Classificadores da LIBRAS”. Isto não

costa em seu currículo Lattes, mas informalmente ele é conhecido como ator e humorista da comunidade surda e da SSRS, onde atuava em peças teatrais. André tem uma família de surdos e ouvintes, em que subjetiva e transmite piadas e narrativas influenciadas pelo pai e pelo irmão ouvinte. Com isso, ele adquire, de forma expressiva, artes para os sujeitos surdos e para a comunidade surda.

Figura 37 – Entrevista com Carlos Goes



Fonte: O próprio autor.

7. **Carlos Alberto Goes**, natural do Rio de Janeiro, reside no Rio Grande do Sul e é conhecido como Carlos Alberto (Figura 37). Foi o primeiro surdo do Brasil que estudou no Teatro Nacional de Surdo dos EUA, na *Gallaudet University*. Quando voltou para o Brasil, formou um grupo teatral com atores surdos que fazia parte da companhia Grupo Silencioso, vinculada ao Centro de Integração dos Surdos nas Artes Cênicas (CISACEN). Mais tarde, o centro trocou de denominação, passando para

Centro de Integração de Arte e Cultura dos Surdos (CIACS), devido à sua finalidade de articular arte, cultura surda e língua de sinais. Enquanto trabalhava nessa companhia, Carlos Aberto fez inúmeros espetáculos em sua cidade e em outras regiões. Apesar disso, naquela época, era técnico de desenho e foi aprovado em um concurso do Banco Nacional da Habitação do governo federal, onde tinha um cargo efetivo. Por motivos políticos, o banco foi transferido para a atual Caixa Econômica Federal, onde Carlos Alberto trabalhou durante 40 anos, tendo-se aposentado em 2012. Ele não disponibilizou informações no currículo Lattes. Ele é ativo e participativo da comunidade surda, em que é conhecido pela sua história e pela luta a favor da causa surda, narrativa e teatral. É ex-vice-presidente da SSRS e ex-presidente da Federação Desportiva de Surdos do Rio Grande do Sul. Em 1995, mudou-se para Porto

⁷⁶ Endereço para acessar seu currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/6766463725328889>>.

Alegre, onde ficou conhecido como o primeiro surdo a fundar a diretoria regional da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS). Como diretor da FENEIS, organizou um evento em parceria com a UFRGS sob coordenação do professor Carlos Skliar, o V Congresso Latino-Americano de Educação Bilíngüe para Surdos, realizado em Porto Alegre, no auditório da UFRGS. É ex-vice-presidente nacional da FENEIS e, atualmente, membro da terceira idade no SSRS.



8. **Silas Alves de Queiroz**, do Rio de Janeiro, é conhecido como Silas (Figura 38). É professor e ator teatral. Não tem informações disponíveis no currículo Lattes. Possui formação como técnico de design (SENAC) e preparação para atores surdos, além de ter participado da confecção de máscaras teatrais e outras oficinas. Silas é conhecido na comunidade surda brasileira por sua atuação como ator, mímico e humorista, tendo atuado no CIACS, na Companhia Surda de Teatro (1992 a

1996), no Grupo Teatral Lado a Lado, na Companhia Absurdo e no Teatro Brasileiro de Surdos (TBS), entre outros, com inúmeras apresentações de peças teatrais e espetáculos para a comunidade surda brasileira e para o público geral. Na televisão, foi diretor artístico em oito episódios de humor nas modalidades olímpicas, temática da comédia de pantomima “A Louca Olimpíada”⁷⁷, em que participaram 11 jovens artistas surdos da companhia de teatro do INES. É possível acessar o site da TV INES, aberto ao público, para assistir ao vídeo. A Câmara Municipal do Rio de Janeiro, segundo seu regimento interno, apresentou à mesa diretora uma moção de congratulações ao Teatro Brasileiro de Surdos, que foi inserida nos anais da casa de leis. Foram homenageados o diretor e ator Nelson Pimenta e os atores Bruno Hassib, Bruno Ramos, Fernanda Araújo, Lisa Luana, Rossana Grasse e Silas Queiroz. Esses atores, sob direção de Helena Tojal e produção de Lanucia Quintanilha (2007), tiveram destaque no exterior e foram convidados a participar de congressos internacionais como o XV Congresso Mundial de Personas Sordas, em Madri, na Espanha, e o Pra Leer El XXI, em Havana, Cuba.

9. **Francisco Eduardo Coelho da Rocha**, conhecido como Francisco Rocha ou Chico (Figura 39), é natural do Rio de Janeiro e residente no Rio Grande do Sul. Não disponibilizou informações no currículo Lattes. Quando criança, começou a estudar na escola de surdos,

⁷⁷ O vídeo está disponível em: <<http://tvines.com.br/?p=10106>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

Figura 39 – Entrevista com Francisco Rocha



Fonte: O próprio autor

Escola Concórdia Especial, situada em Porto Alegre, atualmente chamada de Colégio ULBRA Especial Concórdia. O motivo da mudança para Porto Alegre foi por causa da boa qualidade de educação de surdo nessa escola. Portanto, estudou na mesma escola até completar o ensino médio. Foi presidente, vice-presidente e membro da diretoria da SSRS (1995 a 2012) e coordenador do Departamento de Futebol da Confederação Brasileira de Desportos de Surdos (CBDS) (2010/2012). Teve inúmeras participações como representante da comunidade surda brasileira (ou buscando conhecimento) em congressos, seminários e fóruns, como o *Congreso Latinoamericano de Educación Bilingue para Sordos*, em Porto Alegre (1999) e em Havana (2005); a *5th Deaf Academics and Researchers Conference*, em Florianópolis; a *II International Conference of the World Federation of the Deaf*, em Sydney, na Austrália (2013); e a *Deaf National Expo World*, em Las Vegas, nos EUA (2010/2012). Não se pode deixar de fora seu evento preferido, o *World Federation of the Deaf* (WFD), que ocorre a cada quatro anos e em diferentes países. Sua primeira edição foi em Viena, na Áustria (1995); depois, em Brisbane, na Austrália (1999), em Montreal, no Canadá (2003), em Madrid (2007), em Durban, na África do Sul (2011) e em Istambul, na Turquia (2015). Francisco foi diretor regional do Rio Grande do Sul pela FENEIS. Atualmente, é servidor federal na Justiça Federal — cargo que tem há 20 anos —, conselheiro pelo Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência (CONADE), em Brasília (DF) e presidente da FENEIS.

A seguir, apresento informações de três surdos estrangeiros. As informações registradas foram obtidas através das entrevistas e de dados disponíveis em seus currículos.

Figura 40 – Entrevista com Paul Scott



Fonte: O próprio autor.

10. **Paul Scott** (Figura 40), britânico, é da cidade de Bristol, na Inglaterra. Professor e poeta, é mestre em estudos sobre *Deafhood* (ser surdo) pelo Centro de Estudos Surdos da Universidade de Bristol. Tem participação como palestrante e ministrante de oficinas e cursos para a comunidade surda britânica e europeia em festivais e outros espaços. Suas mãos produzem poemas e narrativas em língua de sinais britânica com

forte visualidade. Ele usa os recursos da língua de sinais como produção imagética. Paul Scott recorre a metáforas para criar jogos poéticos e provocar emoções nos olhos e nas mentes dos espectadores, de forma semelhante à atuação de Nelson Pimenta e Rimar Segala.



11. Richard Carter (Figura 41), britânico, é da Inglaterra. É professor, poeta, contador de histórias e pesquisador. Ensina poesia e conta histórias para crianças e adultos surdos no Reino Unido e no exterior. Lecionou BSL para crianças surdas na *Elmfield Secondary School*, em Bristol, e teve inúmeras participações em iniciativas, como palestras; projetos de artes; o Conselho de Pesquisa em Ciências Humanas da Universidade de Bristol; o *The Life & Deaf Project*, em Greenwich, Londres

(2006 a 2011); O *Sign Poetry Festival*, na University of Bristol; o Festival Folclore Sinalizado, na UFSC; entre outros. Tem um site próprio (<http://www.bslpoetry.co.uk/>) e, em 2013, lançou um DVD chamado “Made by Hand”. Como contador de histórias, Carter explora a poesia com o uso de metáforas e pela expressividade e incorporação de todos os sentidos, fazendo olhos se conectarem com outros olhos e transmitindo suas experiências, sua própria identidade e a cultura de ser surdo.



13. **Liona Paulus**⁷⁸ (Figura 42), alemã, é doutoranda em Linguística na Universidade de Göttingen. No sistema de formação em universidades da Alemanha, cursou Ciências de Mídia, Letras-Português e História da Arte. É mestre em Ciências de Mídia pela Universidade Johannes Gutenberg, em Mainz. Também tem formação em Interpretação e Tradução pelo Instituto de Língua de Sinais Alemã da Universidade de Hamburgo, tendo sido aprovada no exame oficial (como

intérprete e tradutora) em abril de 2014. É professora e pesquisadora de Língua de Sinais Alemã (German Sign Language, DGS) na Universidade de Göttingen. Tem experiência com algumas línguas estrangeiras, tais como LIBRAS, Língua de Sinais Italiana (Língua Italiana dei Segni, LIS), língua portuguesa, língua inglesa e língua italiana. Também morou no Brasil por um ano (2004 a 2005), mais especificamente em Porto Alegre, onde trabalhou como

⁷⁸ Endereço para acessar seu currículo: <<https://www.uni-goettingen.de/en/paulus-liona/217580.html>>.

voluntária na Escola Frei Pacífico (escola para surdos). Frequenta e participa da comunidade surda e/ou de encontros de surdos europeus e internacionais. Ama a leitura de livros e a visualiterária, na qual pares de mãos se encontram para compartilhar histórias, ideias e dicas. Recebeu inúmeros convites para palestras em seminários e congressos do Brasil. Em 2015, estudou por cinco meses na UFSC, onde foi bolsista na modalidade bolsa-sanduíche e coletou dados em LIBRAS.

Essa breve apresentação dos surdos escolhidos para as entrevistas objetivou justificar a inserção desses surdos nos campos artístico, literário e educacional como contadores de histórias e atuantes na comunidade surda, na educação de surdos e/ou no campo da Literatura Surda.

Penso que essas informações atendem aos critérios elencados para a seleção dos entrevistados, tendo em vista o desenvolvimento desta pesquisa. A participação de surdos do Brasil e de outros países pode contribuir para a discussão sobre o modo como é feito o ensino da Literatura Surda em diferentes países, pois as experiências desses profissionais podem ser debatidas a partir de um cenário mais amplo de experiências produzidas. Devemos lembrar-nos da importância da atuação de cada um desses surdos entrevistados na área da Literatura Surda para a cultura surda, a educação dos surdos brasileiros e o conhecimento da língua de sinais.

Alguém poderia perguntar: por que os surdos gostam de narrativas? O que motivou a sua pesquisa? Poesias e narrativas fazem parte da cultura surda? Essas são perguntas para as quais ainda não tenho resposta definitiva, mas já tenho algumas respostas provisórias. No decorrer do desenvolvimento das análises, poderemos perceber o quanto a temática desta tese é recente no Brasil. No entanto, percebo que a potência dessa temática pode fazer com que os surdos reconheçam o que é ser surdo (*deafhood*) e com que valorizem a LIBRAS, além de fazê-los sentir a importância da cultura surda para a construção da identidade dos próprios surdos. Assim como os ouvintes assistem a peças de teatro e shows ou vão a pontos de encontro de ouvintes que mostram experiências próximas de sua vida, o público surdo também pode sentir e apreciar a arte e a literatura, o teatro surdo e outras produções. Eles podem fazer isso em festivais de surdos, escolas, associações e outros eventos ou pontos de encontro de surdos que tratam das experiências e dos modos de ser surdo.

6 ANALISANDO O MATERIAL DAS “MÃOS SINALIZANTES” ENTREVISTADAS

Analisei as perguntas, procurando buscar nas respostas as subjetividades e os significados produzidos por suas mãos, seja de forma artística ou não. Todos os entrevistados têm experiências na área de educação como professores, mas também em vários eventos culturais de surdos e/ou nas redes sociais, escolas de surdos, encontros de surdos, entre outros. Com essas experiências e nessas práticas discursivas, surgem os efeitos literários em suas “mãos sinalizantes”, resultantes do somatório dos olhares e das trocas no interior da comunidade surda. Considero um desafio fazer a análise desse material, pois tenho muita curiosidade no processo de construção dessas “mãos literárias”.

Por meio dos sujeitos surdos, o que se passa, o que se toca e o que se vê da subjetividade é algo cuja base está nas mãos literárias, que constroem os significados e as formas de representação. Essa representação é do sujeito surdo que se expressa em suas narrativas, em que foram construídos e transmitidos os significados das identidades, provocando, assim, a circulação e o consumo de literatura, empoderando as mãos literárias. Desse modo, essa representação produz significados na literatura em língua de sinais ou na Literatura Surda.

Durante a organização do material empírico e a realização das entrevistas sinalizantes, assisti aos vídeos das entrevistas inúmeras vezes, vendo e revendo os sinalizantes, para avaliar se as entrevistas seriam suficientes. As entrevistas foram feitas com os sinalizantes de forma natural, sem se preocupar com perguntas ou respostas corretas. Foi avaliado simplesmente o que eles entendiam das perguntas e o que fluía nas suas respostas espontaneamente através de sua constituição das experiências das mãos literárias.

Nesse sentido, percebi algo que, em quatro anos de estudos no doutorado, depois de ler e reler os livros, periódicos, anais de Estudos Culturais e de Estudos Surdos, está relacionado às entrevistas. Quando vi as entrevistas sinalizantes e também sua tradução para o português escrito, lembrei-me de algo dos livros. Imediatamente, peguei os livros, encontrei as páginas, sublinhei frases e parágrafos e criei categorias. Algumas vezes, quando lia os escritos em português das entrevistas, sentia que a interpretação estava incompleta. Ia olhar novamente os vídeos das entrevistas sinalizantes e imediatamente estava esclarecida a

interpretação, logo que fui expressar para digite⁷⁹ relacionados de Estudos Surdos e Estudos Culturais. A partir daí, iniciei diferentes categorias, cortei e recortei e fiz aproximações e distanciamentos. Alguns cortes das perguntas estavam relacionados a outras categorias. De pouco a pouco, revi as entrevistas sinalizantes e reli os escritos em português. Nos momentos de intervalo, continuava refletindo e trocando ideias com a orientadora Lodenir Karnopp. Com a orientadora, tive momentos de debate sobre as perspectivas e sobre um ponto de vista das suas significações na Literatura Surda e na Literatura em língua de sinais. Até se encontram algumas respostas valiosas, mas elas não são definições prontas; apenas são agrupadas segundo uma conceitualização e suas características das significações. Dessa forma, a partir de estudos, leituras e entrevistantes sinalizantes — que foi o processo da experiência —, surgiram aprendizados e conhecimentos. Trata-se de um processo pelo qual fui subjetivado nesta tese.

Com o objetivo de descrever/entender as diferenças entre a Literatura em língua de sinais e a Literatura Surda, apresentei aos entrevistados as seguintes questões: “como você define Literatura Surda?”; “qual é a diferença entre Literatura Surda e Literatura em língua de sinais?” A partir das respostas, organizei o texto que se segue, em que são apresentados alguns excertos com as narrativas dos surdos. Nelas eles descrevem ou identificam diferenças, as informações que têm sobre essa temática e dizem se é possível fazer essa distinção a partir da experiência que cada um acumulou em sua trajetória de vida.

Então vamos analisar as entrevistas, partindo da primeira pergunta: “como você define Literatura Surda?” Analisando as respostas individuais, percebi que não há uma única definição. São diferentes construções e experiências dos sujeitos surdos, mas a ênfase está na visualidade, no uso da língua de sinais articulado às identidades e à cultura surda. Dessa forma, eles fazem circular principalmente as mãos literárias. Além disso, também consideram Literatura Surda os textos que circulam na literatura escrita em português de autores surdos ou ouvintes que têm participação na comunidade surda ou que atuam na educação de surdos.

A definição de Literatura Surda que apresenta Rimar Segala está vinculada ao uso da língua de sinais articulado à identidade e cultura surda. Ele tem família surda, mas ela desconhece as formas acadêmicas de produção de literatura, com exceção da sua irmã. Possivelmente, essa família surda teve e tem a experiência do que hoje nomeamos Literatura

⁷⁹ Digite^{se} é um neologismo que significa que estou escrevendo a tese com o teclado; vem de produzir, digitar + tese = digite^{se}.

Surda em muitos momentos de apresentações literárias e contação de histórias em família que capturavam olhos, tornando-os brilhantes e emocionados. Veja o que Rimar Segala comenta:

(...) Ao ver manifestações de Literatura Surda, eles valorizam a língua de sinais, pois é com ela que se emocionam. Sempre dizem que a língua de sinais é linda, emocionante, que é um bálsamo para os olhos. Isto é a Literatura Surda. Minha opinião também é esta, considerando o aspecto da língua de sinais. Surdos dizem da suavidade da língua, do seu teor inebriante ao visualizar uma produção em língua de sinais.

Rimar associa a Literatura Surda àquelas produções em língua de sinais que emocionam, que são um bálsamo para os olhos, inebriantes, trazendo a suavidade da língua. Vários pesquisadores, tais como Rachel Sutton-Spence e Ronice Quadros (2006), Augusto Shallenberger (2010), Fabiano Rosa e Madalena Klein (2011), Marta Morgado (2011), Fernanda Machado (2013), Carolina Silveira e Lodenir Karnopp (2014), afirmam a existência de um destaque “visual/visualidade”, isto é, uma língua visual no espaço, onde acessamos o que nos passa, o que nos toca. A produção das sinalizações estéticas em vários gêneros é construída pela experiência visual e pode ter significações na Literatura Surda.

A Literatura Surda se acrescenta à visualidade, que faz parte de objetos estéticos. A visualidade é a característica principal da língua de sinais, classificando e codificando gêneros. Cito Ana Regina Campello:

As pessoas não-surdas usam a audição como funcionamento auditivo pela habilidade nos atos do ouvir e do falar. Acontece o mesmo com as pessoas Surdas que usam as mãos e o corpo como funcionamento visual pela habilidade nos atos do ver e do sinalizar. (CAMPELLO, 2008, p. 90).

Como comentei no capítulo 3, os conceitos de literatura, defendidos pelos autores Jonathan Culler (1999), Peter Hunt (2010), Fanny Abramovich (1997) e Fernando Azevedo (2006), de modo geral, foram sendo modificados no tempo e no espaço. Na literatura, ocorre uma travessia, em que são produzidos os conceitos que não têm uma única definição, como uma única caracterização da linguagem literária e dos objetos estéticos, ficcionais.

Como escrevi naquele capítulo, durante as entrevistas com os surdos, enquanto assistia, analisava e refletia, percebia que cada um apresentava definições diferentes. Nesse sentido, é possível agrupá-las de forma a especificar os conceitos de Literatura Surda e de literatura em língua de sinais, que serão desenvolvidos no próximo capítulo para finalizar os resultados.

Com relação às suas línguas, tanto leitores/oral literário quanto visualiterárias/mãos literárias transmitem suas palavras/sinais significados e produzem significados em sua casa literária. Fazer uma leitura sinalizada (visualiterária) ou ouvir as palavras literárias (o sonoro e literário) são o que levam ao gosto pela literatura, transmitem o prazer e os valores culturais. Segundo Hunt:

O texto literário tem uma tendência a apresentar determinados aspectos linguísticos. Tais aspectos muitas vezes representam uma função da mensagem linguisticamente “autossuficiente”, que não precisa de um contexto de interação humana imediata para ser compreendida. (HUNT, 2010, p. 84).

Nelson Pimenta destaca a visualidade, a “leitura” da língua, bem como os processos de apropriação, produção e observação (visualizar e perceber) da língua. Ele faz referência aos olhos dos sujeitos surdos com que mantém contato visual. Entre eles, produzem-se significados de um vernáculo visual, de uma cinemática visual, da multidimensionalidade visual (PETERS, 2000) nas artes de sinalizar e em uma só língua de sinais. Nesse sentido, há um processo que envolve a produção, a circulação e o consumo de uma forma literária e visual da língua. Além disso, ele afirma que ela “é produzida por surdos”, sendo “natural”, ou seja, está no uso da língua.

[...] Assim, os surdos se apropriam, produzem, visualizam e percebem a poesia, e isto é Literatura Surda (...) Literatura Surda é natural, tem forte visualidade, é produzida por surdos, e assim como os ouvintes recebem a poesia através da audição, a poesia surda é percebida pela visão e, e isto é muito forte. Ouvintes “ouvem” a poesia, e surdos a “veem”. A visualidade está na poesia produzida por surdos, e é uma diferença na Literatura Surda. Da mesma forma a “leitura” desta poesia também é visual e isto é da Literatura Surda. (Nelson Pimenta)

Nelson Pimenta destaca que a “visualidade” é a base da Literatura Surda. Isso acontece através do espaço, recurso explorado na língua de sinais. Esses sinais são as “palavras”, os olhos são os receptores, e a subjetividade se transforma em produção de significados a partir das mãos literárias. No espaço, os olhos se relacionam com a visualidade, ligando-se, metaforicamente, a uma leitura de significados. O mesmo acontece em relação à literatura em língua falada, em que a base é o “som” produzido através do espaço, os sons “das palavras” percebidos pelos ouvidos, que, assim, produzem os significados literários em uma língua. Pimenta define os elementos necessários para a produção de literatura na forma visual, que é expressada através de mãos literárias. Para Nelson Pimenta e Shirley Vilhalva:

A Literatura Surda é em língua de sinais, como já expliquei anteriormente, com forte visualidade, esta é a forma como é produzida e absorvida pelos surdos, assim como as questões de cultura, identidade e naturalidade, temas da vida dos surdos. [...] a Literatura Surda apresenta fonética visual, diferente da oral, específica, com um sistema fonético diferenciado, gestual, consequência da diferença de modalidade. **(Nelson Pimenta)**

Em um olhar literário que leve o leitor a ver o SER e a CULTURA surda dentro do que se passa literariamente no visual. **(Shirley Vilhalva)**

A Literatura Surda iniciou sua travessia por meio dos encontros, que eram transmitidos visualmente. Esses encontros aconteciam não só em escolas de surdos, mas em todos os territórios, sem que os conceitos da Literatura Surda fossem percebidos. Os pares de sujeitos surdos da comunidade simplesmente se encontravam espontaneamente e usavam sinalizações de vários gêneros. Logo que os líderes surdos franceses, como Ferdinand, organizaram os banquetes, iniciou-se um pequeno tipo de festival com artes surdas. Tais eventos ultrapassaram fronteiras e influenciaram outros grupos e outras comunidades.

Apesar disso, houve modificações nas significações da literatura graças às escolas de surdos e aos pesquisadores e profissionais da área, os quais transmitiram as significações para os vários eventos/seminários, congressos, fóruns, entre outros. Percebi, por exemplo, que dois entrevistados surdos brasileiros, já na terceira idade, conheciam as significações de uma geração passada. Cito suas falas nas entrevistas:

O quê é a Literatura Surda? a diferença está na forma escrita, pois difere da Língua Portuguesa escrita por possuir uma língua própria e natural, comparando a exemplo dos índios que também possui uma escrita diferente. A LIBRAS se reflete na escrita da Literatura Surda, pois se escreve da mesma forma como se sinaliza em LIBRAS, aguardamos que no futuro se pesquise dentro do bilinguismo entendendo como ocorre esta manifestação da estrutura da LIBRAS na escrita da literatura surda. **(Silas Queiroz)**

Sobre literatura conheço pouco a respeito, não tenho um entendimento completo se que se refere à forma de expressão que trata da história de vida dos surdos, de todo este processo histórico, onde o surdo relata coisas do seu cotidiano e inúmeras outras situações. **(Carlos Alberto Goes)**

Nesses casos, as significações das mãos literárias e visualiterárias foram consumidas e atravessaram as fronteiras nas academias e nos territórios de ouvintes. Em países como os Estados Unidos, o Brasil, a Inglaterra, a França e a Alemanha, pesquisadores ou interessados descobriram o valor da Literatura Surda, tal como nos banquetes em homenagem ao abade de L'Épée, na França, e nos dias de hoje, nas apresentações de mãos literárias em diversos eventos e palcos abertos para o público.

No caso da academia brasileira, em alguns territórios, como a UFRGS, os Estudos Surdos estão articulados aos Estudos Culturais em Educação. Na UFSC, por exemplo, eles estão vinculados à Linguística e aos estudos de LIBRAS. Tanto pesquisadores surdos quanto ouvintes fazem a área da Literatura Surda crescer cada vez mais.

Tais conceitos surgiram a partir das pesquisas acadêmicas, inicialmente nos EUA, e depois em outros países. Na entrevista, Augusto Schallenberger comentou que antes desconhecia, e foi o primeiro contato sobre a Literatura Surda na Gallaudet University em Língua de Sinais Americana – (ASL), segue a entrevista:

E também a importância da Literatura Surda, algo que não nos foi ensinado na escola antigamente nem por surdos e nem por ouvintes, e percebo agora a importância de se saber a respeito. O primeiro contato que tive com o assunto foi na Universidade Gallaudet em Língua de Sinais Americana – ASL, em que fiquei maravilhado e pensei no Brasil na época ainda não existia. **(Augusto Schallenberger)**

Paul Scott comenta sobre a definição de Literatura Surda e aponta que, também na Inglaterra, não havia pesquisas publicadas inicialmente:

Quanto a pesquisa, publicação de artigos e outros materiais na área de Literatura Surda não há nada na Inglaterra. Contudo, nos EUA, a ‘ASLIT’ parece estar bem desenvolvida. Questionando a Rachel Sutton-Spence sobre esse tema, ela ressalta que talvez possa ter uma ‘BLIT’ e uma ‘LIBRA(s)LIT’ em aspectos como a narrativa de histórias pelos surdos, poesias, criação de histórias pelos próprios surdos sem necessariamente falar sobre os problemas, mas sim sobre momentos diversos relacionados com as questões sobre o ser surdo. **(Paul Scott)**

Apesar de as pesquisas sobre Literatura Surda Brasileira terem iniciado na década de 90, já havia mãos literárias produzindo antes disso, mesmo que desconhecêssem o conceito de Literatura Surda. Liona Paulus teve essa experiência. Ela ama a leitura do “mundo ouvinte” e participa da comunidade surda, mas só tomou conhecimento do conceito de Literatura Surda mais tarde, quando estudou Linguística no curso de Letras/Português:

Para mim é uma experiência com a leitura e eu amo ler e assim conheço mais do “mundo ouvinte” também frequentando a comunidade surda percebendo as brincadeiras, as piadas, eu pensava que os surdos não possuíam uma literatura e com o passar do tempo no estudo da linguística, no curso de letras – português, ao aprender sobre o que é literatura, entendi o processo de que na comunidade ouvinte eram narrativas repassadas de geração em geração, foi então que percebi que o mesmo acontecia entre os surdos na comunidade surda, em que os surdos mais velhos repassavam suas vivências a surdos mais novos e assim por diante. Também haviam manifestações de literatura nas associações de surdos, nas rodas de bate-papo, brincadeiras, em diferentes espaços este era o mesmo ambiente repassado por gerações, então percebi isto é literatura. **(Liona Paulus)**

Existem sujeitos surdos bilíngues e biculturais que participam ativamente da comunidade surda. Eles são subjetivados pela experiência visualiterária: no espaço da língua sinalizada, importa o que se vê, assim como na língua falada prevalece o que se ouve. Em geral, na escrita, os sujeitos leitores podem virar as páginas de livros e artigos — em papel ou nas telas — a partir das tecnologias. Nessa leitura, olhos e escrita se relacionam e interagem, produzindo significados na língua dos leitores. Sujeitos surdos são bilíngues e também utilizam a escrita em produções literárias. Shirley Vilhalva, por exemplo, faz poesia — “Lamento Oculto de um Surdo” — escrita na língua portuguesa.

Na língua sinalizada, sujeitos surdos foram construindo suas práticas discursivas com seus pares surdos e, dessa forma, constituindo suas identidades. As práticas literárias também são discursivas e acontecem na articulação entre o que se vê e o que se toca. Assim, nas expressões literárias construídas a partir da sua língua, os sujeitos surdos “literários” se constituem.

Nas produções de sujeitos surdos, em que aparecem as identidades surdas, mãos e olhos, tanto sinalizados quanto escritos em vários gêneros, estão dentro da definição de Literatura Surda, conforme aponta Sutton-Spence (2013):

Penso que a Literatura Surda está em qualquer manifestação linguística que mostre a identidade Surda. Isso pode ocorrer em narrativas, contos; pode ser na poesia, pode ser nas piadas. Não importa o gênero, mas, para mim, o que é relevante é que a língua de sinais esteja em foco, ou a escrita, e importa ainda que a identidade surda esteja também em foco. Para mim isso é Literatura Surda.

André Paixão e Rodrigo Custódio relatam aprendizados em oficinas na graduação ou em outros momentos. André Paixão comentou que desconhecia os conceitos/termos de Literatura Surda. Recentemente, porém, com o lançamento dos livros *Cinderela Surda* e *Rapunzel Surda* e com as aulas no curso de Letras-LIBRAS, ele recebeu mais informações. Cito um trecho de sua entrevista:

Literatura Surda, ao ver esta pergunta me reportei ao ano de 2004 ou 2002 aproximadamente nesta época, não me recordo bem, onde foi criado o grupo de multiplicadores sendo a Carolina Hessel, o Fabiano Souto os quais fizeram uma adaptação para a LIBRAS, muito interessante e esta foi a única informação que recebi no momento sem me aprofundar mais a respeito, posterior a isso eventualmente eu recebia alguma informação sobre literatura, alguns produziam humor, mas foi realmente no curso Letras/Libras que comecei a entender de forma mais clara ao que se referia e conhecer os diversos ramos da literatura como narrativas, poemas, comédia entre outras, em seus diferentes grupos de estudo e então obtive este entendimento. **(André Paixão)**

Já Rodrigo Custódio comentou que o conceito não estava claro, pois ele não se havia familiarizado com a Literatura Surda, mas recebia informações que tratavam do gênero. Cito um trecho de sua entrevista:

Literatura Surda é uma questão que ainda não está clara para mim, pois falta uma discussão e uma reflexão minha a respeito porque a minha área é a linguística então não estou familiarizado com a Literatura Surda, (...) O entendimento que tenho é de informações e reflexões recebidas no geral, em espaços que transitei, entendo que se trata das poesias, das piadas, das narrativas relacionadas ao surdo e ao que significa a Literatura Surda. Entendo assim, a partir destas características. **(Rodrigo Custódio)**

Aspectos semelhantes a essas informações foram observados na entrevista de Francisco Rocha, em que ele disse:

Já vi publicações no facebook a respeito, também já vi livros, mas na verdade nunca parei para ler e isto me faz falta, este entendimento do que é Literatura Surda, mais adiante quer ler mais a respeito.

Percebi que eles recebiam as informações no momento em que elas entravam em circulação, fosse por sua formação acadêmica ou por fontes anteriores. Tudo ocorreu rapidamente, e obtiveram-se informações fragmentadas. Como diria Jorge Larossa: em uma “sociedade de informação”, isso não significa ser a experiência.

André Paixão conta que seu interesse despertou no curso de Letras/LIBRAS da UFSC, na disciplina de Literatura Surda. Rodrigo Custódio, por sua vez, ressalta que recebia informações sobre Literatura Surda em minicursos ou eventos relacionados à sua formação e em encontros de surdos.

Sujeitos ouvintes, que fazem parte da comunidade surda, reconhecem os valores culturais e identidades surdas do povo surdo, que foram construídos pelas mãos literárias. Os olhos ouvintes produzem mãos literárias, desde que tenham fluência em língua de sinais. Para Pimenta:

Na poesia está a comunidade surda, que é o povo surdo, mas pessoas ouvintes também, como os professores que sabem língua de sinais, amigos e outras pessoas, ouvintes ou surdas que tenham fluência na língua, que se encontram na comunidade, são arrebatados por esta produção poética, que é visual, característica dos surdos. **(Nelson Pimenta)**

Vamos analisar a diferenças entre a Literatura em língua de sinais e a Literatura Surda. A maioria comentou que há diferença, mas três deles — Shirley Vilhalva, por exemplo — não tinham conhecimento sobre esses conceitos e, portanto, referiam-se a uma “arte surda”:

Não tenho uma resposta para essa questão. Ao pensar em responder pensei primeiramente em arte surda e logo foquei que não era isso a pergunta e me levei para pensar na literatura surda novamente como transpor a uma presença de um personagem surdo nas histórias. Não tenho um estudo sobre literatura em sinais. **(Shirley Vilhalva)**

Na entrevista de Francisco Rocha, ele comenta que desconhece o assunto. Richard Carter, no entanto, desconhece a diferença entre os conceitos e apenas sabe o que significa Literatura em Língua de Sinais:

Eu não sei o que exatamente significa Literatura Surda, mas Literatura em Língua de Sinais eu sei sim. As expressões, a sinalização, incorporação, eu consigo entender e captar o mundo pela Literatura em Sinais. Já a Literatura Surda, precisaria que alguém me explicasse para que eu possa compará-las, mas hoje eu não sei o seria. **(Richard Carter)**

Percebo que as respostas das entrevistas são semelhantes em razão do desconhecimento das diferenças dos entre os conceitos. A maioria diz que há diferença, mas a definição dessa diferença ainda parece complicada: a definição desta diferença, inclusive dois deles afirmam em entrevista que os termos significam a mesma coisa. Talvez seja possível esclarecer estes esses conceitos, a partir das definições que Sutton-Spence (2013) utiliza para as duas terminologias. Ela coloca que ambas dizem respeito aos surdos, mas há diferenças:

Mas a Literatura Surda, ela pode ser escrita ou sinalizada. Já a Literatura em língua de sinais *precisa* ser sinalizada. A Literatura Surda tematiza o surdo, quem a escreve é o surdo. A Literatura sinalizada, onde a língua de sinais é o foco, pode ser produzida tanto pelo surdo como pelo ouvinte. Mas é certo que os surdos são quem mais produz essa Literatura. Mas é possível que o ouvinte, empenhando-se na língua de sinais, também a produza.

Nelson Pimenta diz que há diferença entre a literatura dos ouvintes e a Literatura Surda por questões linguísticas e culturais:

A Literatura Surda é em língua de sinais, como já expliquei anteriormente, com forte visualidade, esta é a forma como é produzida e absorvida pelos surdos, assim como as questões de cultura, identidade e naturalidade, temas da vida dos surdos. A literatura em geral tem suas marcas como a criatividade, a oralidade, a leitura, e na oralidade a sonoridade fonética que a acompanha como sistema e regras da língua oral. Por outro lado, a Literatura Surda apresenta fonética visual, diferente da oral, específica, com um sistema fonético diferenciado, gestual, consequência da diferença de modalidade. **(Nelson Pimenta)**

Podemos identificar, na sinalização de Nelson Pimenta, as questões linguísticas e espontâneas, como apresento nos destaques abaixo:

A Literatura em Língua de Sinais e a Literatura Surda, as duas diferem entre si, pois na Literatura Surda, o surdo é o agente, o qual servirá de modelo, onde possui produções espontâneas de leituras tendo como identidade o modelo surdo, já nas Literaturas em Língua de Sinais, o modelo seguido é ouvinte, pois segue a estrutura do português apenas atribuindo sinais a esta leitura, é o que eu entendia a respeito, se permanece assim atualmente já não sei dizer. **(Augusto Schallenberger)**

Em relação à Literatura Surda o meu entendimento já relatei na questão anterior, mas esta questão me desconcertou um pouco por isso vou expor a minha opinião, a reflexão que fiz a respeito, ao pensar na LIBRAS como ferramenta de comunicação social ela flui naturalmente em uma conversação espontânea. Já para o ouvinte que não sabe LIBRAS então há a dificuldade que pode haver uma tradução tanto do que está sinalizado em LIBRAS quanto na comunicação gestual. **(André Paixão)**

Rimar Segala diz que as literaturas teriam o mesmo significado por ambas terem sido produzidas em sua língua, a língua de sinais — incorporada por surdos desde sua origem — e por terem sido produzidas em vários gêneros literários. Além disso, elas estão ligadas à cultura surda, portanto, os significados são os mesmos, conforme o excerto abaixo:

Em minha opinião são a mesma coisa, pois é a partir da língua de sinais que nós surdos produzimos literatura. Da mesma forma que os ouvintes, mas que na sua maioria podem ter a língua de sinais como L2, com exceção dos CODAS, que a tem como L1, mas com eles é outra história. Mas retomando a questão da língua, e da diferença entre as formas de denominação das literaturas, para nós surdos e para mim são a mesma coisa, sendo os principais aspectos a língua de sinais e a cultura surda. Há influências e polêmicas, mas encontramos produções como humor, metáforas e outros gêneros em ambas. **(Rimar Segala)**

Carlos Alberto Goes diz quase o mesmo que Rimar Segala e afirma que não há diferença. Ele diz que expressa a sua identidade surda pela língua de sinais e pela abstração visual:

Não, pois expressam a identidade surda, suas reflexões, tudo que for absorvido em aprendizado nas trocas entre pares é percebido através de um sinal, não pode se dizer que diferem por causa da Língua de Sinais pois o surdo consegue abstrair visualmente as informações e compor a Literatura. Porque ao observar um SINAL, a sua F-O-R-M-A, pode demonstrar irritação, tristeza, fúria, amor. Essa forma de usar a língua de sinais é literatura, tudo está relacionado. **(Carlos Alberto Goes)**

Carlos Alberto Goes e Rimar Segala comentam que não existe diferença entre os significados, entre a Literatura Surda e a Literatura em Língua de Sinais. Eles afirmam que os

dois conceitos estão relacionados à língua de sinais, que tem origem nos surdos, e relacionam as questões linguísticas aos gêneros literários.

Assim como André Paixão, Augusto Schallenger, Nelson Pimenta e Rimar Segala salientam que a Literatura Surda e a Literatura Oral são semelhantes, mas cada uma tem suas regras, seus conceitos, seus conteúdos, suas temáticas, seus clássicos etc. Penso que a diferença é que são línguas de modalidades diferentes, sendo uma oral-auditiva e a outra visuo-gestual. Na modalidade escrita, porém, os leitores podem ser tanto surdos como ouvintes, já que surdos são bilíngues nessa modalidade. Paul Scott comenta:

Tanto a Literatura Surda quanto a dos ouvintes podem produzir muitas coisas diferentes. Contudo, em LS há aspectos de opressão, muitos elementos negativos e poucos elementos positivos. A literatura escrita é sinalizada pelos surdos. A literatura com questões que apontam e elencam aspectos da realidade e esses são interpretados em LS a partir do entendimento destes aspectos pelo sinalizador, que repassa aos demais surdos. Por isso acho que são diferentes. Os surdos podem ler um monte de textos e armazená-los dentro de si para mantê-los seguros e, em seguida, quando é necessário eles podem sinalizá-los. E isso é a literatura. **(Paul Scott)**

É interessante notar que, na entrevista de Liona Paulus, ela comenta sobre o jogo de configuração pela questão da língua/linguística e sobre a vivência dos surdos pela questão da Literatura Surda:

Eu acho que literatura surda trata das vivências dos surdos, das limitações, já a literatura em LIBRAS seria um jogo com as configuração de mãos, também a literatura surda trata de acontecimentos envolvidos na comunidade surda, das características presentes já a literatura em LIBRAS esta arraigada a linguística seria esta diferença, talvez. **(Liona Paulus)**

Meu entendimento é que a Literatura Surda é produzida por sujeitos e povos surdos e transmitida em língua de sinais pelas mãos literárias desses surdos há gerações. Eles estão ligados à Cultura Surda tanto no espaço da “leitura” em língua sinalizada quanto na escrita em português produzida por eles mesmos. Conforme Karin Strobel:

Muitos escritores e poetas surdos também registram suas expressões literárias em língua portuguesa, como testemunhos compartilhados de suas identidades culturais, e assim, a cultura surda passou a ganhar espaço literário com lançamentos de livros e artigos com temas nunca antes imaginados. (STROBEL, 2008, p. 57).

A Literatura em língua de sinais está vinculada à Literatura Surda e tem foco nessa língua e nas formas de tradução, adaptação ou criação. Ela é produzida por sujeitos surdos ou ouvintes que fazem parte da comunidade surda, como profissionais na área, que também podem ter mãos literárias.

Identificamos que a Literatura Surda, em que há língua de sinais, está relacionada ao processo de desenvolvimento cognitivo, linguístico e cultural e acontece de forma social entre os pares e o coletivo. Ela, então, produz significados nesse sistema linguístico e desdobra-se em vários gêneros literários. “A Literatura da Língua Gestual, enquanto ferramenta indispensável para o desenvolvimento linguístico, deve ser transmitida na língua materna para que a criança surda possa adquirir plenamente as suas competências linguísticas” (MORGADO, 2011, p. 161).

Percebemos que ainda existem diferenças e, na Literatura em língua de sinais, produzida por mãos literárias, encontramos os gêneros literários para identificar as características do uso da língua de sinais na produção literária. Na maioria das entrevistas que analisei, era recorrente a indicação da existência de diversos gêneros literários em língua de sinais, mas também apareceram questões relacionadas à linguística. Sutton-Spence (2013) aponta:

A Literatura Surda é focada na língua, a questão linguística é muito importante. Claro que os conteúdos, os temas explorados na Literatura Surda são importantes também, mas as questões linguísticas são fundamentais.

Em relação às questões linguísticas, a análise nos estudos da língua de sinais nos mostra que há aspectos linguísticos importantes nessa construção poética, tais como as configurações de mãos em forma de animais — um leão, por exemplo, com suas patas que se movimentam quando ele corre —, ou o uso de descrições imagéticas⁸⁰ que descrevem as formas do rosto e do corpo, ou ainda o recurso da incorporação de animais, humanos e objetos. Esses aspectos, entre outros, são característicos da modalidade de língua visuogestual. Sutton-Spence (2013) continua sua descrição:

Por exemplo, as configurações de mão, as análises e as escolhas de cada configuração conforme as intenções estéticas, a necessidade ou não de incorporação para demonstrar ações de outro personagem, para demonstrar ações de animais, perfazendo as expressões de um animal específico, ou ainda de objetos, como uma árvore, que aparece numa cena com o auxílio do recurso de incorporação.

Nelson Pimenta e Paul Scott explicam diversos gêneros:

⁸⁰ As descrições imagéticas, também referidas como classificadores, fazem parte das línguas de sinais. (QUADROS; SEGALA, 2015, p. 364)

São várias as características neste conceito, assim como a literatura indígena e de outros grupos, ou dos diferentes gêneros literários, piadas, (...) os diversos gêneros, por exemplo, romance, piadas, ficção, fazer uma busca por categorias. Há pouca pesquisa sobre este tema, mas é importante que se pesquise, como a literatura de qualquer outra língua. **(Nelson Pimenta)**

Bom, a poesia, as histórias, a literatura, todo esse cenário temos os classificadores, metáfora, expressão facial, movimento, uso do espaço, as diferentes perspectivas sob um único objeto, enfim, muitos aspectos que, em uma comparação direta mais geral, se assemelham aos aspectos que os ouvintes também têm nas questões sobre poesia. **(Paul Scott)**

Em relação ao recurso da incorporação, Nelson Pimenta comenta sobre a pesquisa de Sutton-Spence a respeito da temática da incorporação em língua de sinais na Literatura Surda. Essa característica acontece nas fábulas, quando os sinalizantes incorporam os animais em língua de sinais. Nelson Pimenta, que tem experiência como contador de fábulas, produziu DVDs pela LSBVídeos e explica a incorporação:

Nas fábulas temos a incorporação. A excelente pesquisa de Sutton-Spence apresenta a incorporação, por exemplo, dos diferentes personagens animais, e de como o ator surdo incorpora suas características como, a forma de andar da tartaruga, a corporeidade do cão. Este aspecto é utilizado principalmente nas fábulas, onde acontece este recurso como estratégia para trabalhar os gêneros literários. Por exemplo, o rato, que é um animal muito pequeno, a sinalização tem de acompanhar esta dimensão ao realizar o sinal “oi”, por exemplo, um humano sinalizaria de outra forma, mais ampla, incorporando estas características de maneira diferenciada. Faltam pesquisas sobre como são estes processos. **(Nelson Pimenta)**

Além dos recursos de incorporação de animais, humanos e objetos, o ritmo, a velocidade, os classificadores e até os sinais novos — “neologismos” — são recursos utilizados na produção de Literatura Surda, conforme nos diz Sutton-Spence (2013):

Enfim, nas adaptações feitas dos textos o recurso da incorporação é muito utilizado. Também a mudança de velocidade entra como um recurso linguístico, sendo o ritmo modificado, podendo a sinalização ser mais lenta ou mais veloz. Também os classificadores são muito importantes, sendo este recurso utilizado de forma a produzir sempre novas ideias. Por fim, há também a criação de novos sinais, sendo que os neologismos são encontrados como alternativa para produções novas. Tudo isso é possível na análise linguística da Literatura Surda.

Em geral, afirmam-se diferentes características dos gêneros com recursos linguísticos para que as crianças desenvolvam a competência no sistema de sua língua. Richard Carter diz que se deve ensinar as crianças surdas focando a “mão” na construção como forma de recurso de narrativa ou poesia. Tanto as mãos quanto a visualiterária funcionam como recursos expressivos corporais:

Quando ensino língua de sinais para as crianças surdas, é importante focar na “mão” quando apresentar um sinal novo. Também quando filmar a sinalização (registrar), por exemplo, um movimento de carro, apresentá-lo com diferentes versões: movimento normal, movimento de câmara lenta, etc. Para as crianças perceberem a diferença. Isso é diferente de quando sinalizamos uma poesia. Por exemplo: quando sinalizamos alguém pulando e de repente fizemos um movimento em câmara lenta os surdos apreendem que esse movimento é de registro de filme. Ou ainda, em uma contação de história quando é marcado um movimento em câmara lenta ou um movimento mais contínuo, as crianças surdas conseguem perceber a diferença da marca de gênero de vídeo ou de livro, respectivamente, sem a necessidade de falar nada para elas. **(Richard Carter)**

De forma semelhante à entrevista de Richard Carter, complemento com a entrevista de Rodrigo Custódio e Carlos Alberto Goes, que identificam e percebem o sentido do movimento:

Para mim é mais fácil identificar as poesias em LIBRAS, através de movimentos suaves, pois na poesia há muito disto, uma sequência de ritmos mais suaves. Já numa narrativa estes níveis variam entre ritmo acelerado e ritmo lento de forma diversificada e possui mais movimento. Existem cenas de ação com movimentos mais lentos na “fala” em LIBRAS com suas variações. E ainda temos o humor que também é fácil de identificar, pois ele inicia tem todo um desenrolar da história e ao final um contraste que culmina no humor, é possível identificar estas características embora elas se misturem às vezes. **(Rodrigo Custódio)**

Existem três diferenças, a comédia, as narrativas e as poesias porque a expressão se manifesta na essência do poema visto que em sinais é manifestada toda uma expressão, um movimento próprio de um poema, que identifica este gênero se é uma história contada ou até mesmo uma mentira. Já no gênero comédia a expressão variam os movimentos também e as pegadinhas que identificamos como sendo uma comédia. O que um disse para o outro, se é safado e todos riem, identificamos como sendo uma piada, e então temos as piadas mais leves e outras mais pesadas, com palavrões que facilmente identificamos a comédia envolvida. Já em uma narrativa, o semblante é mais sério onde está sendo relatado um determinado fato, e pronto é simples de se perceber no movimento e na expressão o sentimento e o surdo tem esta percepção. **(Carlos Alberto Goes)**

Já me aconteceu ao assistir a uma apresentação em LIBRAS de perceber que se tratava de poesia, já num outro momento percebi que se tratava de humor, pois eram piadas, depois em outro momento uma narrativa através de se contar uma história e lembro que aos poucos fui identificando estes gêneros através da vivência. **(Francisco Rocha)**

A narrativa apresenta diferentes recursos linguísticos e também pode estar relacionada a vários gêneros literários. Cito a continuação da entrevista Richard Carter, com as características da produção literária:

Outro exemplo quando eu resolvo contar alguma história “fake” “faz-de-conta” para as crianças e elas ficam prestando atenção na contação. Ao término questiono para elas se a história é verdade ou falsa e muitas acreditam ser verdadeira. Quando eu digo que é “fake” “faz-de-conta” elas não acreditam. Como isso elas vão observando as diferenças nas marcações durante a sinalização, compreendendo e servindo de modelo para elas se desenvolver. **(Richard Carter)**

Augusto Schallenberger comenta que a fluência na língua de sinais é a principal característica para a estruturação das narrativas sinalizadas:

O principal é que o surdo seja fluente em LIBRAS para que possa sinalizar de acordo com os movimentos exigidos, correndo, indo devagar, sinalizando de acordo com o gênero, se é piada, se é narrativa, por isso é preciso cuidar na estruturação antes de produzir, se preparar antes para o público, o que vai ser contado. Se estruturar se será uma piada, uma narrativa, para que não haja confusão e a maioria se confunde por não estudar esta estrutura, de usar mais expressão nas piadas, mais seriedade nas narrativas e assim por diante, um trabalho que deve ser feito previamente. **(Augusto Schallenberger)**

Ainda não são muito conhecidas as características do uso da língua de sinais na Literatura Surda, principalmente nas escolas, onde não há professores surdos ou há professores ouvintes que têm conhecimento insuficiente sobre a língua de sinais, além dos surdos que não estão na escola. Sem esses conhecimentos, fica complicado entender as diferenças entre os gêneros literários. Existem sujeitos contadores de histórias, poetas e humoristas de outros gêneros literários que produzem literatura, mas não conhecem as regras e as características do uso da língua de sinais na Literatura Surda. Cito as entrevistas:

Não tenho estudo ou conhecimento do assunto no qual refere. Achei muito interessante, pensei em gêneros literários e outras coisas, mas não consigo ver característica por falta de conhecimento. **(Shirley Vilhalva)**

Neste sentido há uma dificuldade maior de perceber enquanto o falante sinaliza, eu obtive algum conhecimento a respeito em oficinas o que me ajudou a perceber em algumas falas de surdos o gênero literário empregado. Porque na maioria das vezes há uma mistura destes gêneros. (...) Para mim ainda tenho dificuldade de identificar claramente estas características porque não estudei ainda a respeito dos gêneros literários em LIBRAS. **(Rodrigo Custódio)**

A maioria do povo surdo não tem conhecimento acadêmico. Eles veem a Literatura principalmente como o humor, as piadas, não conhecendo outros gêneros. Surdos mais instruídos podem ter uma visão diferente. **(Rimar Segala)**

Quanto ao perfil e característica da pessoa para determinada área da literatura surda, existem várias características, por exemplo, para uma poesia o perfil seria uma pessoa mais expansiva, ou nos vídeos do facebook com vários vídeos feitos por surdos contando histórias e piadas é difícil perceber o perfil e a característica de cada um. **(André Paixão)**

É realmente uma pergunta importante esta, pois aqui na Alemanha não temos a compreensão e percepção de gênero literário mas é possível sentir mesmo que não haja estudo sobre isto, através das expressões não manuais se percebe mais se a pessoa esta se expressando suavemente ou pesando na sua expressão, de forma mais exagerada pode se perceber a narrativa e também pelo tempo, se é extenso, também a Literatura em Língua de Sinais com o jogo das configuração de mãos, utilizando o alfabeto para narrar uma história, na sequencia do alfabeto A, B,C,D,E,F... ou em uma brincadeira onde se utiliza sempre a mesma configuração de mãos, exemplo: três dias, três pessoas brigaram, embora não seja o natural. Também na televisão em uma reportagem em que o surdo esta realizando uma narrativa se percebe na expressão onde se percebe o papel do surdo e o papel da literatura surda, é possível fazer esta diferenciação. **(Liona Paulus)**

Foi isso o que aconteceu comigo, de modo semelhante ao que foi relatado nas entrevistas. Antes eu desconhecia a Literatura Surda e a transmissão da literatura das gerações de mãos literárias. Fui descobrindo-as através do contato com as mãos dos sujeitos surdos nos seminários, teatros surdos e outros eventos. Os meus olhos absorviam as mãos literárias surdas, mas eu desconhecia os conceitos, gêneros e características do uso de língua de sinais, pois na escola meu contato era com a literatura brasileira de maneira geral. Dessa forma, sendo outra língua, para mim não havia muito significado, pois não era meu mundo, minha língua. Rimar Segala também conhecia poucos gêneros e, mais tarde, descobriu conceitos da área de Literatura Surda no curso de Letras/LIBRAS. Ele percebeu que, da mesma forma que havia conceitos utilizados na língua falada em português, havia conceitos na Literatura Surda.

No meu caso, eu conhecia alguns gêneros, mas não tinha muita clareza. Quando estudei Literatura com a Lodenir é que fui ter contato com outros gêneros literários produzidos pelos surdos, que estão em igualdade com a produção em português, e que não são adaptações, são criações, da mesma forma que os ouvintes, de temáticas semelhantes como dramas e conflitos. A rima, que para os ouvintes se realiza a partir da sonoridade, no caso dos surdos é construída com as configurações de mão, que obviamente não ocorre na literatura em português. São equivalências. **(Rimar Segala)**

(...) perceber como se constitui a poética da língua de sinais, a questão da rima, por exemplo. Na poesia “bandeira Brasileira”, por exemplo, há toda uma intencionalidade na realização do movimento dos sinais, com o movimento do pano da bandeira, ou da duração de uma contação de histórias, que não pode ser muito longa. Ainda não há um estudo sobre este regramento, e isto se torna um problema para o aprendizado dos gêneros, pois não se pode pensar que uma poesia é a mesma coisa que uma contação de histórias. Há também a ideia equivocada de que o formal está acima do informal, mas são formas diferentes de representar. Os surdos não são conscientes disso, pois isto não é ensinado, assim como as diferenças entre produzir uma poesia e uma contação de histórias, tudo está muito misturado, e precisa ser estudado. São temas de pesquisa a ser desenvolvidos, e espero que futuramente consiga realizar. **(Nelson Pimenta)**

Podemos perceber que, anteriormente, se desconhecia a Literatura Surda nas escolas de surdos, pois havia falta de profissionais na área, ou havia somente pessoas que não

conheciam suficientemente a língua de sinais para ensinar as características da Literatura Surda. Percebo que as crianças surdas, nas escolas de surdos, são mãos literárias, mas, se os professores não são fluentes em língua de sinais, não saberão identificar e registrar essas mãos literárias. Além disso, como já apontamos antes, se não houver profissionais com conhecimento na área de Literatura Surda, como será possível ensinar aos alunos surdos os aspectos importantes desse tipo de literatura? Sendo assim, seminários, congressos e outros eventos relacionados à área são importantes para difundir e disseminar o conhecimento até chegar às escolas de surdos e, quem sabe, para ampliar as produções de Literatura Surda.

E quanto às temáticas? As mãos sinalizantes são transmitidas “visualmente” no espaço, fazendo circular a língua e sendo consumidas pelas subjetividades em várias temáticas. Aqui está outro objetivo específico: que temáticas recorrentes circulam na Literatura Surda? Analisei as entrevistas e percebi que são várias. Rachel Sutton-Spence diz que maioria são piadas e narrativas criadas pelos próprios surdos. Outros dizem que a poesia ocorre através das experiências vividas. Nessa relação, há experiências que nos tocam e que passam por nós, sendo transmitidas visualmente em várias temáticas e “metaforicamente” para outros sujeitos surdos, que se apropriam de experiências semelhantes.

Minha produção tem um forte tema que é “Vida”. Conflitos e cultura surda, por exemplo, não aparecem, mas “Vida” sim. Gosto de mostrar aos surdos como a vida funciona, por exemplo, na poesia “Tudo Passa”, que faz uma referência a emoção que as coisas da vida nos causam. Não apresenta nenhuma polêmica, apenas discorre sobre a vida, mas é claro que neste percurso passamos por conflitos. Gosto de apresentar esta visão para os surdos, além de salientar as metáforas, das quais a comunidade surda se apropria, por exemplo, sobre o implante coclear, o oralismo e a proibição da língua de sinais, a falta de apoio governamental, entre outros temas. A partir desta apropriação, outras produções vão surgindo, inclusive desenvolvendo novas temáticas envolvendo “Vida”. **(Rimar Segala)**

Os temas são muito variados, contudo, há muitas poesias sobre a própria vida dos surdos, os acontecimentos de seu cotidiano, o colonialismo em relação aos ouvintes. Esses todos são temas muito recorrentes nos temas das poesias em LS. Os problemas vividos também estão nessa relação, pois através da poesia essas informações são passadas para os demais surdos. No mundo dos ouvintes, as informações sobre a vida são transmitidas pela oralidade no cotidiano, já com os surdos isso aparece mais nas poesias, e é ali que os surdos se identificam. **(Paul Scott)**

Podem-se perceber temáticas relacionadas às experiências sofridas pelos oprimidos, às suas lutas e políticas linguísticas. Elas, no entanto, são algo visual que produz efeitos literários a partir de adaptações de lendas e histórias humorísticas vivenciadas pelos surdos, que as transformam e, com isso, produzem narrativas. Há também produções visuais sobre natureza, religiões e animais que fazem parte da Literatura Surda. Cito Sutton-Spence (2013), que comenta sobre esse tema:

O que a Literatura Surda tematiza? Seria essa literatura uma vitimização dos surdos, mostrando coisas tristes? Não. A Literatura Surda mostra coisas positivas em relação aos surdos. A maioria das narrativas e piadas se refere às pessoas surdas. As histórias têm sempre como sujeito um personagem surdo que proclama algo, sendo várias as temáticas abordadas. São contadas coisas sobre o mundo surdo, a cultura surda, a comunidade surda, a língua de sinais, tudo isso é tematizado na Literatura Surda. As histórias também mostram como se dão as relações de opressão sofridas pelos surdos em relação aos ouvintes e como se dá a resistência dos surdos, quais as formas os surdos encontram de se defender e de se fortalecer diante de tal opressão. Mas não é somente esse tipo de assunto que aparece na Literatura Surda, também existem histórias sobre animais, histórias engraçadas, outras que falam sobre a natureza, sobre religiosidade. Mas é certo que a maioria das histórias trata especificamente do sujeito surdo.

Da mesma forma, Shirley Vilhalva também fala da temática e da adaptação de histórias de surdos:

Pato surdo, ou seja, as historinhas adaptadas de forma que um personagem passa a ser surdo.
(Shirley Vilhalva)

Na pesquisa sobre “Mestres dos Sinais” (WRIGLEY, 1996), encontramos a incorporação de outras narrativas pelos sujeitos surdos. A pesquisa relata a experiência de surdos que veem filmes pela televisão e que incorporam essas histórias, mas as adaptam para narrativas em língua de sinais. O pesquisador Nelson Pimenta de Castro (2012) explicou que, desde criança, ama assistir à televisão, especialmente com sua irmã surda. Eles assistiam a filmes e seriados da década 1960, filmes como “Jeannie é um Gênio”, criado pelo escritor Sidney Sheldon, muito popular no Brasil:

Os filmes despertavam mais interesse em mim dentre todos os demais da época, porque minha irmã surda e eu conseguíamos entender claramente as tramas através das imagens, que não eram legendadas nem em língua de sinais, mas eram extremamente expressivas. (CASTRO, 2012, p. 25)

Nelson Pimenta comenta “(...) que não eram legendadas nem em língua de sinais, mas eram extremamente expressivas”. Ele quer dizer que não era precisa uma língua de sinais ou uma legenda, até porque, naquela época, não tinha acessibilidade comunicativa. Eles apenas assistiam ao filme — com leituras imagéticas que transmitiam interpretações —, mas não compreendiam completamente os diálogos entre os/as atores/atrizes. Acredito que, depois que viam os filmes, encontravam-se com os amigos na escola para contar o que era transmitido nos filmes. Ao fazerem isso, podiam incorporar atrizes, com braços cruzados enquanto seus olhos piscavam, brincar com os colegas ou contar e criar histórias e brincadeiras. Como sou surdo, lembro que, quando jovem, assistia a filmes e seriados em casa apenas para divertir-me com a expressividade das atrizes. Eu piscava os olhos com os braços cruzados enquanto

imaginava o que aconteceria depois. Pensava naquilo, mas não era naquela coisa em si — era minha imaginação divertida. Naquela época, não tinha acessibilidade nos meios de comunicação, como legenda e língua de sinais. Mesmo assim, eu não perdia o programa humorístico brasileiro mais popular do país, “Os Trapalhões”⁸¹, que foi sucesso na televisão e no cinema. Criado por Wilton Franco, o programa tinha no elenco Didi (Renato Aragão), Dedé Santana, Mussum e Zacarias. Era um programa que mostrava situações cômicas com o intuito de ser engraçado. A meu ver, era divertido pelas expressões corporais: cada ator do elenco tinha um jeito, um gesto corporal, e eu não entendia o que eles conversavam entre si. Era simplesmente como se fosse uma leitura de imagens na televisão, como revistas em quadrinhos e gibis. Apenas lia as imagens sem ler as palavras (era verdade: havia uma leitura de imagens, pois eu desconhecia a interpretação e o significado da escrita em português). Nunca tive experiências “compartilhadas” com outras pessoas, pelo menos não naquela época, pois não tive contato com sujeitos surdos. Vivia na terra de colonização falada.

Paul Scott conta o momento em que ele e uma colega ouvinte viram um sujeito surdo contando, numa escola, uma história que aparentemente era negativa, mas na verdade não era. Veja-se a entrevista:

Uma pessoa surda estava vendo na TV uma luta do WWF e levou as informações disso para a escola. A professora ouvinte, vendo aquilo disse para pararem de brigar, ficou braba. Eu disse, deixe-o, ele está usando a criatividade para recontar o que assistiu na TV. Observando isso, os colegas surdos estavam encantados com a performance dele, olhando-o atentamente. Pedi para a professora observar o que eles estavam fazendo, e eu fui recontando para ela o que estava acontecendo. E foi então que ela compreendeu tudo e deixou eles continuarem. Então temos temas diversificados como o amor, [?] entre tantos outros. **(Paul Scott)**

Tanto as crianças quanto os adultos surdos eu observo, a partir de suas interações que o vídeo é a modalidade que mais é utilizada como referência para esses sujeitos. No meu caso não, deixo de lado as referências dos vídeos e eu mesmo crio minha sinalização. Os surdos perguntam se o que eu faço é baseado em vídeos e eu digo que não. Digo a eles que crio meus poemas a partir de ideias e com minha sensibilidade, que é diferente, e os questiono se eles desejam o mesmo. Mui_

⁸¹ Visão geral sobre o programa humorístico brasileiro “Os Trapalhões”: o programa era formulado por várias cenas de alguns minutos em que havia situações cômicas dos protagonistas (às vezes, com um, dois ou três e, às vezes, com os quatro Trapalhões). Os assuntos das cenas eram, por exemplo, os trapalhões se opondo a inimigos ou a si mesmos em disputas (Didi e qualquer um dos três Trapalhões que estivesse do lado dele saíam vitoriosos em quase todas as vezes), pregando peças em outras pessoas e até em si mesmos e unindo forças para chegar a um objetivo comum. Houve também, ao longo dos anos do programa, várias paródias de super-heróis tradicionais, como o Super-Homem (frequentemente interpretado por Didi por causa de seu papel de líder), o Batman (este mais interpretado por Dedé, devido ao seu papel de segundo em comando e também devido ao fato de existirem interpretações homossexuais do personagem Batman e do personagem Dedé), o Homem-Aranha, o Fantasma, o Hulk etc. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Os_Trapalh%C3%B5es#cite_note-1>. Acesso em: 05 mar. 2016.

tos falam que é difícil, ainda presos as referências dos vídeos e filmes já vistos. Desafio eles a deixarem essas referências e produzirem alguma coisa mas eles não conseguem. Pode-se dizer que há ainda uma idolatria por parte dos surdos em relação as referências dos vídeos e filmes. O que os surdos sinalizam são apenas reproduções de algo já visto. **(Richard Carter)**

Tradicionalmente, desde a colonização dos surdos, modificaram-se, de tempos em tempos, todas as cenas e vivências na casa da família, fosse vendo um filme ou indo ao cinema. Por exemplo, um sujeito surdo, membro da comunidade surda, penetra no muro de limitação no ambiente da língua/fronteira, buscando algo da experiência e voltando para a comunidade surda para contar o ocorrido no campo da narrativa literária. Segundo Marta Morgado (2011), o humor nas escolas de surdos teria nascido a partir dos alunos que tinham acesso ao cinema e que depois, na escola, transmitiam os filmes usando a língua de sinais. Cito Morgado:

Nessa altura, o cinema era ainda a preto e branco, e os filmes de ação eram geralmente filmes western, ou seja, eram filmes com muita imagem e poucas falas. Hoje em dia, em vez dos cowboys, os surdos preferem imitar cenas de filmes mais modernos como o *Matrix*, o *Batman*, o *Exterminador Implacável*, entre outros. (MORGADO, 2011, p. 53)

É interessante a referência aos vídeos transmitidos para o campo literário. Li a respeito da dissertação de Nelson Pimenta, intitulada “A tradução de fábulas seguindo aspectos imagéticos da linguagem cinematográfica e da língua de sinais” (2012). Na sua pesquisa, ele desenvolveu a cinemática visual a partir da experiência da narrativa/fábula/poesia em língua de sinais em forma de recursos de cinema — como transformação de plano e enquadramento —, como se representassem a imagética do filme. As produções imagéticas em língua de sinais utilizam os seguintes recursos: sinais, gestos, antropomorfismo, ação construída, planos, movimento de câmera, efeitos, edição, classificador em LIBRAS, soletração, simultaneidade, imaginação, imagens visuais e narrador. Benjamin Bahan (2006) pesquisou a tradução face a face da ASL e disse que há muitos gêneros, sendo a narrativa um deles. As histórias cinematográficas são dividida em três tipos: baseadas em um filme real, inspiradas por um filme real e uma história original criada usando técnicas cinematográficas.

Benjamim Bahan (2006), Cynthia Peters (2000), Fernanda Machado (2013) e Nelson Pimenta (2012) apresentam as produções imagéticas em língua de sinais com relação à Literatura Surda e vinculadas à visualiterária, pois os sujeitos surdos, na constituição de suas experiências “visualiterárias” na forma de Literatura Surda, entram em contato com as mãos literárias e com as produções do povo surdo de todas as gerações. Isso não significa que todas

as gerações de mãos produzem da mesma forma, mas, a cada geração, surgem novos efeitos e significados, resultados das vivências das comunidades surdas. Não há uma única comunidade surda local. Temos diferentes comunidades surdas regionais e locais, mas sempre haverá as mãos compartilhadas por meio de encontros ou eventos. Elas são, portanto, experiências visualiterárias. Cito Klein e Rosa:

A literatura surda, quando produzida por um surdo (...) o surdo é aquele que vivencia as experiências surdas, sua cultura e a Libras. (...). Por isso, o surdo geralmente tem capacidade de produzir histórias que serão mais facilmente absorvidas e compreendidas por outros surdos, e contam experiências com as quais outros surdos facilmente vão se identificar. (KLEIN; ROSA, 2011, p. 95).

Existem estudiosos e pesquisadores que se interessam por piadas e anedotas surdas. Elas foram transmitidas em muitas versões, abordando o humor e aproximando-se do folclore surdo (WILCOX; WILCOX, 2005; BAHAN, 2006; QUADROS; SUTTON-SPENCE, 2007; KARNOPP; SILVEIRA, 2014).

Segundo Morgado (2011), em forma de humor, pensado e exprimido diretamente em língua gestual, raramente passa pelas palavras. Por exemplo, tradicionalmente, a piada “Árvore Surdo” é contada várias vezes e eternamente (SILVEIRA, 2015).

Há a circulação do humor, que pode provocar diferentes tipos de riso e preconceito. Também há crenças e outras características da produção linguística que ainda circulam por todas as comunidades surdas: em encontros de surdos e rodas de bate-mãos, em acampamentos de surdo, performances no teatro, eventos e em todos lugares por pares e coletivos surdos. Segundo Silveira (2016), quanto aos lugares em que as piadas são contadas, observamos que as piadas em língua de sinais são sempre contadas espontaneamente, de forma livre e em lugares públicos, eventos, escolas de surdos etc., como na tradição oral. Veja-se o que dizem alguns entrevistados:

(...) a temática mais recorrente é o humor, são as piadas! Porque os surdos gostam de contar piadas e se interessam, pois estão relacionadas a realidade dos surdos. Também percebo que a poesia é o que existe menos na Literatura Surda, já as narrativas estão equilibradas em quantidade quase se igualando ao humor e retratam na maioria das vezes ao acontecimento de 1880 no Congresso de Milão onde houve a proibição do uso das Línguas de Sinais, sendo de fundamental importância, pois os remete a esta época e nos faz atentar a importância daquele evento no decorrer da história. O descobrimento do Brasil também é assunto recorrente nas narrativas sendo que algumas foram adaptações para a LIBRAS, mas não sei dizer ao certo. Nas poesias não sei dizer ao certo pois não tive muito conhecimento disso. No humor temos uma piada que é unânime em 99% das pessoas conhecem que é a piada da “árvore surda” em que ao se cortar a árvore e gritar: MADEIRA a árvore não caía porque era surda. Então os gêneros mais vistos são o humor e as narrativas existindo ainda poucas poesias. **(Rodrigo Custódio)**

Sim o gênero predominante nas rodas de bate papo da comunidade é o humor através das piadas, já tive acesso a outros gêneros literários, mas o humor é predominante. **(Francisco Rocha)**

Eu mais me interesso no humor e acredito que o humor esteja em primeiro lugar e o no humor temos diferentes áreas de em que este se manifesta como a poesia, as narrativas entre outras, mas em primeiro está o humor. **(André Paixão)**

Posso responder claramente que o gênero literário predominante é a comédia, através das piadas em língua de sinais, e em segundo as narrativas, em terceiro as poesias, mas em menor número, o que percebo aqui na Alemanha já no Brasil não sei, também as brincadeiras com as configuração de mãos por último, me lembro de um acampamento de surdos em que fazíamos uma brincadeira com a configuração das letras dos nossos nomes, por exemplo LIONA onde usávamos o L andando e então o I paquerando e o O de Oba e N no nariz e A de agarrar, me lembro desta brincadeira com as configuração de mãos e com certeza as piadas são as mais presentes. **(Liona Paulus)**

A brincadeira com a configuração das letras (alfabeto manual) e historia de A-B-C é como humor, efeito de significações e desafio lógicos, até mesmo também podem ser poesia em jogos sinalizados ou expressões metafóricas, uma configuração da mão é como um signo, isso pode ter vários significados. Segundo Wilcox e Wilcox (2005), algumas histórias A-B-C tornaram-se famosas e hoje são formas literárias fixas; outras são improvisadas por talentosos contadores de história Surdos.

Augusto Schallenberger comentou que a temática mais recorrente no humor é a piada política, mas também existem outros assuntos. Carlos Alberto Goes observa outras rodas de bate-mãos, em que a piada como forma de zoação e produção linguística como um sinal, invertendo a situação e inovando a sinalização.

Para mim isto é feito quase que momentaneamente, é espontâneo, conforme o grupo que está reunido se está se falando de política, daí eu interajo com uma piada sobre o assunto, e assim dependendo dos assuntos nos grupos, como por exemplo, um stand up para ver quem é o melhor, e assim dependerá muito dos grupos, mas realmente o tema mais recorrente é o humor, com a contação de piadas e de assuntos políticos, estes dois. Claro que existem outros temas, como por exemplo, falar do diabo, até hoje eu queria ver mas existem poucos mas quase não se encontra mais na comunidade, só outros assuntos, que se perderam por causa das tecnologias, este contato na comunidade. **(Augusto Schallenberger)**

Observo nos bate papos, nas piadas, na zoação entre brincadeiras de uns com os outros surdos, no exagero ao SINALIZAR, por exemplo, o SINAL “problema” é realizado desta forma, com mais ênfase, e assim se manifesta a criatividade, quando se diz: - Você não tem educação, então sinalizamos o sinal educado com o movimento no sentido contrário no braço, enfatizando a informação, parece estranho, mas é assim mesmo e observamos isso no bate papo com surdos durante as rodas de conversa. Já as poesias não são muito utilizadas pelos surdos é observada apenas em alguns trechos quando se fala de amor, mas de maneira muito pobre, que não dizem nada. **(Carlos Alberto Goes)**

Ao ser questionado sobre o tópico dos temas mais frequentes na Literatura Surda, Silas Queiroz comentou que eles dependem da faixa etária do público e do lugar onde são comunicados.

Levar em conta a fase, a idade na comunicação desde a infância até quando nos tornamos idosos que nossa forma de comunicar em LIBRAS também irá se modificar com o tempo. Isto tudo é importante o desenvolvimento na fase correta e o cognitivo também se desenvolverá naturalmente, visto que uma fase adulta não acompanhará uma fase infantil no aprendizado, pois precisa se buscar igualdade na idade e na fase destes. **(Silas Queiroz)**

A visualiterária está vinculada à experiência visual e pode ser absorvida na língua de sinais com outros sujeitos surdos. Essa absorção também ocorre em cada fase da construção e depende da situação da linguagem literária em que se identificam os sentidos do prazer visualiterário.

A língua, como todas as outras, modifica-se com o tempo e, a cada geração, vai tornando-se uma construção na arte de sinalizar por meio da subjetividade com efeitos social, cognitivo e cultural. O sujeito é subjetivado por vários sentidos da comunicação humana e, quando há muros ou barreiras de comunicação, surge o efeito de que “não há construção da língua”, ou melhor, o de que o sujeito é subjetivado horizontalmente pelas palavras sinalizadas, como no acontecimento de mesmidade.

Em outra entrevista, percebe-se que a forma de contar histórias mais utilizada em escolas é sem regramentos, de modo livre, mas o entrevistado se sentiu um pouco confuso, pois existem algumas coisas misturadas nos gêneros literários.

A partir da minha prática na escola, percebo que tudo está muito misturado, que a principal forma literária utilizada ainda é a contação de histórias, mas sem regramento, não posso opinar porque não há pesquisas. As pessoas que estudam, pesquisam e conhecem a área poderão opinar e fazer este debate, mas percebe-se que a maioria faz longas contações de histórias. Assisti a uma apresentação de um poeta famoso, onde todos se emocionaram. Aplaudi e me emocionei, mas não havia a beleza da rima, nem a expressividade da contação de histórias, foi de fato um pouco confuso. É isto que necessita ser desenvolvido, e acredito que possa haver motivação para obter resultados. **(Nelson Pimenta)**

Segundo Marta Morgado (2011), para ser contador de histórias, é importante a “qualidade de literatura”. A contação de histórias, assim como outros gêneros, tem uma estruturação e é expressa por mãos estéticas. Elas transmitem os sentidos aos espectadores e/ou as crianças surdas para produzir efeitos significativos na viagem ao mundo das mãos literárias.

Na perspectiva da “visualidade”, como anteriormente já foi colocado, a Literatura Surda compreende vários gêneros literários. Sutton-Spence (2013) comentou que a Literatura Surda não é um bloco único nem uniforme. Em suas duas entrevistas sobre as marcas da Literatura Surda, ela comenta:

A Literatura Surda é composta por vários gêneros, diversos, como, por exemplo, narrativas, histórias fantásticas nas quais os personagens são animais, ou ainda histórias de vida de pessoas surdas, entre outros gêneros.

E Pimenta complementa:

(...) afirmo que é a visualidade, como expliquei anteriormente. As mãos são a força, nesta expressão visual, os modelos e marcas da cultura surda, do povo surdo, produzidas e incorporadas por eles. **(Nelson Pimenta)**

As marcas também produzem o subjetivo das experiências das mãos literárias, que transmitem os significados e os aspectos da cultura surda desenvolvidos no campo da literatura, multiplicando a visualidade. Larrosa diz que a experiência é o que acontece “entre” a obra e o espectador. O entrevistado Carlos Alberto Goes comenta sobre as marcas da Literatura Surda, salientando a Língua de Sinais e destacando também a subjetivação, a interação e a multiplicação:

O que marca na Língua de Sinais é o sujeito surdo, sua identidade, através da Língua de Sinais há interação e comunicação para o desenvolvimento, esta é a marca, pois ao me comunicar fluentemente em Língua de Sinais no modo como me expesso isso demonstra quem sou e traz a minha marca para que todos me vejam e aprendam e se tornem multiplicadores, isso é marca da maioria. **(Carlos Alberto Goes)**

Stuart Hall (2011) aponta que a identidade está sempre “em processo” e está sempre “sendo formada”. Gladis Perlin (2013), da mesma forma, coloca que a identidade surda se constrói dentro de uma cultura visual. O sujeito surdo, em sua inserção social, sofre cobranças no sentido de identificar-se com a maioria. No entanto, são inúmeras as barreiras, o que não permite uma identidade alinhada. Quando encontra sua identificação, dentro do conceito de identidade fragmentada, conforme Stuart Hall (2011), o efeito é que se reconhece na sensação da mesma experiência e assim descobrindo a “terra da língua”. Nestas marcas reconhecem a sua identificação entre os pares surdos, porém identidade surda não significa um só, mas a envolve também a sua identificação e a sua transformação. Segundo Gladis Perlin (2013), a identidade surda sempre está em proximidade, situação de necessidade com outro igual. O

sujeito surdo, nas suas múltiplas identidades, sempre está em situação de necessidade diante da identidade surda.

Kathryn Woodward (2014) pesquisa a identidade e a diferença, que é marcada por meio de símbolos. No processo de construção da identidade, tanto simbólico quanto social, fazem parte sistemas simbólicos. Essas identidades adquirem o sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas.

Isso está no processo de identificação que forma o circuito da cultura. Podemos ver a entrevista:

A respeito da Literatura Surda é importante termos o entendimento do SER SURDO porque a minha identidade surda é representada na Literatura Surda, a terminologia literatura “SURDA” é fundamental, pois identifica toda uma geração de surdos através de um modelo e torna-se uma representação de mim mesmo. (**André Paixão**)

Lopes e Veiga-Neto (2010, p. 116), em pesquisa sobre o que nos permite falar de identidades surdas, discutem os “marcadores culturais surdos”:

Além de língua de sinais, da arte, do teatro, e da poesia surda, a noção da luta, a necessidade de viver em grupo e a experiência do olhar são marcadores que nos permitem falar de identidades surdas fundadas em uma alteridade e uma forma de ser surdo.

O povo surdo, de geração em geração, tem consumido e feito circular a Literatura Surda, produzindo práticas discursivas e transmitindo-as através das mãos literárias. Dessa forma, o povo surdo compartilha experiências e imprime suas marcas, provocando efeitos nos sujeitos ao produzir e/ou transmitir literatura através das mãos literárias.

Essas experiências são produzidas pelas mãos literárias no espaço e no tempo através dos sujeitos surdos nas comunidades surdas, nas escolas de surdos, nas associações de surdos e em eventos surdos. Rimar Segala aponta onde podemos ver as mãos literárias, citando exemplos de histórias da Bíblia e de associações de surdos:

Em primeiro lugar uma marca importante foi meu pai. As histórias que ele contava em língua de sinais sobre a Bíblia, Moisés, Noé, Sansão e sua força, Moisés e a magia, quando fez o mar se abrir, a arca e os animais encantam, são histórias e marcas da Literatura Surda. Em segundo lugar, uma importante marca são os surdos nas associações, aqui em São Paulo a ASSP (faz o sinal da associação). Nestes ambientes, as piadas, por exemplo, não têm nenhuma influência das piadas de ouvintes, e os surdos se divertem muito. Em terceiro lugar temos a contribuição de Nelson Pimenta, o mesmo grupo de teatro, [?], Nelson Pimenta, Alexandre Pinto foram fortes marcas. (**Rimar Segala**)

Rimar comenta que “[...] não têm nenhuma influência das piadas de ouvintes, os surdos se divertem muito”, pois esse é um local significativo de ser onde há a construção das experiências compartilhadas na forma da arte de sinalizar. Sabemos que é um lugar agradável que produz a sensação de aconchego, então automaticamente surgem os efeitos das risadas, das emoções e dos sentimentos — uma forma de ser na identificação nesse ambiente. Carolina Silveira (2015), em pesquisa sobre as piadas surdas, analisa a circulação de piadas clássicas tradicionais em língua de sinais. A circulação e a crença por meio do folclore de uma comunidade surda nos diz que as piadas produzidas em língua de sinais remetem ao folclore das produções culturais surdas.

Nas histórias religiosas, também temos as mãos literárias, que adaptam, traduzem ou simplesmente contam essas histórias. Rimar Segala, por exemplo, comenta sobre a influência que seu pai surdo teve nele ao passar histórias desse tipo. Da mesma forma, Sutton-Spence (2013) aponta:

Há também temas religiosos, em que os textos bíblicos são pensados e suas ideias expressas em língua de sinais levando em conta as pessoas surdas.

Na minha experiência — não posso deixar de registrar —, tocou-me o encontro em que conversei com Rimar Segala, durante um seminário em Porto Velho (RO), em 2015. Ele comentou que estava com o material pronto em *PowerPoint* no *pen-drive*, pois iria palestrar na escola de surdos em São Paulo. No dia seguinte, conta ele, lembrou-se de algo e decidiu que não levaria o *pen-drive*; deixou-o em casa e foi direto para o evento. Os organizadores do evento e alunos surdos ficaram surpresos que Rimar Segala não quis trazer o material, já que eles estavam acostumados a assistir a apresentações em *PowerPoint*. Então ele explicou que seu pai, surdo, contava em língua de sinais todos os detalhes das histórias em forma de cenas. Rimar conseguiu captar a imaginação e representar as cenas como jamais visto na televisão ou em desenhos. Portanto, disse ele, palestrarei em língua de sinais sem precisar de *PowerPoint* para os alunos surdos, que ao final, vibrando, levantaram as mãos para cima e “aplaudiram”! Lopes e Veiga-Neto (2010, p. 122) comentam que “Cultura pode ser entendida como um conjunto de práticas capazes de serem significadas por um grupo de pessoas que vive e sente a experiência visual, no caso dos surdos, de uma forma semelhante”, como podemos perceber no evento em Porto Velho.

Fico refletindo sobre o que Jorge Larrosa (2002) coloca em seu artigo “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”. Segundo ele, o sujeito é fabricação da sua experiência, e a experiência não é fabricada pela informação. Larrosa (2002) diz que “A experiência é o

que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. No meu entendimento, metaforicamente, a experiência que é fabricada pelos sujeitos das mãos literárias está nos pares de mãos. O que nos toca é a visualidade; o que nos passa são as práticas das mãos discursivas; o que nos acontece é uma geração de mãos que produz e fabrica os marcadores culturais surdos. Reiterando, Larrosa diz, ainda, que a experiência transforma: “É experiência aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação” (2002, p. 25).

A transformação pela experiência pode ser transmitida no espaço das “leituras” da língua sinalizada. Elas são transformadas em páginas na forma de histórias de surdos, de personagens surdos e de experiências de mãos, com aspectos positivos e negativos, tornando-se fábricas literárias dos sujeitos surdos. Essa herança cultural faz parte da Literatura Surda e está relacionada às marcas dos aspectos da história em referência a personagens e ao protagonismo surdo, conforme os entrevistados Paul Scott e Rodrigo Custódio. Eles destacaram isso em suas entrevistas:

Na Literatura Surda há aspectos da história, de personalidades surdas, independente de que país for. Também há aspectos do mundo surdo, o trabalho, informações sobre o humor, piadas não com os aspectos negativos, mas sim com os aspectos positivos, poesias, história de vida, criação de história pelos surdos, histórias adaptadas pelos surdos, entre outros aspectos. Lembrando que esses aspectos, muitas vezes não são entendidos pelos surdos. As escolhas feitas pelos ouvintes são diferentes, e os surdos podem ter as suas próprias e desenvolve-las a partir das histórias permitindo-lhe sentir o prazer, a raiva e todos os sentimentos que a literatura provoca nas pessoas. Talvez muitos desses aspectos que se assemelham entre a literatura surda e ouvinte. Eu sinto isso. **(Paul Scott)**.

Acho que principalmente a relação com os personagens surdos ao mostrar as dificuldades, as tristezas, os problemas, a história social, o sofrimento e as barreiras enfrentadas, até o momento da virada nesta situação através do protagonismo surdo e seu empoderamento. Acredito na importância destas histórias principalmente para as crianças surdas, pois assim as tomam como referência, melhorando sua autoestima, da mesma forma como a imagem na minha camiseta (Figura 43), que é uma metáfora com o poder do super-homem e o empoderamento dos surdos, coincidência eu estar com ela aqui, mas ela representa exatamente isso, as possibilidades da língua de sinais e dos surdos, acho que é mais ou menos isso. **(Rodrigo Custódio)**

Figura 43 – Entrevistado Rodrigo Custódio: Imagem da camiseta "Super-Libras"



Fonte: Gravação do próprio autor.

Da mesma forma, Sutton-Spence (2013) explica as experiências dos surdos:

Pode ser ainda a história de vida do surdo contando sua experiência como surdo, vivências relativas à escolarização, em que havia a imposição do oralismo, a falta de comunicação, sua vivência no trabalho, na família. Enfim, são muitos os assuntos que são abordados na Literatura Surda. A experiência surda, as piadas surdas, que são muitas, os poemas. Os poemas são de muitos tipos. Há as histórias retratando a vida dos surdos antigamente.

Harlan Lane disse que existem histórias ao longo do tempo que são narradas em língua de sinais:

Existem muitas histórias de êxito, nas quais o surdo sai triunfante em condições que lhe são adversas, (...) Existem também um modo formal de contar histórias, por exemplo, testemunhando as ações e o caráter de grandes personalidades surdas. (1992, p. 31)

O Congresso de Milão em 1880 deixou cenas escuras no túnel das mãos literárias, em que sujeitos opressores invadiram o território surdo, trazendo a bandeira do oralismo. Por um século, torturaram as mãos sinalizantes, mas não conseguiram apagar da memória dos sujeitos surdos as páginas escritas dessa história. Proibição, opressão e tortura são parte da história dos surdos, e há muitas produções sobre esse tema, como lendas, poemas e adaptações. Paul Scott nos dá um depoimento sobre a sensação de opressão:

Você tem uma sensação de tensão no estômago quando os ouvintes dizem que você deve fazer isso, isso e isso. Eu vou para a minha família e os meus pais surdos me explicam que os ouvintes são diferentes, isso é apenas o seu jeitinho. Então, eu sei como lidar e a frustração desaparece. Mas para as pessoas surdas com famílias ouvintes não há ninguém para dizer-lhes isso e eles estão constantemente sendo ignorados pelos ouvintes que dizem coisas como 'oh, mais tarde' e as frustrações se acumulam. Pode afetar a mente e eles podem ter um colapso. **(Paul Scott)**

Paul Scott comentou que a “sensação de tensão do estômago e frustração desaparece”, exatamente como os outros surdos narram em histórias semelhantes. Eles passam pelas experiências e pela sensação de querer estar na casa das mãos. A pesquisadora, intérprete e professora Anie Gomes (2015), em um artigo intitulado “O que significa essa tal cultura surda”, comenta que a “Língua de Sinais é onde se encontra conforto linguístico para se expressar”. Em pares, os sujeitos encontram forma e conforto linguístico ao relacionar-se e ao intertextualizar a construção da expressão não só na linguagem de todos os dias, mas também na conversação das artes literárias, produzindo experiências que nos tocam, e a frustração desaparece. Muitas vezes, a criança surda desconhece essa forma de identificação, e os efeitos sentidos podem estar na escola inclusiva/integrativa, em casa com uma família ouvinte e/ou

na interação social, sem que se perceba que algo se acumula na construção de experiências sem sentido ou significado. Paddy Ladd (2013) comentou que é uma questão de “tempo perdido”, como se fossem calculadas as horas de comunicação em sua própria língua com os seus pares. Para outros sujeitos surdos que não dispusessem desse tempo de conforto linguístico ou de bate-mãos, como seria a construção do apreciador das mãos literárias?

Se calculássemos o número de horas de comunicação real e direta na própria língua com os seus pares, só na escola com internato é que esse número começaria a aproxima-se do número de horas vividas e tidas como garantidas enquanto socialmente necessárias para uma criança ouvinte. (LADD, p. 93, 2013)

É interessante que os pais surdos de Paul Scott, que são de outra geração de mãos do povo surdo, reconhecem os valores das mãos literárias. Na maioria das famílias surdas, quando nasce uma criança surda, é uma alegria na existência do povo surdo, pois ele não vê essa criança surda como um “problema social”, como ocorre com a maioria das famílias ouvintes (Strobel, 2008). A mãe surda de Paul Scott lhe conta uma fábula interessante sobre a questão da deficiência e do meio social:

Uma outra situação que retoma as questões sobre a deficiência é uma história sobre um alce, orgulhoso com seus chifres robustos, andava pela floresta e a fêmea prenha o seguia pela floresta. Quando o filhote de alce nasceu notaram que seus chifres eram diferentes. Um era virado para cima e outro virado para baixo. Nisso, a família decide afastá-lo do bando por ser deficiente. Depois de um tempo, ele cresce e [...] durante um incêndio, [os alces ficam presos nas árvores], enquanto o alce surdo, com os chifres invertidos passava um chifre primeiro para depois passar o outro [escapando assim do incêndio].

Paul Scott comenta sobre a importância de contar histórias e narrativas, pois elas são uma forma de passar as experiências e os sentimentos de ser surdo de uns para os outros e, assim, salientam as consequências de não lutar. Isso precisa ser dito por várias razões, inclusive para transmitir para os sujeitos ouvintes a importância de os surdos serem respeitados e de valorizar a Literatura Surda. Paul diz:

Então, quando eles se sentem oprimidos pelos acontecimentos no mundo, eles podem assistir histórias surdas e, em seguida, eles entendem e as terríveis tensões no estômago desaparecem. Fatos que “oprimem” no dia a dia são, através dessas narrativas literárias [?]. Por isso a literatura é importante, pois divulga também essas questões, que são muito diferentes para ouvintes.

Não só narrativas literárias, também outros gêneros que mostram as suas experiências vivências, subjetivado pelos olhos, marcas permanecem em suas peles, são inúmeras as marcas deixadas nos corpos. O corpo e as lágrimas se articulam para transmitir nas mãos a

narração, o humor, entre outras coisas. Segundo Marta Morgado (2011), muitos poetas surdos recorrem à forma da arte poética em língua gestual — no Brasil, chamada língua de sinais — para mostrar a opressão e o sofrimento a que a comunidade surda esteve sempre sujeita.

O mesmo sentido da narração é fundamental para que os nossos olhos, a visualiterária e leitor se transformem em marcas nas mãos dos sujeitos das obras brasileiras, por exemplo, são marcam visíveis nas obras de Nelson Pimenta e citadas nas entrevistas da Francisco Rocha e Augusto Schallenberger:

O que me marcou a cerca de 10 ou 15 anos atrás foi quando assisti a um vídeo do Nelson Pimenta em que tinha uma cena que ele estava descrevendo o curso de um navio em alto mar e isso me deu uma sensação ótima ao assistir e foi o que me marcou. **(Francisco Rocha)**

Me lembro do meu primeiro contato com a literatura surda que através de Nelson Pimenta com seus vídeos antigos, contendo piadas, mas que posteriormente na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC onde estava com um grupo de surdos e não me lembro bem com quem mas pude assistir a uma poesia com muitas metáforas e fiquei admirado com as expressões utilizadas seguindo toda uma técnica que o Nelson havia me explicado mas que tornou-se mais claro para mim neste contato na UFSC e então que eu percebi que também podia produzir Literatura Surda pois a maioria dos surdos pensava que isto era muito difícil mas não, podia sim ser produzido assuntos sobre as problemáticas nas escolas, nas comunidades surdas, nas barreiras sociais, era possível sim. Isso me marcou muito, claro que o contato com Nelson também, mas o curso na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC sem dúvida foi o que mais me marcou que eu utilizo até hoje nas minhas produções para outros surdos seguirem como modelo. **(Augusto Schallenberger)**

Por outro lado, Liona Paulus sinaliza sobre as marcas nas obras brasileiras e estrangeiras surdas. Por exemplo, quando morou no Brasil, soube que existiam obras e equipes que pesquisavam sobre a Literatura Surda, até ganhou os livros publicados pelos autores naquele momento. A marca que ela destaca é sobre a escrita de sinais, percebeu que as obras eram registradas diferentes do que acontecia em outros lugares. A experiência visualiterária é transmitida através da comunicação, ela circula na sinalidade, sem registros como no caso dos livros, estando registrada apenas na memória dos povos sinalizantes.

Pensei nisto somente agora, estudo há anos aqui na escola de surdos na Alemanha, sempre participei de associação de surdos e então quando morei no Brasil durante um ano passei a pesquisar sobre a Literatura Surda através dos livros que ganhei de presente como, por exemplo, da “Cinderela Surda”, o “Sapo Surdo” ou “Pato Surdo” não me lembro bem, que foi uma produção da Carolina Hessel e do Fabiano Souto Rosa, os quais me presentearam com estas literaturas, que ao ler junto com a Sign Writer para mim pareceu ser a marca das adaptações em LIBRAS porque a comunidade surda se comunica, troca experiências mas não faz registro disto, então fiquei refletindo e me lembro agora de Peter Cook nos Estados Unidos de um filme que assisti e me causou um profundo impacto, também outro filme alemão de Jürgen Endres parte da Literatura Surda, e estes foram para mim os mais marcantes. **(Liona Paulus)**

Sabemos que existem inúmeras obras de mãos literárias, tanto no Brasil quanto em outros países. Percebo as marcas da visualiterária na região onde vivo, em visitas, encontros, eventos, estudos e intercâmbios. A visualiterária é uma leitura pelo visual que forma uma linguagem literária com estética carregada de significados — uma arte de sinalizar.

A partir das experiências “visualiterárias”, inicialmente procurei identificar as experiências visualiterárias desses sujeitos e a forma como ocorreram, surgiram e foram constituídas as suas identidades surdas. As entrevistas mostram que não havia conhecimento sobre o significado do termo Literatura Surda, mas os entrevistados viviam-na em suas experiências sinalizantes. Onde há mãos literárias há empoderamento e transmissão desses conhecimentos para outros sujeitos surdos. Abaixo, estão alguns depoimentos dos surdos brasileiros sobre a “Literatura Surda”:

Como foi este meu contato com a Literatura Surda, quem me explicou e me deixou fascinado com informações precisas de uma maneira esplêndida, me despertando excitação pela Literatura por conta da forma como foi explicado e também expressado, foi com a University Gallaudet, quando comecei a fazer teatro e através do teatro das discussões paralelas com ele é que fui desenvolvendo um entendimento de modo a ficar “abobalhado” com as diversas informações obtendo um aprendizado sobre a Literatura com perfeição, sendo tudo esclarecido pela University Gallaudet. **(Carlos Alberto Goes)**

Antigamente, em 93 não conhecia nada sobre literatura e tradução, o que significavam. Então, em 93, houve um congresso latino americano sobre bilinguismo no Rio , onde participaram muitos surdos de todo o mundo. Assisti a várias palestras de surdos, e a língua de sinais estava presente de forma muito forte e impressionante. Pensava na poesia, o que é isto, poesia, pensava que era apenas para ouvintes, não gostava, pode-se traduzir para língua de sinais, achava estranho. Foi então que pela primeira vez assisti a poesia do grupo de Ella Lentz (faz o sinal com locação na têmpera e CM 6, conforme tabela do INES) e fiquei encantado, assim como as piadas e contações de histórias de outros grupos, coisas que não conhecia e que não tinham, até então, significado para mim. **(Nelson Pimenta)**

Liona Paulus comentou, ainda, que não existe a disciplina de Literatura Surda na Alemanha:

Na realidade nunca estudei Literatura Surda, pois não existe esta disciplina aqui na Alemanha nem na Universidade, pois existe apenas na comunidade ouvinte, adquirei este conhecimento na associação de surdos. **(Liona Paulus)**

Carlos Alberto Goes, Nelson Pimenta e Liona Paulus adquiriram pela visualiterária dos sujeitos surdos e/ou na comunidade surda, onde existe produção das mãos literárias de forma espontânea sem perceber em si como o gênero literário descrito como Literatura Surda. As sinalizações dos entrevistados Rimar Segala, André Paixão e Paul Scott são semelhantes, pois eles adquiriram os gêneros literários através da família surda. Vejam-se as entrevistas:

Como aprendi e comecei a produzir poesia e Literatura. Da mesma forma, com meu pai, que também é ator, mas que atuava com ouvintes, mas na minha casa somos uma família de surdos. Do meu pai eu recebia as informações, que imediatamente adaptava e passava a ter a minha produção, sem regras, mas com preocupação estética. Da mesma forma na associação produzindo humor, teatro e outros gêneros fui me apropriando da linguagem. **(Rimar Segala)**

Me remete há um tempo em que eu tinha entre 08 e 09 anos de idade e não existia a Literatura Surda mas a comunidade surda já possuía manifestações de literatura através da contação de poemas, piadas que foram contadas pelo meu tio surdo, na minha família havia o meu tio surdo meu irmão ouvinte e meu pai surdo que utilizava muitos classificadores ao contar uma piada e com o tempo isto foi se tornando natural para mim que fui melhorando as piadas, acrescentando informações e isto me fez refletir neste processo como um todo, a pegar por exemplo a história dos três porquinhos escrita por ouvintes ao ter contato com a história e construir a história com diálogos em LIBRAS para adaptá-la a nossa realidade. **(André Paixão)**

Os primeiros inspiradores foram os meus pais, com suas histórias sobre diferentes coisas. Isso me fez aprender muito sobre tudo. Eles tinham uma grande influência para mim. E depois eu usei tudo isso para o ensino de crianças surdas. Isso foi algo que me marcou muito e uma forma de envolver a comunidade surda com a poesia. Talvez haja uns 4 ou 5 surdos poetas. **(Paul Scott)**

Os entrevistados comentam que antigamente não eram ensinadas as significações da Literatura Surda na escola e/ou na comunidade surda. No espaço escolar, não tinha disciplina da Literatura Surda. As mãos literárias foram sendo absorvidas por rodas de bate-mãos. Assim, Augusto Schallenberger e Rimar Segala se constituíram a partir da experiência visualiterária.

Augusto Schallenberger comentou que, antes de entrar na comunidade surda, o primeiro contato com as expressões humorísticas foi por programas de televisão “ouvintes”, revistas em quadrinhos e pela família ouvinte, que costumava contar piadas.

Antigamente não tinha nenhum ensino sobre a Literatura para a comunidade surda, sim através de desenhos infantis como os três patetas, o gordo e o magro, Chaplin assistindo-os na minha infância e também as revistas em quadrinhos que posteriormente ao entrar na comunidade surda, onde já havia vivenciado com minha família a contação de piadas, surgiu para mim então de forma espontânea. Até que tive na escola o primeiro contato com a literatura, mesmo que ainda muito pouco que foi surgindo naturalmente em mim nas rodas de conversa mas que fui aprendendo mais no curso da UFSC e também aqui no meu mestrado na UFRGS, no contato com a Lodenir Karnopp que me mostrou as possibilidades de literatura as quais utilizo até hoje. **(Augusto Schallenberger)**

Complementando, o entrevistado André Paixão conta:

Eu não tive este auxílio através da escola não, foi através da televisão, dos programas de televisão, como o CHAVES que vocês conhecem, também o PICA-PAU, mas não era nos diálogos e sim nas expressões e nas imagens que construía minha percepção do que estava sendo

transmitido. Também o CHAPLIN contribuíram na minha evolução para a contação de piadas e todos achavam muito engraçado e até me incentivavam de que eu deveria ser ator, me incentivavam e me parabenizavam por isso e eu me sentia muito bem. **(André Paixão)**

Rimar Segala comentou que o primeiro contato com as mãos literárias foi através de seu pai, mas ele atuava com os ouvintes nos meios sociais, acumulando as experiências de fronteiras, produzindo significados e somando experiência profissional. Veja a continuação da entrevista:

Na escola havia um grupo de teatro de ouvintes, dançarinos, e eu os observava, absorvia e retrabalhava estas informações, adaptado-as. Este foi o início, fazendo observações, que posteriormente se transformaram em produção de poesia, já com viés estético, mas havia falhas. Entrei em um curso de teatro, na OCA, e lá fiz um intenso aprendizado, e só tempos depois foi que ingressei no curso de Letras/Libras. Fiz vários contatos, com Nelson Pimenta, por exemplo, com os quais pude me enriquecer, e atualmente sou profissional. Não credito esta formação a um ou outro agente, mas sim ao somatório de todas estas experiências. **(Rimar Segala)**

Retomando mais uma vez a questão da fronteira, os surdos entrevistados participam da comunidade surda que é bilíngue e convivem no meio social entre ouvintes e surdos. Eles convivem entre fronteiras com a comunidade ouvinte e têm sua própria experiência vivida (MOURÃO, 2011). Cito Karnopp:

As produções culturais de pessoas surdas envolvem, em geral, o uso de uma língua de sinais, o pertencimento a uma comunidade surda e o contato com pessoas ouvintes, sendo que esse contato lingüístico e cultural pode proporcionar uma experiência bilíngüe a essa comunidade. (KARNOPP, 2008, p. 6).

Em entrevista, Carlos Alberto Goes comentou que as pessoas interagem e desenvolvem a identificação literária.

O estudo o que tem na língua dos surdos, ou os ouvintes, eu acho que está misturado, porque o ouvinte que sabe a Língua de Sinais e conhece o significado da língua pode estabelecer trocas com os surdos. O surdo vê outro surdo sinalizando e compreende, o ouvinte que sabe a língua de sinais também consegue compreender o que está sendo sinalizado, é impossível separar surdos de ouvintes, pois o mundo todo é uma troca. As pessoas interagem e assim se desenvolvem, ampliando em conhecimento porque a separação é igual a uma prisão e precisamos viver livres. Sobre as percepções do que é sinalizado, se o ouvinte conhece os surdos e tem fluência na língua de sinais, é possível estabelecer trocas, porque o ouvinte consegue receber a informação e compartilha-la, é isso. **(Carlos Alberto Goes)**

Paul Scott, na Inglaterra, assistiu a um surdo contador de histórias e, posteriormente, lendo um livro, pôde imaginar, a partir da leitura, uma forma de representar essa leitura:

Certa vez eu fui assistir a um surdo que estava contando histórias, era um local com muitas pessoas. Um tempo depois eu estava lendo uma poesia que falava sobre uma ave (parece ser um cisne) e fiquei imaginando toda a cena em minha cabeça, do meu jeito, sem me importar tanto com as palavras escritas, pois essas só passavam por mim. Daí eu pensei que eu poderia escrever sobre essa cena que criei, mas era complicado devido a minha escrita do inglês. [...] Depois um dia uma pessoa surda me disse para eu fazer poesia. Estranhei de princípio, mas disse ok. Foi quando eu fiz a poesia das Três Rainhas. Depois me convidaram novamente para ir a alguns lugares para fazer poesias. Estranhei, mas entrei em contato com a Rachel que trabalhava na Universidade de Bristol e me apresentou alguns elementos linguístico das poesias, estudo aprofundado sobre isso. Eu já sabia questões linguísticas sobre o ensino da BLS, mas as questões apresentadas sobre a poesia eram mais profundas e difíceis. Eu tinha um livro da época que tinha 15 anos, onde registrava algumas coisas, como os momentos que me sentia oprimido, a separação de meus pais, minha saúde. Hoje eu observo os surdos e analiso as situações vividas, seleciono alguns elementos específicos dos surdos e a partir deles passo aos demais surdos que gostam muito. E então eu venho fazendo cada vez mais experiências desse tipo, trazendo aspectos da cultura e da comunidade surda que me inspiram a criar mais e mais poesias. Então aquela experiência com meu diário valeu a pena para eu fazer melhor agora. **(Paul Scott)**

Na realidade eu nunca tive formação na área, sou um autodidata, mas os surdos, certa vez me perguntaram se eu era poeta. E eu sempre dizia que não, que era um contador de história que usava a língua de sinais. As pessoas insistiam e diziam que o que eu fazia era poesia. Eu não acreditava, mas depois um amigo surdo me apresentou alguns materiais e foi então que eu comecei a lembrar das coisas que fiz e que ninguém me ensinou, e a realmente reconhecer que o que eu fazia realmente era poesia e entendi pela primeira vez que eu era poeta surdo e que tudo aconteceu naturalmente. Eu conheci a Dot Miles – [poeta surda], mas até então eu não a conhecia. Quando vi seu material eu dizia a mim mesmo, o que ela faz é o que eu faço. E naquela época eu realmente não a conhecia, nunca tinha feito formação com ELA, nada mesmo. Tudo o que eu fazia era por minha conta, como disse, autodidata. **(Richard Carter)**

Paul Scott tinha conhecimento de questões linguísticas sobre o ensino de BSL, mas desconhecia significações da poesia que ele mesmo sinalizava. Richard Carter também desconhecia o conceito de poesia, pois acreditava que seu jeito de sinalizar definia-o como um contador de histórias. Eles foram capturados por meio de espaços sociais e da comunidade surda, pela visualiterária de forma espontânea e por algo que produziu efeitos nas mãos literárias. Eles buscavam questões de gêneros literários, e a professora Rachel Sutton-Spence, que estava pesquisado Literatura Surda na Universidade de Bristol, passou a ensinar aos surdos britânicos os significados dos gêneros literários. Portanto, alguns surdos britânicos se tornaram grandes poetas ou contadores da história, passando a disseminar e transmitir os ensinamentos para as crianças surdas em oficinas ou apresentações em eventos.

De modo semelhante a Paul Scott, Liona Paulus tinha conhecimento de questões linguísticas para o ensino da língua de sinais. Ela comentou que, acompanhada de um

professor que trabalhava com o ensino de Literatura Surda, percebeu algo ao descobrir e adquirir as significações literárias em outros sujeitos surdos.

Como obtive a aquisição no processo de ensino, foi durante o Ensino da Língua de Sinais acompanhando professor em que prestei atenção na aula e havia uma pequena parte a respeito de Literatura Surda em que compreendi a respeito de algumas coisas e outras não, depois em uma conversa percebi a presença das narrativas por acompanhar este professor e também em sala de aula na associação de surdos fui percebendo a presença das narrativas, em que eu apenas imitava a maneira de sinalizar de outro surdo. **(Liona Paulus)**

Rodrigo Custódio nunca estudou a Literatura Surda, mas realizou várias oficinas, foi marcado e passou a ter esclarecimentos pelos ensinamentos da professora Rachel Sutton-Spence durante a oficina de Literatura Surda, assim como Paul Scott e Richard Carter na Inglaterra. Cito sua entrevista:

Mas vem a questão então em aonde que estudei a Literatura Surda? Nunca fiz curso avançado a respeito, só oficinas e foram várias oficinas, mas a oficina que mais me marcou e esclareceu a respeito foi a oficina da professora Rachel que veio da Inglaterra em 2011, e é uma famosa pesquisadora da Literatura Surda e das línguas de sinais em todo o mundo e nos apresentou diversos modelos da Literatura Surda me trazendo este aprendizado a respeito para mim e para todos aqui no Brasil, além disso se aprendemos também a respeito em congressos? Sim claro, porque os surdos repassam estas informações através de narrativas contadas nestes espaços e vamos assim absorvendo estas diferentes narrativas que contribuem posteriormente para a minha performance e acredito também que todos temos talento nato para isto, o que muda de um para o outro são as estratégias da maneira de como conta-las. **(Rodrigo Custódio)**

Havia experiências literárias nas trajetórias dos sujeitos surdos, os quais não haviam sido instruídos na área da Literatura Surda, mas eles transmitiam essas experiências através da língua de sinais, de geração em geração. Logo foram descobertos o valor das mãos literárias e das significações da Literatura Surda. É por isso que estão sendo desenvolvidas pesquisas, inclusive para a contribuição com escolas, mídias e eventos, objetivando principalmente as crianças surdas. Rachel Sutton-Spence (2013) comenta que antigamente não havia a possibilidade de formação na área:

Antigamente não se podia ter uma formação específica na área de Literatura Surda, pelo fato de não haver cursos que abordassem o tema. Agora existem disciplinas, em cursos de graduação, tanto na Inglaterra como no Brasil, onde surgem algumas formações que se propõem a estudar a Literatura Surda. Muitos surdos sentem o despertar para a poeticidade, como uma inclinação natural, mas muitas vezes não encontram formas para expressar as possibilidades dessa arte. Nos cursos de formação essas pessoas podem desvendar essas formas e passar a produzir seus poemas. Da mesma forma, os ouvintes também são beneficiados com esse tipo de curso, onde os assuntos tratados poderão ajudar esses sujeitos a, através dos conteúdos próprios da Literatura Surda, aprender a língua de sinais, assim como respeitar a pessoa surda.

Nas escolas, não havia profissionais da área da Literatura Surda, conforme Nelson Pimenta conta em sua entrevista. Ele revela que não conhecia nada de literatura e tradução durante o Congresso Latino-americano sobre bilinguismo no Rio de Janeiro, em 1993. Então, tomou conhecimento sobre a área, como apresenta em sua entrevista, quando assistiu à poesia do grupo de Ella Lenz e ficou encantado:

[...] Estava admirado, e os surdos na escola queriam aprender sobre isto, mas não havia onde estudar. Então participei de um curso com Ella, e pude aprender sobre como funciona esta forma de expressão. Criei a poesia Bandeira Brasileira, quando estudei nos Estados Unidos, apesar de inicialmente não saber exatamente como produzir literatura, mas consegui ter esta apropriação. De volta ao Brasil divulguei esta experiência de estudo em língua de sinais. Em 2006, no curso de Letras/Libras da UFSC, havia uma sistematização de produção poética. De 94 até 2006 muito se desenvolveu sobre esta temática, inclusive com pesquisas e grupos de estudos, e isto é muito legal. **(Nelson Pimenta)**

Os entrevistados Augusto Schallenberger e Francisco Rocha contam que, na escola, não lhes ensinaram Literatura Surda; eles simplesmente captaram a visualiterária durante a vivência com surdos, em que fora absorvendo os inúmeros sentidos e significados na forma espontânea das mãos literárias.

Por isso penso que a Comunidade Surda ajuda muito nestas produções de literatura, mesmo que eu não percebia em mim este potencial, onde me diziam que eu podia filosofar, mas que na época não havia como registrar em vídeos pela ausência de tecnologia. Diferente de hoje que temos toda esta tecnologias para registrar e espero que aumente cada vez mais, mas ainda reafirmo a importância da Comunidade Surda, nos surdos que sabem mais auxiliar os outros para este desenvolvimento, o que não acontece nas escolas no contato com professores de Literatura. **(Augusto Schallenberger)**

Então na Escola de Surdo que eu estudava não aprendi nada a respeito, foi mesmo com os vídeos do Nelson Pimenta que comecei a conhecer a literatura surda e também com as minhas viagens em diferentes países e locais com diferentes sinais fez com que eu tivesse uma mudança no meu jeito de sinalizar, contando piadas, poesias, e tendo esta interação com outros surdos, foi se desenvolvendo. **(Francisco Rocha)**

André Paixão e Rimar Segala adquiriram mãos literárias pela circulação da arte literária da comunidade surda. Seu primeiro contato foi com suas respectivas famílias surdas, que os influenciaram a absorver o ser ator ou contador com mãos literárias. Logo eles passaram a transmitir e articular os significados nas rodas das mãos literárias. Destaco seus relatos:

Sim, a primeira pessoa que me influenciou e me fez decidir ser ator e poeta foi meu pai, assim como minha irmã Sueli, e os surdos da associação. Eu criança observava tudo isto e estava exposto a estas influências. Posso dizer que no meu desenvolvimento não tive uma referência, mas várias pessoas que foram meus referenciais. Então, foi assim que funcionou comigo, meu crescimento foi um movimento contínuo, que quando concretizado em produção, passou por experiências anteriores, pré-experiências que surgem da observação, da participação, enfim, não se trata de uma coisa só. **(Rimar Segala)**

Me lembro, primeira família me influenciaram, apenas meu irmão ouvinte, meu tio surdo e meu pai surdo foram responsáveis pelo meu primeiro contato com a comédia e posteriormente no ciclo de amizades na escola que ainda não havia literatura surda, até um dia que eu soube de poesias contadas em LIBRAS aqui em Porto Alegre e começou depois ser divulgado e para mim foi uma novidade, pois não era do meu conhecimento, pois eu era apenas contador de piadas. Até que assisti a algumas apresentações como do Ator Silas do grupo do Nelson Pimenta nas primeiras apresentações realizadas há muito tempo atrás e que foi se espalhando intensamente. **(André Paixão)**

Para as crianças, é importante o desenvolvimento dentro do sistema literário e a apresentação do patrimônio da herança cultural para que elas absorvam conhecimento pela comunicação na família, em espaços sociais e em livrarias. Segundo Marta Morgado (2013), a literatura infantil em língua de sinais é essencial para o crescimento da criança. Elas devem conhecer nossas heranças tradicionais, seja em casa, na escola ou nos espaços sociais. Nas livrarias, as crianças podem explorar milhares dos livros.

Os entrevistados Rimar Segala, Nelson Pimenta e Liona Paulus contam suas experiências e falam sobre formação e educação:

Nos Estados Unidos tive contato com vários grupos, por exemplo, nas associações, igual à FENEIS, onde muitas pessoas frequentavam, aconteciam festivais, eventos que eram apreciados por todos, e onde grupos apresentavam poesia e contavam histórias. Era adorável. Piadas eram contadas, e havia identificação de fato, e não eram apenas bobagens, mas sim encontros poéticos conceituais, poesia, e assim havia aprendizado. E foi nestas diferentes trocas que fui me apropriando das formas de literatura. **(Nelson Pimenta)**

Na escola nunca, conhecimento ZERO, me lembro que teve um seminário na associação de surdos apenas em que participei uma vez, em um curto período de tempo em que nos foi ensinado a respeito do estudo das línguas de sinais, poesias, narrativas, em que tive esta discussão mas ocorreu apenas em um momento enfim na escola nunca houve este estudo. **(Liona Paulus)**

(...) a escola não me auxiliou muito porque não havia professores surdos, os ouvintes não conheciam bem a língua de sinais, oralizavam. Não foi ali que desenvolvi minha produção. Com a minha família sim, na associação, na escola não, mas atualmente, passados 25 anos, as crianças surdas já encontram uma situação diferente, porque os professores e instrutores de LIBRAS utilizam contação de histórias, DVDs, poesias, e as crianças surdas em contato com estes recursos se apropriam e familiarizam com a linguagem, podendo escolher ser atores ou não, isto depende de cada pessoa. Atualmente isto é possível, mas antigamente, quando eu estava na escola, não era assim. **(Rimar Segala)**

A respeito dos sujeitos surdos que estiveram em situação limitada em razão das barreiras da sua língua dominante/falante na escola de “inclusão/integração/surdos”, li artigos de pesquisadores surdos e ouvintes e destaque o trabalho de Lodenir Karnopp (2004), que entrevistou os surdos e investigou as situações da comunidade surda, especificamente a leitura e a escrita:

A língua de sinais foi, para a maioria dos surdos, aprendida fora do contexto da escola. A língua portuguesa, por outro lado, foi privilegiada e ensinada durante a toda vida escolar dos alunos, sendo que os relatos evidenciam os traumas e as dificuldades na relação com essa língua do ouvinte.

Depoimento de Pedro (P) e Eva (E), nomes fictícios, surdos pesquisadores, gravados em fita de vídeo, em maio de 2004, diálogos gravados, relatam suas experiências na escola:

P: Sabe aquele ensino de língua portuguesa (LP), cheio de regras, baseado na gramática tradicional? (...) Eu percebo que na minha história escolar, eu perdi muito tempo com aquela forma de ensino. (...)

E: Veja só a minha experiência: eu odiava português, porque durante as séries iniciais eu não via a função da escrita, pois só estudávamos a estruturação de frases: Quem? O quê? Como? Quando? Por quê? E eu odiava! Era só vocabulários e frases! (...) (KARNOPP, 2004, p. 232)

Wrigley (1996) relata o momento em que estava em outro país — em uma escola tailandesa de ensino tradicional — e observou a categoria “copie isso” em sua língua nacional. As crianças surdas, muitas vezes, aprendem caligrafia e escrevem bem, mas as atividades tratam simplesmente de “copie isso”, e as crianças copiam no caderno o que estava escrito no quadro-negro, sem saber o significado do que estava escrito:

Em minhas próprias observações das escolas tailandesas, muitas vezes encontrei professores reunidos ao redor do café jogando conversa fora, longe de suas salas de aulas, onde as crianças ficaram sozinhas a copiar repetidamente textos do quadro-negro. (WRIGLEY, 1996, p. 152)

Paddy Ladd comentou que Berry descreveu a mesma experiência do “copie isso” com as colegas surdas na sala de aula (2013, p. 99):

Eles escreviam no quadro e nós copiávamos. Depois eles davam-nos boas notas e gabávamo-nos. Mas que significado tinham aquelas palavras? Ah! Nenhum! Passava-nos tudo ao lado... Ainda assim, aquelas pessoas perversas davam-nos boas notas e festinhas na cabeça.

O conteúdo das citações acima é recorrente nas experiências de surdos brasileiros e, assim como em outros países, em nosso país, os surdos odiavam a língua portuguesa na escola. No meu caso, estudava na escola “tradicional/integração” e recordo-me muito bem das

aulas de caligrafia até o ensino médio. Sabia escrever e ler, mas, infelizmente, até mesmo eu odiava o ensino da língua portuguesa. Ainda, odiava na escola quando tinha as outras disciplinas, todas elas escritas em português, pois, naquela época, eu repito, já sabia ler e escrever, mas não entendia os significados em todas as linhas infinitas...

Segundo Lodenir Karnopp, (2004), o ensino é descontextualizado, e não há língua em funcionamento, mas há apontamentos para a necessidade de mudança de perspectiva. Durante entrevistas, Pedro e Eva propõem o seguinte: “É preciso aprender português através da leitura de livros e da práticas de escrita...” (Pedro); “...respeitando o surdo, claro! É preciso ensinar português que respeite a cultura e a identidade surda!” (Eva). Cito Karnopp, que esclarece a reivindicação que surge:

Claro está que a primeira reivindicação que surge é a descentralização política, ou seja, que a língua de sinais seja considerada, na escola, como a língua do surdo e que, a partir daí, eles tenham oportunidade de receber a educação formal nas duas línguas. A segunda proposta é a mudança de perspectiva no ensino de língua portuguesa, ou seja, que as práticas de tradução, de leitura e de escrita sejam o foco de uma língua em funcionamento, de uma língua em uso. Que o ensino não seja somente uma repetição de palavras descontextualizadas, mas que transcenda o nível vocabular e frasal.

“Odiar a língua portuguesa” não quer dizer que eles querem excluir a língua, mas que falta um sentido. Falta acesso ou existem barreiras de interpretação das leituras, pois a língua portuguesa é baseada na experiência do mundo sonoro. Cito a autora Sandra Faria-Nascimento, que, na pesquisa intitulada “Ao pé da letra, não! Mitos que permeiam o ensino da leitura para os surdos”, comentou que os professores de língua portuguesa apresentam insuficiência de fluência na língua de sinais:

Um professor de LP – desavisado, sem domínio de estratégias adequadas às aulas de leitura – leva seus alunos surdos a lerem textos em Português sinalizado, o que acarreta uma interpretação fragmentada que reforça o mito da interpretação ao pé da letra. (FARIA-NASCIMENTO, 2006, p. 276)

Fernanda Machado, surda e poeta, em seu depoimento sobre sua experiência como estudante no ensino médio, relata: “Cursei o ensino médio em uma sala de surdos onde os professores eram ouvintes e por esse motivo havia a presença de intérpretes. Na aula de literatura, por exemplo, eu acompanhava a interpretação, mas não conseguia compreender (...)” (2013, p. 26).

Não pretendo comentar sobre como se dá o ensino de língua portuguesa para surdos, mas podemos perceber, conforme os depoimentos dos entrevistados, que a comunidade surda

bilíngue/bicultural convive na fronteira da comunidade que utiliza a língua falada e que tem outra cultura. Francisco Rocha comenta em sua entrevista que, na época em que estudava, na escola de surdos utilizavam LIBRAS, mas era uma educação tradicional, com disciplinas tradicionais como matemática e português, sem acesso às artes cênicas ou à poesia. Semelhante depoimento dá o entrevistado Augusto Schallenberger, que diz: “(...) na escola apenas repetíamos informações como papagaios, onde não havia produções espontâneas, eram repetições (...)”. Então, Francisco Rocha foi subjetivado pelas experiências visualiterárias na comunidade surda articulada a partir de desenhos em quadrinhos, por exemplo, dando forma e sentidos de expressão às suas ideias literárias, conforme coloca:

É através da interação na comunidade surda, que é extremamente rica com a espontaneidade nos sinais, que me causam emoção, também através dos desenhos em quadrinhos em que os surdos faziam adaptações com exageros como, por exemplo, contando as características, utilizando classificadores e isso acontece com perfeição na comunidade surda. **(Francisco Rocha)**

Complemento com a entrevista de Augusto Schallenberger, que conta ter convivido principalmente com um grupo de surdos na comunidade — contadores de piadas—, tendo ainda mais acesso ao vocabulário no espaço das mãos.

Me pergunta onde eu aprendi sobre literatura, o primeiro contato que tive na comunidade surda foi através do surdo Luiz Carlos que estava num grupo que só contava piadas e eu não me inseria em outros grupos, ficava apenas neste grupo com Guaraci Domingos Angelini, Luiz Carlos Alves Vieira, e Luis Fialho, contato este que atualmente não acontece mais a não ser pelo facebook. Isto me causa uma preocupação, mas digo que foi na comunidade surda que aprendi a produzir literatura e não na escola a não ser posteriormente na UFSC no curso que fiz. (...) Foi aí que me desenvolvi mais no vocabulário do que na escola, então o espaço para o aprendizado vai depender das suas vivências das suas experiências sendo que para mim foi desta forma. **(Augusto Schallenberger)**

Existem sujeitos surdos que têm um encontro tardio com a língua de sinais e que desconhecem a comunidade surda e, por vezes, as escolas de surdos. Quando desconhecem a sua língua, a sensação de ser assujeitado pode ser motivo de inquietação e/ou de sensação de vazio. Perlin e Reis (2012) se referem aos “surdos que somos” ao entrevistar uma pessoa surda (de nome fictício), que descreve o momento de descoberta de seu lugar:

“Aquilo que me senti naquele momento de encontrar um sujeito igual a mim, na escola, meu primeiro encontro com um sujeito surdo igual a mim, era o que eu procurava, aquilo me encantou, me fez sentir que tinha alguém igual a mim, que lia pelos olhos que entendia pelos olhos”

“Aquilo me encantou (...) que lia pelos olhos que entendia pelos olhos”. Podemos refletir, a partir dessa colocação, o quanto essa interlocução, pelo sinal ou pela palavra, produz visualidades literárias na nossa língua humana, formando um círculo de produtividade a partir desse “ser como nós somos”.

Complemento com uma história semelhante de uma garotinha surda negra americana, registrada quando Oliver Sacks (1998) esteve com estudantes surdos durante protestos no campus, que compartilhavam com multidões e mãos literárias. Ele escreveu no livro:

O campus está em festa agora que chegaram universitários e escolares de vários estados (uma garotinha negra surda do Arkansas, ao ver todo mundo comunicando-se por sinais à sua volta, comenta na língua de sinais: “É como uma família para mim hoje”. (SACKS, 1998, p. 170).

Vi uma entrevista com Rodrigo Custódio⁸², do curso de Letras/LIBRAS da UFSC, intitulada “Ensino de Língua Portuguesa como L2” e publicada em 09 de junho de 2013 no site *YouTube*. Nela ele sinaliza que, antes dos 18 anos, morava em uma cidade pequena, não tinha contato com surdos e desconhecia a sua própria língua e ainda mais a língua portuguesa, que utilizava simplesmente como uma forma de comunicação básica com “sinais caseiros” com sua família. Estudava no ensino médio, mas seus professores só davam as notas para que ele fosse aprovado, pois não sabiam o que fazer, e Rodrigo continuava sem aprender.

Entrevistei Rodrigo Custódio, que relatou seu atraso no contato com a língua de sinais e as influências de surdos na expressão de sua arte literária:

Eu me lembro que aprendi LIBRAS atrasado e quando eu aprendi já observava surdos que sinalizavam fluentemente contando histórias, piadas com perfeição, ainda não era a Literatura Surda mas o primeiro que conheci nesta área foi Nelson Pimenta em um vídeo dele que assisti. Foi assim que começou a me influenciar para aprender a me expressar melhor em LIBRAS e aos poucos foram surgindo vários profissionais na área que me motivaram. Sempre quando eu participava de algum espaço em que observava as riquezas de produções literárias como, por exemplo, no Festival de Folclore Sinalizado nos dias 15 e 16 de novembro de 2014 na UFSC, foi um momento riquíssimo e o primeiro festival em que participei a exemplo de vários que acontecem no mundo, onde eu pude ter acesso a estes gêneros literários foi um choque muito grande e uma motivação para que eu transmitisse isso a outros e para que eu continuasse participando cada vez mais destes eventos, foi um carregador de energias para participar deste espaço e ajudar outros surdos a conhecer também a Literatura Surda, foi uma influência positiva que manifesta e representa toda a história dos surdos e toda nossa luta e isso é muito importante.
(Rodrigo Custódio)

⁸² Do curso de Letras/Libras - UFSC, intitulado “Ensino de Língua Portuguesa como L2”, publicado em 09 de junho de 2013 no site Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2hCDwS_fkyc>. Acesso em: 16 mar. 2016.

Esse contato tardio com a língua de sinais, assim como com as significações da Literatura Surda — também não houve conhecimento das produções literárias —, no entanto, não o impediu de perceber que, mesmo de forma espontânea na utilização da língua, podemos encontrar as mãos literárias. Da mesma forma, Richard Carter não adquiriu conhecimentos sobre poesia e desconhecia as significações, mas ele encontrou uma surda, Frances Elton — linguista e uma das primeiras pesquisadoras em BSL —, que mostrou a família de gêneros literários a Richard Carter e orientou-o nesse sentido:

Além da Rachel, e antes dela, outro surdo colaborou com minha formação, foi a Frances Elton [surda inglesa que fez pesquisa linguística na BSL – uma dos primeiros pesquisadores de BSL] pesquisadores, linguistas. Trocamos muitas experiências e tivemos muitas conversas a respeito de poesia e muitas coisas foram ficando cada vez mais esclarecidas. Me mostrou vídeos apresentando cada aspecto da poesia e foi me ensinando aos poucos. Portanto, Frances foi quem abriu meus pensamentos, mesmo que ainda nebulosos, para as questões de poesia, sendo mais tarde, deixando completamente claro o pensamento com as orientações da Rachel pois ela tinha vários elementos que me foram ensinados, e explicou a lista de todos os elementos no poema Já a Frances tinha um e outro elemento apenas. Com a Rachel também fazíamos encontros de trocas entre os surdos, era importante para a aprendizagem. O mesmo que fizemos há uns dias atrás, 5ª e 6ª feira, com o curso que ministrei aqui, ensinando as pessoas que não tinham conhecimento sobre poesia, e que pelas trocas entre os cursistas, agora sabem muitas coisas a respeito. Portanto, eu influenciei eles da mesma maneira que a Frances me influenciou. Multipliquei para todos o mesmo que fizeram comigo. **(Richard Carter)**

Podemos perceber que os sujeitos surdos foram adquirindo, entre os pares surdos, as experiências das mãos literárias, produzindo, dessa forma, nas mãos coletivas, o que existe de patrimônio literário de todas as gerações do povo surdo.

Assim, os pesquisadores surdos e ouvintes nas academias continuam essa formação na busca de estruturar os conceitos e as características da área da Literatura Surda, além de repassar os ensinamentos para as escolas de surdos. As pesquisas na área da literatura em língua de sinais iniciaram na *Gallaudet University* para posteriormente se espalharem por outros territórios. Veja a entrevista de Nelson Pimenta, que estudou nessa universidade:

É importante que se estude, que a escola ensine sua importância, para assim ter melhor entendimento. Como contei antes, na escola nunca estudei poesia, havia no Brasil sim, mas eu estava bloqueado, não compreendia o que significava literatura. Sabia das muitas histórias, que eram literatura, mas não conseguia produzir histórias de forma satisfatória. (...) Quando estudei ASL nos Estados Unidos, em Gallaudet, havia muita produção em ASL, e junto com um intérprete ouvinte brasileiro, que não sabia ASL, assistimos ao Ben, que lá estudava. Na literatura geral, quando os ouvintes recitam alguma peça, a audiência compreende a partir desta sonoridade, e se diverte. Por outro lado os surdos, quando sinalizam intencionalmente de forma estranha, por exemplo, também há o entendimento, e a plateia surda se diverte. Então, retomando a história do meu amigo, ele comentou comigo, isto é literatura? – Sim, respondi, Ben é Dr. En_

tão percebemos que surdos e ouvintes têm visões diferentes. E perguntou novamente – que disciplina é esta? – é Literatura em ASL, respondi - tem certeza que é esta certa a tradução? **(Nelson Pimenta)**

Como eu disse, eu não tive ninguém que tenha me ensinado a ser poeta, não tive uma formação inicial formal. Eu encontrava as pessoas e elas me diziam que eu era poeta, que eu fazia poesia, mas eu não sabia nada sobre isso. Me orientaram a ir assistir aos espetáculos para ver, mas o que eu via eram narrativas em línguas de sinais. Depois eu conheci a Rachel Sutton-Spence lá na universidade e dizia que eu tinha uns poemas em LS. Ela pediu para me filmar e começou a pesquisar a partir desses meus vídeos detalhes específicos e a partir disso começou a me ensinar as marcações, orientações, os aspectos visuais. E foi assim que eu comecei a me desenvolver mais, tendo um crescimento notório. Se eu não tivesse conhecido a Rachel, certamente eu estaria estagnado, fazendo as mesmas coisas, sem ter o foco na pesquisa sobre a minha prática, diferentemente de agora que, a cada sinalização eu fico me observando, trabalhando mais e mais. Por isso tudo eu sou imensamente grato a Rachel Sutton-Spence **(Richard Carter)**

Sutton-Spence (2013) aponta para a importância da disciplina de Literatura Surda:

Existem as disciplinas de Literatura Surda, sendo este um assunto tratado na universidade. Mas a escola também é um espaço importante, as crianças também devem ter acesso à poesia em língua de sinais. Através desses textos mostrados às crianças, elas perceberão que há uma valorização da língua de sinais. É também um fato que as crianças surdas muitas vezes não se sentem à vontade para produzir poesias na língua escrita, ao passo que a língua de sinais pode ser explorada, levando as crianças à descoberta dos meios necessários para que possam produzir poesia. De outra parte, a criança irá visualizar o fato de a língua portuguesa ser respeitada e valorizada, se esse respeito existir também em relação à língua de sinais. A criança irá perceber, através da valorização da língua, uma valorização da identidade surda. Por último, a criança poderá perceber elementos gramaticais da língua de sinais que não são percebidos no uso cotidiano, verificando os parâmetros utilizados nas produções de poesia, os espaços utilizados na sinalização. Enfim, através da poesia, das narrativas, é possível que a criança perceba comparativamente que existem esses parâmetros tanto na língua escrita quanto na língua de sinais.

Complementando esse tema, dizem os entrevistados:

Hoje temos que aproveitar a disciplina de produção para que o surdo tenha oportunidade de apresentar a sua arte surda de diversas maneiras. **(Shirley Vilhalva)**

Trata do papel do ensino e na contribuição deste conhecimento para a transformação pessoal em promover a literatura surda e sim é óbvio que o ensino tem este papel, pois a educação pode mudar o mundo por isso no ensino é importante antes de tudo explicar o gênero e também o nível se for acadêmico ou se for num bate papo informal é fundamental esclarecer sobre o gênero literário e suas variações, pois percebo que vivemos num momento em que estamos tendo um aumento significativo de profissionais na literatura surda e isto começou com a Fernanda Araújo, o Nelson Pimenta, o Rimar Segalla, o Bruno Ramos e até mesmo você Cláudio Mourão que são pesquisadores desta área, com isso eu acredito que futuramente teremos mais produções e materiais a respeito que irão contribuir para uma melhor didática no entendimento destes gêneros

literários da cultura surda, pois antes produzíamos estes artefatos de literatura naturalmente e foi o grupo de pesquisadores que identificaram e classificaram estes em gêneros. **(Rodrigo Custódio)**

No espaço de educação na escola, onde os alunos surdos recebem os ensinamentos pelos professores, segundo Klein e Rosa (2012), “diversas vezes, os surdos tentaram buscar informações e conhecimentos através de livros, porém a leitura tornava-se difícil”. Da mesma forma, vários autores e pesquisadores surdos, tais como Carolina Silveira, Karin Strobel, Shirley Vilhalva, Nelson Pimenta, Marta Morgano, Paddy Ladd, Augusto Schallenberger, Gladis Perlin, Ana Regina e Souza Campello, entre outros, colocam que é bom contratar professores ou artistas surdos para que alunos surdos se identifiquem e para que se articular na forma de construção cultural na arte de sinalizar, a sua identificação de ser surdo. A visualiterária está presente nos elementos culturais produzidos com recursos cinemáticos, como modelo de arte surda. Cito alguns entrevistados:

Ensinar poesia surda é uma tarefa árdua. As pessoas vêm e acham tudo muito lindo e não conseguem se apropriar e sinalizar da mesma forma. Situações escolares com crianças surdas que, a partir de livros, escrito em inglês, as escolas obrigam que eles apreendam a escrever sobre a história apenas lendo, mas elas ficam angustiadas pois não conseguem fazer bem. Contudo, quando eu interpreto a história em sinais, elas conseguem imaginar e a partir disso, tem êxito na produção escrita. Percebo que tenho mais habilidade de ensinar para as crianças pois eu sei o poema, sei como ensinar poema para as crianças. Já os outros surdos não poetas não sabem como ensinar por não serem poetas. Infelizmente é assim. Poeta surdo sabe ensinar melhor a poesia. **(Richard Carter)**

Se a escola me auxiliou no aprendizado e desenvolvimento da Literatura Surda, para mim o aprendizado se deu na comunidade surda ou na televisão porque na escola apenas repetíamos informações como papagaios, onde não havia produções espontâneas, eram repetições e nas comunidades surdas estas produções surgiam espontaneamente onde nem se quer eu percebia que estava produzindo literatura, por isso a importância de se ter nas escolas professores que desenvolvam a literatura nos surdos, realidade esta que hoje é bem diferente da minha época. **(Augusto Schallenberger)**

Então penso que é de extrema importância para o profissional que o mesmo ensine os Gêneros Literários da Literatura Surda no seu ambiente de ensino. **(Rodrigo Custódio)**

Karin Strobel e Gladis Perlin, sobre o espaço de construção da cultura surda, afirmam: “Não há espaço para a construção da subjetividade surda, nem espaço para ser diferente do ouvinte e dessa forma se exclui qualquer idéia de cultura surda, pois a modernidade guarda o conceito único de cultura” (2009, p. 11).

Mas isso não significa que somente os professores surdos podem servir de modelo surdo. Estes estão em primeiro lugar para que as crianças surdas se identifiquem com o mundo dos surdos, onde têm acesso à sua língua de sinais e tomam conhecimento de que existe uma comunidade surda de forma humana e cultural, identificável na arte de sinalizar dos sujeitos surdos. Esse é um momento de construção do seu orgulho de ser surdo. Segundo Perlin e Reis, “O momento crucial do ser surdo é o momento do orgulho de ser surdo. O momento do natural. (...) O momento em que ele se afirma como diferente, como construtor e como consumidor de uma cultura da qual se orgulha igualmente” (2012, p. 39).

O entrevistado Carlos Alberto Goes comenta sobre a questão de ser fluente em língua de sinais para que o professor possa ensinar:

Como é na área de ensino? A questão é saber a língua de sinais, sem a língua não tem aprendido, mesmo com a presença de intérpretes é difícil porque não há perfeição, é preciso que o professor saiba a Língua de Sinais e tanto faz se o professor é ouvinte ou surdo, o importante é que saiba a Língua de Sinais, independentemente de ser ouvinte ou surdo, mas alguém que saiba a língua de sinais. É preciso sentimento, estratégias de ensino, como um teatro, mas com o uso perfeito da língua de sinais com explicações claras para o entendimento que podem ser mostradas e ensinadas através das artes cênicas. No rosto as expressões, devem mostrar, assim como o corpo, devem estar presentes nesta perfeita sinalização, tanto faz ouvinte ou surdo, mas o ouvinte precisa saber a língua de sinais com perfeição. **(Carlos Alberto Goes)**

No ambiente da língua, subjetiva-se a arte de sinalizar, mas a pessoa pode considerar-se artista ou não e pode escrever, já que é bilíngue, conforme a entrevista:

Não me considero artista na LIBRAS, faço mais uso da língua escrita, escrevo poesia que já foi traduzida por surdos e ouvintes para LIBRAS. Tenho teatro sobre pessoa surda mas não me defino artista. **(Shirley Vilhalva)**

Strobel (2008), Padden e Humphries (1998), Wilcox e Wilcox (2005), Karnopp (2006) e outros estudiosos apontam que existem muitos escritores e poetas surdos que publicam em uma segunda língua, por exemplo, o português escrito. Isso ocorre porque a comunidade surda está no território nacional, sendo minoria linguística. Portanto, sua experiência visual é construída em sua casa, porém em dois olhos, um bilíngue e outro bicultural.

A produção visualiterária está presente em vários eventos, nos encontros entre os pares de uma comunidade surda onde há essa circulação e na transmissão e no compartilhamento dos significados e das experiências vividas. Essas trajetórias e as experiências das mãos literárias produzem novos efeitos e novos significados e ampliam os registros da Literatura Surda. Os entrevistados contaram suas experiências em eventos. Cada um foi interpelado de

forma diferente e foram questionados sobre suas subjetividades, mãos e olhos, que formam as raízes das mãos literárias. Onde há mãos literárias há a transmissão para a educação e cultura surda. Assisti a um vídeo de Rimar Segala e de sua irmã Sueli Ramalho — que fazem parte da Companhia Arte e Silêncio — intitulado Fazenda⁸³, cujo tema é diferentes animais. Para cada animal, eles contam uma história, utilizando metáforas, como nas fábulas, quando os significados estão subentendidos na mensagem. Na entrevista de Rimar Segala, ele comenta sobre suas várias experiências em eventos de Literatura Surda, mas destaca o vídeo em que ele é o contador da história.

(...) são várias, mas destaco uma em especial com o *Youtube*, a Fazenda, já bem conhecida. Esta história foi criada porque o povo, a comunidade surda, quando me encontra me reconhecem por causa do teatro, e me mostram suas produções, algumas com problemas, então pensei em como poderia contribuir com isto, e foi por isso que decidi postar no *Youtube* “Fazenda”, que é uma metáfora com animais. Desta forma os surdos puderam assistir e entender como funciona uma metáfora. Aconteceu que alguém que assistiu ao vídeo, de uma cidade distante, fez um processo judicial e venceu, era uma pessoa ouvinte. Foi estranho e muito sério. Outro fato foi quando um surdo, com uma vida muito sofrida, sob a influência da família, viu o filme e o mostrou para eles. Chamaram então um intérprete e, ao entender a produção, se desculparam com o filho e o aceitaram, resolvendo assim seu problema com a família ouvinte. Incrível, por causa do filme. Esta foi uma experiência forte para mim, no *Youtube*, com o vídeo “Fazenda”. **(Rimar Segala)**

Assim como no exemplo de Rimar Segala e de sua irmã, muitos outros sujeitos surdos foram subjetivados por suas experiências na “arte de sinalizar” através de suas mãos sinalizantes. Nesse processo, a mente processa esses efeitos pelos neurônios, e suas mãos e olhos produzem as raízes do ser surdo. A arte de sinalizar é também a arte de transmitir as heranças da Literatura Surda e seus sentidos literários, construindo identidades culturais. O ato de contar histórias é um sistema da Literatura Surda. Morgado diz que “(...) as histórias possuem uma grande carga cultural. O ato de contar histórias serve assim para transmitir uma herança e uma identidade culturais e uma língua ao longo das gerações, em todos os povos do mundo” (2013, p. 329).

Mãos produzindo literatura são a chave para abrir as portas na arte de sinalizar. Paul Scott comenta sobre os festivais de Literatura Surda:

Nos festivais de surdos os surdos sempre comparecem em peso (muitas pessoas). São filmadas todas as apresentações de literatura, e são exibidas para todos. E as produções são sempre sinalizadas e não escritas. Quanto às poesias, atualmente, é um campo novo de interesse dos surdos. [...] O importante é que os surdos acompanhem a programação e as filmagens durante

⁸³ O vídeo da Companhia Arte e Silêncio intitulado “Fazenda: Vaca” está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NtN98y67ukM>>. Acesso em: 22 ago. 2014.

os festivais e quando terminem não fiquem a toa, mas sim foquem na poesia, à noite aproveitem o momento para as narrativas de histórias de vida. Quanto à programação seria bom ter momentos repetidos da programação em vários dias e horários para que mais pessoas pudessem assistir o mesmo evento. E na programação temos; poesia, literatura, narrativas, escrita de livros. Isso tudo dá empoderamento aos surdos e desenvolvimento. Sabemos que tudo isso custa muito dinheiro, mas a realização de projetos para conseguir financiamento para subsidiar a vinda de pessoas, para o aluguel do lugar. Então, encaminhar projetos para instituições apoiadoras, justificando o que é o festival, sua importância, enfim. Tudo isso para conseguir financiamento para a realização do festival. Durante a realização do festival, fazer os devidos registros para a prestação de contas às instituições que apoiaram financeiramente encaminhando junto com os documentos, um registro de vídeo do evento. Dois anos depois fizemos a mesma coisa, pedindo apoio para as instituições, bem como para a universidade para conseguir lugar. Então os recursos servem tanto para pesquisa, trabalho, filmagem, locais, entre outros, com um tempo de dois anos. Então temos diferentes frentes de trabalho para realizar o festival, para conseguir verba, para escrever os projetos. É um trabalho árduo, mas sempre conto com o apoio dos tradutores para fazer a tradução e a revisão da escrita dos projetos. **(Paul Scott)**

Na entrevista de Nelson Pimenta, ele conta sua trajetória e suas experiências na produção de Literatura Surda e diz que ainda há falta de profissionais para educar os sujeitos surdos nas escolas de surdos no Brasil.

Quando expliquei toda a minha trajetória até o momento. Na Europa é muito forte a produção literária surda. Há no Brasil, mas é muito misturada, confusa, inclusive com embates entre as produções culturais surdas e outras, e penso que não é nada disso. Lembro quando houve no Brasil uma mostra cultural, onde muitas pessoas participaram, e que apresentou diversas obras de ouvintes. Fiquei pensando, e com os surdos como será, não há nada de literatura, mas não posso discutir, pois é um pouco complicado, há vários grupos diferentes, mas de fato no Brasil, a situação não é satisfatória. Falta o conhecimento mais aprofundado das formas de produção em língua de sinais, por exemplo. Na Europa e França é muito forte esta tradição, assim como na Áustria, Alemanha e Estados Unidos, que já está absorvida e desenvolvida há muito tempo. No Brasil ainda falta este estímulo, mas acredito que vá acontecer esta evolução. **(Nelson Pimenta)**

Nelson Pimenta comentou, em seu depoimento, que no Brasil a produção literária surda aparentemente é misturada e confusa. Concordo que existem alguns sujeitos surdos, tanto fora quanto nas escolas de surdos, em que se percebe a falta de conhecimento literário da cultura surda, bem como da representação específica da arte surda. Em outras palavras, há a falta de características da Literatura Surda e da arte surda.

O entrevistado Francisco Rocha sinaliza sobre as significações das artes visuais em vários artefatos, como pinturas e esculturas, com foco nas mãos e nos sinais:

Em minhas viagens a diversos países fui a uma exposição em que tinha vários artefatos com pinturas, esculturas com foco nas mãos e nos sinais, e em outro momento observei uma obra de arte utilizando as mãos e os sinais assim como vídeos com histórias contadas em Língua de Si_

nais. Então lembrei que na minha infância eu observava quadros com desenhos de flores que para os ouvintes era lindo, ou estátuas com pessoas que para mim nada significaram, já na exposição com artefatos de surdos fez com que me identificasse, com minha cultura, que produziram em mim alguma emoção do fato de ser surdo, e isto foi maravilhoso, perfeito!
(Francisco Rocha)

Como todos os artistas, “Um artista é, de modo geral, uma pessoa envolvida na produção de arte, no fazer artístico criativo”⁸⁴. Expor a produção artística envolve a percepção e os efeitos emotivos do eu, dos sujeitos e do envolvimento social. Essa exposição é realizada para que os espectadores percebam o que representam ou o que expressam as artes. Strobel escreveu sobre a cultura surda e a existência dos artefatos culturais, sendo um deles as artes visuais:

No artefato cultural artes visuais, os povos surdos fazem muitas criações artísticas que sintetizam suas emoções, suas histórias, suas subjetividades e a sua cultura. O artista surdo cria a arte para que o mundo saiba o que pensa, para divulgar as crenças do povo surdo, para explorar novas formas de “olhar” e interpretar a cultura surda. (...) Tem muitos surdos artistas que fazem desenhos, pinturas, esculturas e outras manifestações artísticas com extensão beleza, equilíbrio, harmonia, e revoltas com muitas discriminações sofridas pelo povo surdo. (2008, p. 66)

Carlos Alberto esteve presente no Teatro Nacional de Surdos, na *Gallaudet University*, onde viu, pela primeira vez, os surdos sinalizarem os elementos poéticos e estéticos da arte de sinalizar:

Eu observo que entre os surdos faltam elementos poéticos em suas falas, ao olhar a University Gallaudet, por exemplo, a expressão dela por si só já é poética, doce, sensual há uma mistura, que nos deixa “babando” feita com perfeição, uma experiência emocionante vê-la sinalizar. Mas este gênero não se vê entre os surdos, apenas nas igrejas é observado este gênero ao se referir a Deus não para tratar das histórias bíblicas, mas sim para se referir a Deus e os ouvintes utilizam deste recurso assim como os próprios surdos então neste espaço percebo a poesia e queria encontrar em outros espaços, mas não encontro. **(Carlos Alberto Goes)**

Existem encontros de surdos em igrejas de várias religiões, por exemplo: Pastoral dos Surdos (Católica); Ministério com/de Surdos (Batista/Evangelho); Ministério Adventista dos Surdos; Espírita em LIBRAS; Surdos Messiânicos; Missão Surdos (Luterana), Candomblé etc. Não somente em encontros dentro das igrejas, mas também no interior de cada religião,

⁸⁴ Fonte: disponível em: <<http://www.fundacaoeugeniodealmeida.pt/files/face3b28edb132036b10500e8ea78f065bc1d620.pdf>> e <<https://prezi.com/3qyobixy2wnn/as-artes/>> . Acesso em: 25 jun. 2016.

os membros participam de atividades como jogos de futebol, acampamentos, viagens, celebrações da Páscoa ou do Natal, entre outros. Segundo Silva:

Os palcos das congregações batistas são importantes locais de formação de atores surdos que atuam no mercado da libras. Como Exemplo, o ator surdo Sandro Pereira possui trajetória nessa instituição religiosa, assim como os outros. As diversas visitas do pastor batista Marco Antonio Arriens em São Paulo, com seu teatro de surdos, fazem com que pessoas que não sejam membros da Igreja Batista visitem a congregação que o recebe. Sendo assim, se habitualmente o ministério com surdos local associa apenas cerca de dez a vinte surdos, nesses dias extraordinários pode ter sua frequência aumentada para duzentos surdos. (SILVA, 2012, p. 178).

Por outro lado, encontra-se outro tipo de evento, contemplado na entrevista com Shirley Vilhalva, em que ela comenta sobre sua experiência:

Não me recordo ter participado de festival especificamente de literatura surda. Particpei sobre a cultura surda e a literatura surda estava presente.

A exemplo disto eu como uma pessoa de mais idade tenho muita experiência, então os jovens me veem e se interessam pela minha história de vida e este interesse vai depender de cada um em querer saber em perguntar, ocorrendo então as trocas de informações, que poderão estar em livros, jornais e infinitas personalidades de exemplos em que o corpo fala. (**Silas Queiroz**)

Portanto, é simplesmente o encontro das mãos literárias que faz surgir os efeitos de ser artístico na arte de contar. O “encontro” se dá pela experiência do humorista. Os entrevistados não tiveram ou tiveram acesso à aprendizagem formal no teatro; eles simplesmente foram adquirindo habilidades de maneira espontânea com as pessoas surdas nos encontros fora da escola. Quando se encontram, têm a oportunidade de captar os sentidos e de socializar em língua visual. Wrigley comentou sobre formas visuais: “O que é mais interessante sobre as crianças surdas não é que seus ouvidos não funcionam, mas rapidez com que aprendem através de formas visuais da linguagem quando têm oportunidades” (1996, p. 110). André Paixão dizia que, na escola, o encontro ocorria no intervalo ou após o expediente das aulas, quando podiam ter as rodas de bate-mãos literárias:

Encontro pessoalmente para contar piadas e também na escola e agora encontramos no facebook nas mídias ampliou este universo do humor em LIBRAS através também dos recursos tecnológicos e também através de congressos onde encontramos alguns contadores com suas piadas diferentes, mas a tecnologia tem sido a maior aliada na comunicação que traz este humor para nós. (**André Paixão**)

(...) sim com um grupo de vários surdos que se reuniam para contar piadas que ficaram registradas em vídeo, já na escola isso era limitado por causa das regras, mas foi bom porque aprendi LIBRAS, (...). (**Augusto Schallenberger**)

Como podemos verificar, as temáticas mais frequentes eram o humor e a contação de história. Os surdos desconheciam outros gêneros literários, mas veio algo para empurrar as mãos, para ajudar outras mãos, para mostrar novas possibilidades artísticas e outros gêneros literários. Em entrevista, Richard Carter conta a experiência que teve. Ele diz que, naquela época, a temática do humor ou da contação de histórias circulava nos eventos mais frequentemente:

Na Inglaterra, o que eu observo nas minhas idas nas associações e encontro com os surdos, eu vejo mais a prática do teatro. Não experiências com poesia. E por que isso acontece? Primeiro, por ser algo muito novo na história... A maioria das pessoas contam piadas, histórias de humor. Há um surdo famoso chamado John Smith, ícone nas contações sinalizadas de humor há muito tempo, sempre é uma pessoa presente nos eventos e que se desenvolveu na área. **(Richard Carter)**

Surge algo novo, um artista desconhecido da comunidade surda que faz poesia em língua de sinais:

Quando cheguei com poesia, as pessoas estranharam, mas um dia John me convidou para fazer uma apresentação com ele e então as pessoas puderam fazer as comparações entre as contações de humor e de poesia. A partir de então, comecei a ser convidado cada vez mais para me apresentar. Então eu sou muito grato ao John por me “puxar” para esse caminho. **(Richard Carter)**

Naquela época, a primeira poeta surda, Dorothy Miles, na Inglaterra, era aclamada por transmitir os efeitos políticos na sinalização que tratava da colonização e da resistência da cultura surda. Por trás das barreiras, as mãos eram uma forma metafórica de arte. Foi isso que despertou na comunidade surda a riqueza da língua e as identidades surdas. No momento seguinte, outra geração, o que se relacionava às artes poéticas adormeceu. Não se tratava de um desaparecimento, mas de um momento de pouca expressão, devido à falta de eventos ou ao desconhecimento da produção pela nova geração. Assim, novos poetas surdos, como Richard Carter, mostraram um novo caminho das artes literárias para a comunidade surda pelas mãos. Puxado por John Smith, Carter fez inúmeras apresentações para comunidade surda em todo o território. Cito sua entrevista:

Mas é bom ressaltar que a poesia em língua de sinais não é nova, na verdade ela ficou adormecida por um longo tempo. Iniciou com a Dot Miles e quase parou quando ela faleceu mas agora está ressurgindo. De repente, com a minha chegada, comecei a retomar tudo, dei um novo começo, divulgando nos sites, produzido DVDs, divulgando nas redes sociais e os surdos agora estão identificando que isso é poesia e a área se desenvolvendo. **(Richard Carter)**

Dorothy Miles é um exemplo para os surdos britânicos, transmitindo as significações da arte poética. Nesse sentido, há circulações e consumos pelo efeito de identificações da arte de ser surdo, construindo as identificações das suas identidades surdas. São algo que existe entre outros sujeitos surdos de outros gêneros literários que não são artistas, mas que estão nas rodas de conversa das mãos, como se fossem mestres de sinais da comunidade surda. Portanto, na geração seguinte, vieram Richard Carter e Paul Scott, poetas que compartilham as mãos, convivem com surdos e são ativos na comunidade surda britânica. Um surdo humorista, muito querido pela comunidade surda britânica, pediu que Paul Scott compusesse uma poesia para apresentar no cemitério, em homenagem a um surdo humorista falecido:

Tinha um surdo muito querido por todos, engraçado, contador de piadas, entre tantas características, que morreu. E me pediram para compor uma poesia em homenagem a ele para ser apresentado no dia do enterro. Eu disse ok! Os surdos estavam de um lado e ficaram emocionados, os ouvintes de um outro lado. **(Paul Scott)**

Podemos perceber que existem mãos literárias produzindo, fazendo circular e consumindo Literatura Surda, o que reforça a ideia da importância daquilo que nos toca e que nos passa.

Quanto a minha experiência e participação em festivais, as minhas principais experiências foram duas: No Festival Brasileiro de Cultura Surda em Porto Alegre em 2010 ou 2011 que não me lembro bem o ano, e o festival que teve a pouco Festival de Folclore Sinalizado, aqui Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, no Brasil e também os festivais em outros países como França, Inglaterra os quais infelizmente ainda não tive a oportunidade de poder participar mas aqui no Brasil então participei destes dois festivais e teve outros momentos que foram curtos em outros eventos com 15 minutos de apresentações culturais e ainda assim os dois eventos e este que teve o ano passado em 2014 foram mais marcantes **(Rodrigo Custódio)**

Silas Queiroz comenta que, dependendo das relações de identificação, as pessoas acabam transmitido as mãos literárias uma à outra:

Temos o jovem que quer ser ator, o que gosta de futebol o que se interessa por artes, ou seja, é um infinito de sujeitos onde cada pessoa é única, por exemplo, eu, o meu perfil é de ser uma pessoa brincalhona, que ama as artes cênicas, a comédia e com isto vou me comunicar e ter mais afinidade com pessoas que possuam o mesmo perfil que eu e ao encontrar uma pessoa mais séria vou me adaptar aquela pessoa para conversar com ela, respeitando o perfil desta. Tudo vai depender da visão que cada um tem, vai ter aquele que goste da minha arte e aquele que não gosta. **(Silas Queiroz)**

A partir da construção da experiência visualiterária, o sujeito se transforma. A partir das experiências com sua língua e no compartilhamento com a sua comunidade e com o povo

surdo — dependendo dos espaços e do tempo em que houve encontros por acaso —, ele produz os discursos de arte.

O papel da Literatura Surda na educação é tão fundamental quanto a história do povo surdo, que foi produzida por gerações de mãos literárias. Karin Strobel nos sinaliza:

Por muitas gerações os povos surdos transmitem muitas histórias através de língua de sinais, a maioria delas parte de experiências das comunidades surdas que transmitem seus valores e orgulho da cultura surda que reforça os vínculos que os unem com as gerações surdas mais jovens. (STROBEL, 2008, p. 59).

As gerações de mãos literárias, como a dos entrevistados, apontam algo que subjetiva a produção e a construção da experiência visual, que nos toca, que nos passa e que reforça a importância de transmitir os papéis da Literatura Surda para as comunidades surdas e ouvintes. Em primeiro lugar, como transmissão de ensinamentos e, em segundo lugar, como forma de expressão, pois assim a plateia adquire o entendimento da sua literatura. A maioria dos entrevistados comentou que a Literatura Surda tem papel de extrema importância. Percebo que é importante saber os dois lados, em diferentes literaturas, em que há circulação entre as multiplicidades literárias. Por exemplo, André Paixão comentou que antes apenas focava a área de contação de piada, mas, através da circulação dos ensinamentos das mãos literárias, percebeu que deveria separar os conceitos da área de gêneros literários:

Antes eu apenas focava na contação de piadas, mas hoje compreendo que existem várias manifestações diversificadas da literatura surda sendo separadas por área e isto é extremamente importante. (**André Paixão**)

Pela experiência de Paul Scott e Richard Carter, que ministravam cursos e oficinas de poesia para surdos em Bristol, na Inglaterra, percebeu-se que a comunidade surda britânica tinha dificuldades com a poesia:

Eu comentei que podia ministrar workshop sobre as questões de poesia. Algumas pessoas ficaram meio sem jeito, mas insisti para que eles participassem, enviei email para as pessoas, divulgando e as pessoas vieram. Agora elas sabem como se portar no palco e todos os aspectos. No começo ficavam tímidas, mas insistia para elas se desafiarem, isso tudo em Bristol. Eu fiquei feliz com o resultado do workshop, pois pude lapidar a atuação dos surdos, tentando incorporar aspectos da cultura surda, enfim. Nesse processo fomos formando essas pessoas. Atualmente o número de poetas cresceu significativamente, sendo que eles vêm construindo suas ‘regras’ em relação a literatura, incorporando novos aspectos como as marcas da ‘opressão’ nas poesias, as experiências, construindo o campo da Literatura Surda e marcando as diferenças dos aspectos da literatura dos ouvintes. (**Paul Scott**)

Complementando, Richard Carter comentou que, na Inglaterra, ainda é pouca a circulação de poesias em língua de sinais:

Na Inglaterra a poesia não é de muita circulação entre a comunidade surda. Eles conhecem as narrativas, contações de história, mas não poesia. Um e outro, em uma comunidade mais local sim, conhecem um pouco, mas é um movimento lento, ainda muito incipiente, que não se alastrou na comunidade surda. Eu, particularmente venho tentando contribuir com isso quando me apresento para a comunidade surda. Muitas vezes, para a comunidade surda desconhecem o que é poesia, e eu acabo sendo a única referência como contador de histórias. E quando digo que o que eu faço é poesia, eles desconhecem. **(Richard Carter)**

Rimar Segala também comenta sobre a importância das pesquisas científicas para a comunidade surda e para a área acadêmica, enfatizando as diferentes formas de Literatura Surda:

Vocês conhecem as pesquisas científicas sobre a importância do contato entre surdos para a construção de identidade, mas estes encontros não podem apresentar uma única forma de produção, eles têm de proporcionar experiências diversas sobre Literatura, por exemplo, piadas, debates, arte, teatro, como influência à comunidade surda, à cultura e a valorização da língua de sinais. Isto é muito importante. **(Rimar Segala)**

Acontece que, quando algum estrangeiro conta uma piada ou produz uma poesia, o sujeito que não conhece a língua pode sentir-se sem graça ou não compreender a piada/o poema e vice-versa, pois não faz parte da sua cultura do seu povo. Então, Karin Strobel comentou sobre esse aspecto da Literatura Surda:

Estas piadas da cultura surda muitas vezes podem ocorrer sem que a comunidade ouvinte as compreenda e/ou não as achem engraçadas e vice-versa: o povo surdo também não compreende as piadas da cultura ouvinte. Isto ocorre porque os sujeitos surdos usam nas piadas os artefatos culturais do povo surdo, enquanto para o povo ouvinte, a temática da língua portuguesa e versões sonoras são mais importantes. (STROBEL, 2008, p. 59).

É comum (ainda até hoje) algumas pessoas comentarem que a “Língua de Sinais é bonitaaaaa”, sem entender a apresentação no evento, na rua ou no café. Em sua entrevista, Paul Scott diz que os ouvintes, ao verem uma apresentação em língua de sinais, consideram que sinalizar é bonito ou que é exótico.

Contudo, apesar disso, não há muita pesquisa na área. Acredito que ao ver uma sinalização de poesia surda, os ouvintes entendem, mas eu acho que acham apenas bonita a sinalização, a língua, o corpo, mas esquecem das metáforas, das diferenças, dos porquês, dos aspectos de coesão. Diferente dos surdos, que de imediato já se reconhecem nas poesias, reconhecem suas histórias. **(Paul Scott)**

Por outro lado, os sujeitos surdos construíram artes das mãos, em que a língua materna é a língua de sinais. Desse modo, circula e consome-se a identificação de ser surdo e reconhecem-se os valores do povo surdo, definido por inúmeras características das histórias de surdos. Quando há visualiterária, no momento em que ela nos toca e nos passa, há reconhecimento imediato do que é transmitido e das experiências e vivências de sua história de vida. Complemento com as entrevistas:

Me parece que os surdos quando olham a poesia, se dá um funcionamento específico de entendimento, e esse mesmo funcionamento não ocorre com os ouvintes, parece que há uma procura pela palavra algo específico da língua de sinais que não está nas inferências dos ouvintes. **(Richard Carter)**

Já na prática com surdos ao explicar a estes as áreas da literatura surda eles ficavam surpresos e emocionados, pois se identificavam com esta explicação que fazia parte da realidade deles, foi esta a comparação entre ouvintes e surdos em relação à Literatura Surda. **(André Paixão)**

Da mesma forma, Nelson Pimenta conta que, em 1999, no Rio de Janeiro (RJ), colocou um cartaz, que anunciava seu espetáculo, na parede da academia que frequentava. Um professor, que Nelson não conhecia e que também frequentava a academia, viu o cartaz e falou que iria assistir ao espetáculo, o que de fato fez.

Chegando lá pode assistir a apresentação da poesia “Bandeira Brasileira” e adorou. Comentou da ausência de surdos na literatura, e de como é importante isto, e que aquilo que havia assistido era literatura. Ele era professor de Literatura na UFRJ, e ao ver a apresentação reafirmou sua percepção de que aquela era uma forma de literatura. Parabenizou-me, e fiquei muito satisfeito por um ouvinte reconhecer isto, mas ainda falta mostrar para os ouvintes este universo. Ouvintes assistindo espetáculos de literatura feita por surdos ainda são poucos. **(Nelson Pimenta)**

Sendo assim, tanto para as escolas de surdos e/ou comunidades surdas quanto para as comunidades ouvintes, é importante salientar os papéis da Literatura Surda. No caso de cursos ou disciplinas de língua de sinais como segunda língua (L2) para ouvintes, a importância não está somente no contato com a comunicação em sinais, mas também na articulação com a cultura surda e seus artefatos, em que há mãos literárias. O desconhecimento dessa área pode levar a um estranhamento sobre essas produções.

O primeiro passo é servir como um modelo surdo que é repassado para outros, sejam artistas ou não. Artista não significa somente o profissional, mas, sim, artista como uma forma de construção social que sente prazer ao transmitir os confortos literários de um bom contador de história, ou seja, de um mestre de mãos literárias.

Pergunta-me se são mais importantes estas produções literárias feitas por surdos ou ouvintes? Em minha opinião são os dois, porque o surdo que me ensina a literatura me serve como modelo, mas precisa-se ter um cuidado para que este surdo seja bom se não vai me ensinar mal e assim eu ensinarei mal a outros, o mesmo ocorre com os ouvintes, pois é de extrema importância para o desenvolvimento cognitivo e de ampliação do vocabulário, que os surdos tenham acesso a este processo não importando se foi de um surdo ou de um ouvinte desde que seja da maneira correta, para que os surdos não fiquem limitados no aprendizado. **(Augusto Schallenberger)**

Particularmente, eu tenho um respeito e um entendimento claro sobre o que é do campo da poesia e do campo da contação de história, das narrativas. (...) Acredito ser importante o ensino para as crianças de como construir a habilidade de produções das contações e narrativas e se desenvolver nessa área, (...) acredito que na comunidade surda, tanto crianças como adultos, o que mais evidenciamos são contações e narrativas do que experiências com poesia. Até por que ainda é uma área muito nova com pouca inserção na comunidade surda. **(Richard Carter)**

Segundo as entrevistas, a Literatura Surda tem papel importante na questão da comunidade ouvinte que aprende a língua de sinais como segunda língua:

Por outro lado, também é importante para a comunidade ouvinte, pois ao aprender a língua de sinais como L2, não basta apenas um simples aprendizado, e sim o contato com a cultura, com a Literatura para entender o que é cultura surda. Esta interação é necessária, pois é mais do que simplesmente aprender a língua. É preciso a imersão na cultura, e desta forma, para os ouvintes, fazer um melhor aprendizado da língua de sinais, inclusive no contato com a Literatura. Sem este contato o aprendizado parece falho. Então, são caminhos diferentes, mas é importante para as duas comunidades. **(Rimar Segala)**

Sem LIBRAS fica difícil um ouvinte se emocionar com a literatura surda. É preciso viver a essência do prazer surdos de ser e estar dentro da literatura visual invadindo para a arte maior que chega através de diferentes canais de comunicação. **(Shirley Vilhalva)**

Richard Carter comentou sobre sua experiência de apresentação aberta, em palco, das mãos literárias, em que havia plateias com público ouvinte que visitou o evento da comunidade surda:

Já sobre as pessoas ouvintes é diferente, primeiro porque são acostumados a lerem as poesias. Quando assistem a uma poesia visual ficam um pouco atrapalhados. Já tive experiência em me apresentar para uma plateia de ouvintes e o feedback que tive foi uma falta de clareza do que havia sido sinalizado, as pessoas me perguntavam sobre algo que não haviam entendido e só depois de eu explicar novamente é que entendiam do que se tratava. Ou seja, não abstraíam o texto em Língua de Sinais Britânica - BSL **(Richard Carter)**

É indispensável entender os elementos literários dentro do sistema linguístico. Há conotações e recursos visuais na língua de sinais. O público necessita entender o papel do

sinalizador em vários gêneros literários, compreendendo as significações em forma de culturas e histórias surdas:

Sim é de extrema importância para o enriquecimento da LIBRAS como por exemplo ao contar de um carro em movimento com as luzes piscando, os movimentos utilizados e as expressões valorizam os sinais e isto para os surdos é algo que deve ser compartilhado pois acelera o desenvolvimento destes, e o mesmo para os ouvintes que também podem aprender da mesma forma. **(Francisco Rocha)**

A questão linguística, no curso de língua de sinais, em que existe a disciplina de literatura, é preciso adaptar as expressões visuais, que não são ao pé da letra. Continuando a análise das entrevistas, quando Richard Carter ensina a língua de sinais para ouvintes, ele explica:

Na Língua de Sinais Britânica - BSL, em uma sala de aula de ouvintes quando ensino BSL níveis 1, 2 eles entendem a língua e incorporam esse aprendizado das palavras entendendo um discurso através da relação dessas palavras (prosa), mas quando eu faço uma sinalização mais poética o entendimento por parte desses ouvintes... por exemplo, quando sinalizo algo mais focado nas expressões sem mostrar com clareza o sinal em si os ouvintes demonstram por suas expressões que não entenderam. O que eles querem é que o discurso seja na relação com as palavras e os sinais, quase que em um processo de decorar os sinais por sua relação direta com a palavra. Diferentemente dos surdos, que entendem a sinalização mais poética. Então, os ouvintes preferem uma sinalização mais palavra-sinal onde o processo de interpretação mental seja mais fácil e direto, mas para a poesia isso não funciona, é muito diferente. **(Richard Carter)**

Os banquetes surdos serviam para compartilhar ideias políticas/culturais não eram eventos fechados, mas, sim, abertos para o compartilhamento bilíngue e bicultural. Em 1838, após o sétimo banquete, consta em um registro de atas da Sociedade Central dos Surdos Mudos o que Ferdinand Bethier discursou: “(...) os surdos-mudos disseram aos seus irmãos ouvintes: juntem-se a nós no nosso trabalho e nas nossas peças, aprendam a nossa língua como nós aprendemos a vossa, deixem-nos formar um povo, unido por laços indivisíveis. (...)” (CARVALHO, 2013, p. 131).

Portanto, a identificação da diferença das múltiplas literaturas e culturas faz parte dessas comunidades. Como afirmam Wilcox e Wilcox, “Os valores culturais são algo compartilhado; os membros precisam aprender, aceitar e compartilhar os valores do grupo antes que eles possam ser considerados como parte dessa cultura. O mesmo ocorre com a cultura Surda” (2005, p. 78).

Na minha prática docente me recordo quando trabalhei como professor substituto da UFRGS e estava ensinando a respeito da Literatura Surda aos alunos ouvintes e eu expliquei sobre as dife_

rentes áreas da literatura surda e alguns ouvintes achavam legal esta adaptação já outros não entendiam, outros achavam que era invenção e nesta aula havia a presença do Intérprete de LIBRAS mediando a minha aula e observei estas diferenças de pensamento. (**André Paixão**)

Podemos ver as diferenças de pensamento dos discursos “visão clínica/dominação: audismo/ouvintismo” na invasão da arte da língua. Os discursos sociais e narrativos estão nas mentes das pessoas que constroem significações e fabricam sentidos a partir do som/da fala nas mídias, na sociedade e na educação. A literatura é uma forma de arte que atravessa as barreiras da mente, a qual tem relação com a experiência, antes pensada a partir da falha. Entretanto, não há relação com a experiência no meio das minorias sociais. Surdos são minorias sociais com valores culturais, portanto, é importante a demonstração da sua literatura surda:

Já a Literatura Surda para a comunidade ouvinte tem sido fundamental sim porque os ouvintes não conheciam a essência dos surdos e através da literatura acordaram para a realidade que muitas vezes se percebe através do modo de expressar dos surdos fazendo os ouvintes refletir a respeito. Repensando o audismo, o pré-conceito ao “falar mal dos surdos” de sua “incapacidade” gerando uma provocação e uma reflexão de como os surdos vivem? Das suas lutas, limitações e angústias, pois diante de toda a alienação dos ouvintes a Literatura Surda veio para mostrar a relação com a realidade que os surdos vivem. E é fundamental mostrar para os ouvintes como os surdos se sentem! (**Rodrigo Custódio**)

Também nessa linha de pensamento, Liona Paulus comenta:

A Literatura Surda é riquíssima e extremamente importante, não pode ser ignorada, se for ignorada como os surdos vão interagir e se desenvolver? Por isso é importante com certeza, também a comunidade surda precisa saber do seu valor e se orgulhar daquilo que possui repassando este conhecimento a outros, (...) (**Liona Paulus**)

Liona Paulus ressalta a importância de a comunidade surda reconhecer, orgulhar-se dos seus conhecimentos e repassar esse conhecimento. Ao fazer isso, ela transmite os seus valores culturais e a sua identificação com a cultura rica em histórias. Segundo Dizeu e Caporali:

Para que o surdo possa reconhecer sua identidade surda é importante que ele estabeleça o contato com a comunidade surda, para que realize sua identificação com a cultura, os costumes, a língua e, principalmente, a diferença de sua condição. Por intermédio das relações sociais, o sujeito tem possibilidade de aceção e representação de si próprio e do mundo, definindo suas características e seu comportamento diante dessas vivências sociais. (DIZEU; CAPORALI, 2005, p. 593).

Continuando com a entrevista de Liona Paulus:

[...] também os tradutores e intérpretes precisam ter este conhecimento na comunidade surda para poder interpretar na fala para os ouvintes, então claro que é extremamente importante e não pode ser ignorado nem pelos surdos nem pelos ouvintes, por exemplo, no Brasil da mesma forma que é importante conhecer Machado de Assis também é fundamental conhecer os autores surdos. **(Liona Paulus)**

A literatura dos ouvintes também é importante, pois possui manifestações da história e cultura ouvinte, onde são retratadas as guerras, a criminalidade, os governos, a política, diversas histórias são retratadas em sua literatura. Os surdos também possuem sua história, tem todo o relato do sofrimento e do péssimo cenário educacional ao longo dos tempos, são todas informações e relatos que se manifestam na literatura assim como é para os ouvintes. E nestas percepções da história, das guerras, da vida. Você sabe que na Iugoslávia ocorreu uma Guerra Mundial na qual um general ouvinte se escondeu na parte de baixo da casa de um surdo, o surdo ajudou a proteger General. Estas informações históricas, quem narrou foram o surdo e o ouvinte envolvido, tanto o tenente ouvinte relatou a trajetória do avião quanto o surdo relatou o ocorrido. O tenente contou do surdo que o salvou e de como tudo aconteceu e esta informação foi se espalhando, assim da mesma forma o surdo foi relatando a outros o ocorrido então nesta história seria impossível conta-la só por uma versão e assim se manifestou a cultura do surdo e a cultura do ouvinte envolvido na história, havendo assim uma troca entre culturas. **(Carlos Aberto Goes)**

Para mim, foi uma surpresa tomar conhecimento dessa informação durante a gravação da entrevista com Carlos Alberto Goes. É um registro para transmitir uma narrativa que vem sendo passada há muito tempo. A partir dessa entrevista sobre a história da guerra, entrei em contato novamente com Carlos Alberto Goes por mensagem no *WhastApp*⁸⁵, visto que ele estava distante, no Rio de Janeiro. Para confirmar a história, perguntei se era soldado ou algo parecido. Ele disse que: “Ele era ex-presidente de Iugoslávia, nome Tito, ele é ouvinte, (...) Casa de surdos, ele era tenente, depois general ficou famoso. (...)”. Fiquei surpreso e perguntei como sabia dessa informação. Ele respondeu: “Em 1963, um surdo búlgaro vinha no Rio de Janeiro, contou esta história. Também um surdo morava em Buenos Aires, Argentina, já faleceu, mulher dela sabe, conservávamos sobre essa história verídica, ele ficava surpresa que eu sabia. Ele estava feliz. Nós temos que procurar documentar”.

O motivo dessa lembrança era que o ex-presidente Tito foi fiel aos amigos surdos, apoiando a associação de surdos e os projetos dos surdos porque seus amigos haviam salvado sua vida naquela época da guerra — um ato heroico dos surdos. Por esse motivo, essa história continua sendo recontada em outros territórios. Cito o próprio pesquisador Joseph Murray (2007), que contou a sua experiência em um momento de contação para seus pais surdos:

⁸⁵ Agradeço a Carlos Alberto Goes pelo seu tempo e pela sua disponibilidade de ter essa conversa por mensagens escritas via *WhastApp* no dia 6 de maio de 2016. Foi uma honra documentar essa história.

Eu cresci nas décadas finais da Guerra Fria. Em reuniões de surdos, eu assisti com medo enquanto meu pai e seus amigos se debruçaram sobre as últimas notícias nos jornais. ICBMs, nuvens em forma de cogumelos, inverno nuclear e a crescente resistência da União Soviética caracterizavam suas conversas sinalizadas. Os comunistas me assustavam, mas um dia eu descobri que nem todos deles nos desejavam mal. De acordo com o que meu pai me disse, Josif Tito, o presidente da Iugoslávia, era um amigo das pessoas surdas. Ficou ferido enquanto lutava contra as forças nazi de ocupação na Segunda Guerra Mundial, e Tito foi tropeçando até chegar a uma fazenda onde procurou a ajuda dos proprietários, um casal. Eles fielmente o alimentaram e cuidaram dele até sua volta à saúde. Por acaso, o casal era surdo. Tito era, naturalmente, chocado ao encontrar-se salvo por um casal de surdos e ele nunca mais esqueceu de seu ato de generosidade. (MURRAY, 2007, p. 241). (Tradução Nossa).⁸⁶

Esse ato de heroísmo dos surdos pode ter-se modificado através de novas versões dessa história. Segundo Joseph Murray:

Mesmo depois que ele se tornou presidente da Iugoslávia, ele permaneceu um amigo fiel de pessoas surdas, e fez com que as suas associações sociais e desportivas recebessem seu quinhão de apoio do Estado. Esta história não era uma original do meu pai; ele a tinha ouvido de outros e, em conversas entre as pessoas surdas que conheço, a tenho identificado como um conhecimento comum entre [surdos da] minha geração bem como [os de] gerações mais velhas nos Estados Unidos e na Europa⁸⁷. (MURRAY, 2007, p. 241, tradução nossa).

Complemento com a entrevista de Silas Queiroz, que fala sobre a interação entre dois mundos:

É existe um mundo surdo entre os ouvintes é fato em torna-se um tanto confuso, os surdos sempre participam da comunidade onde discutem diversos assuntos e informações e neste espaço alguns ouvintes também participam para conhecer a vida, a cultura surda e da mesma forma os surdos buscam conhecer a cultura ouvinte, pois quem auxilia os surdos neste meio são os intérpretes de LIBRAS que são ouvintes precisa haver esta troca de aprendizado entre o “mundo” ouvinte e o “mundo” surdo, (...) (Silas Queiroz)

⁸⁶ No original em inglês: I grew up in the final decades of the Cold War. At Deaf gatherings, I watched fearfully as my father and his friends pored over the latest news in the papers. ICBMs, mushroom clouds, nuclear winter, and the increasing strength of the Soviet Union colored their signed conversations. Communists scared me, but one day I found out not all of them wished us ill. For as my father told me, Josif Tito, the president of Yugoslavia, was a friend of Deaf people. Wounded while fighting the Nazi occupying forces in World War II, Tito stumbled to a farmhouse and sought help from the owners, a husband and wife. They faithfully fed him and nursed him back to health. As chance would have it, the couple was Deaf. Tito was, of course, shocked to find himself saved by a Deaf couple and he never forgot their act of generosity.

⁸⁷ No original em inglês: “Even after he became president of Yugoslavia, he remained a steadfast friend of Deaf people, and made sure their social and sporting associations received their fair share of state support. This story was not original to my father; he had heard it from others, and in conversations among Deaf people of my acquaintance, I have since found it to be common knowledge among my and older generations of Deaf people in the United States and Europe”.

O discurso narrativo é como um discurso visualiterário. Trata-se de práticas discursivas em que temos narrativas sinalizadas que são transmitidas pela visualiterária para outras gerações. Isso dá sentido às artes literárias das mãos a partir do momento em que se abre a porta do baú das “mãos literárias”. Cito Rosa Silveira:

Um tipo de discurso, especificamente discurso narrativo, entendendo-o como um discurso profundamente conectado com a invenção, criação e estabilidade das práticas culturais em geral e das escolas, em particular, assim como das identidades e representações produzidas por essas práticas. (SILVEIRA, 2011, p. 198).

Rodrigo Custódio sinaliza sobre a importância do papel da Literatura Surda para a comunidade surda:

(...) vou focar na comunidade surda, pois a Literatura Surda contribui para a melhora na autoestima do surdo, na construção da identidade na demonstração do potencial, pois muitos surdos antes quando não havia esta contribuição estavam desmotivados, descrentes de seu potencial e das possibilidades, descrentes da capacidade de dirigir um caminhão ou um avião e assim através da Literatura Surda nas narrativas e no humor os surdos se vem pilotando aviões e isso os incentivou na construção em melhorar a autoestima e também contribuiu no reconhecimento deste potencial de que podem viver em sociedade e são capazes, então por de trás de uma história tem toda esta representação. **(Rodrigo Custódio)**

Seguindo com as entrevistas, penso: de que modo podemos trabalhar a Literatura Surda na educação? Há a identificação se for uma adaptação ou se for semelhante às leituras da língua falada? Ou há outro jeito de ensinar que está fora dos métodos? Talvez possamos descobrir os métodos literários dos surdos, que convivem com a subjetividade da construção nas diferentes comunidades surdas, verificando a identificação das suas experiências visualiterárias. Como seria a construção dos métodos das mãos literárias, com ou sem experiência de ensino da literatura?

Sabemos que existem várias metodologias por parte dos professores na área de literatura e/ou do ensino da literatura. Entretanto, também surgem outros métodos, que não se relacionam com a experiência de ensino e são simplesmente uma construção espontânea na forma de produção textual/sinalizada, a qual circula e acontece em conjunto com a intertextualidade. Alguns autores falam sobre metodologias do ensino da literatura. Segundo Cabral (2009), os métodos mais conhecidos são o método científico, o método criativo, o método recepcional, o método comunicacional e o método semiológico. Não vou analisar os conceitos de metodologia e modalidade; todos sabem dessas teorias a partir de outros autores

das áreas da linguística e da literatura. Estou aqui para refletir sobre o processo das mãos literárias e sobre como seria transmitir os significados das artes literárias.

Outro autor, Fernando Azevedo (2006), pesquisador na área de Literatura Infantil, em sua obra intitulada “Literatura infantil: recepção leitora e competência literária”, comenta sobre o desenvolvimento de uma competência literária e questiona o que entendemos por literatura infantil. Ele escreve: “(...) incessante diálogo com outras vozes, geradora de efeitos significativamente que permitem, ao leitor, concretizar vias múltiplas de acesso à fruição imaginário, (...)”. Quando li a expressão “diálogos com outras vozes”, fiz uma reflexão imediata sobre uma língua visual (para surdos em língua de sinais) e sobre os diálogos com outras visualiterárias, que geram outros significados literários e acendem algo das mãos literárias. Nessa geração, há a possibilidade de construção, em que se buscam os valores das pluralidades, adquiridos da sua identificação e do saber algo do seu eu na arte da experiência. Segundo Stuart Hall (2014), somos nós que os fabricamos no contexto das relações culturais e sociais.

Portanto, os entrevistados que foram subjetivados no contexto das relações culturais e sociais adquiriram a visualiterárias, assim como transmitiram os métodos para contar algo de suas experiências literárias.

Na verdade eu nunca tive acesso a produções literárias por parte dos professores e sim somente da comunidade surda. **(Francisco Rocha)**

Em escola de surdos eu nunca trabalhei apenas recebia convites de escolas de ouvintes para fazer uma narrativa gauchesca juntamente com o intérprete de LIBRAS. Então eu incorporava o gaúcho, mas a plateia não ficava muito contente e até me perguntavam se eu representaria um ZUMBI, pois isto fazia parte do entretenimento deles enquanto ouvintes e eu desconhecíamos, pois não fazia parte da minha realidade. Então conhecimento das diversas áreas da literatura surda eu tenho mais nunca vivenciei isto na escola. **(André Paixão)**

Francisco Rocha e André Paixão adquiriram a visualiterária na comunidade surda, sem os conhecimentos do trabalho literário na escola. Podemos perceber que os dois entrevistados foram subjetivados pela experiência visualiterária no espaço surdo. Cada um tem um histórico do espaço e do local: como eles construíram e/ou adquiriram no espaço literário (visualiterária e/ou leitores) por parte de um local/comunidade e sem os conhecimentos por outro. O espaço surdo e o local são inseparáveis das formas de construção, identificação e significação produzidas por aquilo que nos passou, que nos tocou e que nos aconteceu. São as formas de experiência.

A experiência visualiterária não exclui os livros ou os textos escritos. Da visualiterária também fazem parte os leitores, ou seja, é possível ser visualeitor (por ser surdo). Ao visualizar e ler os escritos, no entanto, as relações entre os leitores e os livros se tornam experiências literárias bilíngues. Portanto, é a reivindicação de algo que tenha sido sentido pelo outro, que seja adequado aos níveis escolares, mas que esteja em contato com as mãos literárias, como apontam as entrevistas:

A Educação precisa conhecer a literatura surda para entender que há um fenômeno psicocriativosocial que enriquece o ser surdo num espaço escolar. Por que fenômeno? O Ser surdo até então tem mais ouvinte sendo seu personagem do que surdos artistas e às vezes estes são interiorizados para não ficar vazio sem os diferentes personagens que nos ajuda a estruturar nossa identidade. **(Shirley Vilhalva)**

As escolas são importantes como um espaço para a produção de narrativas e contações de histórias em língua de sinais, possibilitando um desenvolvimento da aprendizagem, das expressões, do funcionamento, da sintaxe. O ensino focado apenas em palavras isoladas não contribuem para a aprendizagem dos estudantes surdos. É melhor um espaço onde a sinalização seja fluente para que ache uma verdadeira apropriação e conseqüentemente uma produção em língua de sinais, portanto cabe a escola incentivar e construir essa prática com os alunos. Outro aspecto importante é a leitura, e as rotinas de contação de histórias para incentivar a comunicação (...). **(Richard Carter)**

Tanto nas escolas de surdos quanto nos projetos sociais, é importante haver um espaço para a produção de mãos literárias que reforce a autoestima com efeito na fruição do imaginário. Essa é uma forma de identificação, pois é aquilo que somos ao ser surdos.

Juliana Pokorski, pesquisadora na área de Literatura Surda, em sua dissertação intitulada “Representações na Literatura Surda: produção da diferença surda no curso de Letras-Libras” (2014), analisou trinta e sete vídeos — poesias, fábulas, piadas e outras narrativas — elencados a partir da disciplina de Literatura Surda no curso de Letras-LIBRAS. A autora relaciona os Estudos Culturais à Educação e percebe a Literatura Surda como produtiva no sentido de constituir modos de ser surdo e de experienciar a surdez. Cito Pokorski: “(...) interessante é a recorrência das fábulas (43% do total de produções), o que pode estar relacionado ao interesse dos alunos em utilizar classificadores, com a presença de personagens animais, pelo caráter possivelmente pedagógico dessas produções” (2014, p. 45). O entrevistado abaixo comentou sobre a questão dos personagens de animais nas histórias em língua de sinais:

Como ensinar, que recursos utilizar para o ensino aos surdos ou em geral sobre a literatura? Meu foco é com os surdos, com o restante não me importa, me lembro até de uma professora na minha infância que utilizava recursos em que nos transformava nos personagens da história co_

mo o cavalo, coelho em que ganhávamos um sinal para cada personagem, nos vestia como eles e agíamos como cada personagem, para depois termos contato com o texto escrito e traduzido para a LIBRAS assim entendíamos no contexto a ação de cada personagem e o sinal destes. Lembro-me a pouco tempo de um surdo que me mostrou, não lembro se foi o Fabiano Rosa, um vídeo em que a história era sinalizada e as imagens mostradas relacionando com a história de maneira clara, mas antigamente utilizávamos as mãos que para mim era melhor mas se é o melhor não sei, daí você terá de pesquisar a respeito. **(Augusto Schallenberger)**

Antes existiam poucos recursos visuais e tecnológicos. Com as questões legislativas, após o reconhecimento oficial da língua de sinais segundo a Lei da LIBRAS (lei 10.436/2002 e o Decreto 5.626/2005), houve a possibilidade de utilizar recursos e materiais como vídeos em língua de sinais para a educação escolar e acadêmica, inclusive em projetos sociais. Segundo os pesquisadores Madalena Klein e Fabiano Rosa, na *Literatura Surda no Brasil*: “a partir da década de 90 do século XX, grupos de instrutores surdos e professores de surdos iniciaram a produção de materiais filmados, com a finalidade de os utilizar em atividades, principalmente nos espaços escolares” (2011, p. 94).

Segundo Marta Morgado (2011), em Portugal, os alunos surdos no modelo bilíngue — programa iniciado em 1997 — não têm grande conhecimento da literatura, talvez porque o acesso à língua de sinais é ainda bastante limitado. Portanto, falta algo nas disciplinas; falta acesso à comunicação e falta contato entre as crianças surdas e adultos surdos. Para Morgado: “É considerado grave que as crianças surdas não tenham acesso natural às histórias, o que é passível de lhes causar déficits nos níveis cognitivos, linguístico e emocional, perturbando as questões da sua identidade” (2011, p. 162).

Outro aspecto interessante é abordado por Silas Queiroz, que trata da importância bilíngue no processo contínuo no interior da língua com a utilização de metáforas para o desenvolvimento cognitivo na educação:

Trata da importância da L1 e L2 na educação tendo como perspectiva o ensino bilíngue que deve ser um processo contínuo, pois se o ouvinte utilizar apenas a L1, a Língua Portuguesa neste processo não surgirá efeito entre os surdos que possuem outra cultura, porque o uso da L1 e da L2 auxilia no processo de desenvolvimento dos surdos e isto é um fato, em uma comunicação normal em LIBRAS o surdo que estiver visualizando poderá não entender, entender mais ou menos ou até entender nada, mas se usarmos uma metáfora, por exemplo, uma comparação o entendimento se tornará mais claro para este surdo. Por isso as metáforas, o adaptar, a L1 e a L2 são importantes para a percepção e o entendimento do surdo na comunicação. **(Silas Queiroz)**

Várias testemunhas surdas e pesquisadores com artigos publicados comprovam que há barreiras interpretativas que não foram trabalhadas na educação escolar. Nessa situação, no espaço literário, quando os sujeitos surdos adquirem sua língua materna — Língua de Sinais

—, isso se transforma em fome pela cultura literária. Cito a entrevista com Paul Scott. Ele teve acesso aos conhecimentos da escrita com a ajuda de um tradutor do inglês, pois ele desconhecia a linguagem do livro que era usada com os alunos surdos:

Eu já tive experiência em atuar como professor de literatura surda para crianças surdas, eu lia os textos e sinalizava para eles, eles também queriam sinalizar, enfim. As histórias do Harry Potter, enquanto os ouvintes disputavam os livros na biblioteca, os surdos não tinham muito interesse. Foi então que me pediram para passar aos alunos surdos àquelas histórias, eu também tive dificuldade, mas chamei uma pessoa para auxiliar na tradução do inglês de palavras que desconhecia e depois desse estudo eu sinalizava a história para as crianças. Aos poucos elas foram entendendo cada um dos detalhes da história, o jogo de quadribol, etc. Ao término, eles conseguiram entender e após desenhavam a história, construíram bonecos representando o personagem, fizemos diferentes atividades. Eles se apropriaram da história, recontaram a história. E eu pude confirmar, vendo o filme, o quanto eles haviam entendido. Então o processo de ler diretamente o livro, não teve sentido, foi preciso traduzir e sinalizar a história para eles pudessem imaginar a história. **(Paul Scott)**

Por outro lado, o sujeito surdo também é atraído pela leitura das imagens. Na entrevista com Silas Queiroz, ele comenta sobre o visual:

O mesmo ocorre com as tiras em quadrinhos onde o que é mais atrativo aos surdos são as imagens e não o que está nos balões em português, pois é mais engraçado a informação que está repassada de forma visual, neste sentido precisamos ter estratégias de adaptação destes quadrinhos para a experiência visual destes surdos, e isto é um dos exemplos entre os inúmeros tipos de informações que podem ajudar a alargar este conhecimento. Temos também as fábulas que possuem conteúdo lúdico, ou formal como as pinturas, a comédia, tudo precisa estar acessível para se ampliar este conhecimento entre os surdos para que possam repassar este conhecimento as futuras gerações. **(Silas Queiroz)**

As mãos e os olhos dos sujeitos surdos desejam as leituras da outra língua. Estamos no território onde eles nascem com orgulho, já que eles são uma minoria linguística. Nessa minoria linguística, existem inúmeras comunidades surdas em seus estados, tanto no Brasil quanto em outros países. Isso não quer dizer que a comunidade surda é composta somente por surdos — pura e unificada. Temos participantes ouvintes ativos, abertos e em compartilhamento; temos filhos ouvintes de pais surdos com uma família; temos profissionais como professores, técnicos e outros em um espaço bilíngue e bicultural. Segundo Tomaz Tadeu da Silva (2014), a identidade que se forma por meio do hibridismo não é integralmente nenhuma das identidades originais, embora guarde traços delas. Cito outra autora, Emiliana Rosa, que publicou um artigo intitulado “Identidades surdas: o identificar do surdo na sociedade” em que comenta sobre suas identidades e a comunidade surda:

A identidade surda será aprendida e apreendida no grupo de surdos, no meio, pela troca com o outro. Porém, relevante ressaltar que não há identidade pura, única, como se somente houvesse única maneira de viver do surdo. Podemos definir identidade, mas não podemos expô-la como caso entendido e encerrado. (ROSA, 2014, p. 22).

Quando há barreiras nas leituras fragmentadas, surgem efeitos indesejados dessas leituras. Complemento com a entrevista sobre as escritas, ao ler em linha do muro e foram deixando interpretações fragmentadas.

A escrita do surdo em português é diferente na compreensão de um ouvinte ao passo que para mim surdo é compreensível, já para o ouvinte será necessário a fim de esclarecer algumas informações que este ouvinte pergunte ao surdo para que o mesmo relate em Língua de Sinais, o que estava escrito em determinados trechos, e isto ocorre por causa do desconhecimento deste ouvinte da realidade vivenciada por este surdo. Percepções estas que estarão sendo explicadas mais claramente em Língua de Sinais do que na escrita. E isto é muito complicado porque a estrutura da escrita em português se difere da Língua de Sinais, a exemplo disto temos a conjugação do verbo, então simplesmente o ouvinte sozinho tentando compreender a escrita seria complicado. (**Carlos Alberto Goes**)

Boa pergunta! Porque aqui na Alemanha a Língua de Sinais é fraca existe muito a datilologia, então se a língua é fraca consequentemente a Literatura Surda será fraca também, (...). (**Liona Paulus**)

Como indicam as entrevistas acima, quando não há ou é insuficiente a língua de sinais na escola e/ou para sujeito surdo, eles não se tornam leitores nem tocam nos livros. Sem leitura e/ou sem língua sinalizada, não há produção da expressão literária. Segundo Mourão:

Considero que são textos que surgem e são produzidos a partir de um movimento de histórias, de idéias que circulam. Por exemplo, se os surdos tivessem uma experiência mais intensa com histórias, com textos literários (em sinais ou através de leituras), essa aprendizagem nas escolas ou em seus lares, com os professores ou pais contando histórias, eles teriam mais possibilidade de imaginação, reflexão, emoção, e se tornariam como uma fábrica de histórias, de subjetividades literárias, logo produzindo idéias e criatividade – isso seria criação. Com conhecimento e experiências, sua subjetividade literária possibilitaria a criação de histórias. (MOURÃO, 2011, p. 54).

Complemento com os autores Fabiano Rosa e Madalena Klein (2012), que afirmam que “diversas vezes, os surdos tentaram buscar as informações e conhecimentos através de livros, porém a leitura tornava-se difícil”. Cito a continuação da entrevista com Liona Paulus, em que ela afirma que o único motivo e estímulo para a visualiterária é o vídeo:

(...) mas eu percebo que um recurso utilizado para este estudo seria através de vídeos para que possa motivar a produção da literatura e não apenas textos escritos, até porque os textos escritos iriam acompanhar a literatura ouvinte, então acredito que o estímulo deveria ser feito através e unicamente de filmes. **(Liona Paulus)**

Relembro-me da articulação do vídeo/filme com a escrita de que Paul Scott fala na sua entrevista. Ele comenta sobre as histórias do Harry Potter e confirma:

(...) E eu pude confirmar, vendo o filme, o quanto eles haviam entendido. Então o processo de ler diretamente o livro, não teve sentido, foi preciso traduzir e sinalizar a história para eles pudessem imaginar a história. **(Paul Scott)**

Carolina Silveira (2015), Cláudio Mourão (2011), Fabiano Rosa e Madalena Klein (2011), Karin Strobel (2008), Lodenir Karnopp, (2008) e outros autores comentaram que, no Brasil, a partir década de 1990, a literatura em língua de sinais foi ampliada e marcada pela divulgação e produção de materiais digitais — VHS, CD e DVD — por editoras como a do INES/MEC, a Editora Arara Azul, a LSBvídeo e outras. Elas produziram recursos visualiterários carregados de significações das mãos literárias e repassados para a comunidade surda. Em entrevista, Rimar Segala afirma:

Bem, existem diferentes metodologias, mas depende de cada professor de LIBRAS, o que ele cria como recursos metodológicos. Tenho observado que é comum apresentar aos surdos, inclusive eu utilizo, recursos como os DVDs do INES, do Nelson Pimenta e outros, e após solicitar alguma atividade prática como uma dramatização. Outra estratégia é o YouTube, uma forte influência a ser aproveitada. Estes dois recursos metodológicos tem sido mais comumente utilizados no Brasil. Da mesma forma para os ouvintes, por exemplo, as adaptações produzidas pelo Fabiano e a Lodenir, assim como o YouTube e os DVDs são estudados pelos ouvintes, e compõem seu aprendizado. Temos outros exemplos, que surgem a partir da criação dos professores, mas como já salientei, os dois primeiros são os mais largamente utilizados. **(Rimar Segala)**

Podemos ver as declarações sobre recursos/materiais e suas importâncias:

Penso na literatura dos ouvintes, que a muito vem desenvolvendo suas regras, e as passando ao seu povo, de diferentes formas. Já a literatura surda tem sido bem menos trabalhada, e com poucos materiais. Pode se pensar que a literatura geral, a dos ouvintes, não seja importante de ser aprendida na escola, que literatura de surdos e ouvintes não estão juntas. Não se trata disso. **(Nelson Pimenta)**

Importante mergulhar em outros. No mundo, existe a multiplicação da arte e de literaturas em diferentes territórios, línguas e riquezas culturais. Esses efeitos surgem dos

geradores significativos de valores culturais. Cito a continuação da entrevista com Nelson Pimenta:

É importante conhecer a literatura geral, ambas são literatura, e da mesma forma tem suas produções, podendo se perceber suas características. Por exemplo, no Brasil estuda-se o português, nossa língua, e seus diferentes aspectos. A Inglaterra estuda sua literatura, cada país tem as suas produções artísticas, mas há trocas. Não há porque rejeitarmos outras formas de literatura, e nem por ser literatura de ouvintes ou de surdos. Vamos apreciar o que cada uma tem de beleza, sem restrições, e possibilitar estas interações literárias. É boa esta união. **(Nelson Pimenta)**

Complemento com a entrevista de Rodrigo Custódio que trata da existência das ferramentas literárias e de como o processo de leitura e sinalização edifica a forma literária. Cito sua entrevista:

Como utilizar os recursos didáticos da Literatura Surda (materiais) para o ensino tanto de surdos quanto de ouvintes em diversos espaços, se existem materiais, recursos didáticos, para surdos eles devem ser utilizados pelo docente no espaço da sala de aula a fim de provocar nos alunos através de estratégias de ensino para que estes alunos possam expressar em LIBRAS a sua opinião a respeito da história do material apresentado, servindo como uma base, um modelo, (...) **(Rodrigo Custódio)**

Paul Scott e Richard Carter comentaram que a maior frequência das mãos literárias era no humor e na narrativa/contação da história, enquanto pouco se via sobre poesia circulando e sendo consumida no conforto do espaço surdo. Eles ministraram aulas de poesia em que utilizaram os recursos didáticos, procederam, elaboraram e sinalizaram poemas para alunos surdos. Então, Rodrigo Custódio acredita que existem recursos didáticos em poesia, embora nunca tenha visto um professor ensinar isso em sala de aula. Segue a continuação da entrevista:

Eu sei que existem estes recursos didáticos embora eu ainda não tenha visto que ensinam aos alunos a se expressarem em LIBRAS com poesias, nunca pude ver pessoalmente como é este processo, mas sei que existe este recurso e acredito ser sim de extrema importância materiais em vídeo explicando como contar poesias em LIBRAS, contendo um passo a passo para que o surdo possa aprender a se expressar melhor, começando primeiramente na delimitação de um tema, na escolha de um personagem se gostaria de ser um gato, um cachorro, depois na relação entre estes personagens, por exemplo entre o gato e o cachorro, há eles brigam! E no desenvolvimento da história porque o gato e o cachorro brigam? E assim segue a história tendo uma estrutura a serem seguidos culminando no final onde finalmente os personagens: gato e cachorro fazem as pazes. Seguir estes passos e apresenta-los aos usuários da LIBRAS é fundamental. **(Rodrigo Custódio)**

Em relação ao processo de construção da base literária em vários gêneros, recorro à pesquisadora Maria Alice Faria. Em seu trabalho intitulado “Como usar a literatura infantil na sala de aula”, há uma parte de um subcapítulo que trata das ferramentas literárias:

Geralmente, em trabalhos com a leitura e a elaboração de textos narrativos ou poéticos, costuma-se solicitar dos alunos que produzam textos espontâneos, como se eles dominassem instintivamente todos os elementos básicos na construção de narrativas ou de poemas. Essa é uma ideia muito corrente na escola, a de acreditar que a criatividade das crianças já é suficiente para elaborar (criar) suas histórias e pequenos poemas. Mas a aquisição dessas competências passa de início pela leitura ou audição de narrativa e poemas. (FARIA, 201, p. 20).

Percebo uma similaridade com a entrevista de Rodrigo Custódio em razão da diferença na modalidade oral e visual. Para sujeitos surdos que adquirem pelo visual, de forma visualiterária, a aquisição dessa competência passa, de início, pela sinalização, produzindo e gerando os significados. No segundo momento, edificando significados pelo sinalizado, inicia-se a busca no processo de leitura dos livros que se tornam geradores significativos, com fruição na expressão e imaginação. Pensando na experiência daqueles que nunca aprenderam poesia ou nunca viram aulas com poesia, podemos sentir os traços nas raízes surdas como sendo adquiridos pelo espaço surdo.

O mesmo ocorre nos recursos didáticos utilizados para ouvintes no processo de construção e expressão em LIBRAS como segunda língua. Articulada em forma de expressão narrativa ou poesia, eles também desenvolvem a competência visualiterária através da sinalização do surdo que expressa as mãos literárias. Segue a continuação da entrevista:

O mesmo ocorre para um curso de LIBRAS a pessoas ouvintes, com uma diferença, o de ensinar o ouvinte a se expressar de maneira natural em LIBRAS, pois os ouvintes têm dificuldade de expressão na maioria das vezes, tornando a comunicação mecânica. Então o uso desta didática no passo a passo irá auxiliar para que o ouvinte possa se expressar naturalmente em LIBRAS de forma fluente utilizando na representação da história as expressões não manuais. **(Rodrigo Custódio)**

Recursos literários têm visões diferentes em relação à modalidade e à cultura:

Novamente percebemos que surdos e ouvintes têm visões diferentes, e lá (Literatura em ASL) há este estudo sobre literatura e suas regras. Aqui no Brasil não se estuda isto, e saber de como é possível produzir e se emocionar em língua de sinais. Claro que existe uma produção espontânea, mas também há regras que podem ser passadas para os surdos na escola, de como se faz literatura. **(Nelson Pimenta)**

Existe produção espontânea das mãos literárias, e o que elas produzem vem a ser visualiterária. Em entrevista com Nelson Pimenta, ele diz acreditar que a Literatura Surda terá mais visibilidade através dos estudos em cursos de Letras-LIBRAS e do trabalho de pesquisadores:

Acredito que com a criação do Letras/Libras em 2006, pela UFSC, as pesquisas que tem sido feitas, e outras iniciativas que vem acontecendo, futuramente será mais forte esta visibilidade.
(Nelson Pimenta)

Segundo Mourão, “No curso de Letras/Libras, disciplina de Literatura Surda, produziram momentos importantes de aprendizagens de forma discursiva literária. Esses discursos atravessam diversas fronteiras, levando ao reconhecimento e a valorização da cultura surda” (2011, p. 116).

Sem ela, a disciplina de Literatura Surda, eu e eles não estaríamos produzindo este estudo da arte de sinalizar.

6.1 EXPERIÊNCIA DAS MÃOS LITERÁRIAS: resultado das categorias analisados

“É sempre difícil conhecer-se a literatura dum país de que se não sabe a língua.”
— Florbela Espanca

Nos capítulos anteriores, abordei alguns autores e temáticas dos Estudos Culturais (identidade, cultura, língua e experiência). Abordei os conceitos da literatura e o processo da Literatura Surda. Durante entrevistas e análises, tive um conjunto significativo de experiências das mãos literárias. É algo novo, que jamais imaginei, buscando algo significativo das relações entre experiências, teorias e análises. Dessas relações, retomo os objetivos específicos, percebo algo e faço quebra-mãos, organizando os dados em categorias. Utilizo a expressão “quebra-mãos”, não como um neologismo, mas como uma adaptação do termo quebra-cabeças, referindo aqui o encaixe das mãos literárias.

6.1.1 Quebra-mãos em literatura...

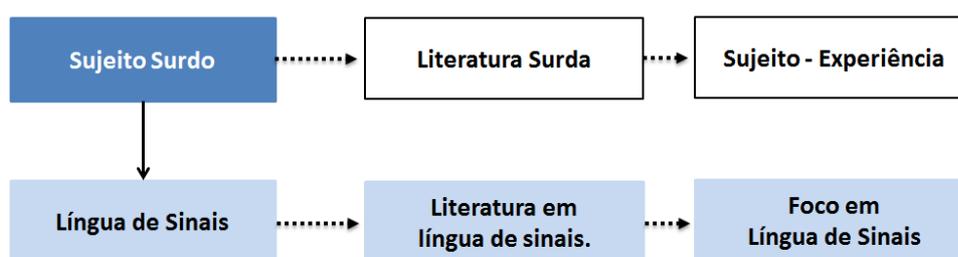
A maioria dos entrevistados narra as diferenças entre literatura surda e literatura em língua de sinais. Somente dois entrevistados comentam que ambas têm os mesmos significados, não percebem diferenças entre uma e outra, embora em suas entrevistas apontem vários elementos que identificam ambas. Nesta seção, apresento cada uma das narrativas e

explicações dos entrevistados, compondo um texto que explicita as características/definições entre uma e outra. Nesse sentido, é possível agrupar os conceitos específicos, pelas sinalizações das entrevistas.

Para simplificar que quando há os sujeitos, há uma língua. Se não há língua, não existe uma cultura e vice-versa. O sujeito se identifica com a cultura, assume identidades diferentes, e posições de ser como eles, neste sentido está sempre em processo, em formação, em sua experiência de ser sujeito. A língua e cultura são ligadas uma a outra, são inseparáveis, segundo Hymes (1972, apud BRINAS 2006, p. 1), “as estruturas lingüísticas e sociais estão tão estreitamente vinculadas que é necessário estudá-las simultaneamente, portanto, toda língua está vinculada à cultura que expressa e transmite, sendo impossível separá-las.”

Um exemplo abaixo que sujeito surdo abarca a língua de sinais:

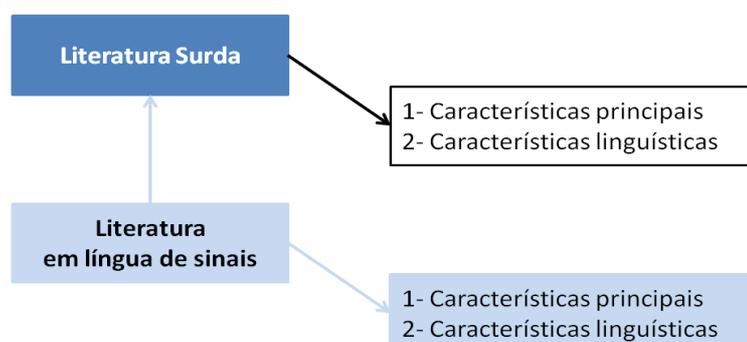
Figura 44 – Sujeito surdo abarca a língua de sinais



Fonte: O próprio autor.

Apresento primeiro as características da Literatura Surda e, na sequência, da Literatura em Língua de Sinais. Vou separar as características principais e as características linguísticas entre a Literatura Surda e Literatura em Língua de Sinais, para articular quebra-mãos.

Figura 45 - Literatura e características.

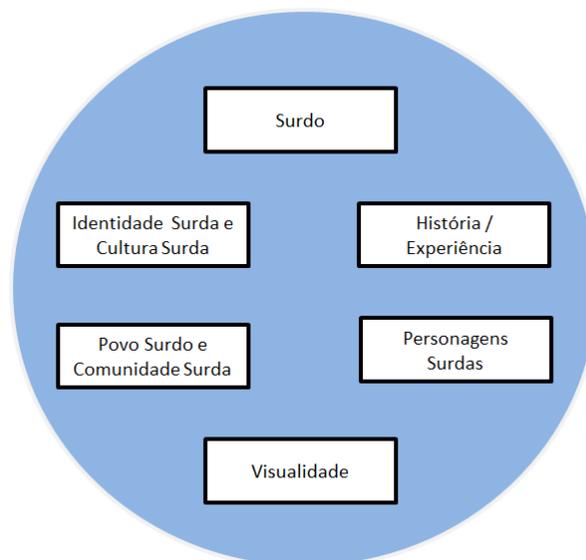


Fonte: O próprio autor.

6.1.1.2 Literatura Surda

a) Características principais, conforme os entrevistados:

Figura 46 – Características principais da Literatura Surda



Fonte: O próprio autor

As características principais sobre quem produz Literatura Surda, sobre os narradores ou sobre os autores, são assim apontadas pelos entrevistados: são surdos, com identidade surda e cultura surda, apresentando vínculo forte com o povo surdo e comunidade surda, além de visualidade e experiência. Os entrevistados narram que os surdos frequentemente fazem inserção de personagens surdos nas histórias. A visualidade é a forma de apropriação pelos surdos, a “leitura” da língua. Como um processo de apropriação produtivo e significativo, essa é a base da Literatura Surda. Um excerto que exemplifica isso é trazido por Nelson Pimenta: “A Literatura Surda é em língua de sinais, [...] com forte visualidade, [...] é a forma como é produzida e absorvida pelos surdos, assim como as questões de cultura, identidade [...], temas da vida dos surdos.”

Há também outros entrevistados que não têm uma definição clara sobre o que é Literatura Surda, assim como Carlos Alberto Goes, que afirma conhecer pouco a respeito da Literatura Surda, mas percebe as significações literárias que emergem das histórias de surdos e experiências.

A Literatura Surda trata da história de vida dos surdos, sendo baseada em documentos ou testemunhos, para transmitir a sua forma de identificação, sua luta, a colonização pela

“língua falada” tanto na sociedade quanto na escola, do passado até aos dias de hoje. São inúmeras temáticas de sua experiência e sua vivência. Histórias de vida dos surdos são transmitidas e servem de modelo / identificação.

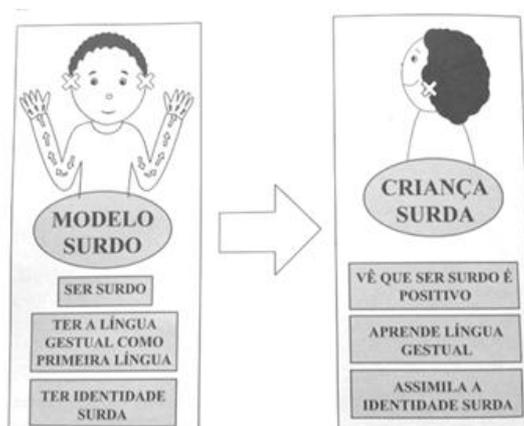
[...] na Literatura Surda, o surdo é o agente, o qual servirá de modelo, onde possui produções espontâneas de leituras tendo como identidade o modelo surdo [...]. (**Augusto Schallenberger**)

Sobre os temas contidos na Literatura Surda, Liona Paulus afirma que a Literatura Surda trata das vivências dos surdos, trata de acontecimento envolvido na comunidade surda, e das características presentes.

Eu acho que literatura surda trata das vivências dos surdos, das limitações, (...) também a literatura surda trata de acontecimentos envolvidos na comunidade surda, das características presentes [...] (**Liona Paulus**)

O modelo surdo ensina/transmite formas de ser surdo, identidade surda e língua de sinais, empoderando e transmitindo à criança surda a autoestima e a aquisição da linguagem. Marta Morgado (2011) ilustra o modelo surdo para a criança surda.

Figura 47 – Modelo surdo para a criança surda - Ilustração da Marta Morgado.



Fonte: MORGADO (2011, p. 154).

Como citei anteriormente (capítulo 3.2), nas produções próprias de surdos, há a sinalidade, transmitida a partir da visualidade, que subjetiva a construção das identidades surdas conectadas a seus pares, na coletividade dos sujeitos surdos. Cito Marta Morgado (2011, p.162):

Os valores são constituintes da identidade, referem-se à tradição, ao passado que necessita ser apresentado às novas gerações. O indivíduo constitui-se pela conservação de valores, instituídos pela cultura, ao mesmo tempo em que os recebe pelo processo da educação. Logo, a criança surda necessita de receber valores das gerações de surdos mais velhos, pois é através deles que a criança vai descobrir o seu “eu” e formar uma identidade.

A experiência de ser surdo está vinculada a identidade, cultura e comunidade, que se revelam em suas narrativas, que trazem as suas histórias pelo túnel do tempo das mãos literárias. Essas narrativas e discursos narrativos fazem surgir os personagens surdos. Juliana Pokorski (2014, p. 75) comentou sobre personagens surdas:

[...] acredito que nas experiências vividas pelos personagens surdos nas diferentes histórias existam traços das vivências dos autores surdos e de sua relação com o mundo. Além disso, nas produções, são trazidos elementos da história do povo surdo tal como marcas de processos educacionais, e nesse caso é interessante salientar que o povo surdo apresenta-se de tal forma unificado nas narrativas, que se constitui como personagem de uma grande narrativa histórica traçada pela comunidade surda.

Cabe destacar que, ao narrar-se ou ao narrar a vida de um personagem são feitas escolhas, vinculadas aos modos de se perceber, às lembranças marcantes ou a questões que o autor julga relevantes trazer à tona.

A personagem surda também é protagonista em uma história principal, com sinalidade, experiência, luta, direito, língua ou expressão das mãos literárias. Por exemplo, como vemos na entrevista:

[...] me levei para pensar na literatura surda novamente como transpor a uma presença de um personagem surdo nas histórias.
 [...] Pato surdo, ou seja, as historinhas adaptadas de forma que um personagem passa a ser surdo.
(Shirley Vilhalva)

Segundo Woodward (2014), a formação da identidade ocorre também nos níveis “local” e pessoal. Klamt, Machado e Quadros (2014, p. 212) comentam sobre as produções das pessoas surdas em língua de sinais para fortalecer sua identidade:

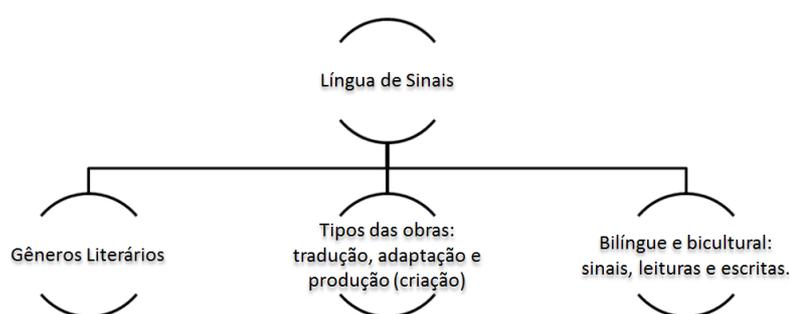
Essas produções são próprias desta comunidade, que necessita do contato entre as pessoas surdas para fortalecer sua identidade. [...] o surdo é trazido para a comunidade e constrói sua identidade a partir desta convivência, bem como a passa conhecer as produções típicas do folclore surdo – transmitidas de geração em geração – e despertar para a fruição estética em língua de sinais.

Como expliquei no capítulo sobre circulação e experiências das mãos literárias, o encontro dos sujeitos surdos na escola ou em outros locais faz com que contem histórias, poesias, humor, anedotas, narrativas, fábulas e vários gêneros, conectados aos seus

interlocutores, que então produzem representações que constituem as identidades culturais surdas, que há gerações são transmitidas através da rica arte de sinalizar.

b) Características linguísticas:

Figura 48 – Características linguísticas da Literatura Surda



Fonte: O próprio autor

Segundo os entrevistados, as características linguísticas da Literatura Surda são: uso da língua de sinais, produzida com espontaneidade, no espaço de sinalização, com forma fonética criativa e estética marcada pela visualidade.

Como citei nas análises, em contexto da experiência de uma família surda, com filho surdo, essa família tem essa experiência que hoje nomeamos de Literatura Surda! Em muitos momentos de apresentações literárias, de contação de histórias em família, capturavam seus olhos, tornando-os brilhantes e emocionados. Veja o que Rimar Segala comenta:

Sempre dizem que a língua de sinais é linda, emocionante, que é um bálsamo para os olhos. Isto é a Literatura Surda.

Visual/visualidade refere-se a uma língua visual no espaço (modalidade gestual-visual), em que acessamos o que nos passa, o que nos toca. Nesse sentido da experiência, a arte está “entre” a obra e o espectador, segundo Jorge Larrosa. As sinalizações estéticas em vários gêneros são construídas pela experiência visual e podem ter ricas significações na Literatura Surda.

Nas análises, fica evidente que os sujeitos surdos, que convivem ativamente na comunidade surda, são subjetivados pela experiência visualiterária.

Em geral, na escrita, os sujeitos leitores podem virar as páginas de livros e artigos, em papel ou nas telas, a partir das tecnologias, onde olhos e escrita se relacionam e interagem, produzindo significados na sua língua. Sujeitos surdos são bilíngues, quando querem escrever ou usar mãos literárias.

Liona Paulus, ao estudar sobre literatura, afirma:

[...] os surdos mais velhos repassavam suas vivências a surdos mais novos e assim por diante. Também havia manifestações de literatura nas associações de surdos, nas rodas de bate-papo, brincadeiras, em diferentes espaços este era o mesmo ambiente repassado por gerações, então percebi isto é literatura. **(Liona Paulus)**

Paul Scott comenta que os surdos podem ler um monte de textos:

Tanto a Literatura Surda quanto a dos ouvintes podem produzir muitas coisas diferentes. [...] A literatura escrita é sinalizada pelos surdos. Os surdos podem ler um monte de textos e armazená-los dentro de si para mantê-los seguros e, em seguida, quando é necessário eles podem sinalizá-los. E isso é a literatura. **(Paul Scott)**

Segundo Klamt, Machado e Quadros (2014), a Literatura Surda inclui a literatura escrita sobre surdos, a literatura escrita por surdos e a literatura em língua de sinais, quase sempre produzida por surdos. Esta última centra-se no uso da língua de sinais e explora diversos aspectos visuais.

Para finalizar, sobre Literatura Surda destaco o “entre” arte e espectador, um processo de arte das mãos literárias, um processo de desenvolvimento linguístico e cultural, que acontece de forma social, entre os pares e o coletivo.

6.1.1.3 Literatura em língua de sinais

Como citei anteriormente nas análises, Literatura Surda abarca a Literatura em língua de sinais. A maioria das entrevistas comenta diferenças entre Literatura Surda e Literatura em língua de sinais.

Figura 49 - Literatura Surda abarca a Literatura em língua de sinais.

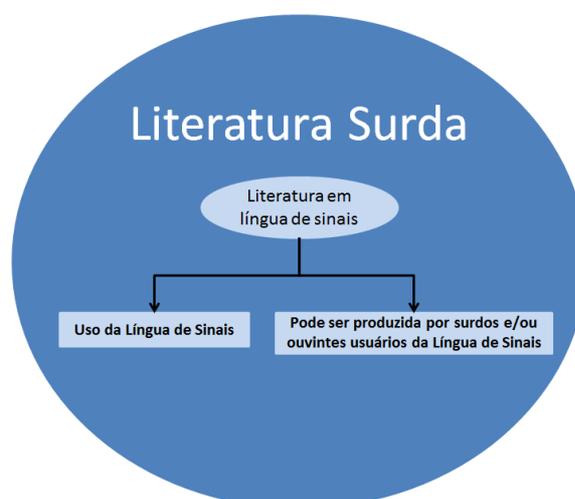


Fonte: O próprio autor.

a) Características principais:

Apresento duas características principais da Literatura em língua de sinais, na figura a seguir:

Figura 50 – Características principais da Literatura em língua de sinais



Fonte: O próprio autor

A língua de sinais é de uma minoria linguística, não habita um local, uma nação, mas sim está ligada e é transmitida em visualidade. Cito Karin Strobel (2008, p. 31): “Quando pronunciamos “povo surdo” estamos referindo aos sujeitos surdos que não habitam no mesmo local, mas que está ligado por uma origem, por um código ético de formação visual [...]”

O povo surdo, de várias gerações, traz suas experiências visualiterárias. Isso não significa que as gerações de mãos produzem da mesma forma, mas a cada geração surgem novos efeitos e significados, resultados das vivências das comunidades surdas.

Levar em conta a fase, a idade na comunicação desde a infância até quando nos tornamos idosos que nossa forma de comunicar em LIBRAS também irá se modificar com o tempo. (**Silas Queiroz**)

Não há uma única comunidade surda local, e sim comunidades globais e locais, sempre em um processo de compartilhamento das mãos literárias.

A sinalidade das mãos literárias, os olhos ouvintes adquirem parte das identidades surdas, é algo espontâneo de quem produz mãos literárias e que tem fluência em língua de sinais.

Na poesia está a comunidade surda, que é o povo surdo, mas pessoas ouvintes também, como os professores que sabem língua de sinais, amigos e outras pessoas, ouvintes ou surdas que tenham fluência na língua, que se encontram na comunidade, são arrebatados por esta produção poética, que é visual, característica dos surdos. (**Nelson Pimenta**)

André Paixão afirma que para o ouvinte que não sabe Libras há dificuldade tanto na compreensão do que está sendo sinalizado quanto na comunicação.

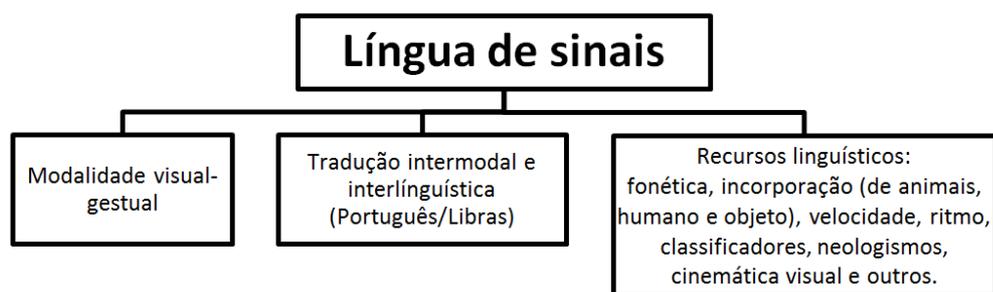
Há também outros entrevistados que falam que os sujeitos ouvintes utilizam a língua de sinais, tanto fluentes quanto em formação. Carlos Alberto Goes afirma que o ouvinte que sabe a língua de sinais conhece o significado da língua, consegue compreender o que está sendo sinalizado e também pode estabelecer trocas com os surdos.

Literatura Surda é um processo para gerar artes literárias, quase sempre produzidas por sujeitos surdos, pelo “povo surdo”, com a língua de sinais em cada cena do espaço e do tempo. Segundo Rachel-Sutton-Spence (2013), “é possível que o ouvinte, empenhando-se na língua de sinais, também a produza”.

Nessa experiência “entre” sujeitos diferentes, forma-se uma experiência bilíngue e bicultural: entre surdos e ouvintes.

b) Características linguísticas:

Figura 51 – Características linguísticas da Literatura em língua de sinais



Fonte: O próprio autor.

O foco é a língua de sinais, por questões linguísticas, ou seja, está em foco o uso da língua pela modalidade visual-gestual. A modalidade linguística visual-gestual usada pelo povo surdo e a experiência na comunidade surda, visual e espacialmente, gera efeitos na Literatura Surda por meio da experiência bilíngue e bicultural, dependendo da situação e convivência em suas variações linguísticas, sociais e culturais. O sujeito traduz em língua de sinais para visualiterária e também produz literatura como tradutor, tanto para surdos quanto para ouvintes. Para a realização de tradução intermodal e interlinguística (Português/Libras) precisa de ambas as línguas e boas raízes culturais, para produzir sentidos em palavras e sentidos que visualmente compõem a arte literária. Segundo Quadros e Segala (2015, p. 382), “A tradução intermodal representa uma tradução específica das línguas de sinais. Envolve componentes linguísticos e semióticos que vão integrar os sentidos produzidos em Libras a partir de textos escritos ou falados em português”.

Entrevistas comentam sobre modalidades e diferenças de questões linguísticas entre as literaturas:

A literatura em geral tem suas marcas como a criatividade, a oralidade, a leitura, e na oralidade a sonoridade fonética que a acompanha como sistema e regras da língua oral. **(Nelson Pimenta)**

Literaturas em língua de sinais, o modelo seguido é ouvinte, pois segue a estrutura do português apenas atribuindo sinais a essa leitura, é o que eu entendia a respeito, [...] **(Augusto Schallenberger)**

[...] já a literatura em Libras está arraigada à linguística – seria essa diferença, talvez. **(Liona Paulus)**

[...] esses aspectos muitas vezes não são entendidos pelos surdos. As escolhas feitas pelos ouvintes são diferentes [...]. Talvez muitos desses aspectos que se assemelham entre a literatura surda e ouvinte. **(Paul Scott)**

Como citei anteriormente, nas questões linguísticas, as análises nos estudos da língua de sinais nos mostram os aspectos linguísticos, tal como a importância dos classificadores e da incorporação da forma dos animais, humanos e objetos. Esses, entre outros aspectos, são característicos da modalidade de língua visuo-gestual. Complemento com as entrevistas sobre questões linguísticas em literatura:

[...] a Literatura Surda apresenta fonética visual, diferente da oral, específica, com um sistema fonético diferenciado, gestual, consequência da diferença de modalidade. **(Nelson Pimenta)**

A rima, que para os ouvintes se realiza a partir da sonoridade, no caso dos surdos é construída com as configurações de mão, que obviamente não ocorre na literatura em português. São equivalências. **(Rimar Segala)**

As expressões, a sinalização, incorporação, eu consigo entender e captar o mundo pela Literatura em Sinais. **(Richard Carter)**

Em razão dos recursos linguísticos da incorporação, Nelson Pimenta afirma que os diferentes personagens animais têm suas características incorporadas pelo ator surdo. Este aspecto é utilizado nas fábulas que utilizam esse recurso.

Além dos recursos de incorporação de animais, humanos e objetos, o ritmo, a velocidade e os classificadores, até os sinais novos, os “neologismos”, são todos recursos utilizados na produção de Literatura Surda.

Segundo Karin Strobel (2008), a literatura se multiplica em diferentes gêneros e outras manifestações culturais. Podemos ver que as obras literárias tem como foco a língua que pode ser produzida em forma de traduções, adaptações ou criações em língua de sinais, sendo produzida por sujeitos surdos ou ouvintes que fazem parte da comunidade surda, profissionais na área, que também podem ser mãos literárias.

Nesse contexto, na maioria das entrevistas que analisei, era recorrente a indicação da existência de diversos gêneros literários em língua de sinais, mas também apareceram questões relacionadas à linguística.

São várias as características nesse conceito, assim como a literatura indígena e de outros grupos, ou dos diferentes gêneros literários, piadas [...]. **(Nelson Pimenta)**

[...] fui ter contato com outros gêneros literários produzidos pelos surdos, que estão em igualdade com a produção em português, e que não são adaptações, são criações, da mesma forma que os ouvintes, de temáticas semelhantes como dramas e conflitos. **(Rimar Segala)**

[...] ao aprender sobre o que é literatura, entendi o processo de que na comunidade ouvinte eram narrativas repassadas de geração em geração, foi então que percebi que o mesmo acontecia entre os surdos na comunidade surda [...] (**Liona Paulus**)

Bom, a poesia, as histórias, a literatura, todo esse cenário temos os classificadores, metáfora, expressão facial, movimento, uso do espaço, as diferentes perspectivas sob um único objeto, enfim, muitos aspectos que, em uma comparação direta mais geral, se assemelham aos aspectos que os ouvintes também têm nas questões sobre poesia. (**Paul Scott**)

Continuação quanto às questões linguísticas: vários gêneros são sinalizados. Os entrevistados Carlos Alberto Goes, Francisco Rocha, Nelson Pimenta, Rodrigo Custódio e Liona Paulus percebem, na língua de sinais, tanto na poesia, quanto na narrativa e no humor, as características de gêneros literários em níveis variados na forma de ritmos, sequências, movimentos, acelerado e lento, tipos de ação e outros, em visualiterária.

Richard Carter diz que ensinar as crianças surdas com foco na “mão” favorece perceber a diferença na construção de formas, os recursos de narrativa, tanto nas mãos quanto na visualiterária, ao ver recursos expressivos corporais.

Para as crianças perceberem as diferentes versões e recursos de movimento sinalizado, isso significa a qualidade, fluência e a estruturação sinalizada. Augusto Schallenberger afirma que movimento e ritmo estão ligados ao gênero literário. Richard Carter mostra os recursos em gêneros literários, por exemplo, uma narrativa ficcional a contação “fake”, “faz de conta”, para as crianças surdas perceberem as diferenças, se são verdadeiras histórias ou não; percebem as diferenças e se desenvolvem na sinalização.

Questões de jogos linguísticos também são narradas. Carolina Silveira (2015), Marta Morgado (2011) e Augusto Schallenberger (2010), tal como citei antes das análises, falam de brincadeiras com a configuração das letras (alfabeto manual), histórias de ABC, histórias com humor, desafios lógicos, que podem ser usados em poesias ou em jogos sinalizados ou expressos metaforicamente. Uma configuração da mão é como um signo, que pode ter vários significados.

Literatura em língua de sinais com o jogo das configurações de mãos, utilizando o alfabeto para narrar uma história, na sequência do alfabeto A, B, C, D, E, F... ou em uma brincadeira onde se utiliza sempre a mesma configuração de mãos, exemplo: três dias, três pessoas brigaram, embora não seja o natural. (**Liona Paulus**)

Quando se utilizam os jogos, temos uma questão de processo de aprendizagem que transforma a expressão das mãos literárias em jogos literários. Complemento com entrevista de Carlos Alberto Goes:

University Gallaudet é um costume deles escrever é como um desafio, uma competição de quem escreve melhor, de quem faz mais poemas, e observar esta conversação em ASL são fantásticos, às vezes se perdia, pois a comunicação é muito rápida. Faziam-se competições em ASL para ver quem sinalizava melhor e mais, produzindo literatura e nessas produções e estímulos como num jogo é que se constrói a escrita dessa literatura. Importante esse jogo para esta construção então porque o surdo não faz este jogo de palavras? Observam-se mais bobagens nos surdos daqui é interessantes provocar-se, e provocar usando a criatividade e transformar isso em literatura [...]

(Carlos Alberto Goes)

Filmes de que os surdos se apropriam e produzem histórias em sinais: como citei nas análises, com referência aos vídeos ou cinema, por exemplo, voltando para comunidade surda para contar a narrativa literária do filme.

Paul Scott relata sobre uma pessoa surda, que estava vendo da televisão, que depois levou as informações para a escola, que os alunos estavam encantados com a contação da história em forma cinemática visual.

No entanto, Richard Carter observou que:

Os surdos perguntam se o que eu faço é baseado em vídeos e eu digo que não. Digo a eles que crio meus poemas a partir de ideias e com minha sensibilidade, que é diferente, e os questiono se eles desejam o mesmo. Muitos falam que é difícil, ainda presos às referências dos vídeos e filmes já vistos. **(Richard Carter)**

Temas variados

Temáticas recorrentes: humor e incorporação do filme

Percebe-se pelas entrevistas que a maioria dos variados temas estão em piadas e narrativas, e ainda temos temáticas relacionadas com as experiências de vida.

Minha produção tem um forte tema que é “Vida”. Conflitos e cultura surda, [...] além de salientar as metáforas, das quais a comunidade surda se apropria, por exemplo, sobre o implante coclear, o oralismo e a proibição da língua de sinais, a falta de apoio governamental, entre outros temas. **(Rimar Segala)**

Os temas são muito variados, contudo, há muitas poesias sobre a própria vida dos surdos, os acontecimentos de seu cotidiano, o colonialismo em relação aos ouvintes. Esses todos são temas muito recorrentes nos temas das poesias em língua de sinais. **(Paul Scott)**

Frequentemente o mais recorrente é humor que está relacionado à cultura surda. Não é difícil encontrar as rodas de bate-mãos contando histórias de “humor”, as quais estão relacionadas às experiências visualiterárias e a construção e identificação de ser surdo. Nestes

encontros há fortalecimento da autoestima para construção do orgulho de ser surdo, de sua língua e cultura.

Através do humor, várias temáticas são apresentadas. Carolina Silveira (2015) investigou quais representações de surdos e características da cultura surda estão presentes em piadas que circulam nas comunidades surdas. Realizou a análise de piadas em línguas de sinais e mostrou que a maioria das piadas apresenta temáticas relacionadas ao problema de comunicação, em situações em que o ouvinte não sabe Língua de Sinais, por exemplo, as piadas “Árvore Surda”, “Touro Surdo” e outras. As piadas servem, segundo a autora, para “rir dos outros” e “rir de nós mesmos”, no sentido de que tanto tratam de temas da relação dos surdos com os ouvintes, quanto da relação interna, entre os surdos e de situações cômicas que podem acontecer em diferentes momentos e espaços.

Complemento do pesquisador Augusto Shallenberger (2010, p. 66):

As temáticas que identificamos nas piadas estão relacionadas com as experiências dos surdos com os ouvintes, com a língua de sinais, com os intérpretes, com o implante coclear, com as formas inventivas de vida em comunidade, com as estratégias utilizadas quando há desafios e dificuldades em torno da comunicação e acesso ao que é dito em língua oral, entre outros.

Para finalizar aponto ainda alguns pontos frágeis e limitações na área da literatura surda, conforme as entrevistas:

- Para muitos sujeitos surdos há desconhecimento da Literatura Surda e gêneros literários.
- Os surdos não foram ensinados sobre Literatura Surda nas escolas de surdos, por conta da falta de fluência na língua de sinais e/ou falta de profissionais da área.
- Para os ouvintes que desconhecem a LIBRAS, fica difícil identificar o que é produzido na sinalização da Literatura Surda.

Lembrando o que já foi citado anteriormente, que a cada geração surgem novas narrativas de suas experiências, que mostram suas práticas discursivas, marcas de diversas experiências literárias e assim fazem surgir efeitos nos sujeitos surdos, pelo seu pertencimento à comunidade surda.

6.1.2 Quebra-mãos: identificação da influência das mãos literárias

Com relação ao segundo objetivo específico da pesquisa, identificar quais influências são destacadas na formação literária de surdos, apresento os sentidos da experiência visualiterária pela constituição e empoderamento pelo povo surdo.

1	No Brasil, a partir das décadas de 80 e 90, desconhecimento da Literatura Surda e tradução. Também não existia ensino de Literatura Surda como disciplina na escola e projeto social, pois não havia profissionais nessa área.
2	A língua de sinais e/ou roda das mãos já existia em forma literária espontânea sem perceber em si mesmo as significações literárias.
3	Bilíngues e biculturais das artes literárias.
4	Transmitida as mãos literárias para outras em toda a situação dos encontros surdos, comunidades surdas e família surda.
5	Visualiterárias foram absorvidas às expressões dos artistas pelos filmes e desenhos animados, revistas em quadrinhos como os gibi, quadros e outros similares de expressividade sem língua escrita.
6	Experiência visualiterária apresenta registros e marcas nas obras dos sujeitos surdos.
7	Pesquisadores da área de Literatura Surda e curso de Letras/Libras ou outra área de formação/oficinas passam a distribuir aos surdos significações literárias e colaboram para o despertar das mãos literárias.
8	As mãos literárias são acessíveis no espaço literário das mãos e recursos materiais impressos, digitais, em <i>sites</i> e nas redes sociais.

No Brasil, a partir das décadas de 1980 e 1990, surdos brasileiros desconheciam o conceito de Literatura Surda. Também não existia ensino de Literatura Surda como disciplina na escola, em projeto social, pois não havia profissionais nessa área.

Como foi este meu contato com a Literatura Surda, quem me explicou e me deixou fascinado com informações precisas de uma maneira esplêndida, me despertando excitação pela Literatura por conta da forma como foi explicado e também expressado, foi com a University Gallaudet (...) **(Carlos Alberto Goes)**

Antigamente, em 93 não conhecia nada sobre literatura e tradução, o que significavam. (...) na escola nunca estudei poesia, havia no Brasil sim, mas eu estava bloqueado, não compreendia o que significava literatura. Sabia das muitas histórias, que eram literatura, mas não conseguia produzir histórias de forma satisfatória. **(Nelson Pimenta)**

Antigamente não tinha nenhum ensino sobre a Literatura para a comunidade surda (...) **(Augusto Schallenberger)**

Então na Escola de Surdo que eu estudava não aprendi nada a respeito, foi mesmo com os vídeos do Nelson Pimenta que comecei a conhecer a literatura surda. (...) (**Francisco Rocha**).

Eu não tive este auxílio através da escola não (...) (**André Paixão**)

(...) a escola não me auxiliou muito porque não havia professores surdos, (...) (**Rimar Segala**)

Complemento com a entrevista de Liona Paulus em Alemanha:

Na realidade nunca estudei Literatura Surda, pois não existe esta disciplina aqui na Alemanha nem na Universidade, (...) (**Liona Paulus**)

As entrevistas mostram que não havia conhecimento sobre o significado do termo Literatura Surda, mas viviam em suas experiências sinalizantes. Onde há mãos literárias há empoderamento e transmissão desses conhecimentos para outros sujeitos surdos.

No espaço escolar não tinha disciplina da Literatura Surda; os entrevistados foram absorvendo as mãos literárias por rodas de bate-mãos e também por marcas do que nos passou e nos tocou, por exemplo, família surda ou encontro com sujeito/artista surdo. Os excertos a seguir mostram essas influências na formação literária dos surdos.

Como aprendi e comecei a produzir poesia e literatura. Da mesma forma, com meu pai, [...] na minha casa somos uma família de surdos. Do meu pai eu recebia as informações, que imediatamente adaptava e passava a ter a minha produção, sem regras, mas com preocupação estética. Da mesma forma na associação produzindo humor, teatro e outros gêneros fui me apropriando da linguagem. (**Rimar Segala**)

Eu tinha entre 8 e 9 anos de idade e não existia a Literatura Surda mas a comunidade surda já possuía manifestações de literatura [...] piadas que foram contadas pelo meu tio surdo, na minha família havia o meu tio surdo meu irmão ouvinte e meu pai surdo que utilizava muitos classificadores ao contar uma piada e com o tempo isto foi se tornando natural para mim que fui melhorando as piadas, acrescentando informações [...]. (**André Paixão**)

Os primeiros inspiradores foram os meus pais, com suas histórias sobre diferentes coisas. Isso me fez aprender muito sobre tudo. Eles tinham uma grande influência para mim. E depois eu usei tudo isso para o ensino de crianças surdas. Isso foi algo que me marcou muito e uma forma de envolver a comunidade surda com a poesia. Talvez haja uns 4 ou 5 surdos poetas. (**Paul Scott**)

Os sujeitos surdos seguiam utilizando Libras na escola, no momento de bate-mãos na sala de aula e no recreio, também nos encontros de surdos fora das escolas. Nesse conjunto da educação escolar e social, podemos perceber que, naquela época, existia a comunidade surda

bilíngues/bicultural, por uma identificação, sempre “em processo” e “sempre sendo formado”, uma forma de híbridos culturais (HALL, 2011).

Conforme Francisco Rocha comentou, em sua época escolar, na escola de surdos, utilizava a Libras, mas era uma educação tradicional sem acesso às artes cênicas. Semelhante depoimento vem do entrevistado Augusto Schallenberger, que dizia: “[...] na escola apenas repetíamos informações como papagaios, onde não havia produções espontâneas, eram repetições [...].”

Quando há língua própria, onde há produção das mãos literárias, há possibilidade de expressar a arte de sinalizar e expressar arte de escrever. Conforme evidencia a entrevista com Richard Carter, sobre a sua experiência em situações escolares:

Situações escolares com crianças surdas que, a partir de livros, escrito em inglês, as escolas obrigam que eles apreendam a escrever sobre a história apenas lendo, mas elas ficam angustiadas pois não conseguem fazer bem. Contudo, quando eu interpreto a história em sinais, elas conseguem imaginar e a partir disso, tem êxito na produção escrita. **(Richard Carter)**

No espaço de educação na escola, onde os alunos surdos recebem os ensinamentos, de forma visualiterária que traduz a compreensão, gera o atravessamento das barreiras, uma virada cultural, desejo e fome de aprender as escritas e outras diferenças culturais.

Shirley Vilhalva, que comentou que ela não se considera artista na Libras, uso da língua escrita da poesia, que já foi traduzida por surdos e ouvintes para LIBRAS.

A maioria dos entrevistados adquiriu a visualiterária dos sujeitos surdos e/ou comunidade surda, onde existe produção das mãos literárias de forma espontânea sem perceber em si como gênero literário descrito como Literatura Surda.

Francisco Rocha comentou que ele foi subjetivado pelas experiências visualiterárias da comunidade surda, e que tais experiências são extremamente ricas, com espontaneidade na produção dos sinais, que causam emoção. Além disso, também afirma que os desenhos em quadrinhos eram utilizados pelos surdos para fazer adaptações, contado detalhes do que acontece com perfeição na comunidade surda.

Augusto Schallenberger afirmou que o primeiro contato com a literatura foi na comunidade surda, num grupo que contava as piadas que ele subjetiva e produzida das mãos literárias:

[...] digo que foi na comunidade surda que aprendi a produzir literatura e não na escola. **(Augusto Schallenberger)**

Rodrigo Custódio relata que tivera atraso no contato com a língua de sinais, mas já observava o uso da arte literária:

Eu me lembro que aprendi LIBRAS atrasado e quando eu aprendi já observava surdos que sinalizavam fluentemente contando histórias, piadas com perfeição, [...] (**Rodrigo Custódio**)

As entrevistas evidenciam que a produção literária era espontânea, que os surdos não percebiam em si mesmos as significações literárias que estavam produzindo.

Nas comunidades surdas essas produções surgiam espontaneamente onde nem sequer eu percebia que estava produzindo literatura [...]. (**Augusto Schallenberger**)

[...] os surdos, certa vez me perguntaram se eu era poeta. E eu sempre dizia que não, que era um contador de história que usava a língua de sinais. [...] Eu não acreditava, mas depois um amigo surdo me apresentou alguns materiais e foi então que eu comecei a lembrar das coisas que fiz e que ninguém me ensinou. (**Richard Carter**)

Richard Carter não adquiriu ensinamento formal da poesia, desconhecia as conceituações, então, conta que foi a primeira linguista surda, Frances Elton, que colaborou com os seus conhecimentos sobre os aspectos da poesia. Nesse sentido, iniciam suas significações visualiterárias e, posteriormente, encontrou outra linguista, Rachel Sutton-Spence, que lhe abriu horizontes sobre o uso do espaço e dos elementos literários, através de um processo das significações literárias; afinal, despertara para se tornar poeta e contador de histórias.

Os olhos, através das aquisições visualiterárias dos sujeitos surdos, no espaço das mãos literárias, transformam as produções em patrimônio literário de todas as gerações do povo surdo.

A experiência visualiterária foi absorvida pelas expressividades dos artistas em filmes e desenhos animados, revistas, gibis, ilustrações, quadros e outros similares que favoreciam a aquisição de expressividade sem uso da língua escrita-falada. Muitos dos entrevistados citam o nome de programas de televisão ou nomes de filmes, que influenciaram em sua formação, tais como Charles Chaplin, os Três Patetas, o Gordo e o Magro, Chaves, entre outros. Além disso, gibis e desenhos animados foram influentes na formação literária, tais como Pica-pau. Esses são alguns exemplos, mas muitos outros programas que exploravam o visual e os recursos cênicos eram apreciados e favoreciam as mãos literárias.

Augusto Schallenberger comentou que antes de entrar na comunidade surda, os primeiros contatos ocorreram pelo visual, tendo influência as expressões humorísticas da

televisão, das revistas em quadrinhos e da família:

[...] através de televisão como os Três Patetas, o Gordo e o Magro, Chaplin assistindo-os na minha infância e também as revistas em quadrinhos que posteriormente ao entrar na comunidade surda, onde já havia vivenciado com minha família a contação de piadas, surgiu para mim então de forma espontânea [...]. (**Augusto Schallenberger**)

André Paixão comentou que aprendeu através de televisão, do programa humorístico *Chaves*, do cinema mudo de Charles Chaplin, do desenho animado *Pica-Pau*, não tinham diálogos e sim expressões e as imagens que construía significados ao que estava sendo transmitido.

Como relatam os entrevistados, as expressões humorísticas foram também absorvidas através da ação, da forma cinematográfica visual de programas de televisão; num processo a sua identificação artística surda.

Também o Chaplin contribuiu na minha evolução para a contação de piadas e todos achavam muito engraçado e até me incentivavam de que eu deveria ser ator, me incentivavam e me parabenizavam por isso e eu me sentia muito bem. (**André Paixão**)

Percebe-se que os sujeitos surdos foram adquirindo a experiência visualiterária, foram construindo um processo artístico com as mãos literárias; nesse contexto, foram se tornando artistas surdos, pela produção literária através de recursos digitais e impressos da Literatura Surda.

O que marca na língua de sinais é o sujeito surdo, sua identidade, através da língua de sinais há interação e comunicação para o desenvolvimento, essa é a marca [...] aprendam e se tornem multiplicadores, isso é marca da maioria. (**Carlos Alberto Goes**)

Como citei nas análises anteriores, as marcas visualiterária podem estar no território, na fronteira ou em outro território.

A visualiterária marca nas obras surdas, transformando-se na casa da visualidade. Visualiterária é uma leitura pelo visual que forma a linguagem literária, com estética carregada de significados, uma arte de sinalizar.

[...] afirmo que é a visualidade, [...] As mãos são a força, nessa expressão visual, os modelos e marcas da cultura surda, do povo surdo, produzidas e incorporadas por eles. (**Nelson Pimenta**)

Sobre a visualidade, destaco alguns relatos dos entrevistados: Francisco Rocha relata

que assistiu a um vídeo do Nelson Pimenta e lembra de narrativa em forma cinematográfica visual de um navio. Augusto Shallenberger teve o primeiro contato com a Literatura Surda através de vídeos antigos produzidos por Nelson Pimenta, contendo uma piada. Liona Paulus destacou as produções das obras brasileiras, os livros da Literatura Surda, Cinderela Surda, Pato Surdo e outros. Também citou atores surdos internacionais, e um filme alemão de Jürgen Endres.

Rimar Segala recorda as mãos literárias marcantes de seu pai contando a histórias; posteriormente, na Associação de Surdos de São Paulo, onde os surdos não tinham influência das piadas de ouvintes, e surdos se divertiam muito; por último, relata momentos marcantes de artistas surdos brasileiros. Essa herança cultural faz parte da história da Literatura Surda.

Segundo Rachel Sutton-Spence (2013) comenta que antigamente não havia a possibilidade de formação na área de Literatura Surda. Agora existem disciplinas, em cursos de graduação e surgem algumas formações, tanto na Inglaterra como no Brasil

Tanto os pesquisadores da área de Literatura Surda quanto os cursos de Letras/Libras ou outra área de formação/oficinas distribuíram aos surdos as significações das literárias e o despertar das mãos literárias. Em 1993, houve o II Congresso Latino Americano de Bilinguismo (Língua de Sinais/Língua Oral) para Surdos, onde Nelson Pimenta estava presente. Ele desconhecia as significações da Literatura Surda, especificamente poesia, e pensava que era apenas para ouvintes.

Pensava na poesia, o que é isto, poesia, pensava que era apenas para ouvintes, não gostava, pode-se traduzir para língua de sinais, achava estranho. Foi então que pela primeira vez assisti à poesia do grupo de Ella Lentz e fiquei encantado, assim como as piadas e contações de histórias de outros grupos, coisas que não conhecia e que não tinham, até então, significado para mim.
(Nelson Pimenta)

Nelson Pimenta estudou ASL em University Gallaudet, onde havia muita produção em Literatura Surda, teve contato com vários grupos, festivais, eventos que eram apreciados por todos. Foi nestas diferentes trocas que foram apropriadas as formas de literatura. Augusto Shallenberger estava aprendendo no curso da UFSC na área de Literatura Surda e também no mestrado na UFRGS, com a Professora Lodenir Karnopp, que mostrou ele as possibilidades da literatura. Rimar Segala e André usavam espontaneamente a língua de sinais. Posteriormente, estudam conceitos da disciplina de Literatura Surda com a Profa. Lodenir Karnopp, pois eram os alunos do curso de Letras/Libras (turma 2006).

Paul Scott desconhecia significações da poesia que ele mesmo sinalizava. Enquanto Richard Carter também desconhecia o conceito de poesia, pois acreditava que seu jeito de

sinalizar o definiu com um contador de histórias. Eles foram capturados por meio de espaços sociais e comunidade surda, pela visualiterária de forma espontânea. Eles buscavam conhecer gêneros literários, que a Profa. Rachel Sutton-Spence estava pesquisando em Literatura Surda em Universidade de Bristol. Ela passou a ensinar aos surdos britânicos, os significados dos gêneros literários.

Liona Paulus relata um momento do seminário na associação de surdos, na Alemanha, que havia ensinado a ela um discurso literário. Rodrigo Custódio nunca estudou a Literatura Surda, mas realizou várias oficinas, estudou com Profa. Dra. Rachel Sutton-Spence e outros, participou de congressos em que os surdos estavam presentes, produzindo narrativas.

André Paixão e Rimar Segala adquirem mãos literárias pela circulação de arte literária da comunidade surda. O primeiro contato foi na família surda, influenciados eles foram absorvendo formas de ser ator ou contador em mãos literárias.

Com isso não quero dizer que houve um desenvolvimento cronológico, que teve uma única referência, sim várias pessoas somaram experiências em identificações, significações, produções, compartilhamentos. Neste sentido, foram influentes pesquisadores, professores surdos, artistas surdos, que articularam uma forma de construção cultural na arte de sinalizar. A visualiterária está presente nos elementos culturais produzidos com recursos cinemáticos, e como modelo de arte surda, tornando acessível o espaço literário das mãos, através de recursos e materiais impressos e digitais.

O entrevistado Carlos Alberto Goes comenta sobre a questão de ser fluente em língua de sinais:

A questão é saber a língua de sinais, sem a língua não tem aprendido, [...] é preciso que o professor saiba a língua de sinais e tanto faz se o professor é ouvinte ou surdo [...]. **(Carlos Alberto Goes)**

Augusto Schallenberger absorvia espontaneamente as mãos literárias na comunidade surda, que surgiam espontaneamente onde ele nem percebia em si que estava produzindo a literatura.

[...] nas comunidades surdas essas produções surgiam espontaneamente onde nem sequer eu percebia que estava produzindo literatura, por isso a importância de se ter nas escolas professores que desenvolvam a literatura nos surdos, realidade essa que hoje é bem diferente da minha época. **(Augusto Schallenberger)**

Então penso que é de extrema importância para o profissional que o mesmo ensine os gêneros literários da literatura surda no seu ambiente de ensino. **(Rodrigo Custódio)**

Complementando esse tema, Shirley Vilhalva diz:

Hoje temos que aproveitar a disciplina de produção para que o surdo tenha oportunidade de apresentar a sua arte surda de diversas maneiras. **(Shirley Vilhalva)**

Rodrigo Custódio disse na entrevista que a educação pode mudar o mundo; também o nível do acadêmico; o bate-mãos informal é fundamental para esclarecer sobre o gênero literário. Percebeu que vivemos num momento em que está havendo um aumento significativo de profissionais na área de Literatura Surda, como pesquisadores surdos tal como Fernanda Araújo, o Nelson Pimenta, o Rimar Segalla, o Bruno Ramos e Cláudio Mourão. Acredita que teremos mais produções e materiais que irão contribuir para uma melhor didática desses gêneros literários da cultura surda.

Podemos refletir sobre a experiência de Rimar Segala: na escola, não havia professores surdos, nem ouvintes fluentes na língua de sinais, apenas tinha a obrigação de fazer leitura labial, era “oralizado” na sala de sala, portanto, não havia desenvolvimento da sua produção literária na escola. No entanto, apreciava as mãos literárias usada pela sua família surda e pela associação de surdos.

[...] atualmente, passados 25 anos, as crianças surdas já encontram uma situação diferente, porque os professores e instrutores de Libras utilizam contação de histórias, DVDs, poesias, e as crianças surdas em contato com esses recursos se apropriam e familiarizam com a linguagem, podendo escolher ser atores ou não, isso depende de cada pessoa. Atualmente isso é possível, mas antigamente, quando eu estava na escola, não era assim. **(Rimar Segala)**

A produção visualiterária está presente em vários eventos. Deslocamentos na circulação, na transmissão e no compartilhamento dos significados, produzem novos efeitos e novos significados, e ampliam os registros da Literatura Surda.

Viagens, festivais e contato com comunidades surdas de outros países também influenciaram os entrevistados.

Portanto, as significações da visualiterária e das mãos literárias das comunidades surdas foram adquiridas em nosso território brasileiro e internacionais, em eventos como artefatos culturais dos surdos.

Em minhas viagens a diversos países fui a uma exposição em que tinha vários artefatos com pinturas, esculturas com foco nas mãos e nos sinais, e em outro momento observei uma obra de arte utilizando as mãos e os sinais assim como vídeos com histórias contadas em Língua de Sinais. **(Francisco Rocha)**

[...] ao olhar a University Gallaudet, por exemplo, a expressão dela por si só já é poética, doce, sensual há uma mistura, que nos deixa “babando”, feita com perfeição, uma experiência emocionante vê-la sinalizar [...]. **(Carlos Alberto Goes)**

O “encontro” pela experiência visualiterária é o acesso à aprendizagem das mãos literárias, foi simplesmente adquirido de maneira espontânea entre as pessoas surdas nos encontros dentro e fora da escola.

Os festivais são frequentemente citados pelos entrevistados. Paul Scott comenta que, nos festivais de surdos, são filmadas as apresentações de literatura e são exibidas para todos, em produção sempre sinalizada. Os surdos acompanham a programação de poesia, narrativa e outros. Desse modo, há empoderamento de suas identidades surdas e cultura surda.

Surdos brasileiros relatam também suas participações em festivais, eventos e encontros, como forma de construir as suas significações literárias, bem como para transmitir os valores das mãos literárias. Rodrigo Custódio narra sua experiência e participação em festivais, no Festival Brasileiro de Cultura Surda em Porto Alegre, em 2011; no Festival de Folclore Sinalizado, em 2014; e dois eventos com curtas apresentações culturais.

Rimar Segala narra suas experiências visualiterárias, adquiridas em contato com sua família surda e a comunidade surda. Como ele é contador de histórias, da Cia Arte e Silêncio, com canal no YouTube, através do título “Fazenda”, cria histórias (fábulas) sobre diferentes animais⁸⁸, utilizando metáforas com significados implícitos na mensagem.

Silas Queiroz enfatiza as relações de identificação, que as pessoas acabam aprendendo umas com outras, tendo mais afinidade com pessoas que possuam o mesmo perfil artístico.

Então, percebemos que os festivais, eventos e encontros promovem apresentações artísticas dos surdos, capturam visualmente os espectadores. Essas produções das mãos literárias passam a circular e possibilitam o consumo de valores das mãos literárias.

Assim, a partir da construção da experiência visualiterária o sujeito se transforma, a partir das experiências com sua língua, no compartilhamento com a sua comunidade e com o povo surdo, em espaços e tempos que produzem os discursos de arte.

Para finalizar a discussão em torno deste segundo objetivo específico, apresento os impasses e limites das mãos literárias, advindas de barreiras interpretativas e da colonização da língua. Através das análises das entrevistas, são apresentados os limites das mãos literárias:

⁸⁸ Por exemplo, o vídeo no Youtube intitulado “Fazenda: vaca”, com Rimar Segala e Sueli Ramalho, publicado em março de 2011, atualmente com 3.796 visualizações.

- Língua materna: historicamente houve proibição da língua de sinais.
- Escola Tradicional: ênfase na língua falada e colonização.
- Professores com insuficiente proficiência e domínio da língua de sinais.
- Desconhecimento da sua identidade e língua.
- Disciplina da Literatura Surda não havia nas escolas e universidades.

Tais aspectos evidenciam que sem língua e/ou sem acesso à comunicação, não há aprendizagens literárias.

6.1.3 Quebra-mãos: o papel da literatura surda na educação

Nesta última categoria, analiso o objetivo específico: identificar o papel da Literatura Surda na Educação. A maioria dos entrevistados comenta que a Literatura Surda tem papel extremamente importante na Educação, tanto para a comunidade surda e como para a ouvinte.

André Paixão comentou que antes apenas focava na contação de piadas, hoje compreende que existem várias e diversificadas manifestações da Literatura Surda.

A Literatura Surda é riquíssima e extremamente importante, não pode ser ignorada, se for ignorada como os surdos vão interagir e se desenvolver? [...] não pode ser ignorado nem pelos surdos nem pelos ouvintes [...]. (**Liona Paulus**)

Quando há visualiterária, no momento em que nos toca e nos passa, há reconhecimento imediato do que é transmitido, um reconhecimento das experiências. Richard Carter diz “que os surdos quando olham a poesia, se dá um funcionamento específico de entendimento, (...)”. Paul Scott enfatiza que “os surdos de imediato já se reconhecem nas poesias, reconhecem suas histórias”; e André Paixão afirma que “Já na prática ao explicar aos surdos as áreas da literatura surda, eles ficavam surpresos e emocionados, (...)”.

Como analisei anteriormente, o mesmo acontece quando algum estrangeiro conta uma piada ou uma poesia, o sujeito que não conhece a língua se sente sem graça ou não compreende a piada ou o poema, e vice-versa, pois não faz parte da sua cultura. Paul Scott observa que os ouvintes ao verem apresentação em língua de sinais, em geral comentam que a

sinalização é bonita, por usar a língua e o corpo, mas não acompanham o uso de metáforas, entre outros aspectos de coesão e criação artística.

No caso de curso ou disciplina de língua de sinais para ouvintes, como segunda língua (L2), é importante a comunicação em sinais, em articulação com a cultura surda e seus artefatos, onde há mãos literárias. O desconhecimento desta área pode levar a um estranhamento sobre estas produções.

[...] é importante com certeza, também a comunidade surda precisa saber do seu valor e se orgulhar daquilo que possui repassando esse conhecimento a outros. [...]. **(Liona Paulus)**

Richard Carter afirma que ainda é uma área muito nova, com pouca inserção da poesia na comunidade surda, tem um respeito e um entendimento o que é do campo da poesia e da contação de história, das narrativas.

Acredito ser importante o ensino para as crianças de como construir a habilidade de produções das contações e narrativas e se desenvolver nessa área, [...] acredito que na comunidade surda, tanto crianças como adultos, o que mais evidenciamos são contações e narrativas do que experiências com poesia. **(Richard Carter)**

Para a comunidade ouvinte que aprende a língua de sinais como segunda língua, a Literatura Surda tem papel importante. Rimar Segala afirma que para a comunidade ouvinte é importante aprender a língua de sinais como L2, junto com a cultura surda, com a literatura, para se desenvolver a aprendizagem da língua de sinais e da literatura.

Sem LIBRAS fica difícil um ouvinte se emocionar com a literatura surda. (...). **(Shirley Vilhalva)**

No mesmo sentido, Richard Carter diz que as pessoas ouvintes são diferentes, porque são acostumados a lerem as poesias.

Richard Carter comentou sua experiência de apresentação no palco às plateias ouvintes:

Quando assistem a uma poesia visual ficam um pouco atrapalhados. [...] o *feedback* que tive foi uma falta de clareza do que havia sido sinalizado, as pessoas me perguntavam sobre algo que não haviam entendido e só depois de eu explicar novamente é que entendiam do que se tratava. Ou seja, não abstraíam o texto em Língua de Sinais Britânica (BSL). **(Richard Carter)**

É indispensável que os elementos literários estejam presentes dentro do ensino do sistema linguístico. Francisco Rocha afirma que as visualiterárias valorizam os sinais, compartilham e promovem o desenvolvimento. A questão linguística, no curso de língua de

sinais, onde existe disciplina literatura surda, é preciso captar as expressões visuais, que não tem significado associados ao pé da letra. Richard Carter ensina a língua de sinais para ouvintes e comenta:

[...] os ouvintes preferem uma sinalização mais palavra-sinal onde o processo de interpretação mental seja mais fácil e direto, mas para a poesia isso não funciona, é muito diferente. **(Richard Carter)**

Tanto os cursos quanto os artefatos culturais em Literatura Surda são importantes para adquirem as diferentes expressões visuais de forma visualiterária.

(...) também os tradutores e intérpretes precisam ter este conhecimento na comunidade surda para poder interpretar na fala para os ouvintes, então claro que é extremamente importante (...), por exemplo, no Brasil da mesma forma que é importante conhecer Machado de Assis também é fundamental conhecer os autores surdos. **(Liona Paulus)**

Os valores de identificação da diferença das múltiplas literaturas e culturas, tanto na participação social quanto na escola/universidade, se por acaso, fizerem parte desta comunidade, os valores das artes literárias são reconhecidos. André Paixão conta a sua experiência, quando apresentava Literatura Surda aos alunos ouvintes:

[...] eu expliquei sobre as diferentes áreas da Literatura Surda e alguns ouvintes achavam legal esta adaptação já outros não entendiam, outros achavam que era invenção [...] observei essas diferenças de pensamento. **(André Paixão)**

Os discursos da visão clínica, de dominação, de audismo, são problematizados pela invasão da arte na língua, portanto a literatura surda traz provocações, gerando reflexões sobre outros modos de vida dos surdos. Para Rodrigo Custódio:

[...] Repensando o audismo, o pré-conceito ao “falar mal dos surdos” de sua “incapacidade” gerando uma provocação e uma reflexão de como os surdos vivem? Das suas lutas, limitações e angústias, pois diante de toda a alienação dos ouvintes a Literatura Surda veio para mostrar a relação com a realidade que os surdos vivem. E é fundamental mostrar para os ouvintes como os surdos se sentem!

A comunidade surda reconhece e se orgulha, ao transmitir, em forma literária, os seus valores culturais, a sua identificação com a cultura rica em histórias. Silas Queiroz salienta a interação entre dois mundos e a importância de saber dos espaços diferentes e de conhecer as suas culturas. Rodrigo sinaliza sobre a importância do papel da Literatura Surda para a comunidade surda, que contribui para a autoestima, construção da identidade, e como forma de demonstração do potencial de uma história.

Seguindo com as entrevistas e pensando de que modo, na educação, podemos trabalhar a Literatura Surda? Como seria a construção dos métodos das mãos literárias, com ou sem experiência de ensino da literatura?

Primeiramente, formar leitores, ou seja, visualeitor de sua visualiterária. O surdo visualizando, lendo a Literatura Surda. Recomendam que seja adequado aos níveis escolares em contato com as mãos literárias. Shirley Vilhalva e Richard Carter apontam que a educação e as escolas devem conhecer a Literatura Surda, como um espaço para a produção das mãos literárias e no espaço das leituras.

Complemento com a entrevista de Augusto Shallenberger, sobre a questão dos personagens nas histórias em língua de sinais. Afirma que foco é o trabalho com surdos. Lembrou-se da infância que a professora utilizava recursos de personagens da história, em língua de sinais, com atividade performativa, posteriormente trabalhava com o texto escrito, traduzido para a LIBRAS, o contexto e a ação de cada personagem.

Da mesma maneira, Silas Queiroz aponta a importância bilíngue em processo contínuo. Paul Scott conta sua experiência como professor de Literatura Surda para crianças surdas, que lia os textos e sinalizava para eles, pois eles também queriam sinalizar.

Para visualeitor de textos escritos há barreiras interpretativas que não foram trabalhadas na educação escolar. Quando há leituras fragmentadas, surgem os efeitos indesejados dessas leituras, conformam das entrevistas:

[...] enquanto os ouvintes disputavam os livros na biblioteca, os surdos não tinham muito interesse. **(Paul Scott)**

[...] isso é muito complicado porque a estrutura da escrita em português se difere da língua de sinais. **(Carlos Alberto Goes)**

A visualiterária carrega as significações das mãos literárias, que transportam aos olhos interpretativos da comunidade surda. Liona Paulus sugere que quando não há recursos educativos, podemos dar um primeiro passo mostrando um vídeo que possa motivar a produção da literatura e não apenas textos escritos. Rimar Segala sugeriu apresentar aos surdos os recursos como os DVDs do INES, LSBVídeo do Nelson Pimenta e outros. Além disso, podem ser aproveitadas produções disponíveis no YouTube.

Nelson Pimenta afirma que é importante conhecer a literatura em geral, bem como as suas produções e características, pois cada uma tem sua beleza, sem restrições, e possibilitam interações literárias.

Rodrigo Custódio sugere utilizar os recursos didáticos da Literatura Surda (materiais e impressos) para o ensino tanto de surdos quanto de ouvintes em diversos espaços culturais.

Como escrevi na análise anterior, os recursos literários são diferentes, pela modalidade e cultura. Nelson Pimenta afirma que os surdos e ouvintes têm visões diferentes, também existe uma produção espontânea, mas há regras que podem ser passadas para os surdos na escola, de como se faz literatura. Além disso, o curso de Letras/Libras, a disciplina Literatura Surda e as pesquisas que têm sido feitas trazem visibilidade na educação e sociedade e contribuições também para o ensino.

Paul Scott conta sua experiência de acesso aos conhecimentos da escrita de livros, em que repassou a história sinalizada para as crianças surdas, aos poucos elas foram entendendo, se expressando, desenhando a história, construindo bonecos, representando o personagem e outros.

[...] o processo de ler diretamente o livro, não teve sentido, foi preciso traduzir e sinalizar a história para eles pudessem imaginar a história. **(Paul Scott)**

Semelhante ao Carlos Aberto Goes, que era autor do poema e afirmou:

Eu já escrevi um poema, [...] não sei se os surdos leram e quando eu sinalizei o poema não sei se houve interesse. A escrita em português para o surdo não tem o mesmo sabor de uma poesia em língua de sinais, não causa a mesma emoção. Precisa o quê? Colocar na estrutura para que o surdo compreenda englobar fragmentos de outros textos e construir estratégias para transformar numa forma que o surdo compreenda e torne prazeroso para este, emocionando-o, precisa se ter esses elementos, buscar esses recursos e isso não é fácil, mas é necessário. **(Carlos Alberto Goes)**

Quando não há língua, há o desconhecimento da visualiterária, não há expressão das mãos literárias.

[...] aqui na Alemanha a língua de sinais é fraca existe muito a datilologia, então se a língua é fraca consequentemente a Literatura Surda será fraca também [...]. **(Liona Paulus)**

Para fechar as principais ideias deste tópico, o papel da Literatura Surda na Educação é de extrema importância tanto na comunidade surda, assim como na comunidade ouvinte, por proporcionar experiências na Literatura Surda.

Neste sentido, deveria ser prioridade educar as mãos literárias para que as crianças surdas possam absorver sua identificação literária, construindo suas significações em um circuito das mãos, e assim estes circuitos favorecerem novas conexões, fazendo surgir efeitos onde podemos nos aventurar nas viagens da imaginação e reconhecer os valores culturais.

Tanto nos cursos de língua de sinais quanto nas disciplinas de Literatura Surda, penso ser importante saber sobre as experiências visualiterárias na forma de artefatos culturais, múltiplas literaturas e culturas, em discursos visualiterários que mostram os valores históricos, identificações e representações da comunidade surda.

Augusto Schallenberger comenta sobre o acréscimo da Literatura Surda nas escolas e sua importância:

Para mim é a mais importante sobre o uso da literatura nas escolas, e sinto que faltam registros para serem utilizados nestes espaços, como na escola, no teatro, faltam estas produções literárias registradas da literatura surda, para que o surdo possa aprender e a gostar servindo como incentivo para que ele possa também produzir, para que se sintam seguros em se desenvolver na literatura, tanto em associações, comunidades, utilizá-la em diferentes espaços, [...].

Complemento com a entrevista de André Paixão, em comentário sobre autoestima e reconhecimento:

Fazendo um retrocesso na história até os dias de hoje, percebe-se que ampliou e muito o entendimento do que é literatura surda e principalmente ajudou a melhorar a nossa autoestima enquanto surdos por termos esse reconhecimento.

Neste sentido, para as crianças surdas, com a língua de sinais, há possibilidade de ter desejo, de fazer leituras literárias das mãos literárias, como bilíngues. Quando não tem acesso à língua de sinais, não há possibilidade de interpretar/conhecer as mãos literárias. O mesmo ocorre para ouvintes, quando não são fluentes na língua de sinais ou que não a conhecem: fica difícil a compreensão dos sujeitos surdos e de suas mãos literárias.

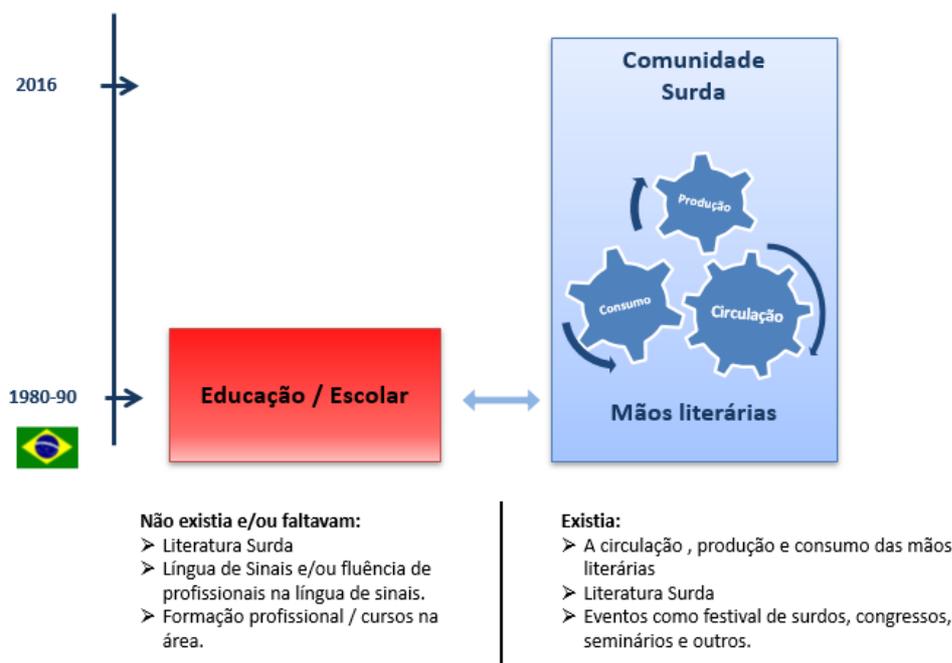
Por fim, a visualiterária traduz a linguagem literária, no espaço interpretativo, se expressa nas mãos literárias, em múltiplas culturas.

6.2 QUEBRA-MÃOS: processo e formação das mãos literárias

Quebras-mãos: considero um processo de formação das mãos literárias. De forma gráfica, apresento um conjunto, uma descrição histórica da educação ocorrida na escola e na comunidade surda, a fim de apresentar as experiências narradas nas entrevistas, sobre os processos e a formação das mãos literárias.

Figura 52 – Educação / Escolar das mãos literárias

Dados das entrevistas



Fonte: o próprio autor

Na Figura 52, as mãos literárias entrevistadas apresentam, de maneira geral, que antigamente não existia a disciplina de Literatura Surda, pela insuficiência de fluentes na língua de sinais e profissionais na área. Não havia formação que pudesse auxiliar. Por outro lado, na comunidade surda havia as visualiterárias de sujeitos surdos, em forma de sinalidade. As mãos literárias circulavam na comunidade surda, em uma engrenagem que auxiliava o consumo dos bens culturais e a formação de surdos em eventos, trazendo assim o conceito de Literatura Surda.

Para os entrevistados, há valorização da Literatura Surda, o reconhecimento das mãos literárias, das experiências e vivências das comunidades surdas brasileiras. Sobre a educação e a Literatura Surda, dizem os entrevistados:

Pensando em um futuro, gostaria de ver a nova geração construindo e elaborando novas experiências, criando novas ações e posteriormente, quando ficar mais velho, poder ver mais e mais pesquisas na área da Literatura Surda e vê-la disseminada. Isso realmente me deixará muito feliz. O importante é que possamos ter diferenciado as questões específicas da literatura ouvinte e da surda, dando oportunidade aos surdos em ter acesso e aprenderem o que é Literatura Surda e desenvolverem suas produções diretamente usando a língua de sinais, sem a necessidade da escrita. Sem desqualificar um ou outro, mas sim, termos tanto a Literatura Surda quanto a ouvinte em um mesmo nível. Isso é que eu espero. **(Paul Scott)**

Literatura Surda deverá ser uma disciplina para que os professores da educação infantil possam conhecer e trabalhar com as crianças. O desconhecimento deixa uma frustração como neste momento estou sentindo por não ter tido oportunidade de receber durante o ensino fundamental a literatura surda ou mesmo uma informação sobre a existência dela. **(Shirley Vilhalva)**

[...] para mim o mais importante de todos é na escola, tanto para o professor surdo quanto para o ouvinte desde que fluentes em Libras possam utilizar estes recursos no ensino dos surdos embora saibam das dificuldades que enfrentamos, e espero que no momento em que tivermos mais registros e mais publicações da Literatura Surda, que seja então usada nesses espaços, pois é extremamente importante a Literatura Surda para mim. Obrigado. **(Augusto Schallenberger)**

Carlos Aberto Goes afirma, em sua entrevista, que os surdos não receberam educação escolar sobre Literatura Surda, de como produzir e expressar literatura:

Cerca de 80% dos surdos não se emocionam com as poesias porque não aprenderam na escola literatura e é necessário o ensino da literatura nas escolas, escrever a literatura é importante, refletindo os assuntos na maioria das vezes são fofocas, assuntos diversos e isso é culpa dos surdos? Não, a culpa é da escola, da má educação [...]. **(Carlos Alberto Goes)**

As entrevistas abaixo relatam o desejo de que as mãos literárias sejam registradas, para que se guarde no patrimônio da Literatura Surda, e que se ampliem os pesquisadores na área de Literatura Surda, para difundir no espaço social e educacional.

Literatura Surda é rica e de extrema importância e as pesquisas precisam continuar e o que eu queria dentro da linguística pesquisar são os gêneros literários e temos aqui uma carência muito grande de registros quanto a isso, por isso por favor que as pesquisas continuem para que possamos ter mais material registrado a respeito. **(Liona Paulus)**

[...] é importante este registro e isso é importante para o futuro é o que eu queria que houvesse mais registros mais produções nesse sentido e assim adaptar para o teatro apresentando para outras pessoas. **(Carlos Abertos Goes)**

A mensagem que deixo para vocês refletirem quanto à Literatura Surda é que precisamos de mais poesias em Libras e precisam ser filmadas para que posteriormente sejam publicadas auxiliando outros a aprenderem das poesias, para que a comunidade surda possa se desenvolver [...]. **(Rodrigo Custódio)**

As experiências das mãos literárias precisam ser registradas, as mãos populares e narrativas, que acontecem no circuito literário, assim como em outros momentos improvisados das mãos literárias que jamais imaginamos, o momento espontâneo no espaço que pode acarretar significados literários, pelas obras dos sujeitos surdos.

Minha experiência observada ao frequentar a comunidade surda que percebo que a maioria das expressões é inventada no momento sem ter um script disso no papel como acontece na comunidade ouvinte, é muito improvisado na comunidade surda, e ao visualizar uma narrativa tenho vontade de registrar naquele momento, mas então se perde porque foi muito rápido e não programada, então fico até triste com isso, um momento rico e engraçado que se perde, pois foi espontâneo e improvisado. **(Liona Paulus)**

Segundo a entrevista de Rodrigo Custódio, ele argumenta que devemos filmar em qualquer momento e espaço. Esses registros poderão futuramente ser publicados como ferramenta de estudo e material didático, ampliando ainda mais o arsenal bibliográfico da Literatura Surda:

[...] um momento que me emocionou muito foi quando a Profa. Ronice Quadros e isso já faz algum tempo em que um rapaz surdo apresentou uma poesia pura em Língua de Sinais o qual foi lindo e muito emocionante, mas que ela infelizmente não havia conseguido registrar porque não havia uma filmadora disponível no momento e foi uma poesia linda emocionante que não temos como reproduzi-la novamente e isso me fez refletir na importância dos registros [...]. **(Rodrigo Custódio)**

O avanço da tecnologia como a possibilidade de “filmar/vídeo”, tem favorecido nossos próprios olhos. Pela visualiterária, podemos ver o espaço sinalizado de forma estética, a forma de produzir os significados em arte de sinalizar. Segundo Carolina Silveira (2015, p. 16), “uso de registros visuais, como as fotos e filmagens, que funcionavam como importante patrimônio histórico-cultural das comunidades surdas”.

Rodrigo Custódio afirma que no momento de avanço tecnológico, seria fácil o acesso a filmagens, podendo os registros depois de publicados servirem de ferramenta de estudos. Caso isso não ocorra, existiria o risco de perda da cultura:

[...] ser publicado como ferramenta de estudo e material didático ampliando ainda mais o arsenal bibliográfico da Literatura Surda para que mais e mais pesquisadores possam usá-los e torná-los por isso fazer sempre registro para que isso não se perca, porque se não for registrado a Cultura Surda poderá se perder, e se houver mais registros a Literatura Surda ampliar, para mim essa é a questão fundamental. **(Rodrigo Custódio)**

Nesse sentido, o patrimônio histórico-cultural é uma ferramenta que produz os significados de sentir orgulho em seus territórios e valorizar a cultura, como patrimônio das mãos literárias. A visualiterária traduz a intextualidade e acrescenta os significados estéticos, construindo a chance de novas sinalizações, significados, neologismos, nas artes de sinalizar, transmitido a experiência das mãos literárias.

Francisco Rocha argumenta que através das produções literárias pela visualiterária pode-se produzir algo a mais:

É quase impossível de descrever a importância para os surdos a respeito da Literatura Surda que se manifesta nas piadas, nas poesias, que ao serem produzidas estimulam ao dobro a produção em LIBRAS para adultos e também crianças porque através das produções literárias em LIBRAS podemos filosofar, fico imaginando até mesmo um filme feito por surdos e só de surdos o quanto iria desenvolver nos surdos a escrita, a produção literária e isso é de extremo valor para o desenvolvimento das crianças surdas que para mim é o mais importante na valorização da Língua de Sinais. **(Francisco Rocha)**

As mãos literárias são um processo de identificação e construção da experiência de ser surdo. Cada geração das mãos literárias é em um processo, não se encerra, mas permanece em formação, no prazer das visualiterária que produzem uma paixão. Os efeitos da paixão das mãos literárias é representando como patrimônio da Literatura Surda.

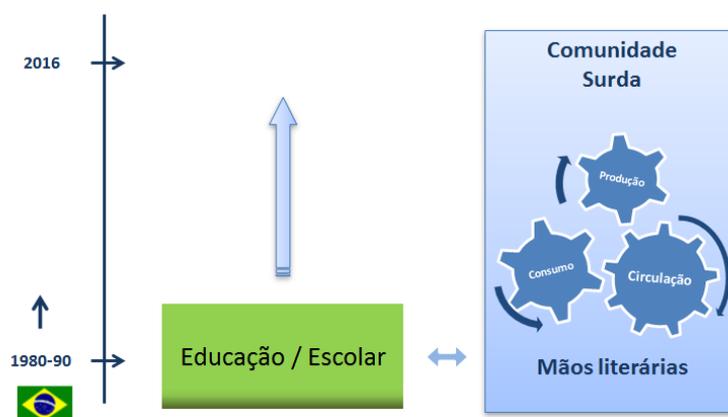
Quando há uma experiência que nos toca, que nos acontece, há uma paixão que não pode se deixada para trás, onde foram derrubados e tombados, alcançam os efeitos de transformar em uma produção dramática para os espectadores, para que percebam o que há por trás das barreiras das mãos literárias, como Carlos Alberto Goes produziu em sua história:

Eu já produzi uma história com fragmentos de situações vivenciadas por surdos, do processo educacional e já apresentei fazendo com que outros se emocionassem porque tratava da proibição da Língua de Sinais, de uma família que proibia e outra família que permitia eu produzi um texto assim e tenho guardado. O título é o “Suicídio” que motivou a plateia a lutar mais ainda pelo direito a Língua de Sinais e isto não foi de agora, mas já faz bastante tempo até que surgiu a legalização da LIBRAS até os dias de hoje. **(Carlos Alberto Goes)**

Por outro lado, a honra dos sujeitos surdos, que foi transmitida na sinalidade, as raízes surdas entre os laços dos territórios, ensinam e transmitem a riqueza das mãos literárias, existindo os méritos e honras que foram feitas nas obras dos sujeitos surdos.

Recentemente, em 2013, Richard Carter contou que recebeu convite para os festejos do aniversário de 66 anos de casamento da Rainha Elizabeth II, na Inglaterra. Foram convidadas trezentas pessoas, entre ouvintes, cegos, cadeirantes, pessoas com Síndrome de Down, incluindo Richard pelo reconhecimento da sua produção poética, pois assim queriam agradecê-los pelo trabalho. Foram escolhidos cinco poetas reconhecidos por suas produções, incluindo uma poesia em BSL de Richard Carter, o primeiro poeta surdo na história do país.

Figura 53 – Crescente de Educação/Escolar das mãos literárias



- Acadêmicos e pesquisadores publicados os artigos, dissertações e teses na área de Literatura Surda.
- Lei de LIBRAS: Lei nº 10.436/2002 e Decreto nº 5.626/2005.
- Curso de Letras/Libras, e formação...
- Obras de impressos, materiais digitais, redes sociais...

Fonte: o próprio autor.

Ao finalizar esta parte, Silas Queiroz tem um depoimento em forma de poesias e fatos.

A minha opinião, de maneira simples, da mesma forma como ocorre no processo de semear uma flor aonde ela vai desabrochando e mostrando suas variadas cores, onde ninguém as escolheu, pois elas se desenvolveram por si só, essa flor não ouviu de ninguém quais cores usar para dar o seu colorido, no entanto ela é linda! Manifestando a sua capacidade nata em fazer viver a Arte e isso se manifesta em diferentes flores por isso que uma imensidão de pessoas amam as flores, metaforicamente falando é semelhante a Libras, em que a luz do sol penetra fazendo com que automaticamente se desenvolva a comunicação mesmo quando o sol se põe e a luz se apaga permanecem vivas as informações transmitidas como poesia em um processo contínuo de interação de um com o outro, a importância que a Libras tem na comunicação dos surdos é semelhante à água para o crescimento de uma flor, pois e essa luz se acaba, se não há comunicação em Libras para esses não há vida. Por isso você fique atento em manter viva essa flor, esse conhecimento em Libras pesquisando sempre o que acontece no mundo, com isso ganhará um aprendizado e um desenvolvimento cognitivo de maneira perfeita e maravilhosa. Amo vocês! **(Silas Queiroz)**

Semear uma flor é como mãos literárias, as raízes são como a constituição da experiência, os fatos em um processo constante da arte de sinalizar, que transformam em experiências das mãos literárias.

CONCLUÍDO? NÃO! MÃOS LITERÁRIAS, UM PROCESSO SEM FIM!

A visualiterária e as mãos literárias passam de mãos em mãos e de olhos em olhos e transformam assim as cargas culturais, energizando a potência de luzes na morada da Literatura Surda. Sem visualiterária, não há ou não se pode expressar a arte de sinalizar.

A literatura tem mil portas, conceitos, mil em um, você escolhe uma porta da arte de sinalizar e palavra, como forma de criar e recriar, expressar vários sentidos da arte literária, onde se encontra a imaginação e subjetiva o prazer estético.

As mãos literárias são carregadas das experiências que acarretam um circuito da cultura, das produções históricas, culturais e linguísticas. Nesse sentido, existem muitos destaques nas experiências das mãos literárias, pela produção em língua de sinais pelos sujeitos surdos, sinalidade, produzindo os registros na visualiterária.

Literatura Surda não é encerrada como forma de artefato; é um processo das mãos literárias e visualiterárias, um processo de experiência que produz os significados em arte de sinalizar. Experiência esta relacionada às teorizações de Paddy Ladd e Jorge Larossa, experiência que traduz o processo da Literatura Surda.

Nesta circulação das mãos literárias são produzidos significados pela visualiterária para encaminhar processos da Literatura Surda, em forma de circuito da constituição da literatura e circuito da cultura. Literatura Surda é um processo, é inerente na constituição de experiências da arte de sinalizar.

Percebi que cada vez mais há produções na casa da Literatura Surda. Conforme os pesquisadores e autores surdos, é possível que haja mais produção literária pela comunidade surda, mas essas mãos literárias não foram registradas, são produções visualiterárias, que circulam e são consumidas no meio do povo surdo, para todos são riquezas culturais da Literatura Surda.

Para os entrevistados, há valorização da Literatura Surda, o reconhecimento das mãos literárias para a subjetivação das experiências e vivências das comunidades surdas brasileiras. Dessa forma, podemos ampliar e distribuir os conhecimentos das mãos literárias nas escolas e universidades, transmitir para a sociedade esses valores, para que seja reconhecida a riqueza cultural da Literatura Surda.

A sinalidade acarreta na produção de significados das mãos literárias. As mãos sinalizantes das entrevistas apresentaram um processo de significados no espaço, práticas cotidianas, transmitida pela visualiterária produzindo as mãos literárias, com as características

das experiências em suas histórias, narrativas, humor, crônica e outros gêneros literários que se transformam, permanecem e/ou se modificam nas versões, em um círculo da mão popular. De acordo com Karnopp e Pokorski (2015, p. 358),

Através das histórias que são contadas e que circulam em comunidades surdas, é possível registrar a memória dessa comunidade, testemunhar suas práticas cotidianas e os significados partilhados sobre as experiências de ser surdo através de narrativas sinalizadas.

Os sinalizantes das entrevistas, na maioria, desconheciam o significado de Literatura Surda no espaço social e educacional, por razões de insuficiência de profissionais fluentes em língua de sinais nas escolas e/ou falta de profissionais na área. Enquanto isso, historicamente, a escola de colonização da língua é constituída de “discursos dominantes” (SKLIAR, 2013). Com essa situação, há barreiras interpretativas pela língua colonizada: entre os surdos existia a utilização da língua de sinais no espaço de “discursos escondidos”, em todas as gerações que transmitem a visualidade e mãos no circuito literário, das mãos literárias, sem perceber em si mesmo as significações da Literatura Surda.

A representação da Literatura Surda, conforme os entrevistados, é produzida por surdos, identificando-a na arte de sinalizar. Os efeitos estéticos estão ligados à visualidade, pela visualiterária com características da identidade surda por meio da comunidade surda, a tradição do povo surdo, construindo a sua história, língua e cultura. A segunda característica linguística da Literatura Surda é que a língua de sinais transforma-se em círculo das mãos literárias, que traduzem interpretações literárias das suas experiências visuais. Nesse caso, temos diferentes tipos de obras e gêneros das mãos literárias.

Por sua vez, a representação da Literatura em língua de sinais está vinculada à Literatura Surda, tem foco nessa língua, por questões linguísticas, pode ser produzida por surdos e/ou ouvintes usuários da língua de sinais, tal como aspectos linguísticos produzidos por surdos, sendo “artefato cultural linguístico”, segundo os entrevistados.

Sobre a formação literária dos surdos, identificamos que a construção da experiência visualiterária ocorre a partir do uso de sua língua, em espaços que carregam experiências de compartilhamentos com a sua comunidade surda e com o povo surdo, pelas obras de artistas e em contação dos sujeitos surdos. Tais experiências foram sendo absorvidas pela sua identificação cultural, resultando na construção das mãos literárias. Os entrevistados citam muitas influências na formação literária, tais como a imersão na língua de sinais e na comunidade surda, o contato com artistas surdos e com o patrimônio cultural de diferentes

comunidades surdas (como poemas, piadas, narrativas, entre outros), o contato com obras que circulam em livros, cinemas e televisão com forte informação visual. Destacam também que a circulação espontânea das mãos literárias sempre ocorreu entre os surdos, no entanto não era nomeada como Literatura Surda – expressão recente entre os surdos. Outros fatores influentes destacados pelos entrevistados foi a realização de oficinas, participação em congressos, eventos e festivais que faziam circular a visualiterária tanto em apresentações artísticas quanto em palestras vinculadas ao tema. Os entrevistados do Brasil que haviam cursado a disciplina de Literatura Surda no curso de graduação em Letras-Libras destacaram que conhecimentos específicos sobre esse tema foram compartilhados nessa disciplina.

O relato de surdos brasileiros é semelhante ao relato de surdos da Inglaterra, pois sempre se encontram os pares surdos, entre as rodas das mãos literárias, posteriormente, professores na área de Literatura Surda passou para eles. Enquanto a surda alemã relata o mesmo que outros entrevistados das mãos literárias, utilizava sem perceber em si significações, afirmou que quando estudava no curso de Linguística, Letras/Português, descobriu que a comunidade surda se relacionava com a Literatura Surda, mas nas escolas não tinham a disciplina de Literatura Surda.

Outro aspecto destacado foi que, ao longo dos anos, conseguiram perceber o valor da Literatura Surda em diferentes processos de educação, como oficinas, cursos específicos da Literatura Surda, reconhecendo os valores e significações do patrimônio da herança que é a Literatura Surda para a comunidade surda.

Por último, como resultado dos sinalizantes das entrevistas, o papel da Literatura Surda é importante em vários aspectos culturais, sociais e educacionais. Deveria ser distribuído no espaço social e educacional, principalmente para as crianças surdas, que reconhecem as viagens imaginárias e aventuras das personagens surdas, narrativas surdas, humor surdo, poesia surda e outras mãos literárias. A literatura surda tem o papel de fortalecer a comunidade surda, a língua de sinais e repassar para as gerações seguintes os valores de ser surdo. Além disso, tem o papel de dar visibilidade à cultura surda.

As mãos literárias recebem, com destaque, mérito e honra, uma medalha/broche, pelo reconhecimento do papel da Literatura Surda. Literatura Surda é arte de sinalizar, é um caminho para expressar as mãos literárias, despertar a visualiterária, reativando a construção de significados, a estética; enfim, a arte. Possibilita ver o ser e a cultura surda ao leitor e espectador.

A pátria das mãos está em territórios estrangeiros, ao conviver em meio às comunidades ouvintes. Dessa forma, iniciam as pequenas negociações das mãos, na educação

e na política, que acabam sendo aceitas como um passo de cada vez, lento ou rápido, dependendo da situação, das próprias negociações e dos jogos entre poderes, culturas e línguas. Percebemos que os sujeitos surdos se envolvem na construção e no reconhecimento dos valores presentes nas fronteiras culturais. Os surdos compartilham as artes e as literaturas tornando-se sujeitos biculturais e bilíngues. A Literatura Surda se transforma em uma bandeira nos processos políticos e de luta por uma educação bilíngue, na medida em que os sujeitos surdos percebem e reconhecem a existência de artes surdas e mãos literárias. Nesse sentido, é necessário transitar em fronteiras culturais e transmitir as informações e os valores das artes surdas e mãos literárias.

Finalizo com as palavras de Karnopp (2005, p. 232) sobre os anseios da comunidade surda na atualidade. Ela diz que os surdos “não rejeitam a sociedade ouvinte, mas se consideram diferentes. O desejo de estar junto é a força da vida em comunidade e a força de sua língua, de sua diferença”. Somos surdos brasileiros, somos amigos da língua portuguesa e da literatura brasileira, mas temos a nossa morada na Arte de Sinalizar Brasileira, a Literatura Surda Brasileira.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.
- ANDREIS-WITKOSKI, Sílvia; SANTOS, Rosani Suzin. **Ser Surda, história de uma vida para muitas vidas** – Curitiba, PR: Juruá Editora, 2013.
- AZEVEDO, Ricardo. **Conto popular, literatura e formação de leitores**. Revista Releitura, Belo Horizonte. n. 21, p. 79-187, abr. 2007. Disponível em: <http://www.ricardoazevedo.com.br/Artigo13Contos.htm#_ftn1>. Acesso em: 20 maio 2016.
- BAHAN, Benjamin. **Face-to-face Tradition in the American Deaf Community. Dynamics of the Teller, the Tale and the Audience**. In: H-Dirksen L. Bauman, Jennifer L. Nelson, and Heidi M. Rose. *Signing the Body Poetic: Essays on American Sign Language Literature*. UNIVERSIDADE OF CALIFORNIA PRESS, 2006.
- BAUMAN, H-Dirksen L. **Getting-out of Line: Toward a Visual and Cinematic Poetics of ASL**. In: BAUMAN, H-Dirksen L. NELSON, Jennifer. L.; ROSE, Heidi M. *Signing the Body Poetic: Essays on American Sign Language Literature*. 1. ed. Los Angeles: UC PRESS, 2006, cap. 5, p. 95-117.
- BRINAS, Maria. **Língua e Cultura do Brasil. Presença em Cuba**. In: REVISTA X – vol. 2, 2006. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/revistax/article/viewFile/5866/5226>>. Acesso em: 28 set. 2016.
- CAMPELLO, Ana Regina e Souza.; REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira. **Em defesa de educação bilíngue para surdos: a história de lutas do movimento surdo brasileiro**. Educar em Revista (Impresso), v. 2/2014, p. 71-92, 2014.
- CANLAS, Loida. **Laurent Clerc: Apostle to the Deaf People of the New World**, Laurent Clerc National Deaf Education Center, Gallaudet University, 2006. Disponível em: <<https://www.gallaudet.edu/clerc-center/info-to-go/deaf-culture/laurent-clerc.html>>. Acesso em: 25 maio 2016.
- CASTRO, Nelson. **Seis Fábulas de Esopo em LSB – Libras**. Livro digital em DVD volume 1. LSBvídeo, 2013.
- _____. **Literatura em LSB**, vol.1, digital em DVD, LSBvídeo, Rio de Janeiro, 1999;
- _____. **Aspectos imagéticos da linguagem cinematográfica e da língua de sinais na tradução de fábulas para Libras**. In. QUADROS, Ronice; STUMPF, Marianne; LEITE, Tarcício (org.), *Série Estudos de Língua de Sinais*. Florianópolis: Insular, 2013.
- COLLODI, Carlos. **Português - Volume III - As aventuras de Pinóquio**. Tradutor para LIBRAS: Ana Regina Campello e Nelson Pimenta. Petrópolis/RJ. Arara Azul, 2003.

COSTA, Marisa Vorraber. **Uma agenda para jovens pesquisadores**. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.) Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

DENZIN, Norman K; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DINIZ, Heloise Gripp. **A História da Língua de Sinais dos Surdos Brasileiros: um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais da Libras**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2011.

DIZEU, Liliane & CAPORALI, Sueli. **A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito**, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a14v2691.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2016.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2010. - (Coleção como usar na sala de aula).

FARIA-NASCIMENTO, Sandra Patrícia. **Ao pé da letra, não! Mitos que permeiam o ensino da leitura para surdos**. In: Ronice Müller de Quadros. (Org.). Estudos Surdos I. Petrópolis - RJ: Editora Arara Azul, 2006.

FELIPE, Tanya. **A relação sintático-semântica dos verbos e seus argumentos na LIBRAS**. Tese de doutorado. UFRJ. Rio de Janeiro, 1998.

FENEIS. **Revista da Feneis**. Publicação trimestral da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, n. 40, jun./ago. 2010a. (ISSN 1981-4615).

_____. **Revista da Feneis**. Publicação trimestral da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, n. 41, set./nov. 2010b. (ISSN 1981-4615).

_____. **Revista da Feneis**. Publicação trimestral da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, n. 44, jun./ago. 2011. (ISSN 1981-4615).

Festival Internazionale Degli Artisti de Strada Sordi. Genere: Documentario culturale. Itália: DeafMedia, 2007. 1 DVD (42MIN), Color.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GERA MUNDOS – APRENDER. TV INES: Acessível Sempre. Rio de Janeiro-RJ, 2016. 21'48". Color. Disponível em: <<http://tvines.com.br/?p=12244>>. Acesso em: 16 abr. 2016.

GOMES, Anie. **O que significa essa tal “cultura surda”?**. In: GOMES, Anie Pereira Goularte; HEINZELMANN, Renata Ohlson. Cadernos Conecta Libras 1. 1. ed. Petrópolis: Editora Arara Azul LTDA, 2015.

GUARINELLO, A. C. **O papel do outro na escrita de sujeitos surdos**. São Paulo: Plexus, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª ed., 1. Reimp. - Rio de Janeiro: DP &A. 2011.

_____. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo.** Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 22, nº2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

JOKINEN, Markku. **Os utilizadores de Língua Gestual e a Comunidade Surda.** In: BISPO, Maria; COUTO, André; CLARA, Luís; CLARA, Maria do Céu; O Gesto e a Palavra I. Editorial Caminho, SA, Lisboa, 2006.

JULLIAN, Christian. **Génesis de la comunidad silente en México. La Escuela Nacional de Sordomudos (1867 a 1886).** Tesis de Licenciatura, México, Facultad de Filosofía y Letras/Universidad Nacional Autónoma de México, 2001.

JUNG, Ana Paula. **Movimentos sociais no protagonismo político: a Comunidade Surda Brasileira e sua luta por reconhecimento e efetivação de direitos.** – Santa Maria, 2011. 30f. Artigo Científico para Conclusão do Curso de Especialização em Gestão Pública – modalidade EAD da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Centro de Ciências Sociais e Humanas - Polo de Picada Café. Santa Maria, 2011.

KARNOPP, L. B. **Aquisição do Parâmetro Configuração de Mão dos Sinais da LIBRAS: Estudo sobre quatro crianças surdas filhas de pais surdos.** Dissertação de Mestrado. Instituto de Letras e Artes. PUCRS. Porto Alegre, 1994.

_____. **Aquisição fonológica na Língua Brasileira de Sinais: Estudo longitudinal de uma criança surda.** Tese de Doutorado. PUCRS. Porto Alegre, 1999.

_____. **Diálogos traduzidos: leitura e escrita em comunidades de surdos.** In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (org.) *Cultura, poder e educação – um debate sobre Estudos Culturais em Educação.* Canoas: Ed. Da Ulbra, 2005.

_____. **Produções culturais de surdos: análise da literatura surda.** In: VIEIRA-MACHADO, Lucyenne; LOPES, Maura (orgs.) *Educação de Surdos: políticas, língua de sinais, comunidade e cultura surda.* 1 ed., Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010.

_____. **Literatura Surda.** Literatura, Letramento e Práticas Educacionais Grupo de Estudos e Subjetividade. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, p.98-109, jun. 2006.

KARNOPP, Lodenir; MACHADO, Rodrigo N. **Literatura Surda: ver histórias em línguas de sinais.** Anais do 2º. Seminário Brasileiro de Estudos Culturais em Educação – 2SBECE. Canoas: ULBRA, 2006. CD-ROM.

KARNOPP, Lodenir; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise. **Produção, circulação e consumo da cultura surda brasileira.** In: KARNOPP, Lodenir; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise (orgs.). *Cultura Surda na Contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações.* Canoas: Ed. ULBRA, 2011.

KARNOPP, Lodenir; POKORSKI, Juliana. **REPRESENTAÇÕES NA LITERATURA SURDA SOBRE MODOS DE SER SURDO.** Educação e Filosofia Uberlândia, v. 29, n. especial, p. 355 - 373, 2015. ISSN 0102-6801.

KLAMT, Marilyn Mafra ; MACHADO, Fernanda de Araújo ; QUADROS, Ronice Muller de. **Simetria e ritmo na poesia em língua de sinais**. In: Ronice Müller de Quadros, Markus Weininger. (Org.). Estudos da língua brasileira de sinais III. 3ed. Florianópolis: Editora Insular, 2014.

KLEIN, Madalena e ROSA, Fabiano. **O que sinalizam os professores surdos sobre literatura surda em livros digitais**. In: KARNOPP, Lodenir; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise (orgs.). Cultura Surda na Contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações. Canoas: Ed. ULBRA, 2011.

LABORIT, Emmanuelle. **O Grito da Gaivota**. (4ª Edição). Lisboa: Editora Caminho, 2003.

LANE, Harlan. **A Máscara da Benevolência**. A comunidade surda amordaçada. Lisboa: Horizontes Pedagógicos, 1995.

_____. **When de mind hears. A history of the deaf**. New York, Random House, 1984.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19, pp 20-28. ISSN 1413-2478. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>>. Acesso em: 03 mar. 2015.

_____. **Tremores: escritos sobre experiência**. Tradução Cristina Antunes, João Wanderley. 1 ed. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

_____. **Conversa com Jorge Larrosa**. 29ª Bienal. Em nome dos artistas, 2010. Revista eletrônica, disponível em: <<http://www.emnomedosartistas.org.br/FBSP/pt/29Bienal/Canal29/Paginas/Noticia.aspx?not=37>> . Acesso em: 16 jan. 2016.

LEBEDEFF, Tatiana. **Impressões de Viagens: a cultura surda na Pennsylvania School for the Deaf**. In: KARNOPP, Lodenir; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise (orgs.). Cultura Surda na Contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações. Canoas: Ed. ULBRA, 2011.

LERCH, Dominique. **Séparer, intégrer, inclure. Enfants handicapés à l'école**. In: Ethnologie française, 2009/3 (Vol. 39), p. 443-451.

LOPES, Maura C. **Surdez & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LOPES, Maura Corcini & VEIGA-NETO, Alfredo. **Marcadores culturais surdos**. In: VIEIRAMACHADO, Lucienne Matos da Costa & LOPES, Maura Corcini. Educação de Surdos: políticas, Língua de Sinais, comunidade e cultura surda. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010. p. 116 – 137. 1ª ed.

LUCAS, Regiane. **Surdos no Planalto: quatro mil pessoas e uma agenda política intensa foram suficientes para que o centro nervoso do poder voltasse a atenção para a principal demanda dos surdos: a escola bilíngue**. Revista da Feneis. Publicação trimestral da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, n. 44, jun./ago. 2011. (ISSN 1981-4615).

MACHADO, Fernanda de Araujo. **Simetria na poética visual na língua de sinais brasileira**. Dissertação na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2013.

MAGNANI, José. **VAI TER MÚSICA: para uma antropologia das festas juninas de surdos na cidade de São Paulo**. In: Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP. Ano 1, Versão 1.0, 2007. Disponível em: <<http://pontourbe.revues.org/1239>>. Acesso em: 05 jun. 2014.

Manifestação em Brasília - 2011. Cláudio Mourão, 2011. 3`48`. Color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6CMZylPrnWM>>. Acesso em: 13 jun. 2016.

MEGALE, Antonieta Heyden. **Bilingüismo e educação bilíngüe – discutindo conceitos**. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL. V. 3, n. 5, agosto de 2005. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

MEGIAS, Nicolas Jr. **Movie of Deaf – Sourds et Quiproquos**. N° 1, Wanimas-3D, Suíça, 2013.

MILES, M. **DEAF PEOPLE, SIGN LANGUAGE & COMMUNICATION, IN OTTOMAN & MODERN TURKEY: Observations and Excerpts from 1300 to 2009. From sources in English, French, German, Greek, Italian, Latin and Turkish, with introduction and some annotation**. In. Independent Living Institute (ILI), Library, 2009. Disponível em: <<http://www.independentliving.org/miles200907.html>> Acesso em: 20 maio 2016.

_____. **Signing in the Seraglio: mutes, dwarfs and jestures at the Ottoman Court 1500 - 1700**. In. Independent Living Institute (ILI), Library, 2000. Disponível em: <<http://www.independentliving.org/docs5/mmiles2.html>>. Acesso em: 20 maio 2016.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: poesia e prosa**. – Ed. rev. e atual. – São Paulo: Cultrix, 2012.

MONTEIRO, Myrna. **História dos Movimentos dos Surdos e o Reconhecimento da Libras no Brasil**. In. RELATO DE EXPERIÊNCIA Grupo de Estudos e Subjetividade. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, p.292-302, jun. 2006 – ISSN: 1676-2592.

MORGADO, Marta. **Literatura em Língua Gestual**. In: KARNOPP, Lodenir; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise (orgs.). *Cultura Surda na Contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações*. Canoas: Ed. ULBRA, 2011.

_____. **Literatura Surda Infantil**. In: COELHO, Orquídea. KLEIN, Madalena (Coord.). *Cartografias da Surdez: Comunidades, Línguas, Práticas e Pedagogia*. [et al.] ; colab. Sara Sousa, Cátia Lopes, Francisco Neves. Porto : Livpsic, 2013.

MOTTEZ, Bernard. **Los Banquetes de Sordomudos y el Nacimiento del Movimiento Sordo**. In: GELES, n° 6, ano 5, Babel Editora, 1992.

MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. **Literatura Surda: produções culturais de surdos em Língua de Sinais**. Porto Alegre: UFRGS, 2011. 132 f. Dissertação (mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do

Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000785443&loc=2011&l=b5039a03894fc00b>>. Acesso em: 02 jun. 2016.

_____. **Literatura Surda: produções culturais de surdos em língua de sinais.** In: KARNOPP, Lodenir Becker; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise (Orgs.). *Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações.* Canoas: Editora da ULBRA, 2011.

_____. **Educação de Surdos: retrocedendo para Milão. Será?** In: In: SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO, 4; SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO, 1. Canoas, 2011. Anais Canoas: Editora da Ulbra, 2011. 1 CD-ROM.

_____. **A Fábula da Arca do Noé.** Ilustrações Cathe de León. Porto Alegre: Cassol, 2014.

_____. **Literatura surda: direito de expressar as mãos literárias.** In: Regina Maria de Souza; Leandro Calbente Câmara; Marisol Gosse Bergamo; Lilian Cristine Ribeiro Nascimento; Daniele Silva Rocha. (Org.). *DIREITOS HUMANOS EM QUESTÃO A UNIVERSIDADE PÚBLICA PODE SE FAZER FALAR EM LIBRAS?*. 1ed.Campinas, SP: UNICAMP/FE, 2014, v. , p. 65-75.

MOURÃO, Claudio; KLEIN, Alessandra. **As luvas mágicas do Papai Noel.** Adaptação Cathe de Leon, Léis Cassol; ilustrações Gisele Federissi Barcellos. Porto Alegre: Cassol, 2012.

MOURÃO, Cláudio e POKORSKI, Juliana. **Arte surda: produto e produtora do movimento de resistência política dos surdos.** In: In: SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO, 5; SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO, 2. Canoas, 2013. Anais São Leopoldo: Casa Leiria, 2013. 1 CD-ROM.

MOURÃO, Cláudio; PRESTES, Roger. **Movimento e lutas como marcador da cultura surda: reflexões sobre o processo de participação dos surdos na construção de uma política de educação bilíngue no Brasil.** In: SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO, 5; SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO, 2. Canoas, 2013. Anais São Leopoldo: Casa Leiria, 2013. 1 CD-ROM.

MOURÃO, Cláudio; SILVEIRA, Carolina. **A presença da música e a cultura surda na literatura infantil.** In: SEMINÁRIO DA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL, 5. Florianópolis, 2012. Anais Florianópolis: UFSC; UNISUL, 2012. Disponível em: <<http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/eventos/silij/anais-silij-2012.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2016.

MULLER, Janete Inês. **Marcadores culturais na literatura surda: constituição de significados em produções editoriais surdas.** Porto Alegre, 2012. 175 f, Dissertação de mestrado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2012.

MURRAY, Joseph John. **"One touch of nature makes the whole world kin": the transnational lives of deaf Americans, 1870-1924.**" PhD (Doctor of Philosophy) thesis, University of Iowa, 2007. Disponível em: <<http://ir.uiowa.edu/etd/132>>. Acesso em: 06 jun. 2016.

MUYLAERT, Camila; JR, Vicente Sarubbi; GALLO, Paulo; NETO, Modesto; REIS, Alberto. **Entrevistas Narrativas: um recurso importante na pesquisa qualitativa.** Rev. esc. enferm. USP vol.48 no.spe2 São Paulo dezembro 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v48nspe2/pt_0080-6234-reeusp-48-nspe2-00184.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2016.

NICOLA, José. **Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias.** São Paulo: Scipione, 2011.

PADDEN, Carol; HUMPHRIES, Tom. **Deaf in America: Voices from a Culture.** Cambridge: Harvard University Press, 1988.

PERLIN, Gladis. **Identidades Surdas.** In: Carlos Skliar. (Org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. 6.ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

PERLIN, Gladis. MIRANDA, Wilson. **Tendências: o narrar e a política.** Ponto de Vista, Florianópolis, n. 05, p. 217-226, 2003. Disponível em: <http://www.perspectiva.ufsc.br/pontodevista_05/12_tendencia.pdf>. Acesso em: 21 maio 2012.

PERLIN, Gladis; REIS, Flaviane. **Surdos: cultura e transformação contemporânea.** In: PERLIN, Gladis e STUMPF, Marianne. (Org.). Um olhar sobre nós surdos. CURITIBA: Editora CRV Ltda, 2012.

PERLIN, Gladis; STROBEL, Karin. **Teorias da Educação e Estudos Surdos.** Florianópolis: Coleção Letras Libras no Eixo de Formação Específica, 2009. Disponível em: <http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificada/teoriasDaEducacaoEEstudosSurdos/assets/257/TEXTObaseTeoria_da_Educacao_e_Estudos_Surdos_pronta.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2016.

_____. **História cultural dos surdos: desafio contemporâneo.** Educar em Revista, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 2, p. 17-31. Editora UFPR, 2014.

PETERS, Cynthia L. **Deaf American Literature: from Carnival to Canon.** Washington: Gallaudet University Press, 2000.

POKORSKI, Juliana de Oliveira. **Representações na literatura surda: produção da diferença surda no curso de Letras-Libras.** Porto Alegre, 2014. Dissertação de mestrado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2014.

_____. **O movimento surdo na internet: os discursos circulantes no youtube** - Porto Alegre, 2011. 37f. Trabalho de Conclusão de Especialização – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Pós Graduação em Educação – Lato sensu, Porto Alegre, 2011.

POKORSKI, Juliana, PONTIN, Bianca. **Poesias em língua de sinais: produzindo sentidos sobre o implante coclear**. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO, 6; SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO, 3. Canoas, 2015. Anais Canoas: editora da Ulbra, 2015. Disponível em: <http://www.sbece.com.br/resources/anais/3/1430099042_ARQUIVO_POESIAS_EM_LINGUA_DE_SINAIS_artgp.pdf>. Acesso em: 27 maio 2016.

QUADROS, Ronice. **As categorias vazias pronominais: uma análise alternativa com base na língua de sinais brasileira e reflexos no processo de aquisição**. Dissertação de Mestrado. PUCRS. Porto Alegre, 1995.

_____. **Phrase structure of Brazilian sign language**. Tese de Doutorado. PUCRS. Porto Alegre, 1999.

_____. **Estudos de línguas de sinais: uma entrevista com Ronice Müller de Quadros**. ReVEL, vol. 10, n. 19, 2012 [www.revel.inf.br].

QUADROS, Ronice; SEGALA, Rimar. **Tradução Intermodal, Intersemiótica e Interlinguística de textos escritos em português para a Libras Oral**. In: Cad. Trad., Florianópolis, v. 35, nº especial 2, p. 354-386, jul-dez, 2015. Disponível em: <<file:///C:/Users/MSI/Downloads/41152-140001-1-PB.pdf>>. Acesso em: 06 ago. 2016.

QUADROS, Ronice; SUTTON-SPENCE, Rachel. **Poesia em língua de sinais: traços da identidade surda**. In: QUADROS, Ronice (org.) Estudos Surdos I - série pesquisas. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2006.

RAMOS, Cléria Regina. DEEA Azul - Petrópolis-RJ, Editora Arara Azul, 2006 - iesp-rn.com.br, 2006. Disponível em: <<http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo2.pdf>> Acesso em: 03 out. 2015.

ROCHA, Solange. **O INES e a educação de surdos no Brasil: aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos**. 2. ed. Rio de Janeiro: INES, 2008.

_____. **Memória e História: a indagação de Esmeralda**. Petrópolis-RJ: Editora Arara Azul, 2010.

ROSA, Emiliana. **Identidades surdas: o identificar do surdo na sociedade**. In: Gladis Perlin; Marianne Stumpf. (Org.). Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas. 1ed. Curitiba: CRV, 2012.

ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir. **Patinho Surdo**. Canoas: Editora Ulbra, 2011.

_____. **Adão e Eva**. Canoas: Editora Ulbra, 2011.

SARMENTO, Fátima. **Os surdos no desporto**. In: COELHO, Orquídea. KLEIN, Madalena (Coord.). Cartografias da Surdez: Comunidades, Línguas, Práticas e Pedagogia. [et al.] ; colab. Sara Sousa, Cátia Lopes, Francisco Neves. Porto : Livpsic, 2013.

SCHALLENBERGER, Augusto. **Ciberhumor nas comunidades surdas**. Porto Alegre: UFRGS, 2010. 75 f. Dissertação (mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença**. In: _____. (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SILVEIRA, Carolina Hessel. **Literatura Surda: análise da circulação de piadas clássicas em Língua de Sinais**. Porto Alegre: UFRGS, 2015. 195 f. Tese (doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000979955&loc=2015&l=d4642abf1545a662>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

SILVEIRA, Carolina; ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir Becker. **Cinderela Surda**. Canoas: Editora Ulbra, 2003.

_____. **Rapunzel Surda**. Canoas: Editora Ulbra, 2003.

SILVEIRA, Rosa. **Discurso, escola e cultura: breve roteiro para pensar narrativas que circundam e constituem a educação**. In: Rosa Maria Hessel Silveira. (Org.). *Cultura, poder e educação - um debate sobre Estudos Culturais em Educação*. Canoas: Editora da Ulbra, 2005.

_____. **Contando histórias sobre surdos(as) e surdez**. In: Marisa Vorraber Costa. (Org.). *Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema*. 2a ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

SKLIAR, Carlos. **A localização política da educação bilíngue para surdos**. In: Skliar, C. (org.) *Atualidades da educação bilíngue para surdos: processos e projetos pedagógicos*. Porto Alegre: Ed. Mediação, 1999.

_____. **Um olhar sobre o nosso olhar acerca da surdez e das diferenças**. In: SKLIAR, Carlos (org.). *A Surdez: Um olhar sobre as diferenças*. 6. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2013.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a Cultura Surda**. 2, Ed. rev. - Florianópolis: Editora da UFSC, 2009.

SUTTON-SPENCE, Rachel. **Literatura Surda**. Florianópolis, 11/09/2013. Entrevista concedida a Cláudio Henrique Nunes Mourão.

_____. **The Role of Sign Language Narratives in Developing Identity for Deaf Children**. *Journal of Folklore Research*, Vol. 47, No. 3, September-December 2010. pp. 265-305 | 10.1353/jfr.2010.0014.

SUTTON-SPENCE, Raquel; FELICIO, Márcia; LEITE, Tarcísio; LOPES, Betty; MACHADO, Fernanda; BOLDO, Jaqueline. ; CARVALHO, Daltro. **Os craques da Libras: a importância de um festival de folclore sinalizado**. Revista Sinalizar, v. 1, p. 78-92, 2016.

TAVARES, Hênio. **Teoria Literária**. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Vila Rica, 1996.

THOMA, Adriana da Silva. **O cinema e a flutuação das representações surdas – Que drama se desenrola neste filme? Depende da perspectiva...** 2002. 259f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

VILHALVA, Shirley. **Índios Surdos: Mapeamento da Língua de Sinais de Mato Grosso do Sul**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2012 160p.: Il Cultura e Diversidade.

WILCOX, Sherman & WILCOX, Phyllis Perrin. **Aprender a Ver**. Petrópolis, RJ, Editora Arara Azul, 2005.

WORTMANN, Maria Lúcia; COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa; **Sobre a emergência e a expansão dos Estudos Culturais em educação no Brasil**. In: Educação (Porto Alegre, impresso), v. 38, n. 1, p. 32-48, jan.-abr, 2015.

WRIGLEY, Owen. **The politics of deafness**. Washington: Gallaudet University Press, 1996.

Yúdice, George. **Conveniência da Cultura - Usos da Cultura na Era Global**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

SITES CONSULTADOS:

<http://www.gallaudetheatre.com/>

Eduard Huet - <http://www.cultura-sorda.org/eduard-huet/>

Ferdinand Berthier - <http://www.deafed.net/publisheddocs/sub/970218v.htm>

Historia Deaf: <http://latelierdancone.blogspot.com.br/p/lfs-un-peu-dhistoire.html>

Laurent Clerc - <http://www.usm67.fr/laurent-clerc.html>

Pierre Desloges - <http://gupress.gallaudet.edu/excerpts/DISIfive2.html> /

Pioneiros artistas - <http://www.sorensonvrs.com/aware2010>

http://www.deafandhoh.com/prominent_deaf_people.html

APÊNDICES

APÊNDICE A – Entrevistas em LIBRAS e Sinais Internacionais - SI, em CD

APÊNDICE B – As respostas em português de uma das entrevistadas

Entrevista: Shirley Vilhalva

1- Como você define Literatura Surda?

Em um olhar literário que leve o leitor a ver os SER e a CULTURA surda dentro do que se passa literariamente no visual. A oportunidade que tive como pessoa foi ter encontrado uma conexão de me sentir dentro do personagem envolvido principalmente com os artefatos da cultura surda. Para mim a literatura surda é um divisor entre não sou ouvinte e sim sou surdo e posso ser diferentes personagens quando eu tenho a Libras e dados surdos a meu favor.

2- Qual a diferença da literatura surda e da literatura em sinais?

Não tenho uma resposta para essa questão. Ao pensar em responder pensei primeiramente em arte surda e logo foquei que não era isso a pergunta e me levei para pensar na literatura surda novamente como transpor a uma presença de um personagem surdo nas histórias. Não tenho um estudo sobre literatura em sinais.

3-Quais as marcas (elementos) da literatura surda?

Não sei sobre o assunto. Não consegui elocumbrar.

4- Como você se tornou narrador ou poeta em língua de sinais? Estudou na área literatura ou literatura surda, onde? Ou aprendeu por meio da comunidade surda?

Conheci a literatura surda no curso Letras Libras.

5- Qual o papel da educação na formação de artistas surdos?

Hoje temos que aproveitar a disciplina de produção para que o surdo tenha oportunidade de apresentar a sua arte surda de diversas maneiras.

6- Como ocorreu sua formação literária? Quais poetas ou narradores em língua de sinais que influenciaram sua formação artística/literária? E qual foi a influência da escola, da comunidade surda...?

Não me considero artista na Libras, faço mais uso da língua escrita, escrevo poesia que já foi traduzida por surdos e ouvintes para Libras. Tenho teatro sobre pessoa surda mas não defino artista.

7- Qual o papel da literatura surda na comunidade surda? Qual o papel da literatura surda para os ouvintes?

Sem Libras fica difícil um ouvinte se emocionar com a literatura surda. É preciso viver a essência do prazer surdos de ser e estar dentro da literatura visual invadindo para a arte maior que chega através de diferentes canais de comunicação.

8- De que modo a educação e as escolas de surdos podem trabalhar a literatura surda?

A Educação precisa conhecer a literatura surda para entender que há um fenômeno psicocriativosocial que enriquece o ser surdo num espaço escolar. Porque fenômeno? O Ser surdo até então tem mais ouvinte sendo seu personagem do que surdos artistas e as vezes estes são interiorizados para não ficar vazio sem os diferentes personagens que nos ajuda a estruturar nossa identidade.

9- Explique as características do uso da língua de sinais na produção literária.

Não tenho estudo ou conhecimento do assunto no qual refere. Achei muito interessante, pensei em generos literários e outras coisas, mas nao consigo ver característica por falta de conhecimento.

10- Explique quais são os temas mais frequentes na literatura surda.

Pato surdo ou seja as histórinhas adaptadas de forma que um personagem passa ser surdo.

11- Conte sobre a literatura surda: sobre os festivais, os artistas, as associações e as escolas.

Não me recordo ter participado de festival especificamente de literatura surda. Participei sobre a cultura surda e a literatura surda estava presente.

12- Você gostaria de acrescentar mais algum comentário?

Literatura surda deverá ser uma disciplina para que os professores da educação infantil possa conhecer e trabalhar com as crianças. O desconhecimento deixa um frustamento como neste momento estou sentindo por não ter tido oportunidade de receber durante o ensino fundamental a literatura surda ou mesmo uma informação sobre a existência dela.

APÊNDICE C – As traduções das entrevistas para português escritas

ENTREVISTAS COM BRASILEIROS

ENTREVISTA COM ANDRÉ PAIXÃO

Olá meu nome é André Daniel Paixão, meu sinal é este, onde trabalho? Sou professor de LIBRAS, em qual cidade? Em Bagé na UNIPAMPA, este é o sinal e nasci na cidade de Chapecó em Santa Catarina.

1- Como você define Literatura Surda?

Esta questão se refere ao que é LITERATURA SURDA, ao ver esta pergunta me reportei ao ano de 2004 ou 2002 aproximadamente nesta época, não me recordo bem, onde foi criado o grupo de multiplicadores sendo a Carolina Hessel, o Fabiano Souto os quais fizeram uma adaptação para a LIBRAS, muito interessante e esta foi a única informação que recebi no momento sem me aprofundar mais a respeito, posterior a isso eventualmente eu recebia alguma informação sobre literatura, alguns faziam comédia sobre o assunto, mas foi realmente no curso Letras/Libras que comecei a entender de forma mais clara ao que se referia e conhecer as diversos ramos da literatura como narrativas, poemas, comédia entre outras, em seus diferentes grupos de estudo e então obtive este entendimento.

2- Qual é a diferença entre Literatura Surda e Literatura em Língua de Sinais?

Em relação à Literatura Surda o meu entendimento já relatei na questão anterior, mas esta questão me desconcertou um pouco por isso vou expor a minha opinião, a reflexão que fiz a respeito, ao pensar na LIBRAS como ferramenta de comunicação social ela flui naturalmente em uma conversação espontânea. Já para o ouvinte que não sabe LIBRAS então há a dificuldade que pode haver uma tradução tanto do que está sinalizado em LIBRAS quanto na comunicação gestual.

3- Quais são influências/marcas (elementos) da Literatura Surda?

A respeito da Literatura Surda é importante termos o entendimento do SER SURDO porque a minha identidade surda é representada na Literatura Surda, a terminologia literatura “SURDA” é fundamental, pois identifica toda uma geração de surdos através de um modelo e torna-se uma representação de mim mesmo.

4- Como você se tornou autor ou poeta em língua de sinais? Estudou na área de literatura ou Literatura Surda? Onde? Ou aprendeu por meio da comunidade surda?

Me remete há um tempo em que eu tinha entre 08 e 09 anos de idade e não existia a Literatura Surda mas a comunidade surda já possuía manifestações de literatura através da contação de poemas, piadas que foram contadas pelo meu tio surdo, na minha família havia o meu tio surdo meu irmão ouvinte e meu pai surdo que utilizava muitos classificadores ao contar uma piada e com o tempo isto foi se tornando natural para mim que fui melhorando as piadas, acrescentando informações e isto me fez refletir neste processo como um todo, a pegar por exemplo a história dos três porquinhos escrita por ouvintes ao ter contato com a história e construir a história com diálogos em LIBRAS para adaptá-la a nossa realidade.

5- Qual é o papel da educação na formação de artistas surdos?

Eu não tive este auxílio através da escola não foi através da televisão, dos programas de televisão, como o CHAVES que vocês conhecem, também o PICA-PAU, mas não era nos

diálogos e sim nas expressões e nas imagens que construía minha percepção do que estava sendo transmitido. Também o CHAPLIM contribuíram na minha evolução para a contação de piadas e todos achavam muito engraçado e até me incentivavam de que eu deveria ser ator, me incentivavam e me parabenizavam por isso e eu me sentia muito bem.

6- Como ocorreu sua formação literária? Que poetas ou narradores em língua de sinais influenciaram sua formação artística/literária? E qual foi a influência da escola, da comunidade surda?

Todos, não! Me lembro, primeira família me influenciaram apenas meu irmão ouvinte, meu tio surdo e meu pai surdo foram responsáveis pelo meu primeiro contato com a comédia e posteriormente no ciclo de amizades na escola que ainda não havia literatura surda, até um dia que eu soube de poesias contadas em LIBRAS aqui em Porto Alegre e começou depois ser divulgado e para mim foi uma novidade, pois não era do meu conhecimento, pois eu era apenas contador de piadas. Até que assisti a algumas apresentações como do Ator Silas do grupo do Nelson Pimenta nas primeiras apresentações realizadas há muito tempo atrás e que foi se espalhando intensamente.

7- Qual é o papel da Literatura Surda na comunidade surda? Qual é o papel da Literatura Surda para os ouvintes?

Antes eu apenas focava na contação de piadas, mas hoje compreendo que existem várias manifestações diversificadas da literatura surda sendo separadas por área e isto é extremamente importante. Na minha prática docente me recordo quando trabalhei como professor substituto da UFRGS e estava ensinando a respeito da Literatura Surda aos alunos ouvintes e eu expliquei sobre as diferentes áreas da literatura surda e alguns ouvintes achavam legal esta adaptação já outros não entendiam, outros achavam que era invenção e nesta aula havia a presença do Intérprete de LIBRAS mediando a minha aula e observei estas diferenças de pensamento. Já na prática com surdos ao explicar a estes as áreas da literatura surda eles ficavam surpresos e emocionados, pois se identificavam com esta explicação que fazia parte da realidade deles, foi esta a comparação entre ouvintes e surdos em relação a Literatura Surda.

8- De que modo a educação e as escolas de surdos podem trabalhar a Literatura Surda?

Em escola de surdos eu nunca trabalhei apenas recebia convites de escolas de ouvintes para fazer uma narrativa gauchesca juntamente com o intérprete de LIBRAS. Então eu incorporava o gaúcho, mas a plateia não ficava muito contente e até me perguntavam se eu representaria um ZUMBI, pois isto fazia parte do entretenimento deles enquanto ouvintes e eu desconhecíamos, pois não fazia parte da minha realidade. Então conhecimento das diversas áreas da literatura surda eu tenho mais nunca vivenciei isto na escola.

9- Explique as características do uso da língua de sinais na produção literária.

Quanto ao perfil e característica da pessoa para determinada área da literatura surda, existem várias características, por exemplo, para uma poesia o perfil seria uma pessoa mais expansiva, ou nos vídeos do facebook com vários vídeos feitos por surdos contando histórias e piadas é difícil perceber o perfil e a característica de cada um.

10- Explique os temas mais frequentes na Literatura Surda.

Eu mais me interesso no humor e acredito que o humor esteja em primeiro lugar e o no humor temos diferentes áreas de em que este se manifesta como a poesia, as narrativas entre outras, mas em primeiro está o humor.

11- Conte sobre a Literatura Surda: sobre os festivais, os artistas, as associações e as escolas.

Encontro pessoalmente para contar piadas e também na escola e agora encontramos no facebook nas mídias ampliou este universo do humor em LIBRAS através também dos recursos tecnológicos e também através de congressos onde encontramos alguns contadores com suas piadas diferentes, mas a tecnologia tem sido a maior aliada na comunicação que traz este humor para nós.

12- Você gostaria de acrescentar mais algum comentário?

Fazendo um retrocesso na história até os dias de hoje, percebe-se que ampliou e muito o entendimento do que é literatura surda e principalmente ajudou a melhorar a nossa autoestima enquanto surdos por termos este reconhecimento.

ENTREVISTA COM AUGUSTO SCHALLENBERGER

Meu nome é Augusto, este é o meu sinal. Trabalho na UFCCSPA, ensinando LIBRAS na área médica. Moro aqui em Porto Alegre.

1- Como você define Literatura Surda?

Perguntam-me então o que é Literatura Surda? E também a importância da Literatura Surda, algo que não nos foi ensinado na escola antigamente nem por surdos e nem por ouvintes, e percebo agora a importância de se saber a respeito. O primeiro contato que tive com o assunto foi na Universidade Gallaudet em Língua de Sinais Americana – ASL, em que fiquei maravilhado e pensei no Brasil na época ainda não existia. Atualmente tem se tornado cada vez mais importante a Literatura Surda, pois ajuda aos surdos servindo como modelo, referência, para suas vidas.

2- Qual é a diferença entre Literatura Surda e Literatura em Língua de Sinais?

Me perguntam sobre os dois vieses: a Literatura em Língua de Sinais e a Literatura Surda, as duas diferem entre si, pois na Literatura Surda, o surdo é o agente, o qual servirá de modelo, onde possui produções espontâneas de leituras tendo como identidade o modelo surdo, já nas Literaturas em Língua de Sinais, o modelo seguido é ouvinte, pois segue a estrutura do português apenas atribuindo sinais a esta leitura, é o que eu entendia a respeito, se permanece assim atualmente já não sei dizer.

3- Quais são influências/marcas (elementos) da Literatura Surda?

O que me marcou na Literatura Surda? Vou contar para vocês, pois me lembro do meu primeiro contato com a literatura surda que através de Nelson Pimenta com seus vídeos antigos, contendo piadas, mas que posteriormente na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC onde estava com um grupo de surdos e não me lembro bem com quem mas pude assistir a uma poesia com muitas metáforas e fiquei admirado com as expressões utilizadas seguindo toda uma técnica que o Nelson havia me explicado mas que tornou-se mais claro para mim neste contato na UFSC e então que eu percebi que também podia produzir Literatura Surda pois a maioria dos surdos pensava que isto era muito difícil mas não, podia sim ser produzido assuntos sobre as problemáticas nas escolas, nas comunidades surdas, nas barreiras sociais, era possível sim. Isso me marcou muito, claro que o contato com Nelson

também, mas o curso na UFSC sem dúvida foi o que mais me marcou que eu utilizo até hoje nas minhas produções para outros surdos seguirem como modelo.

4- Como você se tornou autor ou poeta em língua de sinais? Estudou na área de literatura ou Literatura Surda? Onde? Ou aprendeu por meio da comunidade surda?

Me pergunta onde estudei, aprendi sobre a Literatura Surda? Antigamente não tinha nenhum ensino sobre a Literatura para a comunidade surda se sim através de desenhos infantis como os três patetas, o gordo e o magro, Chaplin assistindo-os na minha infância e também as revistas em quadrinhos que posteriormente ao entrar na comunidade surda, onde já havia vivenciado com minha família a contação de piadas, surgiu para mim então de forma espontânea. Até que tive na escola o primeiro contato com a literatura, mesmo que ainda muito pouco que foi surgindo naturalmente em mim nas rodas de conversa, mas que fui aprendendo mais no curso da UFSC e também aqui no meu mestrado na UFRGS, no contato com a Lodenir Karnopp que me mostrou as possibilidades de literatura as quais utilizo até hoje. Por isso penso que a Comunidade Surda ajuda muito nestas produções de literatura, mesmo que eu não percebia em mim este potencial, onde me diziam que eu podia filosofar, mas que na época não havia como registrar em vídeos pela ausência de tecnologia. Diferente de hoje que temos toda esta tecnologias para registrar e espero que aumente cada vez mais, mas ainda reafirmo a importância da Comunidade Surda, nos surdos que sabem mais auxiliar os outros para este desenvolvimento, o que não acontece nas escolas no contato com professores de Literatura.

5- Qual é o papel da educação na formação de artistas surdos?

Se a escola me auxiliou no aprendizado e desenvolvimento da Literatura Surda, para mim o aprendizado se deu na comunidade surda ou na televisão porque na escola apenas repetíamos informações como papagaios, onde não havia produções espontâneas, eram repetições e nas comunidades surdas estas produções surgiam espontaneamente onde nem se quer eu percebia que estava produzindo literatura, por isso a importância de se ter nas escolas professores que desenvolvam a literatura nos surdos, realidade esta que hoje é bem diferente da minha época.

6- Como ocorreu sua formação literária? Que poetas ou narradores em língua de sinais influenciaram sua formação artística/literária? E qual foi a influência da escola, da comunidade surda?

Me pergunta onde eu aprendi sobre literatura, o primeiro contato que tive na comunidade surda foi através do surdo Luiz Carlos que estava num grupo que só contava piadas e eu não me inseria em outros grupos, ficava apenas neste grupo com Guaraci Domingos Angelini, Luiz Carlos Alves Vieira, e Luis Fialho, contato este que atualmente não acontece mais a não ser pelo facebook. Isto me causa uma preocupação, mas digo que foi na comunidade surda que aprendi a produzir literatura e não na escola a não ser posteriormente na UFSC no curso que fiz.

7- Qual é o papel da Literatura Surda na comunidade surda? Qual é o papel da Literatura Surda para os ouvintes?

Pergunta-me se são mais importantes estas produções literárias feitas por surdos ou ouvintes? Em minha opinião são os dois, porque o surdo que me ensina a literatura me serve como modelo, mas precisa-se ter um cuidado para que este surdo seja bom se não vai me ensinar mal e assim eu ensinarei mal a outros, o mesmo ocorre com os ouvintes pois é de extrema importância para o desenvolvimento cognitivo e de ampliação do vocabulário, que os

surdos tenham acesso a este processo não importando se foi de um surdo ou de um ouvinte desde que seja da maneira correta, para que os surdos não fiquem limitados no aprendizado.

8- De que modo a educação e as escolas de surdos podem trabalhar a Literatura Surda?

Como ensinar, que recursos utilizar para o ensino aos surdos ou em geral sobre a literatura? Meu foco é com os surdos, com o restante não me importa, me lembro até de uma professora na minha infância que utilizava recursos em que nos transformava nos personagens da história como o cavalo, coelho em que ganhávamos um sinal para cada personagem, nos vestia como eles e agíamos como cada personagem, para depois termos contato com o texto escrito e traduzido para a LIBRAS assim entendíamos no contexto a ação de cada personagem e o sinal destes. Me lembro a pouco tempo de um surdo que me mostrou, não lembro se foi o Fabiano Rosa, um vídeo em que a história era sinalizada e as imagens mostradas relacionando com a história de maneira clara, mas antigamente utilizávamos as confecções manuais que para mim era melhor mas se é o melhor não sei, daí você terá de pesquisar a respeito.

9- Explique as características do uso da língua de sinais na produção literária.

Me pergunta sobre as escolhas, às características dos gêneros literários. O principal é que o surdo seja fluente em LIBRAS para que possa sinalizar de acordo com os movimentos exigidos, correndo, indo devagar, sinalizando de acordo com o gênero, se é piada, se é narrativa, por isso é preciso cuidar na estruturação antes de produzir, se preparar antes para o público, o que vai ser contado. Se estruturar se será uma piada, uma narrativa, para que não haja confusão e a maioria se confunde por não estudar esta estrutura, de usar mais expressão nas piadas, mais seriedade nas narrativas e assim por diante, um trabalho que deve ser feito previamente.

10- Explique os temas mais frequentes na Literatura Surda.

Me pergunta sobre qual temática é mais utilizada nas produções literárias? Para mim isto é feito quase que momentaneamente, é espontâneo, conforme o grupo que está reunido se está se falando de política, daí eu interajo com uma piada sobre o assunto, e assim dependendo dos assuntos nos grupos, como por exemplo, um stand up para ver quem é o melhor, e assim dependerá muito dos grupos, mas realmente o tema mais recorrente é o humor, com a contação de piadas e de assuntos políticos, estes dois. Claro que existem outros temas, como por exemplo, falar do diabo, até hoje eu queria ver mas existem poucos mas quase não se encontra mais na comunidade, só outros assuntos, que se perderam por causa das tecnologias, este contato na comunidade.

11- Conte sobre a Literatura Surda: sobre os festivais, os artistas, as associações e as escolas.

Sobre a minha experiência no teatro, mas que para mim não foi bem com o teatro e sim com um grupo de vários surdos que se reuniam para contar piadas que ficaram registradas em vídeo, já na escola isso era limitado por causa das regras, mas foi bom porque aprendi LIBRAS e então no curso da UFSC aprendi mais como utilizar as expressões, a ASL, e depois com um grupo de ouvintes do curso do Sérgio Lulkin que para mim foi muito difícil por ser o único surdo, mas aprendi mais a respeito da postura, da posição no palco, até que depois encontrei minha colega Adriana que teve a ideia de criar o grupo de teatro SIGNADORES que foi uma oportunidade de ensinar outros surdos todo o processo para que se tornassem atores.

Foi ai que me desenvolvi mais no vocabulário do que na escola, então o espaço para o aprendizado vai depender das suas vivências das suas experiências sendo que para mim foi desta forma.

12- Você gostaria de acrescentar mais algum comentário?

De todas as perguntas, esta para mim é a mais importante sobre o uso da literatura nas escolas, e sinto que faltam registros para serem utilizados nestes espaços, como na escola, no teatro, faltam estas produções literárias registradas da literatura surda, para que o surdo possa aprender e a gostar servindo como incentivo para que ele possa também produzir, para que se sintam seguros em se desenvolver na literatura, tanto em associações, comunidades, utilizá-la em diferentes espaços, mas que para mim o mais importante de todos é na escola, tanto para o professor surdo quanto para o ouvinte desde que fluentes em LIBRAS possam utilizar estes recursos no ensino dos surdos embora saibam das dificuldades que enfrentamos, e espero que no momento em que tivermos mais registros e mais publicações da Literatura Surda, que seja então usada nestes espaços, pois é extremamente importante a Literatura Surda para mim. Obrigado.

ENTREVISTA COM CARLOS ALBERTO GOES.

Meu nome é Carlos Alberto Goes, este é o meu sinal⁸⁹ moro em Porto Alegre, onde trabalho? Sou aposentado, mas trabalhei na Caixa Econômica Federal como bancário e também sou arquiteto e fiz o curso técnico como contador e posteriormente também o curso técnico em arquitetura, sou formado nestes dois cursos.

1- Como você define Literatura Surda?

Sobre literatura conheço pouco a respeito, não tenho um entendimento completo se que se refere à forma de expressão que trata da história de vida dos surdos, eu sei de todo este processo, onde o surdo conta sobre a sua casa, seu carro, sua vida, sua família, inúmeras situações, é isso.

2- Qual é a diferença entre Literatura Surda e Literatura em Língua de Sinais?

Em relação à Literatura que se difere na Língua de Sinais? Não, pois expressam a identidade surda, suas reflexões, tudo que for absorvido em aprendizado nas trocas entre pares é percebido através de um sinal, não pode se dizer que diferem por causa da Língua de Sinais pois o surdo consegue abstrair visualmente as informações e compor a Literatura. Porque ao observar um SINAL, a sua F-O-R-M-A, pode demonstrar irritação, tristeza, fúria, amor. Essa forma de usar a língua de sinais é literatura, tudo está relacionado.

3- Quais são influências/marcas (elementos) da Literatura Surda?

O que marca na Língua de Sinais é o sujeito surdo, sua identidade, através da Língua de Sinais há interação e comunicação para o desenvolvimento, esta é a marca, pois ao me comunicar fluentemente em Língua de Sinais no modo como me expresse isso demonstra quem sou e traz a minha marca para que todos me vejam e aprendam e se tornem multiplicadores, isso é marca da maioria.

4- Como você se tornou autor ou poeta em língua de sinais? Estudou na área de literatura ou Literatura Surda? Onde? Ou aprendeu por meio da comunidade surda?

⁸⁹ Sinal do Goes

O estudo o que tem na língua dos surdos, ou os ouvintes, eu acho que está misturado, porque o ouvinte que sabe a Língua de Sinais e conhece o significado da língua pode estabelecer trocas com os surdos. O surdo vê outro surdo sinalizando e compreende, o ouvinte que sabe a língua de sinais também consegue compreender o que está sendo sinalizado, é impossível separar surdos de ouvintes, pois o mundo todo é uma troca. As pessoas interagem e assim se desenvolvem, ampliando em conhecimento porque a separação é igual a uma prisão e precisamos viver livres. Sobre as percepções do que é sinalizado, se o ouvinte conhece os surdos e tem fluência na língua de sinais, é possível estabelecer trocas, porque o ouvinte consegue receber a informação e compartilha-la, é isso.

5- Qual é o papel da educação na formação de artistas surdos?

Como é na área de ensino? A questão é saber a língua de sinais, sem a língua não tem aprendizado, mesmo com a presença de intérpretes é difícil porque não há perfeição, é preciso que o professor saiba a Língua de Sinais e tanto faz se o professor é ouvinte ou surdo, o importante é que saiba a Língua de Sinais, independentemente de ser ouvinte ou surdo, mas alguém que saiba a língua de sinais. É preciso sentimento, estratégias de ensino, como um teatro, mas com o uso perfeito da língua de sinais com explicações claras para o entendimento que podem ser mostradas e ensinadas através das artes cênicas. No rosto as expressões, devem mostrar, assim como o corpo, devem estar presentes nesta perfeita sinalização, tanto faz ouvinte ou surdo, mas o ouvinte precisa saber a língua de sinais com perfeição.

6- Como ocorreu sua formação literária? Que poetas ou narradores em língua de sinais influenciaram sua formação artística/literária? E qual foi a influência da escola, da comunidade surda?

Como foi este meu contato com a Literatura Surda, quem me explicou e me deixou fascinado com informações precisas de uma maneira esplêndida, me despertando excitação pela Literatura por conta da forma como foi explicado e também expressado, foi com a University Gallaudet, quando comecei a fazer teatro e através do teatro das discussões paralelas com ele é que fui desenvolvendo um entendimento de modo a ficar “abobalhado” com as diversas informações obtendo um aprendizado sobre a Literatura com perfeição, sendo tudo esclarecido pela University Gallaudet.

7- Qual é o papel da Literatura Surda na comunidade surda? Qual é o papel da Literatura Surda para os ouvintes?

A literatura dos ouvintes também é importante, pois possui manifestações da história e cultura ouvinte, onde retratadas as guerras, a criminalidade, os governos, a política, diversas histórias são retratadas em sua literatura. Os surdos também possuem sua história, tem todo o relato do sofrimento e do péssimo cenário educacional ao longo dos tempos, são todas informações e relatos que se manifestam na literatura assim como é para os ouvintes. E nestas percepções da história, das guerras, da vida. Você sabe que na Iugoslávia ocorreu uma Guerra Mundial na qual um general ouvinte se escondeu na parte de baixo da casa de um surdo, o surdo ajudou a proteger General. Estas informações históricas, quem narrou foram o surdo e o ouvinte envolvido, tanto o tenente ouvinte relatou a trajetória do avião quanto o surdo relatou o ocorrido. O tenente contou do surdo que o salvou e de como tudo aconteceu e esta informação foi se espalhando, assim da mesma forma o surdo foi relatando a outros o ocorrido então nesta história seria impossível conta-la só por uma versão e assim se manifestou a cultura do surdo e a cultura do ouvinte envolvido na história, havendo assim uma troca entre culturas.

8- De que modo a educação e as escolas de surdos podem trabalhar a Literatura Surda?

A escrita do surdo em português é diferente na compreensão de um ouvinte ao passo que para mim surdo é compreensível, já para o ouvinte será necessário a fim de esclarecer algumas informações que este ouvinte pergunte ao surdo para que o mesmo relate em Língua de Sinais, o que estava escrito em determinados trechos, e isto ocorre por causa do desconhecimento deste ouvinte da realidade vivenciada por este surdo. Percepções estas que estarão sendo explicadas mais claramente em Língua de Sinais do que na escrita. E isto é muito complicado porque a estrutura da escrita em português se difere da Língua de Sinais, a exemplo disto temos a conjugação do verbo, então simplesmente o ouvinte sozinho tentando compreender a escrita seria complicado. Já ao lermos um texto escrito por um ouvinte em português para o surdo seria complexo o entendimento necessitando que este ouvinte explicasse em Língua de Sinais ao que se refere o texto. Pois é necessário o entendimento correto de significados, sempre o significado, da mesma maneira de quando o surdo escreve e na tradução para o português o texto amplia, o ouvinte transmite uma informação em português imensa que ao traduzir para Língua de Sinais, reduz. Semelhante ao se observar uma ligação telefônica entre ouvintes falando e rindo quando se vai interpretar para o surdo o que foi falado a informação é resumida, aí o surdo pergunta: - Só isso, e você ficou um tempão ao telefone?! E porque isso? Línguas diferentes! Porque no português tem toda uma estrutura com preposições e conjugação de verbos já na Língua de Sinais estas classes gramaticais não estão presentes, deixando-a mais reduzida, mas transmitindo a mesma informação.

9- Explique as características do uso da língua de sinais na produção literária.

Existem três diferenças, a comédia, as narrativas e as poesias porque a expressão se manifesta na essência do poema visto que em sinais é manifestada toda uma expressão, um movimento próprio de um poema, que identifica este gênero se é uma história contada ou até mesmo uma mentira. Já no gênero comédia a expressão variam os movimentos também e as pegadinhas que identificamos como sendo uma comédia. O que um disse para o outro, se é safado e todos riem, identificamos como sendo uma piada, e então temos as piadas mais leves e outras mais pesadas, com palavrões que facilmente identificamos a comédia envolvida. Já em uma narrativa, o semblante é mais sério onde está sendo relatado um determinado fato, e pronto é simples de se perceber no movimento e na expressão o sentimento e o surdo tem esta percepção.

10- Explique os temas mais frequentes na Literatura Surda.

Observo nos bate papos, nas piadas, na zoação entre brincadeiras de uns com os outros surdos, no exagero ao SINALIZAR, por exemplo, o SINAL “problema” é realizado desta forma, com mais ênfase, e assim se manifesta a criatividade, quando se diz: - Você não tem educação, então sinalizamos o sinal educado com o movimento no sentido contrário no braço, enfatizando a informação, parece estranho, mas é assim mesmo e observamos isso no bate papo com surdos durante as rodas de conversa. Já as poesias não são muito utilizadas pelos surdos é observada apenas em alguns trechos quando se fala de amor, mas de maneira muito pobre, que não dizem nada.

11- Conte sobre a Literatura Surda: sobre os festivais, os artistas, as associações e as escolas.

Eu observo que entre os surdos faltam elementos poéticos em suas falas, ao olhar a University Gallaudet, por exemplo, a expressão dela por si só já é poética, doce, sensual há uma mistura, que nos deixa “babando” feita com perfeição, uma experiência emocionante vê-la sinalizar. Mas este gênero não se vê entre os surdos, apenas nas igrejas é observado este gênero ao se referir a Deus não para tratar das histórias bíblicas, mas sim para se referir a

Deus e os ouvintes utilizam deste recurso assim como os próprios surdos então neste espaço percebo a poesia e queria encontrar em outros espaços, mas não encontro.

12- Você gostaria de acrescentar mais algum comentário?

Eu já escrevi um poema, sim eu já fiz um poema, não sei se os surdos leram e quando eu sinalizei o poema não sei se houve interesse. A escrita em português para o surdo não tem o mesmo sabor de uma poesia em Língua de Sinais, não causa a mesma emoção. Precisa o que? Colocar na estrutura para que o surdo compreenda englobar fragmentos de outros textos e construir estratégias para transformar numa forma que o surdo compreenda e torne prazeroso para este, emocionando-o precisa se ter estes elementos, buscar estes recursos e isto não é fácil, mas é necessário. Eu mesmo já fiz um poema para Rosa Watnick que fundou a Sociedade de Surdos aqui em Porto Alegre eu escrevi para ela uma linda poesia que ela chorou ao ler, quando eu a entreguei e sinalizei para ela. Foi num momento na FENEIS e depois a Mariane Stumpf leu o poema e me disse: - Mas você sabe escrever poesia?! Então eu disse a ela: - Sim sei, mas não perfeitamente, uma poesia simples. Cerca de 80% dos surdos não se emocionam com as poesias porque não aprenderam na escola literatura e é necessário o ensino da literatura nas escolas, escrever a literatura é importante, refletindo os assuntos na maioria das vezes são fofocas, assuntos diversos e isto é culpa dos surdos? Não, a culpa é da escola, da má educação por isso é necessário o estímulo da literatura escrita desafiá-los a escreverem, refletirem, é importante este estímulo e eu percebo que aqui não tem este estímulo, já nos Estados Unidos segundo dito pela University Gallaudet é um costume deles escrever é como um desafio, uma competição de quem escreve melhor, de quem faz mais poemas, e observar esta conversação em ASL (Língua de Sinais Americana) são fantásticos, às vezes se perdia, pois a comunicação é muito rápida. Faziam-se competições em ASL para ver quem sinalizava melhor e mais, produzindo literatura e nestas produções e estímulos como num jogo é que se constrói a escrita desta literatura. Importante este jogo para esta construção então porque o surdo não faz este jogo de palavras? Observam-se mais bobagens nos surdos daqui é interessantes provocar-se, e provocar usando a criatividade e transformar isso em literatura, mas é importante este registro e isto é importante para o futuro é o que eu queria que houvesse mais registros mais produções neste sentido e assim adaptar para o teatro apresentando para outras pessoas. Eu já produzi uma história com fragmentos de situações vivenciadas por surdos, do processo educacional e já apresentei fazendo com que outros se emocionassem porque tratava da proibição da Língua de Sinais, de uma família que proibia e outra família que permitia eu produzi um texto assim e tenho guardado. O título é o "Suicídio" que motivou a plateia a lutar mais ainda pelo direito a Língua de Sinais e isto não foi de agora, mas já faz bastante tempo até que surgiu a legalização da LIBRAS até os dias de hoje.

ENTREVISTA COM FRANCISCO ROCHA

Meu nome é Francisco Rocha, este é o meu sinal e moro aqui em Porto Alegre. Sou o Diretor Regional da FENEIS tenho e já tive contato com vários lugares do mundo cerca de 84 países trocando informações sobre cultura, sobre língua de sinais, interagindo com várias pessoas sobre legislação, acontecimentos, comidas típicas, sou concursado e trabalho na Justiça Federal já a 20 anos.

1- Como você define Literatura Surda?

Já vi publicações no facebook a respeito, também já vi livros, mas na verdade nunca parei para ler e isto me faz falta, este entendimento do que é literatura surda, mais adiante quer ler mais a respeito.

2- Qual é a diferença entre Literatura Surda e Literatura em Língua de Sinais?

Desculpe eu não conheço, pois nunca li a respeito.

3- Quais são influências/marcas (elementos) da Literatura Surda?

O que me marcou a cerca de 10 ou 15 anos atrás foi quando assisti a um vídeo do Nelson Pimenta em que tinha uma cena que ele estava descrevendo o curso de um navio em alto mar e isso me deu uma sensação ótima ao assistir e foi o que me marcou.

4- Como você se tornou autor ou poeta em língua de sinais? Estudou na área de literatura ou Literatura Surda? Onde? Ou aprendeu por meio da comunidade surda?

Então na Escola (de Surdos) Concórdia que eu estudava não aprendi nada a respeito, foi mesmo com os vídeos do Nelson Pimenta que comecei a conhecer a literatura surda e também com as minhas viagens em diferentes países e locais com diferentes sinais fez com que eu tivesse uma mudança no meu jeito de sinalizar, contando piadas, poesias, e tendo esta interação com outros surdos, foi se desenvolvendo.

5- Qual é o papel da educação na formação de artistas surdos?

Na Escola Concórdia eu tive acesso a uma educação tradicional com disciplinas como matemática, português e interagíamos, mas não tendo acesso as artes cênicas ou poesias, sim a escola Concórdia utiliza LIBRAS, mas estratégias que provocassem uma produção espontânea não.

6- Como ocorreu sua formação literária? Que poetas ou narradores em língua de sinais influenciaram sua formação artística/literária? E qual foi a influência da escola, da comunidade surda?

É através da interação na comunidade surda, que é extremamente rica com a espontaneidade nos sinais, que me causam emoção, também através dos desenhos em quadrinhos em que os surdos faziam adaptações com exageros como, por exemplo, contando as características, utilizando classificadores e isso acontece com perfeição na comunidade surda.

7- Qual é o papel da Literatura Surda na comunidade surda? Qual é o papel da Literatura Surda para os ouvintes?

Sim é de extrema importância para o enriquecimento da LIBRAS como por exemplo ao contar de um carro em movimento com as luzes piscando, os movimentos utilizados e as expressões valorizam os sinais e isto para os surdos é algo que dever ser compartilhado pois acelera o desenvolvimento destes, e o mesmo para os ouvintes que também podem aprender da mesma forma.

8- De que modo a educação e as escolas de surdos podem trabalhar a Literatura Surda?

Na verdade eu nunca tive acesso a produções literárias por parte dos professores e sim somente da comunidade surda.

9- Explique as características do uso da língua de sinais na produção literária. (5:00)

Já me aconteceu ao assistir a uma apresentação em LIBRAS de perceber que se tratava de poesia, já num outro momento percebi que se tratava de humor, pois eram piadas, depois

em outro momento uma narrativa através de se contar uma história e lembro que aos poucos fui identificando estes gêneros através da vivência.

10- Explique os temas mais frequentes na Literatura Surda.

Sim o gênero predominante nas rodas de bate papo da comunidade é o humor através das piadas, já tive acesso a outros gêneros literários, mas o humor é predominante.

11- Conte sobre a Literatura Surda: sobre os festivais, os artistas, as associações e as escolas.

Em minhas viagens a diversos países fui a uma exposição em que tinha vários artefatos com pinturas, esculturas com foco nas mãos e nos sinais, e em outro momento observei uma obra de arte utilizando as mãos e os sinais assim como vídeos com histórias contadas em Língua de Sinais. Então lembrei que na minha infância eu observava quadros com desenhos de flores que para os ouvintes era lindo, ou estátuas com pessoas que para mim nada significaram, já na exposição com artefatos de surdos fez com que me identificasse, com minha cultura, que produziram em mim alguma emoção do fato de ser surdo, e isto foi maravilhoso, perfeito!

12- Você gostaria de acrescentar mais algum comentário?

É quase impossível de descrever a importância para os surdos a respeito da literatura surda que se manifesta nas piadas, nas poesias, que ao serem produzidas estimulam ao dobro a produção em LIBRAS para adultos e também crianças porque através das produções literárias em LIBRAS podemos filosofar, fico imaginando até mesmo um filme feito por surdos e só de surdos o quanto iria desenvolver nos surdos a escrita, a produção literária e isso é de extremo valor para o desenvolvimento das crianças surdas que para mim é o mais importante na valorização da Língua de Sinais.

ENTREVISTA COM NELSON PIMENTA.

Oi Cacau, tudo bem? Saudades de te ver. Desculpe a demora em responder, não esqueci de você, é que tive várias coisas a fazer. Tua pesquisa sobre Literatura Surda é especial, fico muito orgulhoso. É show!!!! O uso destas imagens está liberado.

Nome, cidade e país. Profissão?

Então, meu nome é Nelson, meu sinal é - realiza o sinal com CM 43, conforme tabela INES/MEC/SEES⁹⁰. Sou professor no INES e tenho mestrado na área de produção de filmes em língua de sinais, articulando desta forma as duas áreas. Penso em um futuro doutorado que pesquise sobre o gênero na literatura, entre os vários que temos, como contações de histórias ou poemas, por exemplo, assim como na tua pesquisa, mas este é um projeto para o futuro, vou aguardar.

1- Como você define Literatura Surda?

⁹⁰ Acessado em 02 de julho de 2014 em <http://projetoslibras.blogspot.com.br/2010/07/alfabeto-manual-configuracao-de-mao.html>

A primeira pergunta é sobre o conceito de Literatura Surda, está a comunidade surda, que é o povo surdo, mas pessoas ouvintes também, como os professores que sabem língua de sinais, amigos e outras pessoas, ouvintes ou surdas que tenham fluência na língua, que se encontram na comunidade, são arrebatados por esta produção poética, que é visual, característica dos surdos. Assim, os surdos se apropriam, produzem, visualizam e percebem a poesia, e isto é Literatura Surda. Complementando, a Literatura Surda é natural, tem forte visualidade, é produzida por surdos, e assim como os ouvintes recebem a poesia som das palavras através da audição e desenvolver os conhecimentos, a poesia sinalizada surda é percebida pela visão e desenvolver os conhecimentos, e isto é muito forte. Ouvintes “ouvem” som das palavras a poesia, e surdos a “veem”. A visualidade está na expressar sentir poesia produzida por surdos, e é uma diferença na Literatura Surda. Da mesma forma a “leitura” desta poesia também é visual e isto é da Literatura Surda.

2- Qual é a diferença entre Literatura Surda e Literatura em Língua de Sinais?

A segunda pergunta trata sobre a diferença entre a literatura de ouvintes e a Literatura Surda. A Literatura Surda é em língua de sinais, como já expliquei anteriormente, com forte visualidade, esta é a forma como é produzida e absorvida pelos surdos, assim como as questões de cultura, identidade e naturalidade, temas da vida dos surdos. A literatura em geral tem suas marcas como a criatividade, a oralidade, a leitura, e na oralidade a sonoridade fonética que a acompanha como sistema e regras da língua oral. Por outro lado, a Literatura Surda apresenta fonética visual, diferente da oral, específica, com um sistema fonético diferenciado, gestual, consequência da diferença de modalidade.

3- Quais são influências/marcas (elementos) da Literatura Surda?

Na terceira pergunta penso sobre quais são as principais marcas, e afirmo que é a visualidade, como expliquei anteriormente. As mãos são a força, nesta expressão visual, os modelos e marcas da cultura surda, do povo surdo, produzida e incorporada por eles.

4- Como você se tornou autor ou poeta em língua de sinais? Estudou na área de literatura ou Literatura Surda? Onde? Ou aprendeu por meio da comunidade surda?

Boa pergunta a de número 4, adorei. Antigamente, em 93 não conhecia nada sobre literatura e tradução, o que significavam. Então, em 93, houve um congresso latino americano sobre bilinguismo no Rio, onde participaram muitos surdos de todo o mundo. Assisti a várias palestras de surdos, e a língua de sinais estava presente de forma muito forte e impressionante. Pensava na poesia, o que é isto, poesia, pensava que era apenas para ouvintes, não gostava, pode-se traduzir para língua de sinais, achava estranho. Foi então que pela primeira vez assisti a poesia do grupo de Ella Lentz (faz o sinal com locação na têmpera e CM 6, conforme tabela do INES⁹¹) e fiquei encantado, assim como as piadas e contações de histórias de outros grupos, coisas que não conhecia e que não tinham, até então, significado para mim. Estava admirado, e os surdos na escola queriam aprender sobre isto, mas não havia onde estudar. Então participei de um curso com Ella, e pude aprender sobre como funciona esta forma de expressão. Criei a poesia Bandeira Brasileira, quando estudei nos Estados Unidos, apesar de inicialmente não saber exatamente como produzir literatura, mas consegui ter esta apropriação. De volta ao Brasil divulguei esta experiência de estudo em língua de sinais. Em 2006, no curso de Letras/Libras da UFSC, havia uma sistematização de produção

⁹¹Acessado em 06 de julho de 2014 em <http://projetoslibras.blogspot.com.br/2010/07/alfabeto-manual-configuracao-de-mao.html>

poética. De 94 até 2006 muito se desenvolveu sobre esta temática, inclusive com pesquisas e grupos de estudos, e isto é muito legal.

5- Qual é o papel da educação na formação de artistas surdos?

A pergunta número 5, sobre Literatura Surda, penso que os surdos têm sua forma de apreciá-la, assim como os ouvintes, porém de maneira diferenciada. É importante que se estude, que a escola ensine sua importância, para assim ter melhor entendimento. Como contei antes, na escola nunca estudei poesia, havia no Brasil sim, mas eu estava bloqueado, não compreendia o que significava literatura. Sabia das muitas histórias, que eram literatura, mas não conseguia produzir histórias de forma satisfatória, e assim encerrei este assunto. Quando estudei ASL nos Estados Unidos, em Gallaudet, havia muita produção em ASL, e junto com um intérprete ouvinte brasileiro, que não sabia ASL, assistimos ao Ben, que lá estudava. Na literatura geral, quando os ouvintes recitam alguma peça, a audiência compreende a partir desta sonoridade, e se diverte. Por outro lado os surdos, quando sinalizam intencionalmente de forma estranha, por exemplo, também há o entendimento, e a plateia surda se diverte. Então, retomando a história do meu amigo, ele comentou comigo, isto é literatura? – Sim, respondi, Ben é Dr. Então percebemos que surdos e ouvintes têm visões diferentes. E perguntou novamente – que disciplina é esta? – é Literatura em ASL, respondi - tem certeza que é esta certa a tradução, continuou? Novamente percebemos que surdos e ouvintes têm visões diferentes, e lá há este estudo sobre literatura e suas regras. Aqui no Brasil não se estuda isto, e saber de como é possível produzir e se emocionar em língua de sinais. Claro que existe uma produção espontânea, mas também há regras que podem ser passadas para os surdos na escola, de como se faz literatura.

6- Como ocorreu sua formação literária? Que poetas ou narradores em língua de sinais influenciaram sua formação artística/literária? E qual foi a influência da escola, da comunidade surda?

Qual a minha formação é a pergunta número 6. Nos Estados Unidos tive contato com vários grupos, por exemplo, nas associações, igual à FENEIS, onde muitas pessoas frequentavam, aconteciam festivais, eventos que eram apreciados por todos, e onde grupos apresentavam poesia e contavam histórias. Era adorável. Piadas eram contadas, e havia identificação de fato, e não eram apenas bobagens, mas sim encontros poéticos conceituais, poesia, e assim havia aprendizado. E foi nestas diferentes trocas que fui me apropriando das formas de literatura.

7- Qual é o papel da Literatura Surda na comunidade surda? Qual é o papel da Literatura Surda para os ouvintes?

A pergunta 7 é sobre os dois grupos diferentes. Interessante, lembro-me de um show que fiz no teatro, em 99, e até hoje ainda faço alguns relacionados à literatura. Eu morava no Rio, estava na academia, e coloquei um cartaz anunciando meu show. Um professor na academia mostrou interesse em assistir, e o estimulei. Chegando lá pode assistir a apresentação da poesia “Bandeira Brasileira” e adorou. Comentou da ausência de surdos na literatura, e de como é importante isto, e que aquilo que havia assistido era literatura. Ele era professor de Literatura na UFRJ, e ao ver a apresentação reafirmou sua percepção de que aquela era uma forma de literatura. Parabenizou-me, e fiquei muito satisfeito por um ouvinte reconhecer isto, mas ainda falta mostrar para os ouvintes este universo. Ouvintes assistindo espetáculos de literatura feita por surdos ainda são poucos. Acredito que com a criação do Letras/Libras em 2006, pela UFSC, as pesquisas que tem sido feitas, e outras iniciativas que vem acontecendo, futuramente será mais forte esta visibilidade.

8- De que modo a educação e as escolas de surdos podem trabalhar a literatura surda?

Respondendo a pergunta 8, penso na literatura dos ouvintes, que a muito vem desenvolvendo suas regras, e as passando ao seu povo, de diferentes formas. Já **a literatura surda tem sido bem menos trabalhada, e com poucos materiais**. Pode se pensar que a literatura geral, a dos ouvintes, não seja importante de ser aprendida na escola, que literatura de surdos e ouvintes não estão juntas. Não se trata disso. É importante conhecer a literatura geral, ambas são literatura, e da mesma forma tem suas produções, podendo se perceber suas características. Por exemplo, no Brasil estuda-se o português, nossa língua, e seus diferentes aspectos. A Inglaterra estuda sua literatura, cada país tem as suas produções artísticas, mas há trocas. Não há porque rejeitarmos outras formas de literatura, e nem por ser literatura de ouvintes ou de surdos. Vamos apreciar o que cada uma tem de beleza, sem restrições, e possibilitar estas interações literárias. É boa esta união.

9- Explique as características do uso da língua de sinais na produção literária.

O que é Literatura Surda? São várias as características neste conceito, assim como a literatura indígena e de outros grupos, ou dos diferentes gêneros literários, piadas, aliás, é sobre isto que quero realizar meu doutorado futuramente, como já expliquei, pesquisando sobre categorias, penso ser muito interessante isso, os diversos gêneros, por exemplo, romance, piadas, ficção, fazer uma busca por categorias. Há pouca pesquisa sobre este tema, mas é importante que se pesquise, como a literatura de qualquer outra língua. Percebe-se a falta de pesquisa na Literatura Surda, perceber como se constitui a poética da língua de sinais, a questão da rima, por exemplo. Na poesia “bandeira Brasileira”, por exemplo, há toda uma intencionalidade na realização do movimento dos sinais, com o movimento do pano da bandeira, ou da duração de uma contação de histórias, que não pode ser muito longa. Ainda não há um estudo sobre este regramento, e isto se torna um problema para o aprendizado dos gêneros, pois não se pode pensar que uma poesia é a mesma coisa que uma contação de histórias. Há também a ideia equivocada de que o formal está acima do informal, mas são formas diferentes de representar. Os surdos não são conscientes disso, pois isto não é ensinado, assim como as diferenças entre uma produzir uma poesia e uma contação de histórias, tudo está muito misturado, e precisa ser estudado. São temas de pesquisa a ser desenvolvidos, e espero que futuramente consiga realizar. Nas fábulas temos a incorporação. A excelente pesquisa de Sutton apresenta a incorporação, por exemplo, dos diferentes personagens animais, e de como o ator surdo incorpora suas características como, a forma de andar da tartaruga, a corporeidade do cão. Este aspecto é utilizado principalmente nas fábulas, onde acontece este recurso como estratégia para trabalhar os gêneros literários. Por exemplo, o rato, que é um animal muito pequeno, a sinalização tem de acompanhar esta dimensão ao realizar o sinal “oi”, por exemplo, um humano sinalizaria de outra forma, mais ampla, incorporando estas características de maneira diferenciada. Faltam pesquisas sobre como são estes processos.

10- Explique os temas mais frequentes na Literatura Surda.

Respondendo a pergunta 10, a partir da minha prática na escola, percebo que tudo está muito misturado, que a principal forma literária utilizada ainda é a contação de histórias, mas sem regramento, não posso opinar porque não há pesquisas. As pessoas que estudam, pesquisam e conhecem a área poderão opinar e fazer este debate, mas percebe-se que a maioria faz longas contações de histórias. Assisti a uma apresentação de um poeta famoso, onde todos se emocionaram. Aplaudi e me emocionei, mas não havia a beleza da rima, nem a

expressividade da contação de histórias, foi de fato um pouco confuso. É isto que necessita ser desenvolvido, e acredito que possa haver motivação para obter resultados.

11- Conte sobre a literatura surda: sobre os festivais, os artistas, as associações e as escolas.

Já respondi a pergunta 11, quando expliquei toda a minha trajetória até o momento. Na Europa é muito forte a produção literária surda. Há no Brasil, mas é muito misturada, confusa, inclusive com embates entre as produções culturais surdas e outras, e penso que não é nada disso. Lembro quando houve no Brasil uma mostra cultural, onde muitas pessoas participaram, e que apresentou diversas obras de ouvintes. Fiquei pensando, e com os surdos como será, não há nada de literatura, mas não posso discutir, pois é um pouco complicado, há vários grupos diferentes, mas de fato no Brasil, a situação não é satisfatória. Falta o conhecimento mais aprofundado das formas de produção em língua de sinais, por exemplo. Na Europa e França é muito forte esta tradição, assim como na Áustria, Alemanha e Estados Unidos, que já está absorvida e desenvolvida a muito tempo. No Brasil ainda falta este estímulo, mas acredito que vá acontecer esta evolução.

12- Você gostaria de acrescentar mais algum comentário?

A pergunta 12 pede a minha opinião. As perguntas feitas pelo Cacau foram muito boas, acredito que a tua pesquisa vá ser vista pelas pessoas, sorte para ti, e eu gostaria muito que a Literatura Surda se espraiasse pelo Brasil, que a sociedade ouvinte pudesse se admirar e encantar com sua beleza, e da mesma forma os surdos com as produções culturais dos ouvintes, mas, além disso, que aconteçam trocas. Não aceito a visão de que os surdos não tem qualidade em suas produções. Quero que os ouvintes reconheçam a legitimidade das produções culturais surdas, como na Europa e em outros lugares do mundo, japoneses, árabes, a visibilidade da Literatura Surda no mundo, os surdos agradecem.

ENTREVISTA COM RIMAR SEGALA

Nome, cidade e país. Profissão?

Me foi pedido sinal, nome, e então meu nome é Rimar Ramalho Segala. No teatro utilizo Rimar Romano, mas meu nome de fato é Ramalho Segala. Meu sinal é “este” (*realiza o sinal com configuração de mão em R, seguida de CM aberta, palma para baixo e movimento ondulado do peito para fora*).

Moro em São Paulo e atuo profissionalmente em duas áreas, como professor de Libras e como ator. Desenvolvo as duas atividades paralelamente trabalhando numa empresa e em eventos em São Paulo e outras cidades, com apresentações teatrais. Como professor de Libras trabalho na UNINOVE, cujo sinal é “este” (*realiza o sinal com CM em U, seguida do número nove*). Da mesma forma que no teatro, atuo em São Paulo e em outras cidades participando em cursos de pós-graduação.

1- Como você define Literatura Surda?

Quanto à primeira pergunta “O que é Literatura Surda?” saliento dois aspectos: em primeiro lugar é preciso esquecer questões de pesquisas acadêmicas. As pessoas não conhecem o curso de Letras/Libras, por exemplo, minha família, com exceção da minha irmã, não tem contato com pesquisas acadêmicas.

Ao ver manifestações de Literatura Surda valorizam a língua de sinais, pois é com ela que se emocionam. Sempre dizem que a língua de sinais é linda, emocionante, que é um bálsamo para os olhos. Isto é a Literatura Surda. Minha opinião também é esta, considerando o aspecto da língua de sinais. Surdos dizem da suavidade da língua, do seu teor inebriante ao visualizar uma produção em língua de sinais.

2- Qual é a diferença entre Literatura Surda e Literatura em Língua de Sinais?

A segunda pergunta é sobre a diferença entre Literatura Surda e Literatura em Língua de Sinais. Em minha opinião são a mesma coisa, pois é a partir da língua de sinais que nós surdos produzimos literatura. Da mesma forma que os ouvintes, mas que na sua maioria podem tem a língua de sinais como L2, com exceção dos CODAS, que a tem como L1, mas com eles é outra história. Mas retomando a questão da língua, e da diferença entre as formas de denominação das literaturas, para nós surdos, para mim são a mesma coisa, sendo os principais aspectos a língua de sinais e a cultura surda. Há influências e polemicas, mas encontramos produções como humor, metáforas e outros gêneros em ambas.

3- Quais são influências/marcas (elementos) da Literatura Surda?

A terceira pergunta é sobre marcas da Literatura Surda. Em primeiro lugar uma marca importante foi meu pai. As histórias que ele contava em língua de sinais sobre a bíblia, Moisés., Noé, Sansão e sua força, Moisés e a magia, a arca e os animais encantam, são histórias e marcas da Literatura Surda.

Em segundo lugar, uma importante marca são os surdos nas associações, aqui em São Paulo a ASSP (*faz o sinal da associação*). Nestes ambientes as piadas, por exemplo, não tem nenhuma influência das piadas de ouvintes, e os surdos se divertem muito.

Em terceiro lugar temos Nelson Pimenta, o mesmo grupo de teatro, não lembro [?], Nelson Pimenta, Alexandre Pinto foi uma forte marca.

4- Como você se tornou autor ou poeta em língua de sinais? Estudou na área de literatura ou Literatura Surda? Onde? Ou aprendeu por meio da comunidade surda?

(4:30)

A quarta pergunta é sobre como aprendi e comecei a produzir poesia e Literatura. Da mesma forma, com meu pai, que também é ator, mas que atuava com ouvintes, mas na minha casa somos uma família de surdos. Do meu pai eu recebia as informações, que imediatamente adaptava e passava a ter a minha produção, sem regras, mas com preocupação estética. Da mesma forma na associação produzindo humor, teatro e outros gêneros fui me apropriando da linguagem.

Na escola havia um grupo de teatro de ouvintes, dançarinos, e eu os observava, absorvia e retrabalhava estas informações, adaptado-as. Este foi o início, fazendo observações, que posteriormente se transformaram em produção de poesia, já com viés estético, mas havia falhas. Entrei em um curso de teatro, na OCA, e lá fiz um intenso aprendizado, e só tempos depois foi que ingressei no curso de Letras/Libras. Fiz vários contatos, com Nelson Pimenta, por exemplo, com os quais pude me enriquecer, e atualmente sou profissional. Não credito esta formação a um ou outro agente, mas sim ao somatório de todas estas experiências.

5- Qual é o papel da educação na formação de artistas surdos?

A quinta pergunta é sobre a forma como a área da educação me auxiliou. No meu caso, a escola não me auxiliou muito porque não havia professores surdos, os ouvintes não conheciam bem a língua de sinais, oralizavam. Não foi ali que desenvolvi minha produção. Com a minha família sim, na associação, na escola não, mas atualmente, passados 25 anos, as

crianças surdas já encontram uma situação diferente, porque os professores e instrutores de libras utilizam contação de histórias, DVDs, poesias, e as crianças surdas em contato com estes recursos se apropriam e familiarizam com a linguagem, podendo escolher ser atores ou não, isto depende de cada pessoa. Atualmente isto é possível, mas antigamente, quando eu estava na escola, não era assim.

6- Como ocorreu sua formação literária? Que poetas ou narradores em língua de sinais influenciaram sua formação artística/literária? E qual foi a influência da escola, da comunidade surda?

A sexta pergunta faz referência às influências de pessoas ou grupos, que recebi. Sim, a primeira pessoa que me influenciou e me fez decidir ser ator e poeta foi meu pai, assim como minha irmã Sueli, e os surdos da associação. Eu criança observava tudo isto e estava exposto a estas influências. Posso dizer que no meu desenvolvimento não tive uma referência, mas várias pessoas que foram meus referenciais. Então, foi assim que funcionou comigo, meu crescimento foi um movimento contínuo, que quando concretizado em produção, passou por experiências anteriores, pré-experiências que surgem da observação, da participação, enfim, não se trata de uma coisa só.

7- Qual é o papel da Literatura Surda na comunidade surda? Qual é o papel da Literatura Surda para os ouvintes?

A sétima pergunta se refere à importância da Literatura Surda para as comunidades surdas e ouvintes. Minha resposta é definitivamente sim. Vocês conhecem as pesquisas científicas sobre a importância do contato entre surdos para a construção de identidade, mas estes encontros não podem apresentar uma única forma de produção, eles têm de proporcionar experiências diversas sobre Literatura, por exemplo, piadas, debates, arte, teatro, como influência à comunidade surda, à cultura e a valorização da língua de sinais. Isto é muito importante.

Por outro lado, também é importante para a comunidade ouvinte, pois ao aprender a língua de sinais como L2, não basta apenas um simples aprendizado, e sim o contato com a cultura, com a Literatura para entender o que é cultura surda. Esta interação é necessária, pois é mais do que simplesmente aprender a língua. É preciso a imersão na cultura, e desta forma, para os ouvintes, fazer um melhor aprendizado da língua de sinais, inclusive no contato com a Literatura. Sem este contato o aprendizado parece falho. Então, são caminhos diferentes, mas é importante para as duas comunidades.

8- De que modo a educação e as escolas de surdos podem trabalhar a literatura surda?

O tema da oitava pergunta é sobre a metodologia de ensino da Literatura Surda, tanto para surdos como para ouvintes. Bem, existem diferentes metodologias, mas depende de cada professor de Libras, o que ele cria como recursos metodológicos. Tenho observado que é comum apresentar aos surdos, inclusive eu utilizo, recursos como os DVDs do INES, do Nelson Pimenta e outros, e após solicitar alguma atividade prática como uma dramatização. Outra estratégia é o YouTube, uma forte influência a ser aproveitada. Estes dois recursos metodológicos tem sido mais comumente utilizados no Brasil. Da mesma forma para os ouvintes, por exemplo, as adaptações produzidas pelo Fabiano e a Lodenir, assim como o YouTube e os DVDs são estudados pelos ouvintes, e compõem seu aprendizado. Temos outros exemplos, que surgem a partir da criação dos professores, mas como já salientei, os dois primeiros são os mais largamente utilizados.

9- Explique as características do uso da língua de sinais na produção literária.

A pergunta nove é sobre as características da Literatura Surda. A maioria do povo surdo não tem conhecimento acadêmico. Eles veem a Literatura principalmente como o humor, as piadas, não conhecendo outros gêneros. Surdos mais instruídos podem ter uma visão diferente.

No meu caso, eu conhecia alguns gêneros, mas não tinha muita clareza. Quando estudei Literatura com a Lodenir é que fui ter contato com outros gêneros literários produzidos pelos surdos, que estão em igualdade com a produção em português, e que não são adaptações, são criações, da mesma forma que os ouvintes, de temáticas semelhantes como dramas e conflitos. A rima, que para os ouvintes se realiza a partir da sonoridade, no caso dos surdos é construída com as configurações de mão, que obviamente não ocorre na literatura em português. São equivalências. Há pouco encontrei uma inglesa (*tenta lembrar o sinal, mas não consegue*) que pesquisa sobre literatura surda no mundo, ela fala das características da Literatura Surda, e da necessidade de mais pesquisas de mestrado e doutorado, que façam o registro destas características, a partir de filmagens, por exemplo.

10- Explique os temas mais frequentes na Literatura Surda.

A pergunta dez é sobre a frequência das temáticas na Literatura Surda. Minha produção tem um forte tema que é “Vida”. Conflitos e cultura surda, por exemplo, não aparecem, mas “Vida” sim. Gosto de mostrar aos surdos como a vida funciona, por exemplo, na poesia “Tudo Passa”, que faz uma referencia a emoção que as coisas da vida nos causam. Não apresenta nenhuma polêmica, apenas discorre sobre a vida, mas é claro que neste percurso passamos por conflitos. Gosto de apresentar esta visão para os surdos, além de salientar as metáforas, das quais a comunidade surda se apropria, por exemplo, sobre o implante coclear, o oralismo e a proibição da língua de sinais, a falta de apoio governamental, entre outros temas. A partir desta apropriação, outras produções vão surgindo, inclusive desenvolvendo novas temáticas envolvendo “Vida”.

11- Conte sobre a literatura surda: sobre os festivais, os artistas, as associações e as escolas.

Minhas experiências com Literatura Surda, de que trata a pergunta onze, são várias, mas destaco uma em especial com o YouTube, a Fazenda, já bem conhecida. Esta história foi criada porque o povo, a comunidade surda, quando me encontra me reconhecem por causa do teatro, e me mostram suas produções, algumas com problemas, então pensei em como poderia contribuir com isto, e foi por isso que decidi postar no YouTube “Fazenda”, que é uma metáfora com animais. Desta forma os surdos puderam assistir e entender como funciona uma metáfora. Aconteceu que alguém que assistiu ao vídeo, de uma cidade distante, fez um processo judicial e venceu, era uma pessoa ouvinte. Foi estranho e muito sério. Outro fato foi quando um surdo, com uma vida muito sofrida, sob a influência da família, viu o filme e o mostrou para eles. Chamaram então um intérprete e, ao entender a produção, se desculparam com o filho e o aceitaram, resolvendo assim seu problema com a família ouvinte. Incrível, por causa do filme. Esta foi uma experiência forte para mim, no YouTube, com o vídeo “Fazenda”.

12- Você gostaria de acrescentar mais algum comentário?

A pergunta doze, e última, pede comentários sobre Literatura Surda. Agora, assim de repente, não sei. Mas então, um ponto muito importante é que a Literatura Surda precisa ser divulgada para surdos e ouvintes, ter destacada sua força e seu valor em equivalência com outras literaturas, e não com a visão que alguns ouvintes têm de piedade e comiseração. Não concordo com isto, quero que a Literatura Surda seja vista com força, como os ouvintes veem a literatura inglesa, americana, indiana, forte e equivalente, e não com pena. É isto que quero.

ENTREVISTA COM RODRIGO CUSTÓDIO

Olá meu sinal é este e meu nome é Rodrigo Custódio da Silva e quanto a minha formação tenho Mestrado na área da Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC e professor do curso Letras/Libras da UFSC.

1- Como você define Literatura Surda?

Quanto ao que é Literatura Surda é uma questão que ainda não está clara para mim, pois falta uma discussão e uma reflexão minha a respeito porque a minha área é a linguística então não estou familiarizado com a Literatura Surda, mas tenho algumas informações conceituais do que representa embora não tenha um entendimento correto do conceito de Literatura Surda. O entendimento que tenho é de informações e reflexões recebidas no geral, em espaços que transitei, entendo que se trata das poesias, das piadas, das narrativas relacionadas ao surdo e ao que significa a Literatura Surda. Entendo assim, a partir destas características.

2- Qual é a diferença entre Literatura Surda e Literatura em Língua de Sinais?

Quanto à diferença entre Literatura Surda e Literatura em LIBRAS é uma pergunta muito interessante. Literatura Surda são as poesias, o humor surdo, as narrativas, as contações de histórias onde encontramos personagens surdos como o gato e o rato, as piadas com personagens surdos ou que envolvem os surdos, são aspectos da Literatura Surda. Quanto a Literatura em LIBRAS (em sinais), penso em dois aspectos, Literatura em LIBRAS que pode ser usada para contar qualquer história, assim como pode ser utilizada qualquer outra língua como o Inglês, o alemão, a ASL entre outras, e o outro aspecto que seria a literatura em escrita de língua de sinais. Este é o meu entendimento.

3- Quais são influências/marcas (elementos) da Literatura Surda?

Pergunta sobre a principal, a mais importante marca na Literatura Surda. Não sei dizer exatamente, mas posso tentar responder. Acho que principalmente a relação com os personagens surdos ao mostrar as dificuldades, as tristezas, os problemas, a história social, o sofrimento e as barreiras enfrentadas, até o momento da virada nesta situação através do protagonismo surdo e seu empoderamento. Acredito na importância destas histórias principalmente para as crianças surdas, pois assim as tomam como referência, melhorando sua autoestima, da mesma forma como a imagem na minha camiseta, que é uma metáfora com o poder do super-homem e o empoderamento dos surdos, coincidência eu estar com ela aqui, mas ela representa exatamente isso, as possibilidades da língua de sinais e dos surdos, acho que é mais ou menos isso.

4- Como você se tornou autor ou poeta em língua de sinais? Estudou na área de literatura ou Literatura Surda? Onde? Ou aprendeu por meio da comunidade surda?

É sobre como me tornei autor de narrativas e humor. Tenho várias produções narrativas, mas de minha autoria tenho apenas duas publicadas que ocorreu há um tempo no festival da cultura surda em Porto Alegre em que mostrei uma poesia na qual fui o autor e também uma narrativa em que fui ou autor juntamente com a Natália Rigo em que fomos os autores e posteriormente foi publicado, voltando à questão da mudança na minha autoria quanto a narrativas e humor só podemos dizer que temos a autoria a respeito quando a publicamos, pois se temos narrativas, mas não a publicamos não podemos dizer que somos

autores e existem aspectos jurídicos quanto a isto. Que mudança isto teve em mim? Posso dizer que foi natural, então eu tenho a autoria apenas de duas publicações na Literatura Surda, uma poesia e uma narrativa que foram publicadas no Festival da Cultura Surda em Porto Alegre, o tema da poesia foi: “Várias Flores” e da narrativa que fiz juntamente com a Natália Rigo tinha como tema o “Perfume em uma Conquista”, são de minha autoria, pois foram publicados. Mas vem a questão então em aonde que estudei a Literatura Surda? Nunca fiz curso avançado a respeito, só oficinas e foram várias oficinas, mas a oficina que mais me marcou e esclareceu a respeito foi a oficina da professora Rachel que veio da Inglaterra em 2011, e é uma famosa pesquisadora da Literatura Surda e das línguas de sinais em todo o mundo e nos apresentou diversos modelos da Literatura Surda me trazendo este aprendizado a respeito para mim e para todos aqui no Brasil, além disso se aprendemos também a respeito em congressos? Sim claro, porque os surdos repassam estas informações através de narrativas contadas nestes espaços e vamos assim absorvendo estas diferentes narrativas que contribuem posteriormente para a minha performance e acredito também que todos temos talento nato para isto, o que muda de um para o outro são as estratégias da maneira de como conta-las.

5- Qual é o papel da educação na formação de artistas surdos?

Trata do papel do ensino e na contribuição deste conhecimento para a transformação pessoal em promover a literatura surda e sim é óbvio que o ensino tem este papel, pois a educação pode mudar o mundo por isso no ensino é importante antes de tudo explicar o gênero e também o nível se for acadêmico ou se for num bate papo informal é fundamental esclarecer sobre o gênero literário e suas variações, pois percebo que vivemos num momento em que estamos tendo um aumento significativo de profissionais na literatura surda e isto começou com a Fernanda Araújo, o Nelson Pimenta, o Rimar Segalla, o Bruno Ramos e até mesmo você Cláudio Mourão que são pesquisadores desta área, com isso eu acredito que futuramente teremos mais produções e materiais a respeito que irão contribuir para uma melhor didática no entendimento destes gêneros literários da cultura surda, pois antes produzíamos estes artefatos de literatura naturalmente e foi o grupo de pesquisadores que identificaram e classificaram estes em gêneros. Por exemplo, ao contar uma ação de uma pessoa caindo utilizando o classificador neste estudo percebe-se a velocidade, o ritmo entre outros parâmetros que compreendem as diversas áreas de estudo da Literatura Surda. Chamou minha atenção à orientação repassada por um destes pesquisadores ao estudar em uma poesia ou uso de duas configurações de mãos em “X” e em “1” onde a configuração em “X” na posição com o dedo encurvado representa negatividade e o “1” posição do dedo inclinado para cima representa positividade e tem até uma explicação bem interessante a respeito que não se aplica a tudo, mas temos como exemplo o sinal de MENTIRA, CHATEADO, RAIVA, e com o dedo inclinado temos os sinais de ALEGRE, ENTENDER, FÁCIL, é só observar o dedo encurvado no sinal de DIFÍCIL, e o dedo inclinado para representar sinais que representam positividade, mas isto nem sempre acontece, estes foram apenas alguns exemplos. Então penso que é de extrema importância para o profissional que o mesmo ensine os Gêneros Literários da Literatura Surda no seu ambiente de ensino.

6- Como ocorreu sua formação literária? Que poetas ou narradores em língua de sinais influenciaram sua formação artística/literária? E qual foi a influência da escola, da comunidade surda?

Quais profissionais que influenciaram na minha mudança seja na escola, ou em qualquer local? Eu me lembro que aprendi LIBRAS atrasado e quando eu aprendi já observava surdos que sinalizavam fluentemente contando histórias, piadas com perfeição, ainda não era a Literatura Surda mas o primeiro que conheci nesta área foi Nelson Pimenta em um vídeo dele que assisti. Foi assim que começou a me influenciar para aprender a me

expressar melhor em LIBRAS e aos poucos foram surgindo vários profissionais na área que me motivaram. Sempre quando eu participava de algum espaço em que observava as riquezas de produções literárias como, por exemplo, no Festival de Folclore Sinalizado nos dias 15 e 16 de novembro de 2014 na UFSC, foi um momento riquíssimo e o primeiro festival em que participei a exemplo de vários que acontecem no mundo, onde eu pude ter acesso a estes gêneros literários foi um choque muito grande e uma motivação para que eu transmitisse isso a outros e para que eu continuasse participando cada vez mais destes eventos, foi um carregador de energias para participar deste espaço e ajudar outros surdos a conhecer também a Literatura Surda, foi uma influência positiva que manifesta e representa toda a história dos surdos e toda nossa luta e isso é muito importante.

7- Qual é o papel da Literatura Surda na comunidade surda? Qual é o papel da Literatura Surda para os ouvintes?

O que a Literatura Surda demonstra para a comunidade surda e ouvinte, primeiramente vou focar na comunidade surda, pois a Literatura Surda contribui para a melhora na autoestima do surdo, na construção da identidade na demonstração do potencial, pois muitos surdos antes quando não havia esta contribuição estavam desmotivados, descrentes de seu potencial e das possibilidades, descrentes da capacidade de dirigir um caminhão ou um avião e assim através da Literatura Surda nas narrativas e no humor os surdos se vem pilotando aviões e isso os incentivou na construção em melhorar a autoestima e também contribuiu no reconhecimento deste potencial de que podem viver em sociedade e são capazes, então por de trás de uma história tem toda esta representação. Já a Literatura Surda para a comunidade ouvinte tem sido fundamental sim porque os ouvintes não conheciam a essência dos surdos e através da literatura acordaram para a realidade que muitas vezes se percebe através do modo de expressar dos surdos fazendo os ouvintes refletir a respeito. Repensando o audismo, o pré-conceito ao “falar mal dos surdos” de sua “incapacidade” gerando uma provocação e uma reflexão de como os surdos vivem? Das suas lutas, limitações e angústias, pois diante de toda a alienação dos ouvintes a Literatura Surda veio para mostrar a relação com a realidade que os surdos vivem. E é fundamental mostrar para os ouvintes como os surdos se sentem!

8- De que modo a educação e as escolas de surdos podem trabalhar a Literatura Surda?

Como utilizar os recursos didáticos da Literatura Surda (materiais) para o ensino tanto de surdos quanto de ouvintes em diversos espaços, se existem materiais, recursos didáticos, para surdos eles devem ser utilizados pelo docente no espaço da sala de aula a fim de provocar nos alunos através de estratégias de ensino para que estes alunos possam expressar em LIBRAS a sua opinião a respeito da história do material apresentado, servindo como uma base, um modelo, eu sei que existem estes recursos didáticos embora eu ainda não tenha visto que ensinam aos alunos a se expressarem em LIBRAS com poesias, nunca pude ver pessoalmente como é este processo, mas sei que existe este recurso e acredito ser sim de extrema importância materiais em vídeo explicando como contar poesias em LIBRAS, contendo um passo a passo para que o surdo possa aprender a se expressar melhor, começando primeiramente na delimitação de um tema, na escolha de um personagem se gostaria de ser um gato, um cachorro, depois na relação entre estes personagens, por exemplo entre o gato e o cachorro, há eles brigam! E no desenvolvimento da história porque o gato e o cachorro brigam? E assim segue a história tendo uma estrutura a serem seguidos culminando no final onde finalmente os personagens: gato e cachorro fazem as pazes. Seguir estes passos e apresenta-los aos usuários da LIBRAS é fundamental. O mesmo ocorre para um curso de LIBRAS a pessoas ouvintes, com uma diferença, o de ensinar o ouvinte a se expressar de maneira natural em LIBRAS, pois os ouvintes tem dificuldade de expressão na maioria das vezes, tornando a comunicação mecânica. Então o uso desta didática no passo a passo irá

auxiliar para que o ouvinte possa se expressar naturalmente em LIBRAS de forma fluente utilizando na representação da história as expressões não manuais. Temos a limitação que infelizmente na Literatura Surda ainda temos poucos recursos didáticos e materiais produzidos, mas precisamos continuar no incentivo de que hajam mais produções na área, o que acredito ser fundamental para a evolução da língua e da Literatura Surda.

9- Explique as características do uso da língua de sinais na produção literária.

Trata do reconhecer os gêneros literários no momento em que estão sendo expressado em LIBRAS observando as suas características. Neste sentido há uma dificuldade maior de perceber enquanto o falante sinaliza, eu obtive algum conhecimento a respeito em oficinas o que me ajudou a perceber em algumas falas de surdos o gênero literário empregado. Porque na maioria das vezes há uma mistura destes gêneros. Para mim é mais fácil identificar as poesias em LIBRAS, através de movimentos suaves, pois na poesia há muito disto, uma sequência de ritmos mais suaves. Já numa narrativa estes níveis variam entre ritmo acelerado e ritmo lento de forma diversificada e possui mais movimento. Existem cenas de ação com movimentos mais lentos na “fala” em LIBRAS com suas variações. E ainda temos o humor que também é fácil de identificar, pois ele inicia tem todo um desenrolar da história e ao final um contraste que culmina no humor, é possível identificar estas características embora elas se misturem às vezes. Para mim ainda tenho dificuldade de identificar claramente estas características porque não estudei ainda a respeito dos gêneros literários em LIBRAS.

10- Explique os temas mais frequentes na Literatura Surda.

Se refere em qual a temática mais recorrente na Literatura Surda, em minha opinião existem várias, mas conversando com o Professor Cláudio identificamos que a temática mais recorrente é o humor, são as piadas! Porque os surdos gostam de contar piadas e se interessam, pois estão relacionadas a realidade dos surdos. Também percebo que a poesia é o que existe menos na Literatura Surda, já as narrativas estão equilibradas em quantidade quase se igualando ao humor e retratam na maioria das vezes ao acontecimento de 1880 no Congresso de Milão onde houve a proibição do uso das Línguas de Sinais, sendo de fundamental importância, pois os remete a esta época e nos faz atentar a importância daquele evento no decorrer da história. O descobrimento do Brasil também é assunto recorrente nas narrativas sendo que algumas foram adaptações para a LIBRAS, mas não sei dizer ao certo. Nas poesias não sei dizer ao certo pois não tive muito conhecimento disso. No humor temos uma piada que é unânime em 99% das pessoas conhecem que é a piada da “árvore surda” em que ao se cortar a árvore e gritar: MADEIRA a árvore não caia porque era surda. Então os gêneros mais vistos são o humor e as narrativas existindo ainda poucas poesias.

11- Conte sobre a Literatura Surda: sobre os festivais, os artistas, as associações e as escolas.

Quanto a minha experiência e participação em festivais, as minhas principais experiências foram duas: No Festival Brasileiro de Cultura Surda em Porto Alegre em 2010 ou 2011 que não me lembro bem o ano, e o festival que teve a pouco Festival de Folclore Sinalizado, aqui Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, no Brasil e também os festivais em outros países como França, Inglaterra os quais infelizmente ainda não tive a oportunidade de poder participar mas aqui no Brasil então participei destes dois festivais e teve outros momentos que foram curtos em outros eventos com 15 minutos de apresentações culturais e ainda assim os dois eventos e este que teve o ano passado em 2014 foram mais marcantes.

12- Você gostaria de acrescentar mais algum comentário?

A mensagem que deixo para vocês refletirem quanto a Literatura Surda é que precisamos de mais poesias em LIBRAS e precisam ser filmadas para que posteriormente sejam publicadas auxiliando outros a aprenderem das poesias, para que a comunidade surda possa se desenvolver, um momento que me emocionou muito foi quando a Profa Ronice Quadros e isto já faz algum tempo em que um rapaz surdo apresentou uma poesia pura em LÍNGUA DE SINAIS o qual foi lindo e muito emocionante, mas que ela infelizmente não havia conseguido registrar porque não havia uma filmadora disponível no momento e foi uma poesia linda emocionante que não temos como reproduzi-la novamente e isto me fez refletir na importância dos registros e agora com o avanço da tecnologia isto está mais fácil e acessível, pois os smartphones já vêm equipados com câmeras e devemos sim filmar em qualquer momento e espaço mesmo no bate papo informal fazer estes registros que poderão futuramente se tornar profissional e ser publicado como ferramenta de estudo e material didático ampliando ainda mais o arsenal bibliográfico da Literatura Surda para que mais e mais pesquisadores possam usá-los e torna-los por isso fazer sempre registro para que isso não se perca, porque se não for registrado a Cultura Surda poderá se perder, e se houverem mais registros a Literatura Surda ampliar, para mim esta é a questão fundamental.

ENTREVISTA COM SILAS QUEIROZ

Olá, este é o meu sinal e meu nome é Silas Queiroz. Sou ator profissional e também professor de teatro do INES para público jovens e também para profissionais ouvintes do grupo de teatro PALAVRAS VISUAIS e este é o sinal por causa das máscaras do teatro e também da LIBRAS criamos este sinal. Fazem parte deste grupo profissionais ouvintes que conhecem e pesquisam a metodologia para ensino da expressão corporal e facial, sabem LIBRAS, pois ensinei a eles ao passo que me ensinaram a metodologia de ensino para as expressões não manuais, ocorrendo então uma troca.

1- Como você define Literatura Surda?

Em relação à primeira pergunta de o quê é a LITERATURA SURDA a diferença está na forma escrita, pois difere da Língua Portuguesa escrita por possuir uma língua própria e natural, comparando a exemplo dos índios que também possui uma escrita diferente. A LIBRAS se reflete na escrita da Literatura Surda, pois se escreve da mesma forma como se sinaliza em LIBRAS, aguardamos que no futuro se pesquise dentro do bilinguismo entendendo como ocorre esta manifestação da estrutura da LIBRAS na escrita da literatura surda.

2- Qual é a diferença entre Literatura Surda e Literatura em Língua de Sinais?

A segunda questão é em relação ao que se difere na língua dos surdos, por exemplo, usando uma comparação para um ouvinte que fala em inglês sua escrita em inglês é diferente de como ele a utiliza na conversação então para o surdo que utiliza a LIBRAS também escreve diferente, pois existe o reflexo da primeira língua L1 sob a segunda língua L2, neste comparativo a exemplo da Língua Inglesa oral sendo a primeira língua vai interferir na escrita de uma segunda língua e isto acontece mundialmente da mesma forma como acontece com os surdos em relação a LIBRAS, então esclarecendo, é isto que ocorre.

3- Quais são influências/marcas (elementos) da Literatura Surda?

Já na terceira questão se refere ao “seguir ou “acompanhar” a estrutura da L1 sob a L2”, a LIBRAS na comunicação é utilizado livremente o “acompanhar” sua estrutura se

manifesta no momento da tradução para o português na forma escrita e uma língua auxilia no processo de construção linguística da outra língua, onde o professor ensina para o usuário em LIBRAS a estrutura do português e o usuário em LIBRAS a estrutura da sua língua, se não houvesse uma primeira língua seria impossível o aprendizado de uma segunda língua, este auxílio é semelhante à importância da água para o desenvolvimento do nosso cérebro.

4- Como você se tornou autor ou poeta em língua de sinais? Estudou na área de literatura ou Literatura Surda? Onde? Ou aprendeu por meio da comunidade surda?

Na quarta questão em relação à existem poesias em LIBRAS assim como existem piadas em LIBRAS, brincadeiras e todo e qualquer assunto. Mas como exemplo as poesias em LIBRAS se manifestam visualmente, por exemplo: Uma poesia sobre a FLOR!

- Eu peço à flor que me ajude a falar do meu amor por você porque eu não consigo lhe dizer o que sinto e a flor é habilidosa então em um encontro ela vai lhe dizer do meu amor, vai me ajudar porque a flor é linda enquanto eu sou feio, mas dentro de mim existe um amor verdadeiro para viver com você. Este é um exemplo de poesia em LIBRAS utilizando comparações, enquanto os ouvintes se emocionam com o som das poesias que os surdos não compreendem em sons da mesma forma os ouvintes não compreendem as poesias em LIBRAS, mas se ambos aprenderem a língua um do outro poderão compreender a poesia que existe em cada um compartilhando estas experiências, ainda existem dúvidas da capacidade comunicativa da LIBRAS em transmitir emoção através de poesias.

5- Qual é o papel da educação na formação de artistas surdos?

Na questão de número 05 trata das artes cênicas, acredito que o foco principal é a contextualização teórica e metodológica como ferramenta básica no ensino da atuação da expressão corporal no corpo em como isto é feito, é preciso ter este conhecimento e também prática corpórea porque se isso não for estudado nas artes cênicas e esta etapa for omitida indo diretamente para a atuação em si, não será desenvolvido no ator uma consciência teatral de que os olhos falam de que a boca fala através da LIBRAS que mesmo sem emitir o som a LIBRAS comunica e expressa, é fundamental este entendimento nos cursos que envolvem as artes cênicas para desenvolver cognitivamente através de um exercício nos conceitos de moda e de um milhão de áreas e pontos a serem estudados infinitamente nas artes cênicas.

6- Como ocorreu sua formação literária? Que poetas ou narradores em língua de sinais influenciaram sua formação artística/literária? E qual foi a influência da escola, da comunidade surda?

Na questão 06 trata das diferentes personalidades que o ator representa, por exemplo, se fossemos representar você Cacaú, você como personagem representando o teu modo de andar exatamente como o visualizamos já se fosse um personagem histórico, representa-lo sem visualmente conhece-lo seria um processo cognitivo de conhecer a personalidade deste personagem, eu deveria esquecer que sou o ator SILAS e, por exemplo, representar HITLER todas as minhas ações, meu modo de agir e de ser deverão refletir o personagem com perfeição e isto só é possível através de muito estudo e até mesmo os surdos ao imitar o jeito de andar de um pato, o fazem desta forma mudando a expressão facial para representar o personagem PATO que poderá ser utilizada numa apresentação teatral a qual será muito engraçada. Podemos representar um romance, drama (soletração tempo – 7: 27), esta é uma comparação para esclarecer este ponto.

7- Qual é o papel da Literatura Surda na comunidade surda? Qual é o papel da Literatura Surda para os ouvintes?

Em relação à questão 07 de que existe um mundo surdo entre os ouvintes é fato em torna-se um tanto confuso, os surdos sempre participam da comunidade onde discutem diversos assuntos e informações e neste espaço alguns ouvintes também participam para conhecer a vida, a cultura surda e da mesma forma os surdos buscam conhecer a cultura ouvinte, pois quem auxilia os surdos neste meio são os intérpretes de LIBRAS que são ouvintes precisa haver esta troca de aprendizado entre o “mundo” ouvinte e o “mundo” surdo, porque quando se diz: - Você não está fora do mundo, pois no mundo existem surdos, ouvintes, deficientes, cegos, animais, cachorro, macacos, árvores e tudo há neste mundo como, por exemplo: quando um surdo vê um cachorrinho contente abanando o rabo o surdo vê e se pergunta, como ele consegue se comunicar sem LIBRAS? Então é possível que tudo no mundo se comunique, sobre qualquer coisa e qualquer assunto.

Com isso entendemos que surdos e ouvintes estão no mesmo espaço em igualdade do direito de ir e vir e transitarmos entre estes dois mundos e nos ensinarmos mutuamente compreendendo o modo de ser de cada um. Mas não se pode ficar escondido com um ratinho em sua toca onde os outros desconhecem a sua vida, é necessário investigar, os ouvintes pesquisam sobre os surdos e esta investigação é importante para a filosofia e o entendimento ao mundo de se conhecer estas realidades. A exemplo disso temos a história do Egito Antigo antes de Cristo onde descobrimos que surdos inteligentíssimos viveram naquela época, e vários feitos que ocorreram na Itália e nas lutas daquela época, imagina se estes feitos não tivessem sido pesquisados não teríamos este aprendizado hoje. A Filosofia ou a reflexão acerca disto é muito importante ter interesse e o desejo de desbravar este conhecimento através das mãos dos surdos também neste meio, à filosofia a arte filosófica um vasto mundo infinito de informações e riquezas também no meio surdo.

8- De que modo a educação e as escolas de surdos podem trabalhar a Literatura Surda?

Na questão 08 trata da importância da L1 e L2 na educação tendo como perspectiva o ensino bilíngue que deve ser um processo contínuo, pois se o ouvinte utilizar apenas a L1 a Língua Portuguesa neste processo não surgirá efeito entre os surdos que possuem outra cultura, porque o uso da L1 e da L2 auxilia no processo de desenvolvimento dos surdos e isto é um fato, em uma comunicação normal em LIBRAS o surdo que estiver visualizando poderá não entender, entender mais ou menos ou até entender nada, mas se usarmos uma metáfora, por exemplo, uma comparação o entendimento se tornará mais claro para este surdo. Por isso as metáforas, o adaptar, a L1 e a L2 são importantes para a percepção e o entendimento do surdo na comunicação. Por exemplo, em uma frase escrita em português, gramaticalmente correta, o surdo lê na ordem escrita do português, mas ao traduzir inverte esta ordem para a compreensão em LIBRAS ocorrendo então uma tradução do português para a LIBRAS também em uma novela ao visualizarmos as legendas seguindo a estrutura do português escrito, mas na leitura para o surdo, o mesmo visualiza a frase em LIBRAS, faz a leitura em LIBRAS e é neste processo que o entendimento ocorrerá, ao sinalizar em LIBRAS o uso das metáforas, as adaptações a L1 e a L2 auxiliam e muito neste processo de desenvolvimento cognitivo e isto é muito importante ser utilizado na educação o uso de metodologias, materiais, pesquisas bibliográficas, linguística e outros recursos que auxiliam no aprendizado do surdo.

9- Explique as características do uso da língua de sinais na produção literária.

Na questão 09 para citar tipos de exemplos de informação tendo alguns estereótipos de sujeitos surdos, os que desconhecem os que rejeitam, os que ignoram as informações como, por exemplo, em um museu de arte onde se vê a tela de Picasso em uma pintura abstrata, o surdo ao visualizar o quadro não compreende o significado deste a dimensão do que a pintura

representa, do que está por traz da imagem, a história contida naquela pintura onde se fala das guerras e bombardeios informações estas que estão contidas na obra deste pintor famoso. Por isso é necessária às informações prévias do que se trata aquela arte, assim como em poesias que devem ser previamente estudadas para se entender a que se refere e causar emoção. As pinturas em quadros, a comédia em LIBRAS devem antecipadamente ser explicadas o que representam, pois ao fornecermos estas informações estaremos inserindo estes surdos também nestes espaços, a não ser que o sujeito surdo por si só busque este conhecimento através de sua experiência visual o qual seria plausível, mas temos o outro sujeito surdo que está alienado a estas questões e portanto devemos informá-lo, perguntar se está entendendo e se colocar a disposição para ajudá-lo, orientá-los para não ficarem calados e sim buscarem questionar suas dúvidas em relação às artes. O mesmo ocorre com as tiras em quadrinhos onde o que é mais atrativo aos surdos são as imagens e não o que está nos balões em português, pois é mais engraçado a informação que está repassada de forma visual, neste sentido precisamos ter estratégias de adaptação destes quadrinhos para a experiência visual destes surdos, e isto é um dos exemplos entre os inúmeros tipos de informações que podem ajudar a alargar este conhecimento. Temos também as fábulas que possuem conteúdo lúdico, ou formal como as pinturas, a comédia, tudo precisa estar acessível para se ampliar este conhecimento entre os surdos para que possam repassar este conhecimento as futuras gerações.

10- Explique os temas mais frequentes na Literatura Surda.

Na questão 10 dependerá muito da fase, da idade em que se encontra comparando metaforicamente a matemática ao fazermos a divisão ao encontramos alguns erros, desajustes na operação. A comunicação precisará ser adequada à idade, se for criança utilizar o que está de acordo com a realidade desta, e à medida que vai crescendo entre seus 10 ou 11 anos de idade o tipo de linguagem usado na comunicação vai modificando, pois se colocarmos uma criança a se comunicar com uma pessoa mais velha, não tratarão de negócios ou assuntos mais sérios uma com a outra por isso precisa se levar em conta a idade e em que fase se encontra. Pois todas as idades e fases são importantes e levar isto em conta também é importante. Uma pessoa de 15 anos ainda é um garoto, vai agir como um garoto e se comunicar como um garoto, um processo que irá se transformando com o tempo e naturalmente. Levar em conta a fase, a idade na comunicação desde a infância até quando nos tornamos idosos que nossa forma de comunicar em LIBRAS também irá se modificar com o tempo. Isto tudo é importante o desenvolvimento na fase correta e o cognitivo também se desenvolverá naturalmente, visto que uma fase adulta não acompanhará uma fase infantil no aprendizado, pois precisa se buscar igualdade na idade e na fase destes.

11- Conte sobre a Literatura Surda: sobre os festivais, os artistas, as associações e as escolas.

Questão 11, na verdade cada pessoa demonstra uma percepção diferenciada à medida que o corpo fala, pois temos aquele que é mais formal em seus tratos, aquele que tem uma postura mais informal, utilizando gírias ao se comunicar e isto é natural faz parte da vivência de cada um. Temos o jovem que quer ser ator, o que gosta de futebol o que se interessa por artes, ou seja, é um infinito de sujeitos onde cada pessoa é única, por exemplo, eu, o meu perfil é de ser uma pessoa brincalhona, que ama as artes cênicas, a comédia e com isto vou me comunicar e ter mais afinidade com pessoas que possuam o mesmo perfil que eu e ao encontrar uma pessoa mais séria vou me adaptar aquela pessoa para conversar com ela, respeitando o perfil desta. Tudo vai depender da visão que cada um tem, vai ter aquele que goste da minha arte e aquele que não gosta. Da mesma forma quando uma mulher ama um homem e os dois se encontram eles poderão ter afinidades em comum ou não. As histórias de

vida poderão ser iguais ou não e isto irá depender de cada um. Assim com nos casamentos onde duas pessoas que se amam e depois com o tempo se separam ou entre amigos que conversam e gostam de conversar os mesmos assuntos e estes perfis são inúmeros e a isto dominamos de o corpo fala tendo uma percepção infinita de personalidades. A exemplo disto eu como uma pessoa de mais idade tenho muita experiência, então os jovens me veem e se interessam pela minha história de vida e este interesse vai depender de cada um em querer saber em perguntar, ocorrendo então as trocas de informações, que poderão estar em livros, jornais e infinitas personalidades de exemplos em que o corpo fala.

12- Você gostaria de acrescentar mais algum comentário?

Questão 12, a minha opinião de maneira simples, da mesma forma como ocorre no processo de semear uma flor aonde ela vai desabrochando e mostrando suas variadas cores, onde ninguém as escolheu, pois elas se desenvolveram por si só, esta flor não ouviu de ninguém quais cores usar para dar o seu colorido, no entanto ela é linda! Manifestando a sua capacidade nata em fazer viver a Arte e isso se manifesta em diferentes flores por isso que uma imensidão de pessoas amam as flores, metaforicamente falando é semelhante a LIBRAS em que a luz do sol penetra fazendo com que automaticamente se desenvolva a comunicação mesmo quando o sol se põe e a luz se apaga permanecem vivas as informações transmitidas como poesia em um processo contínuo de interação de um com o outro, a importância que a LIBRAS tem na comunicação dos surdos é semelhante à água para o crescimento de uma flor, pois e esta luz se acaba, se não há comunicação em LIBRAS para estes não há vida. Por isso você fique atento em manter viva esta flor, este conhecimento em LIBRAS pesquisando sempre o que acontece no mundo, com isso ganhará um aprendizado e um desenvolvimento cognitivo de maneira perfeita e maravilhosa. Amo vocês!

ENTREVISTAS COM ESTRANGEIROS

ENTREVISTA COM LIONA PAULUS

Oi meu nome é Liona e meu sinal é este, moro na Alemanha onde nasci e me criei, morei um ano no Brasil por isso sei fluentemente a LIBRAS. Trabalho na Universidade de Göttingen, o sinal é este, trabalho com o Ensino da Língua de Sinais e pesquisa no doutorado na área da linguística, também trabalho em outra universidade particular com a formação de tradutores e intérpretes da Língua de Sinais, e eu também já atuei como intérprete da Língua de Sinais.

1- Como você define Literatura Surda?

Para mim o que é Literatura Surda? Para mim é uma experiência com a leitura e eu amo ler e assim conheço mais do “mundo ouvinte” também frequentando a comunidade surda percebendo as brincadeiras, as piadas, eu pensava que os surdos não possuíam uma literatura e com o passar do tempo no estudo da linguística, no curso de letras – português, ao aprender sobre o que é literatura, entendi o processo de que na comunidade ouvinte eram narrativas repassadas de geração em geração, foi então que percebi que o mesmo acontecia entre os surdos na comunidade surda, em que os surdos mais velhos repassavam suas vivências a surdos mais novos e assim por diante. Também haviam manifestações de literatura nas

associações de surdos, nas rodas de bate-papo, brincadeiras, em diferentes espaços este era o mesmo ambiente repassado por gerações, então percebi isto é literatura.

2- Qual é a diferença entre Literatura Surda e Literatura em Língua de Sinais?

Quanto a literatura surda e a literatura em LIBRAS, eu acho que literatura surda trata das vivências dos surdos, das limitações, já a literatura em LIBRAS seria um jogo com as Configuração de Mãos, também a literatura surda trata de acontecimentos envolvidos na comunidade surda, das características presentes já a literatura em LIBRAS esta arraigada a linguística seria esta diferença, talvez.

3- Quais são influências/marcas (elementos) da Literatura Surda?

Qual a marca da Literatura Surda? Pensei nisto somente agora, estudo há anos aqui na escola de surdos na Alemanha, sempre participei de associação de surdos e então quando morei no Brasil durante um ano passei a pesquisar sobre a Literatura Surda através dos livros que ganhei de presente como, por exemplo, da “Cinderela Surda”, o “Sapo Surdo “ou “Pato Surdo” não me lembro bem, que foi uma produção da Carolina Hessel e do Fabiano Souto Rosa, os quais me presentearam com estas literaturas, que ao ler junto com a Sign Writer para mim pareceu ser a marca das adaptações em LIBRAS porque a comunidade surda se comunica, troca experiências mas não faz registro disto, então fiquei refletindo e me lembro agora de Peter Cook nos Estados Unidos de um filme que assisti e me causou um profundo impacto, também outro filme alemão de Jürgen Endres parte da Literatura Surda, e estes foram para mim os mais marcantes.

4- Como você se tornou autor ou poeta em língua de sinais? Estudou na área de literatura ou Literatura Surda? Onde? Ou aprendeu por meio da comunidade surda?

Na realidade nunca estudei Literatura Surda, pois não existe esta disciplina aqui na Alemanha nem na Universidade, pois existe apenas na comunidade ouvinte, adquiri este conhecimento na associação de surdos.

5- Qual é o papel da educação na formação de artistas surdos?

Na escola nunca, conhecimento ZERO, me lembro que teve um seminário na associação de surdos apenas em que participei uma vez, em um curto período de tempo em que nos foi ensinado a respeito do estudo das línguas de sinais, poesias, narrativas, em que tive esta discussão mas ocorreu apenas em um momento enfim na escola nunca houve este estudo.

6- Como ocorreu sua formação literária? Que poetas ou narradores em língua de sinais influenciaram sua formação artística/literária? E qual foi a influência da escola, da comunidade surda?

Como obtive a aquisição no processo de ensino, foi durante o Ensino da Língua de Sinais acompanhando professor em que prestei atenção na aula e havia uma pequena parte a respeito de Literatura Surda em que compreendi a respeito de algumas coisas e outras não, depois em uma conversa percebi a presença das narrativas por acompanhar este professor e também em sala de aula na associação de surdos fui percebendo a presença das narrativas, em que eu apenas imitava a maneira de sinalizar de outro surdo.

7- Qual é o papel da Literatura Surda na comunidade surda? Qual é o papel da Literatura Surda para os ouvintes?

A Literatura Surda é riquíssima e extremamente importante, não pode ser ignorada, se for ignorada como os surdos vão interagir e se desenvolver? Por isso é importante com

certeza, também a comunidade surda precisa saber do seu valor e se orgulhar daquilo que possui repassando este conhecimento a outros, também os tradutores e intérpretes precisam ter este conhecimento na comunidade surda para poder interpretar na fala para os ouvintes, então claro que é extremamente importante e não pode ser ignorado nem pelos surdos nem pelos ouvintes, por exemplo, no Brasil da mesma forma que é importante conhecer Machado de Assis também é fundamental conhecer os autores surdos.

8- De que modo a educação e as escolas de surdos podem trabalhar a Literatura Surda?

Boa pergunta! Porque aqui na Alemanha a Língua de Sinais é fraca existe muito a datilologia, então se a língua é fraca consequentemente a Literatura Surda será fraca também, mas eu percebo que um recurso utilizado para este estudo seria através de vídeos para que possa motivar a produção da literatura e não apenas textos escritos, até porque os textos escritos iriam acompanhar a literatura ouvinte, então acredito que o estímulo deveria ser feito através e unicamente de filmes.

9- Explique as características do uso da língua de sinais na produção literária.

É realmente uma pergunta importante esta, pois aqui na Alemanha não temos a compreensão e percepção de gênero literário mas é possível sentir mesmo que não haja estudo sobre isto, através das expressões não manuais se percebe mais se a pessoa esta se expressando suavemente ou pesando na sua expressão, de forma mais exagerada pode se perceber a narrativa e também pelo tempo, se é extenso, também a Literatura em Língua de Sinais com o jogo das configuração de mãos, utilizando o alfabeto para narrar uma história, na sequência do alfabeto A, B,C,D,E,F... ou em uma brincadeira onde se utiliza sempre a mesma configuração de mãos, exemplo: três dias, três pessoas brigaram, embora não seja o natural. Também na televisão em uma reportagem em que o surdo esta realizando uma narrativa se percebe na expressão onde se percebe o papel do surdo e o papel da literatura surda, é possível fazer esta diferenciação.

10- Explique os temas mais frequentes na Literatura Surda.

Posso responder claramente que o gênero literário predominante é a comédia, através das piadas em língua de sinais, e em segundo as narrativas, em terceiro as poesias, mas em menor número, o que percebo aqui na Alemanha já no Brasil não sei, também as brincadeiras com as configuração de mãos por último, me lembro de um acampamento de surdos em que fazíamos uma brincadeira com a configuração das letras dos nossos nomes, por exemplo LIONA onde usávamos o L andando e então o I paquerando e o O de Oba e N no nariz e A de agarrar, me lembro desta brincadeira com as configuração de mãos e com certeza as piadas são as mais presentes.

11- Conte sobre a Literatura Surda: sobre os festivais, os artistas, as associações e as escolas.

Minha experiência observada ao frequentar a comunidade surda que percebo que a maioria das expressões é inventada no momento sem ter um script disto no papel como acontece na comunidade ouvinte, é muito improvisado na comunidade surda, e ao visualizar uma narrativa tenho vontade de registrar naquele momento, mas então se perde porque foi muito rápido e não programada, então fico até triste com isto, um momento rico e engraçado que se perde, pois foi espontâneo e improvisado.

12- Você gostaria de acrescentar mais algum comentário?

Na minha opinião é claro que a Literatura Surda é rica e de extrema importância e as pesquisas precisam continuar e o que eu queria dentro da linguística pesquisar são os gêneros

literários e temos aqui uma carência muito grande de registros quanto a isto, por isso por favor que as pesquisas continuem para que possamos ter mais material registrado a respeito.

ENTREVISTA COM PAUL SCOTT

1- Nome, cidade e país. Profissão?

Olá! Meu nome é Paul Scott (apresenta seu sinal em LS), sou da Inglaterra da cidade de Bristol. Estou há um ano sem trabalho/emprego. Fiz mestrado nos estudos sobre Deafhood na Universidade em Bristol (Centro de Estudos Surdos de Bristol?)

1. (2 vídeo) Como você define Literatura Surda?

Quanto a pesquisa, publicação de artigos e outros materiais na área de literatura surda não há nada na Inglaterra. Contudo, nos EUA, a ‘ASLIT’ parece estar bem desenvolvida. Questionando a Rachel Sutton sobre esse tema, ela ressalta que talvez possa ter uma ‘BLIT’ e uma ‘LIBRA(s)LIT’ em aspectos como a narrativa de histórias pelos surdos, poesias, criação de histórias pelos próprios surdos sem necessariamente falar sobre os problemas, mas sim sobre momentos diversos relacionados com as questões sobre o ser surdo.

Você tem uma sensação de tensão no estômago quando os ouvintes dizem que você deve fazer isso, isso e isso. Eu vou para a minha família e os meus pais surdos me explicam que os ouvintes são diferentes, isso é apenas o seu jeitinho. Então, eu sei como lidar e a frustração desaparece. Mas para as pessoas surdas com famílias ouvintes não há ninguém para dizer-lhes isso e eles estão constantemente sendo ignorados pelos ouvintes que dizem coisas como 'oh, mais tarde' e as frustrações se acumulam. Pode afetar a mente e eles podem ter um colapso. Por exemplo, minha mãe me disse algo sobre a deficiência.

Uma outra situação que retoma as questões sobre a deficiência é uma história sobre um alce, orgulhoso com seus chifres robustos e andava pela floresta, a fêmea prenha o seguia pela floresta. Quando o filhote de alce nasceu notaram que seus chifres eram diferentes. Um era virado para cima e outro virado para baixo. Nisso, a família decide afastá-lo do bando por ser deficiente. Depois de um tempo, ele cresce e diante da dificuldade daquele alce orgulhoso de seus chifres em transpor as árvores da floresta, durante um incêndio, devido aos seus grandes chifres que eram barrados pelos troncos, o alce surdo com os chifres invertidos passava um chifre primeiro para depois passar o outro.

Então, quando eles se sentem oprimidos pelos acontecimentos no mundo, eles podem assistir histórias surdos e, em seguida, eles entendem e as terríveis tensões no estômago desaparecem.

Fatos que “oprimem” no dia a dia são, através dessas narrativas literárias [?]. Por isso a literatura é importante, pois divulga também essas questões, que são muito diferentes para ouvintes.

2- (3 vídeo) Qual é a diferença entre Literatura Surda e Literatura em Língua de Sinais?]

Tanto a literatura surda quanto a dos ouvintes podem produzir muitas coisas diferentes. Contudo, em LS há aspectos de opressão, muitos elementos negativos e poucos elementos positivos. A literatura escrita é sinalizada pelos surdos. A literatura com questões que apontam e elencam aspectos da realidade e esses são interpretados em LS a partir do

entendimento destes aspectos pelo sinalizador, que repassa aos demais surdos. Por isso acho que são diferentes. Os surdos podem ler um monte de textos e armazená-los dentro de si para mantê-los seguros e, em seguida, quando é necessário eles podem sinalizar-los. E isso é a literatura.

3 (4 vídeo)- Quais são influências/marcas (elementos) da Literatura Surda?

Na literatura surda há aspectos da história, de personalidades surdas, independente de que país for. Também há aspectos do mundo surdo, o trabalho, informações sobre o humor, piadas não com os aspectos negativos, mas sim com os aspectos positivos, poesias, história de vida, criação de história pelos surdos, histórias adaptadas pelos surdos, entre outros aspectos. Lembrando que esses aspectos, muitas vezes não são entendidos pelos surdos. As escolhas feitas pelos ouvintes são diferentes, e os surdos podem ter as suas próprias e desenvolve-las a partir das histórias permitindo-lhe sentir o prazer, a raiva e todos os sentimentos que a literatura provoca nas pessoas. Talvez muitos desses aspectos que se assemelham entre a literatura surda e ouvinte. Eu sinto isso.

4 (5 vídeo) Como você se tornou autor ou poeta em língua de sinais? Estudou na área de literatura ou Literatura Surda? Onde? Ou aprendeu por meio da comunidade surda?

Certa vez eu fui assistir a um surdo que estava contando histórias, era um local com muitas pessoas. Um tempo depois eu estava lendo uma poesia que falava sobre uma ave (parece ser um cisne) e fiquei imaginando toda a cena em minha cabeça, do meu jeito, sem me importar tanto com as palavras escritas, pois essas só passavam por mim. Dai eu pensei que eu poderia escrever sobre essa cena que criei, mas era complicado devido a minha escrita do inglês. [...] Depois um dia uma pessoa surda me disse para eu fazer poesia. Estranhei de princípio, mas disse ok. Foi quando eu fiz a poesia das Três Rainhas. Depois me convidaram novamente para ir a alguns lugares para fazer poesias. Estranhei, mas entrei em contato com a Rachel que trabalhava na Universidade de Bristol e me apresentou alguns elementos linguístico das poesias, estudo aprofundado sobre isso. Eu já sabia questões linguísticas sobre o ensino da BLS, mas as questões apresentadas sobre a poesia eram mais profundas e difíceis. Eu tinha um livro da época que tinha 15 anos, onde registrava algumas coisas, como os momentos que me sentia oprimido, a separação de meus pais, minha saúde.

Hoje eu observo os surdos e analiso as situações vividas, seleciono alguns elementos específicos dos surdos e partir deles passo aos demais surdos que gostam muito.

E então eu venho fazendo cada vez mais experiências desse tipo, trazendo aspectos da cultura e da comunidade surda que me inspiram a criar mais e mais poesias.

Então aquela experiência com meu diário valeu a pena para eu fazer melhor agora.

5- (6 vídeo) Qual é o papel da educação na formação de artistas surdos?

Quando eu estudava poesia contada pelos ouvintes, vendo as rimas com as letras em inglês, o ritmo delas eu as identificava, mas não fazia muito sentido. Quando me falavam em poesia eu queria distância, rasgava tudo o que via pela frente, criei uma barreira em relação a ela. Muitos surdos tinham a mesma reação. Atualmente, para mim, os surdos quando leem poesia e retomam as questões que os ouvintes ensinavam como a metáfora, os [?], as [?] e outros diferentes aspectos da poesia que eram ensinados na escola, tentam trazê-los para o ensino da composição de poesia em LS, fazendo analogias com os aspectos que há em um poema. A partir disso vão se constituindo ramificações e caminhos novos quanto aos diferentes tipos de poesia.

Assim, da mesma forma que as prateleiras repletas de livros de poesias inspiram os ouvintes e lhe dão prazer, o mesmo pode acontecer com os surdos quando se deparam com a poesia em LS.

6- (7 vídeo) Como ocorreu sua formação literária? Que poetas ou narradores em língua de sinais influenciaram sua formação artística/literária? E qual foi a influência da escola, da comunidade surda?

Os primeiros inspiradores foram os meus pais, com suas histórias sobre diferentes coisas. Isso me fez aprender muito sobre tudo. Eles tinham uma grande influência para mim. E depois eu usei tudo isso para o ensino de crianças surdas. Isso foi algo que me marcou muito e uma forma de envolver a comunidade surda com a poesia. Talvez haja uns 4 ou 5 surdos poetas.

Quando eu conto minha poesia eu quero sair do lugar sem dizer nada mais. Eu não vou para a platéia e perguntar sobre as coisas. Eu me manter afastado. Mas todos os poetas são diferentes se eles fazem isso ou não. A comunidade surda me conhece, mas quando eu estou sendo um poeta eles me tratam com respeito, que não se sente bem. Eu sei que os ingleses conhecem o meu nome e dizem que eu sou o poeta ‘número um’, mas eu não falo nada e não quero que eles façam assim

7- (8 vídeo) Qual é o papel da Literatura Surda na comunidade surda? Qual é o papel da Literatura Surda para os ouvintes?

Na comunidade surda inglesa a poesia também {negativo / ‘dificuldade’?} e eu comentei que podia ministrar workshop quanto as questões de poesia. Algumas pessoas ficaram meio sem jeito, mas insiste para que eles participassem, enviei email para as pessoas, divulgando e as pessoas vieram . Agora elas sabem como se portar no palco e todos os aspectos. No começo ficavam tímidas, mas insistia para elas se desafiarem, isso tudo em Bristol. Eu fiquei feliz com o resultado do workshop, pois pude lapidar a atuação dos surdos, tentando incorporar aspectos da cultura surda, enfim. Nesse processo fomos formando essas pessoas. Atualmente o número de poetas cresceu significativamente, sendo que eles vem construindo suas ‘regras’ em relação a literatura, incorporando novos aspectos como as marcas da ‘opressão’ nas poesias, as experiências, construindo o campo da literatura surda e marcando as diferenças dos aspectos da literatura dos ouvintes.

Contudo, apesar disso, não há muita pesquisa na área. Acredito que ao ver uma sinalização de poesia surda, os ouvintes entendem, mas eu acho que acham apenas bonita a sinalização, a língua, o corpo, mas esquecem das metáforas, das diferenças, dos porquês, dos aspectos de coesão. Diferente dos surdos, que de imediato já se reconhecem nas poesias, reconhecem suas histórias. Mas no âmbito de pesquisas acadêmicas, os ouvintes já têm um espectro mais aprofundado de pesquisa.

8- (9 vídeo) De que modo a educação e as escolas de surdos podem trabalhar a literatura surda?

Eu já tive experiência em atuar como professor de literatura surda para crianças surdas, eu ia os textos e sinalizava para eles, eles também queriam sinalizar, enfim. As histórias do Harry Potter, enquanto os ouvintes disputavam os livros na biblioteca, os surdos não tinham muito interesse. Foi então que me pediram para passar aos alunos surdos aquelas histórias, eu também tive dificuldade, mas chamei uma pessoa par auxiliar na tradução do inglês de palavras que desconhecia e depois desse estudo eu sinalizava a história para as crianças. Aos poucos elas foram entendendo cada um dos detalhes da história, o jogo de quadribol,etc, etc. Ao término, eles conseguiram entender e após desenhavam a história, construíram bonecos representando o personagem, fizemos diferentes atividades. Eles se apropriaram da história, recontaram a história. E eu pude confirmar, vendo o filme, o quanto eles haviam entendido. Então o processo de ler diretamente o livro, não teve sentido, foi preciso traduzir e sinalizar a história para eles pudessem imaginar a história.

Em 1998, os ouvintes divulgaram aos surdos o mundo da poesia e me desafiaram a ensinar a ensinar poesia para os surdos. Fiquei intrigado. Como eu ensinar poesia? Não era para influenciar os surdos, mas que cada um teve que criar a sua própria poesia, avaliar a produção poética, ensinar e ver surgir esses novos poetas. Com o grupo de surdos instalado, fizemos algumas atividades em duplas, individual, tanto com crianças quanto com adultos, e fui selecionando alguns que mais se sobressaíam. Esses na região de Bristol, 5 alunos ao todo. Na Escócia mais 2. Todos foram até Londres, foram para um festival no ano de 2000. Era os surdos dando passos para um novo caminho. Fomos até lá, tinham vários surdos, as crianças do nosso grupo estavam apreensivas, com baixa autoestima, e eu tive que acalmá-las e motivá-las. Durante as apresentações eu ia auxiliando e apoiando a todos, e um por um foi se apresentando. Ao término foram entregues os prêmios e do nosso grupo de 5 surdos de Bristol, 3 ganharam primeiro lugar e dois o segundo lugar. Eu fiquei feliz, pois tinha contribuído para aquilo. Os professores ouvintes que lá estavam, ficaram se questionando quem eram aquelas pessoas, quem era o professor delas e querendo que eu fosse trabalhar com o grupo deles. Mas eu queria mesmo é ficar trabalhando em Bristol com o meu grupo. Depois de um tempo, em outro evento, algumas pessoas me abordaram e diziam que lembravam de mim daquele festival. Eu, verdadeiramente, me senti muito orgulhoso, foi muito bom.

9- (10 vídeo) Explique as características do uso da língua de sinais na produção literária.

Bom, a poesia, as histórias, a literatura, todo esse cenário temos os classificadores, metáfora, expressão facial, movimento, uso do espaço, as diferentes perspectivas sob um único objeto, enfim, muitos aspectos que, em uma comparação direta mais geral, se assemelham aos aspectos que os ouvintes também têm nas questões sobre poesia.

10- (11 vídeo) Explique os temas mais frequentes na Literatura Surda.

Os temas são muito variados, contudo, há muitas poesias sobre a própria vida dos surdos, os acontecimentos de seu cotidiano, o colonialismo em relação aos ouvintes. Esse todos são temas muito recorrentes nos temas das poesias em LS. Os problemas vividos também estão nessa relação, pois através da poesia essas informações são passadas para os demais surdos. No mundo dos ouvintes, as informações sobre a vida são transmitidas pela oralidade no cotidiano, já com os surdos isso aparece mais nas poesias, e é ali que os surdos se identificam.

[22:26]

Uma pessoa surda estava vendo na TV uma luta do WWF e levou as informações disso para a escola. A professora ouvinte, vendo aquilo disse para pararem de brigar, ficou braba. Eu disse, deixe-o, ele está usando a criatividade para recontar o que assistiu na TV. Observando isso, os colegas surdos estavam encantados com a performance dele, olhando-o atentamente. Pedi para a professora observar o que eles estavam fazendo, e eu fui recontando para ela o que estava acontecendo. E foi então que ela compreendeu tudo e deixou eles continuarem.

Então temos temas diversificados como o amor, [luz?] entre tantos outros.

11- (12 vídeo) Conte sobre a literatura surda: sobre os festivais, os artistas, as associações e as escolas.

Nos festivais de surdos os surdos sempre comparecem em peso (muitas pessoas). São filmadas todas as apresentações de literatura, e são exibidas para todos. E as produções são sempre sinalizadas e não escritas. Quanto as poesias, atualmente, é um campo novo de interesse dos surdos.

Tinha um surdo muito querido por todos, engraçado, contador de piadas, entre tantas características que morreu. E me pediram para compor uma poesia em homenagem a ele para ser apresentado no dia do enterro. Eu disse ok! Os surdos estavam de um lado e ficaram emocionados, os ouvintes de um outro lado. Um surdo não gostou da poesia e criticou. Nesse momento, a Rachel, que estava ao lado dele, observando a poesia disse para o surdo: Que linda a poesia né? E ele concordou.

O importante é que os surdos, acompanhem a programação e as filmagens durante os festivais e quando terminem não fiquem a toa, mas sim foquem na poesia, a noite aproveitem o momento para as narrativas de histórias de vida. Quanto a programação seria bom ter momentos repetidos da programação em vários dias e horários para que mais pessoas pudessem assistir o mesmo evento. E na programação temos; poesia, literatura, narrativas, escrita de livros. Isso tudo dá empoderamento aos surdos e desenvolvimento. Sabemos que tudo isso custa muito dinheiro, mas a realização de projetos para conseguir financiamento para subsidiar a vinda de pessoas, para o aluguel do lugar.

Então, encaminhar projetos para instituições apoiadoras, justificando o que é o festival, sua importância, enfim. Tudo isso para conseguir financiamento para a realização do festival. Durante a realização do festival, fazer os devidos registros para a prestação de contas às instituições que apoiaram financeiramente encaminhando junto com os documentos, um registro de vídeo do evento. Dois anos depois fizemos a mesma coisa, pedindo apoio para as instituições, bem como para a universidade para conseguir lugar. Então os recursos servem tanto para pesquisa, trabalho, filmagem, locais, entre outros, com um tempo de dois anos. Então temos diferentes frentes de trabalho para realizar o festival, para conseguir verba, para escrever os projetos. É um trabalho árduo, mas sempre conto com o apoio dos tradutores para fazer a tradução e a revisão da escrita dos projetos.

12- Você gostaria de acrescentar mais algum comentário?

Pensando em um futuro, gostaria de ver a nova geração construindo e elaborando novas experiências, criando novas ações e posteriormente, quando ficar mais velho, poder ver mais e mais pesquisas na área da literatura surda e vê-la disseminada. Isso realmente me deixará muito feliz. O importante é que possamos ter diferenciado as questões específicas da literatura ouvinte e da surda, dando oportunidade aos surdos em ter acesso e aprenderem o que é literatura surda e desenvolverem suas produções diretamente usando a língua de sinais, sem a necessidade da escrita. Sem desqualificar um ou outro, mas sim, termos tanto a literatura surda quanto a ouvinte em um mesmo nível. Isso é que eu espero.

ENTREVISTA COM RICHARD CARTER

1- Como você define Literatura Surda?

Quanto a Literatura Surda, eu desconheço.

2- Qual é a diferença entre Literatura Surda e Literatura em Língua de Sinais?

Eu não sei o que exatamente significa Literatura Surda, mas Literatura em Língua de Sinais eu sei sim. As expressões, a sinalização, incorporação, eu consigo entender e captar o mundo pela Literatura em Sinais. Já a Literatura Surda, precisaria que alguém me explicasse para que eu possa compará-las, mas hoje eu não sei o seria.

3- Quais são influências/marcas (elementos) da Literatura Surda?

Poesia de surdos tem suas características como não andar de um lado para o outro enquanto sinaliza. O sinalizador deve movimentar o corpo no ritmo na sinalização. Pensando um novo sinal no momento da sinalização... por exemplo... aqui no Brasil ao sinalizar PÁSSARO, usa-se um tipo de classificador (borboleta, duas pinças uma de frente para a outra, ou asas batendo), já em a Fernanda Machado usa-se esse (classificador como se fosse dois cisnes). Isso é realmente diferente, muito novo! Isso é o que podemos dizer que seja uma poesia (criação). Em uma narrativa de contação de história em que se apropria de alguma história de algum livro e depois sinaliza, ou alguma história que eu crie e que eu conte em língua de sinais, isso não é poesia. São coisas distintas. As narrativas são como...deixa eu ver... frames de um filme que, juntos, temos a ideia de um todo para a compreensão da história. Teatro surdo também é outra coisa. Há movimentos, expressões, sinais, histórias também é completamente diferente do que seja poesia. Então cada um (gênero?) têm suas características que são diferentes entre si. E o que eu amo é realmente poesia.

4- Como você se tornou autor ou poeta em língua de sinais? Estudou na área de literatura ou Literatura Surda? Onde? Ou aprendeu por meio da comunidade surda?

Na realidade eu nunca tive formação na área, sou um autodidata, mas os surdos, certa vez me perguntaram se eu era poeta. E eu sempre dizia que não, que era um contador de história que usava a língua de sinais. As pessoas insistiam e diziam que o que eu fazia era poesia. Eu não acreditava, mas depois um amigo surdo me apresentou alguns materiais e foi então que eu comecei a lembrar das coisas que fiz e que ninguém me ensinou, e a realmente reconhecer que o que eu fazia realmente era poesia e entendi pela primeira vez que eu era poeta surdo e que tudo aconteceu naturalmente. Eu conheci a Dot Miles – [poeta surda], mas até então eu não a conhecia. Quando vi seu material eu dizia a mim mesmo, o que ela faz é o que eu faço. E naquela época eu realmente não a conhecia, nunca tinha feito formação com ELA, nada mesmo. Tudo o que eu fazia era por minha conta, como disse, autodidata.

5- Qual é o papel da educação na formação de artistas surdos?

Ensinar poesia surda é uma tarefa árdua. As pessoas vêm e acham tudo muito lindo e não conseguem se apropriar e sinalizar da mesma forma. Situações escolares com crianças surdas que, a partir de livros, escrito em inglês, as escolas obrigam que eles aprendam a escrever sobre a história apenas lendo, mas elas ficam angustiadas pois não conseguem fazer bem. Contudo, quando eu interpreto a história em sinais, elas conseguem imaginar e a partir disso, tem êxito na produção escrita. Percebo que tenho mais habilidade de ensinar para as crianças pois eu sei o poema, sei como ensinar poema para as crianças. Já os outros surdos não poetas não sabem como ensinar por não serem poetas. Infelizmente é assim. Poeta surdo sabe ensinar melhor a poesia.

6- Como ocorreu sua formação literária? Que poetas ou narradores em língua de sinais influenciaram sua formação artística/literária? E qual foi a influência da escola, da comunidade surda?

Bom, como eu disse, eu não tive ninguém que tenha me ensinado a ser poeta, não tive uma formação inicial formal. Eu encontrava as pessoas e elas me diziam que eu era poeta, que eu fazia poesia, mas eu não sabia nada sobre isso. Me orientaram a ir assistir aos espetáculos para ver, mas o que eu via eram narrativas em línguas de sinais. Depois eu conheci a Rachel lá na universidade e dizia que eu tinha uns poemas em LS. Ela pediu para me filmar e começou a pesquisar a partir desses meus vídeos detalhes específicos e a partir disso começou a me ensinar as marcações, orientações, os aspectos visuais. E foi assim que eu comecei a me

desenvolver mais, tendo um crescimento notório. Se eu não tivesse conhecido a Rachel, certamente eu estaria estagnado, fazendo as mesmas coisas, sem ter o foco na pesquisa sobre a minha prática, diferentemente de agora que, a cada sinalização eu fico me observando, trabalhando mais e mais. Por isso tudo eu sou imensamente grato a Rachel. (continuação...)

Além da Rachel, e antes dela, outro surdo colaborou com minha formação, foi a Frances Elton [surda inglesa que fez pesquisa linguística na BSL – uma dos primeiros pesquisadores de BSL] pesquisadores, linguistas. Trocamos muitas experiências e tivemos muitas conversas a respeito de poesia e muitas coisas foram ficando cada vez mais esclarecidas. Me mostrou vídeos apresentando cada aspecto da poesia e foi me ensinando aos poucos. Portanto, Frances foi quem abriu meus pensamentos, mesmo que ainda nebulosos, para as questões de poesia, sendo mais tarde, deixando completamente claro o pensamento com as orientações da Rachel pois ela tinha vários elementos que me foram ensinados, e explicou a lista de todos os elementos no poema Já a Frances tinha um e outro elemento apenas. Com a Rachel também fazíamos encontros de trocas entre os surdos, era importantes para a aprendizagem. O mesmo que fizemos há uns dias atrás, 5ª e 6ª feira, com o curso que ministrei aqui, ensinando as pessoas que não tinham conhecimento sobre poesia, e que pelas trocas entre os cursistas, agora sabem muitas coisas a respeito. Portanto, eu influenciei eles da mesma maneira que a Frances me influenciou. Multipliquei para todos o mesmo que fizeram comigo.

7- Qual é o papel da Literatura Surda na comunidade surda? Qual é o papel da Literatura Surda para os ouvintes?

[Nota de tradução: o entrevistado usa o sinal de poema/poesia e não de literatura na resposta dessa questão, inclusive percebemos isso na oralização no momento quando produz os sinais. Além disso em vários momentos ele utiliza o sinal de “ouvinte” em BSL o que prejudicou a tradução já esse sinal, em SI significa “surdo”]

Bom, sobre a cultura do Brasil eu não sei, é diferente da Britânica. Na Inglaterra a poesia não é de muita circulação entre a comunidade surda. Eles conhecem as narrativas, contações de história, mas não poesia. Um e outro, em uma comunidade mais local sim, conhecem um pouco, mas é um movimento lento, ainda muito incipiente, que não se alastrou na comunidade surda. Eu, particularmente venho tentando contribuir com isso quando me apresento para a comunidade surda. Muitas vezes, para a comunidade surda desconhecem o que é poesia, e eu acabo sendo a única referência como contador de histórias. E quando digo que o que eu faço é poesia, eles desconhecem. Então é necessário esclarece que são coisas diferentes. Eu amo poesia, mas também amo as narrativas. Por exemplo, posso ensinar uma narrativa para crianças para mostrar e ajudar eles aprenderem como sinalizar com fluência. Por isso acho importante ensinar como contar histórias primeiro e depois ensinar a poesia, assim eles entendem a diferença entre narrativa e poesia. A maioria dos alunos surdos não gostam de poesia, preferem as narrativas animadas. Os adultos também. A poesia é coisa nova para eles, mas vai se “espalhar”. Particularmente, eu tenho um respeito e um entendimento claro sobre o que é do campo da poesia e do campo da contação de história, das narrativas. Além disso acredito ser importante o ensino para as crianças de como construir a habilidade de produções das contações e narrativas e se desenvolver nessa área, mas ao mesmo tempo apresentar que a poesia é outra coisa (gênero diferente?) esse sentido, acredito que na comunidade surda, tanto crianças como adultos, o que mais evidenciamos são contações e narrativas do que experiências com poesia. Até por que ainda é uma área muito nova com pouca inserção na comunidade surda.

Já sobre as pessoas ouvintes é diferente, primeiro porque são acostumados a lerem as poesias. Quando assistem a uma poesia visual ficam um pouco atrapalhados. Já tive experiência em me apresentar para uma plateia de ouvintes e o feedback que tive foi uma falta de clareza do que havia sido sinalizado, as pessoas me perguntavam sobre algo que não

havia entendido e só depois de eu explicar novamente é que entendiam do que se tratava. Ou seja, não abstraíam o texto em BSL.

Mas sobre os poemas mais visuais, por exemplo o poema da lagarta [apple-shock] os ouvintes entendem sim. Mas é importante destacar que eles gostam das narrativas, das contações de histórias. Por que quando eu ensino e faço a narrativa eles as compreendem, mas o mesmo não acontece com a poesia.

Me parece que os surdos quando olham a poesia, se dá um funcionamento específico de entendimento, e esse mesmo funcionamento não ocorre com os ouvintes, parece que há uma procura pela palavra algo específico da língua de sinais que não está nas inferências dos ouvintes. É diferente! (Continuação...)

Na BSL, em uma sala de aula de ouvintes quando ensino BSL níveis 1, 2 eles entendem a língua e incorporam esse aprendizado das palavras entendendo um discurso através da relação dessas palavras (prosa), mas quando eu faço uma sinalização mais poética o entendimento por parte desses ouvintes... por exemplo, quando sinalizo algo mais focado nas expressões sem mostrar com clareza o sinal em si os ouvintes demonstram por suas expressões que não entenderam. O que eles querem é que o discurso seja na relação com as palavras e os sinais, quase que em um processo de decorar os sinais por sua relação direta com a palavra. Diferentemente dos surdos, que entendem a sinalização mais poética. Então, os ouvintes preferem uma sinalização mais palavra-sinal onde o processo de interpretação mental seja mais fácil e direto, mas para a poesia isso não funciona, é muito diferente.

8- De que modo a educação e as escolas de surdos podem trabalhar a literatura surda?

As escolas são importantes como um espaço para a produção de narrativas e contações de histórias em língua de sinais, possibilitando um desenvolvimento da aprendizagem, das expressões, do funcionamento, da sintaxe. O ensino focado apenas em palavras isoladas não contribuem para a aprendizagem dos estudantes surdos. É melhor um espaço onde a sinalização seja fluente para que haja uma verdadeira apropriação e conseqüentemente uma produção em língua de sinais, portanto cabe a escola incentivar e construir essa prática com os alunos. Outro aspecto importante é a leitura, e as rotinas de contação de histórias para incentivar a comunicação ...

[Nota de tradução: a partir do minuto 8:56 o entrevistado utilizou BSL – portanto, a tradução do fim da resposta realizada por Rachel Sutton e revisada por Ângela Russo]

Os alunos surdos gostam muito porque não é sinalização e comunicação sobre coisas do cotidiano. Da mesma forma, eles não gostam de muitas perguntas. Nas narrativas eles se sentem contentes e curtem mais. Podem relaxar e aprender facilmente. Eu trabalhava numa escola onde todos os dias todos os professores contavam histórias em BSL no final do dia. Não importa surdo ou ouvinte, mesmo que os surdos sinalizavam com mais fluência e os ouvintes não muito bem. Para atingir o nível dos alunos é uma habilidade que os professores precisam adquirir.

9- Explique as características do uso da língua de sinais na produção literária.

Quando ensino LS para as crianças surdas, é importante focar na “mão” quando apresentar um sinal novo. Também quando filmar a sinalização (registrar) por exemplo um movimento de carro, apresentá-lo com diferentes versões: movimento normal, movimento de câmara lenta, etc. Para as crianças perceberem a diferença. Isso é diferente de quando sinalizamos uma poesia. Por exemplo: quando sinalizamos alguém pulando e de repente fizemos um movimento em câmara lenta os surdos apreendem de que esse movimento é de registro de filme. Ou ainda, em uma contação de história quando é marcado um movimento

em câmara lenta ou um movimento mais contínuo, as crianças surdas conseguem perceber a diferença da marca de gênero de vídeo ou de livro, respectivamente, sem a necessidade de falar nada para elas. Outro exemplo quando eu resolvo contar alguma história “fake” “faz-de-conta” para as crianças e elas ficam prestando atenção na contação. Ao término questiono para elas se a história é verdade ou falsa e muitas acreditam ser verdadeira. Quando eu digo que é “fake” “faz-de-conta” elas não acreditam. Como isso elas vão observando as diferenças nas marcações durante a sinalização, compreendendo e servindo de modelo para elas se desenvolver.

10- Explique os temas mais frequentes na Literatura Surda.

Tanto as crianças quanto os adultos surdos eu observo, a partir de suas interações que o vídeo é a modalidade que mais é utilizada como referência para esses sujeitos. No meu caso não, deixo de lado as referências dos vídeos e eu mesmo crio minha sinalização. Os surdos perguntam se o que eu faço é baseado em vídeos e eu digo que não. Digo a eles que crio meus poemas a partir de ideias e com minha sensibilidade, que é diferente, e os questiono se eles desejam o mesmo. Muitos falam que é difícil, ainda presos as referências dos vídeos e filmes já vistos. Desafio eles a deixarem essas referências e produzirem alguma coisa mas eles não conseguem. Pode-se dizer que há ainda uma idolatria por parte dos surdos em relação as referências dos vídeos e filmes. O que os surdos sinalizam são apenas reproduções de algo já visto.

11- Conte sobre a literatura surda: sobre os festivais, os artistas, as associações e as escolas.

Na Inglaterra, o que eu observo nas minhas idas nas associações e encontro com os surdos, eu vejo mais a prática do teatro. Não experiências com poesia. E por que isso acontece? Primeiro, por ser algo muito novo na história... A maioria das pessoas contam piadas, histórias de humor. Há um surdo famoso chamado John Smith, ícone nas contações sinalizadas de humor há muito tempo, sempre é uma pessoa presente nos eventos e que se desenvolveu na área. Quando cheguei com poesia, as pessoas estranharam, mas um dia John me convidou para fazer uma apresentação com ele e então as pessoas puderam fazer as comparações entre as contações de humor e de poesia. A partir de então, comecei a ser convidado cada vez mais para me apresentar. Então eu sou muito grato ao John por me “puxar” para esse caminho. Mas é bom ressaltar que a poesia em língua de sinais não é nova, na verdade ela ficou adormecida por um longo tempo. Iniciou com a Dot Miles e quase parou quando ela faleceu mas agora está ressurgindo. De repente, com a minha chegada, comecei a retomar tudo, dei um novo começo, divulgando nos sites, produzido DVDs, divulgando nas redes sociais e os surdos agora estão identificando que isso é poesia e a área se desenvolvendo.

12- Você gostaria de acrescentar mais algum comentário?

Quando eu cheguei no Brasil, fiquei observando as conversas e observei que a movimento de articulação da boca enquanto as pessoas sinalizam é diferente da que usamos na Inglaterra. Aqui no Brasil há um movimento da língua associado a articulação da boca enquanto que na Inglaterra observamos mais o enrijecer dos dentes. Então, ao observar isso, em um primeiro momento tive dificuldade de entender o que as poesias significavam, pois, o tipo de articulação atrapalhava minha compreensão. Mas com o tempo fui me apropriando dessa característica e no domingo passado quando assistia à apresentação das poesias em Libras eu já conseguia compreender. Então, quando cheguei no Brasil eu não consegui a entender, mas aos poucos me apropriei dessa característica. (o entrevistado dá um exemplo de sinalização em Libras e em BSL para o sentido de “dirigir muito longe”, onde é evidenciado a diferença

destacada anteriormente). Outra observação é quanto ao uso do sinal de “árvore” e “praia”, que é muito utilizado nas poesias em Libras, isso me fez refletir que poderia ser por causa da grande quantidade coqueiros e das diversas praias famosas que há no Brasil e que não tem na Inglaterra. Ou seja, a cultura local está presente nas poesias. E eu que venho de outro lugar, me aproprio da cultura pela sinalização das poesias. Portanto, se eu chegasse aqui e diretamente visse as poesias, eu não entenderia os aspectos culturais. É preciso dessa apropriação anterior para poder compreender. Isso é muito interessante.

Complementando, eu tive a oportunidade de ter um encontro com uma pessoa muito famosa e importante no mundo todo, não é uma pessoa surda, é uma pessoa ouvinte, a Rainha da Inglaterra. Isso acontecendo em novembro passado quando dos festejos do aniversário de 66 anos de casamento da rainha. Para os festejos a Rainha convidou 300 pessoas entre ouvintes, cegos, apenas um surdo que era eu, cadeirantes, portadores da síndrome de down, entre outras pessoas reconhecidas por ser poetas para agradecer o trabalho de todo no sentido de divulgar a área da poesia. Foram escolhidas 5 poesias para serem apresentadas, e entre elas uma poesia em BSL. E eu estava lá por ser o primeiro poeta surdo na história do país. Então agradeço imensamente a oportunidade desse encontro com a Rainha. Em nenhum momento eu fiquei envergonha ou com receio, pelo contrário, aproveitei a oportunidade para, após o evento e também a pedido da própria Rainha, trabalhar muito para divulgar e estimular a área, para que, quando eu não estiver mais presente, outras pessoas possam dar continuidade ao trabalho ano após ano. E isso é muito importante. Não podemos parar nunca, devemos sempre estimular a área.

Tradução da Entrevista feita por: Ângela Russo

Revisão: Rachel Sutton

APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE**FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado(a), como voluntário(a), a participar da pesquisa: **Literatura Surda**, desenvolvida por Cláudio Henrique Nunes Mourão, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a orientação da Profa. Dra. Lodenir Becker Karnopp.

A proposta é desenvolver pesquisa a partir da análise de entrevistas realizadas com representantes da comunidade surda, que de alguma forma estão relacionados a literatura surda, observando suas experiências em relação a poemas e narrativas surdas. Tenho então como objetivo geral analisar representações da cultura surda na literatura em língua de sinais ou literatura surda, a partir destas entrevistas. Os objetivos específicos são: (a) descrever/entender as diferenças entre literatura em língua de sinais e literatura surda; (b) identificar as marcas (características) do uso da língua de sinais na literatura surda e (c) analisar a formação e experiência de artistas/poetas surdos, e como sua trajetória influenciou sua constituição como produtor de literatura.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO E LIBERDADE DE RECUSA:

Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária. Os resultados da pesquisa serão divulgados em revistas da área, em livros e eventos. Terão acesso aos dados da pesquisa o pesquisador e sua orientadora.

CUSTOS DA PARTICIPAÇÃO, RESSARCIMENTO E INDENIZAÇÃO POR EVENTUAIS DANOS:

A participação no estudo não acarretará custos para você e não estará disponível nenhuma compensação financeira adicional. Caso a participação na pesquisa envolva algum custo com passagens e deslocamento, este será de responsabilidade do pesquisador.

Cabe destacar também que a pesquisa não envolve riscos. No entanto, poderá haver algum desconforto ou cansaço por parte do participante, durante a realização das entrevistas ou,

possivelmente, algum problema técnico durante as filmagens, que possa acarretar a necessidade de refazer a entrevista (filmagem). Quanto aos benefícios, destaco a visibilidade da língua de sinais e da literatura surda, bem como a integração entre os surdos contadores de histórias e divulgação de trabalhos que circulam em língua de sinais, para um público mais amplo, favorecendo a consolidação da área de literatura surda e a produção de novos conhecimentos.

O tempo estimado para a realização da entrevista é de 30 minutos e será feita filmagem pelo entrevistador. Em caso de dúvidas você poderá chamar o pesquisador Cláudio Henrique Nunes Mourão no email: cacaumourao@yahoo.com.br e Dra. Prof^a Lodenir Karnopp, email: lodenir.karnopp@ufrgs.br.

DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE OU DO RESPONSÁVEL PELA PARTICIPAÇÃO:

Eu _____ fui informada(o) dos objetivos da pesquisa de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão se assim o desejar. O estudante/pesquisador Cláudio Henrique Nunes Mourão e a Dra. Prof^a Lodenir Karnopp certificaram-me de que todos os dados desta pesquisa serão preservados conforme esclarecimentos neste termo de consentimento.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Declaro que concordo com a divulgação de meu nome próprio no desenvolvimento da pesquisa () sim () não

Caso não concorde com a divulgação de seu nome próprio, solicitamos sugestão de nome fictício _____.

Data: _____

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador

APÊNDICE E – Autorização de uso de Imagem, Voz e Respectiva Cessão de Direitos



FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS ESPECIALIZADOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGEDU)
LINHA DE PESQUISA: ESTUDOS CULTURAIS EM EDUCAÇÃO

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ E RESPECTIVA CESSÃO DE DIREITOS

Pelo presente Instrumento Particular, eu, _____
_____, RG _____ e do CPF
_____, residente e domiciliado na _____

E-mail _____, por este instrumento e na melhor forma de direito, AUTORIZO, de forma gratuita e sem qualquer ônus, o pesquisador **Cláudio Henrique Nunes Mourão**, à utilização de material produzido em tradução e interpretação do TCLE em Língua de Sinais, através de filmagem, fotos, textos escritos, entre outros. Autorizo a divulgação em todos os meios de comunicação possíveis, quer sejam na mídia impressa, televisiva, escrita e em sinais, internet, banco de dados informatizados, multimídia, “home vídeo”, DVD, entre outros, e nos meios de comunicação, como jornal e periódicos em geral, na forma de legenda, impresso, sinais e imagem. Através deste instrumento, também faço a CESSÃO, a título gratuito e sem qualquer ônus, de todos os direitos relacionados à minha imagem, mantendo os créditos de autoria dos trabalhos desenvolvidos. O material será devidamente creditado e identificado.

A presente autorização e cessão são outorgadas livres e espontaneamente, por prazo indeterminado, em caráter gratuito, não incorrendo o pesquisador em qualquer custo ou ônus.

E por ser de minha livre e espontânea vontade esta AUTORIZAÇÃO/CESSÃO, assino em 02(duas) vias de igual teor.

_____, ____ de _____ de _____.

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador

APÊNDICE F – Tradução da narrativa ficcional contada por Francisco Rocha - Manifestação em Brasília – 2011

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=6CMZylPrnWM>

Um momento o sol nasce iluminar entre duas torres e duas cúpulas no Palácio do Congresso Nacional, em Brasília. Onde todos os Deputados Federais e Senadores Federais movimentam-se votação e propostas, enquanto a Presidenta Dilma Rousseff sentada na mesa e assina os documentos, entregam os funcionários... de repente, a mesa tremeu, enquanto entre duas torres, cúpulas e os ministérios entre os prédios continuam balançadas em todos os prédios para cima e baixo. Os passos batem no chão tremendo... A presidenta Dilma diz o que houve? Um funcionário fora ver o que não era que parece um terremoto, sim gigante do dinossauro... Continua os passos batem mais forte no chão tremendo...

De repente, longe de vista, onde o pequeno movimento transforma multidões que se espalham em volta dos ministérios, mexendo os passos batem no chão que aproximam o Palácio do Planalto... A presidente Dilma e os funcionários ficaram tremendo das pernas, se preparando as posições e apresentam, com os soldados dos Dragões da Independência tremendo a rampa do Palácio do Planalto. São os surdos que os passos batem forte no chão, poeiras dos passos, aproximam da rampa onde a presidente Dilma aguarda...

Um líder surdo aproximou, sinalizou: quero ver Dilma sinalizar uma palavra “Oi”? Presidenta Dilma, levantou braço com mão tremula, tentar sinalizar “d”. O líder surdo sinalizou mão polegar para baixo, REPROVADA!

Dilma, tremendo e preocupada, cochichou ao lado do Intérprete de língua de sinais. O Intérprete ensinou sinalizar “Oi”. Dilma voltou a frente aos surdos, levantou braço com mão tremendo, sinalizou “Oi” de forma correta. O líder surdo levantou braço com mão polegar para cima “APROVADA”, com expressão brava, ele sinalizou: Dilma, assina o documento para surdos. A presidente Dilma pegou papel, caneta e...

Será que presidenta Dilma vai assina?

(Tradução Nossa, da LIBRAS para a Língua Portuguesa).

Fonte: o próprio autor (tradução nossa)